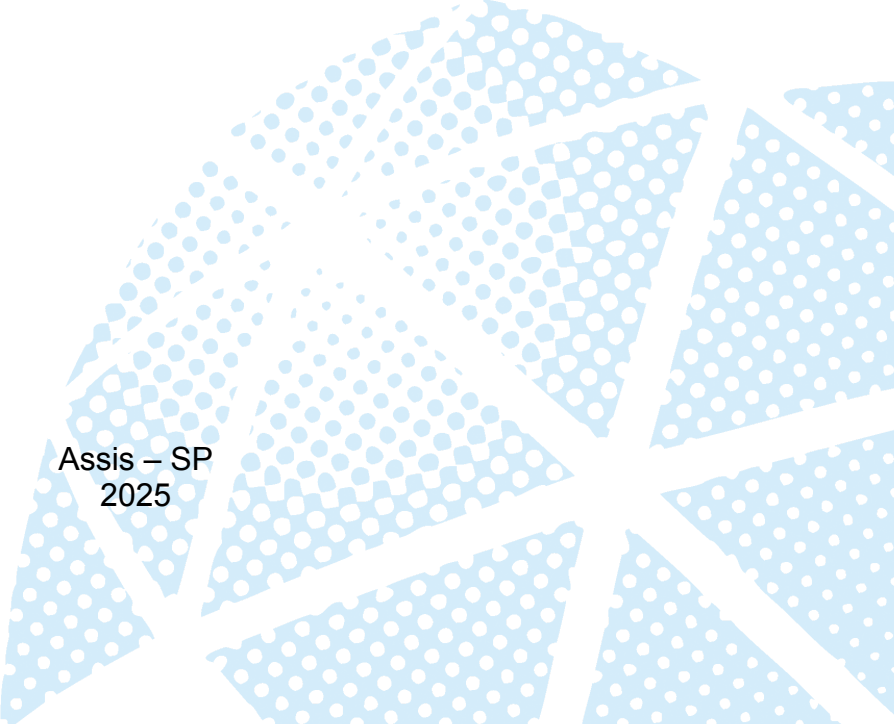


UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA - UNESP
Faculdade de Ciências e Letras - Câmpus de Assis

TALINE DE LIMA E COSTA

Movimento na Psicologia:
dialética e potência de transformação

Assis – SP
2025



TALINE DE LIMA E COSTA

Movimento na Psicologia:
dialética e potência de transformação

Tese apresentada à Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, câmpus Assis, para obtenção do título de doutora em psicologia.

Área de Concentração: Psicologia e Sociedade.

Orientador: Prof. Dr.
Deivis Perez Bispo dos Santos.

Assis – SP
2025

C837m	Costa, Taline de Lima e Movimento na Psicologia : dialética e potência de transformação / Taline de Lima e Costa. -- Assis, 2025 254 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Faculdade de Ciências e Letras, Assis Orientador: Deivis Perez Bispo dos Santos 1. Materialismo dialético. 2. Movimento (filosofia). 3. Movimento psicologia. I. Título.
-------	---

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Dados fornecidos pelo autor(a).

IMPACTO POTENCIAL DESTA PESQUISA

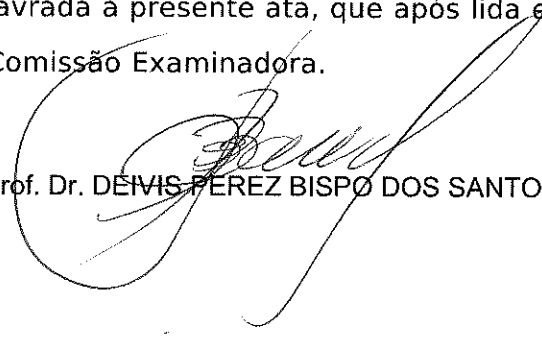
A retomada do debate quanto à relevância social de se investigar movimento para a psicologia histórico-cultural representa uma possibilidade de superar conjunturas orientadas individual ou coletivamente. Nesse sentido, a concepção de movimento, ao se confrontar com a realidade de exploração vivida pela maior parte da população trabalhadora, pode se revelar potente para promover transformações sociais.

POTENTIAL IMPACT OF THIS RESEARCH

The resumption of the debate on the social relevance of examining movement within cultural-historical psychology represents a possibility to promote the overcoming of individually or collectively oriented circumstances. Thus, the concept of movement, when confronted with a reality of exploitation affecting the majority of the working population, can be a powerful catalyst for social transformations.

ATA DA DEFESA PÚBLICA DA TESE DE DOUTORADO DE TALINE DE LIMA E COSTA, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS E LETRAS - CÂMPUS DE ASSIS.

Aos 07 dias do mês de fevereiro do ano de 2025, às 14h, por meio de Videoconferência, realizou-se a defesa de TESE DE DOUTORADO de TALINE DE LIMA E COSTA, intitulada **Movimento na Psicologia: dialética e potência de transformação**. A Comissão Examinadora foi constituída pelos seguintes membros: Prof. Dr. DEIVIS PEREZ BISPO DOS SANTOS (Orientador(a) - Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. LÍVIA GOMES DOS SANTOS (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal de Goiás (UFG), Profa. Dra. CLAUDIA APARECIDA VALDERRAMAS GOMES (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Prof. Dr. LUCAS CARVALHO PETO (Participação Virtual) do(a) UNESP/FCL - Assis, Profa. Dra. SABRINA MIRANDA ARECO (Participação Virtual) do(a) Universidade Federal do Acre (UFAC). Após a exposição pela doutoranda e arguição pelos membros da Comissão Examinadora que participaram do ato, de forma presencial e/ou virtual, a discente recebeu o conceito final: APROVADA. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que após lida e aprovada, foi assinada pelo(a) Presidente(a) da Comissão Examinadora.



Prof. Dr. DEIVIS PEREZ BISPO DOS SANTOS

Dedicado a quem ousa movimentar...

Apesar das “correntes que nos prendem”.

AGRADECIMENTOS

O que eu sou, eu sou em par
Não cheguei sozinho
(Castanho. Lenine, Carlos Posada)

Certa vez, ainda jovem, assisti a um documentário biográfico a respeito de Vinícius de Moraes e, em um dos depoimentos, salvo engano de Bethânia (Maria), foi confidenciada a prática do compositor e poeta de colocar em coautoria de suas criações aqueles que lhe estivessem próximos, determinando de alguma maneira a realização do feito. Até hoje não encontrei exemplo mais poético e carinhoso para explicar as determinações da atividade, na leitura marxista e da psicologia histórico-cultural. Mas, antes de enveredar nas teorizações da prática, é justo e necessário mencionar e agradecer àqueles que considero, de alguma forma, imbricados a mim na autoria desta produção constante que sou e que agregaram à produção desta tese.

Agradeço primordialmente ao querido orientador Deivis Perez Bispo dos Santos, pelo crédito inicial, pela confiança vigilante e pela parceria e paciência constantes. Agradeço também por fugir à prática academicista de orientar apenas doutorandos que tenham sido orientados por si desde a graduação e por orientar pós-graduandos trabalhadores. Deivis traz, com isso, uma prática que se coaduna com suas referências teóricas, pelo que foi e é uma honra trabalhar consigo. Da mesma forma à professora Cláudia Gomes, aos colegas de grupo de estudo e de pesquisa Gemepsi/Unesp, pelo acolhimento e compartilhamento de devaneios e reflexões teórico-práticas. Também à banca de qualificação, pelos apontamentos norteadores e reflexivos. À cada colega e professor(a) que se disponibilizou a trocar ideias e/ou recomendações de textos.

Ainda sobre a história acadêmica, sem as professoras Alexandra Anache e Dulce Pedrossian (UFMS), bem como Graziela Perosa (Usp) um tanto do que entendo e pratico como psicóloga e pesquisadora não seria possível. Em diferentes momentos, iniciação científica, trabalho de conclusão de curso e dissertação de mestrado, todas me (des)orientaram, possibilitando a construção de perguntas e de investigações que me orientam até hoje.

No mestrado, Muara Figueiredo e Diego Miguel passaram a compor vivências intra e extra acadêmicas que nos permitiram e permitem choros e risadas frequentes. De questões de globalização a problemas trabalhistas e luto pelos

doguinhos, mexeu com um, mexeu com todos e nos mobilizamos em apoio mútuo à distância. Sem eles, este trabalho - esta pesquisadora - possivelmente não seria discernível.

Por falar em parcerias, há vinte anos tenho minha família escolhida por afinidade, com Jéssica Machado, Camila Pinto, Saulo Amâncio, André e Janaina Moraes, Ana Lúcia Souza, aos quais agradecerei eternamente e registro isso em todos os trabalhos acadêmicos já realizados nesta vida! Eles aturam e apoiam, por escolha própria, este ser em movimento desde que tinha apenas 17 anos, feito pelo qual mereceriam um prêmio que infelizmente não poderei conceder em pecúnia, já que defini pela carreira acadêmica, não sou herdeira e tampouco ganhei na loteria - ainda. Na verdade, não sou sem eles, só sou com eles. Nesses vinte anos, agregaram-se a nós figuras queridas, parceiras e acolhedoras como a Claricinha Moraes, Luiza Nabarrete, Pedro Augusto, Tarita, aos quais também agradeço com todo meu ser. E também ao Sr. João e ao Anderson, por sediarem nossos encontros com tanta paciência e ternura.

Há aqueles que não posso precisar desde quando agradeço, por serem esteio desde que eu era apenas em ideia, projeto. Em memória, à Vó Cida, ao Vô Nélio, Vovó Sylvia, Vovô Carlos, Vovô Joaquina. E também à Vó Cema, ao meu pai Roberto da Costa. Sem eles não haveria condições concretas nem subjetivas de subsistência que foram determinantes de existência e formação. À Tassinha, minha irmã(zinha) de mais de 30 aninhos, agradeço pela paciência, pela relação carinhosa, pelo respeito mútuo permeado por admiração e encantamento: você é minha experiência interpessoal mais próxima e amorosa há mais tempo. Ao Bruninho, seu esposo, que agregou ternura e certa maturidade travessa às nossas convivências.

Ao companheiro de vida, Paulo Ricardo Gomes, e ao João Ricardo e à Bruna, meus enteados, pela paciência nas ausências constantes. Ao Paulo, agradeço também pelas consultorias em informática, pela leitura empenhada, mas agradeço sobremaneira pela confiança que sempre demonstrou em minha trajetória, pelos momentos de leveza que possibilitaram os demais e pelos papos reflexivos desde que éramos exclusivamente amigos, especialmente pela conversa que levou à proposta temática desta pesquisa.

À Padoca e à Fejuca (em memória), por me lembrarem da importância de correr, alongar, alimentar, brincar, aconchegar, pedir atenção. Por me confrontarem com meus receios, por serem puro afeto e me permitirem ser-lhes afeto e cuidado.

Por me entregarem tanto sem que eu precise pedir e me demandando tão pouco. Nesse sentido, também ao Chaplin.

Ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso do Sul, especialmente ao setor da Diretoria de Gestão de Pessoas, posteriormente designado como Diretoria de Governança de Pessoal, pelo apoio de trabalho com a concessão do afastamento e pelo suporte emocional proporcionado pelos mais próximos. Agradeço em especial ao Pedro Rissato, chefia que tornou possível o benefício, e também a Suliane Aguirre, Sérgio Pires, Amanda Cipriano, Larissa Zortea, chefias que o mantiveram. A Suelen Lapa, Déborah Arakaki, Luiziane Schirmer, Pedro Rissato, pelas parcerias construídas, pelo carinho e suporte. Aos demais colegas, pelo apoio e por suprirem minhas ausências em demandas em que isso era possível.

*Tá cansada, senta
Se acredita, tenta
Se tá frio, esquenta
Se tá fora, entra
Se pediu, aguenta
Se pediu, aguenta*

*Se sujou, cai fora
Se dá pé, namora
Tá doendo, chora
Tá caindo, escora
Não tá bom, melhora
Não tá bom, melhora*

*Se aperta, grite
Se tá chato, agite
Se não tem, credite
Se foi falta, apite
Se não é, imite*

*Se é do mato, amanse
Trabalhou, descanse
Se tem festa, dance
Se tá longe, alcance
Use sua chance
Use sua chance*

*Se tá puto, quebre
Tá feliz, requebre
Se venceu, celebre
Se tá velho, alquebre
Corra atrás da lebre
Corra atrás da lebre*

*Se perdeu, procure
Se é seu, segure
Se tá mal, se cure
Se é verdade, jure
Quer saber, apure
Quer saber, apure*

*Se sobrou, congele
Se não vai, cancele
Se é inocente, apele
Escravo, se rebele
Nunca se atropele*

*Se escreveu, remeta
Engrossou, se meta
E quer dever, prometa
Pra moldar, derreta
Não se submeta
Não se submeta*

(Do lt. Lenine & Ivan Santos)

RESUMO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo o conceito de *movimento* no âmbito da psicologia histórico-cultural. O questionamento inicial que orientou esta pesquisa foi: *qual o conceito do termo movimento para a psicologia histórico-cultural e qual sua relevância?* De tal questionamento derivaram outros, tais como quais as consequências de seu uso, de sua concepção. A hipótese inicial, que foi confirmada, era de que o termo, embora carecesse de definição e explicitação, guarda importância na medida em que possibilita o entendimento de que tanto o ser humano como seus contextos são potencialmente mutáveis, tornando possível que se admita o descontentamento com o que está posto, a crítica à realidade. Como objetivo principal, visamos analisar o conceito *movimento* sob o enfoque da psicologia histórico-cultural e sua pertinência categórica. Já como específicos, elencou-se: (a) Estudar o conceito movimento à luz da psicologia histórico-cultural; (b) Resgatar a construção histórica do construto notadamente na filosofia e psicologia; (c) Analisar a pertinência do construto movimento como categoria no corpus de estudo da psicologia histórico-cultural; (d) Investigar aplicações do conceito na realidade. O método utilizado para tanto teve enfoque qualitativo e como procedimento metodológico foi adotado o levantamento bibliográfico nas matérias filosofia e psicologia com o propósito de estudar e descrever o construto movimento aventando sua possível categorização. Aliado a isso, foram realizados alguns levantamentos com vistas ao confronto entre bases teóricas e dados concretos da experiência prática e, também, foi apresentada pesquisa empírica que focalizou esse conceito como categoria analítica por meio do estudo das músicas mais reproduzidas em rádios. Foi possível conceituar movimento como consistindo em mudança qualitativa complexa e orientada pela base material (realidade), sendo processo que se dá imbricado e em decorrência da dialética e da potência por ela suscitada. Pode ser considerado um momento de um processo de transformação. Puderam ser identificadas cinco nuances permeando a subjetividade da população brasileira (considerando os dados voltados às músicas nacionais) frente às concepções subjacentes às mudanças (1) Mudança equivalente a situações indesejadas; (2) Mudanças generalizadas que independem de atividade; (3) Mudanças limitadas individualistas; (4) Transformações subjetivas-individuais pautadas em atividade; (5) Transformações coletivas-individuais-materiais-subjetivas pautadas em atividade, sendo as duas últimas que mais se aproximam da concepção aqui exposta de movimento. Movimento se constitui-expressa na realidade com frequência baixa, raramente, em contextos que são exceções. Foi possível constatar que a concepção que permeia nossa cultura e sociedade a esse respeito favorece o imobilismo e, por conseguinte, a manutenção das relações de poder tal como se configuram. A concepção de movimento em confronto com uma realidade de exploração da maior parte da população, trabalhadora, é potente de transformação.

Palavras-chave: movimento; psicologia histórico-cultural; potência.

ABSTRACT

This research focuses on the concept of movement within the framework of historical-cultural psychology. The initial question guiding this study was: what is the concept of the term “movement” in historical-cultural psychology, and what is its relevance? From this inquiry, other questions emerged, such as: what are the consequences of its use and its conceptualization? The initial hypothesis, which was confirmed, posited that the term, despite lacking a clear definition and explanation, holds importance insofar as it enables the understanding that both human beings and their contexts are potentially mutable, allowing for dissatisfaction with the *status quo* and criticism of reality. The main objective was to analyze the concept of “movement” from the perspective of historical-cultural psychology and its categorical relevance. Specific objectives included: (a) studying the concept of “movement” in the light of historical-cultural psychology; (b) tracing the historical construction of the construct, particularly in philosophy and psychology; (c) analyzing the relevance of the construct “movement” as a category in the corpus of historical-cultural psychology; and (d) investigating real-world applications of the concept. The method employed was qualitative in nature, with a bibliographical survey in philosophy and psychology as the primary methodological approach. This survey aimed to study and describe the construct “movement”, proposing its possible categorization. Additionally, certain surveys were conducted to compare theoretical foundations with concrete data from practical experience. Empirical research was also undertaken, focusing on this concept as an analytical category through the study of the most played songs on Brazilian radio. It was possible to conceptualize “movement” as consisting of complex qualitative changes, guided by the material base (reality), and occurring as an interwoven process resulting from dialectics and the potential it generates. “Movement” can be understood as a moment within a broader process of transformation. Five nuances were identified permeating the subjectivity of the Brazilian population (considering the data on national music) regarding the underlying conceptions of change: (1) change as equivalent to undesirable situations; (2) generalized changes independent of activity; (3) limited, individualistic changes; (4) subjective-individual transformations grounded in activity; and (5) collective-individual-material-subjective transformations grounded in activity. The last two nuances most closely align with the conception of “movement” proposed here. In reality, “movement” manifests infrequently, occurring rarely and in exceptional contexts. It was observed that the prevailing conception in our culture and society tends to favor immobility, thereby maintaining existing power relations. The concept of “movement”, when confronted with a reality of exploitation affecting the majority of the working population, holds transformative potential.

Keywords: movement; historical-cultural psychology; potency.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1: Esquema sistema Hegeliano.....	63
Figura 2: Incidência do termo “transformação social” em periódicos.....	119
Figura 3: Esquema relacionando conceitos similares (Vigotski, 2021).....	126
Figura 4: Esboço gráfico da interação dos conceitos.....	135
Figura 5: Esquema conceitual com finalidade didática e relacional dos conceitos trabalhados.....	204

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Linha do tempo de Pensadores até Aristóteles.....	25
Quadro 2: menções a Vigotski na obra PSHM.....	36
Quadro 3: menções a Leontiev na obra PSHM.....	37
Quadro 4: Produções acadêmicas sobre movimento na psicologia.....	44
Quadro 5: Informações sobre os orientadores.....	47
Quadro 6: Natureza em Espinosa.....	103
Quadro 7: Músicas mais tocadas por década e em ordem de quantidade de reprodução (1970-2010).....	146
Quadro 8: Estilos musicais por década ref. levantamento.....	150
Quadro 9: Músicas brasileiras que se relacionam com o tema da pesquisa.....	151
Quadro 10: Músicas e correlações com o tema da pesquisa.....	195
Quadro 11: Esquematização dos conceitos da tese.....	201

LISTA DE ABREVIATURAS

MHD - Materialismo histórico e dialético
PHC - Psicologia histórico-cultural
PSHM - Psicologia social: o homem em movimento (livro)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	15
1.1 O PASSADO NUNCA MAIS?.....	15
1.2 AS BASES DO MOVIMENTO.....	22
1.3 UM MOVIMENTO MATERIALISTA, HISTÓRICO E DIALÉTICO NA PSICOLOGIA.....	28
1.4 A ESCOLA DE SÃO PAULO DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL BRASILEIRA E MOVIMENTO.....	31
2 UM CONCEITO MATERIALISTA HISTÓRICO E DIALÉTICO DE MOVIMENTO EM PSICOLOGIA.....	42
2.1 DA DIALÉTICA ATÉ O MATERIALISMO HISTÓRICO.....	49
2.1.1 Kant e a dialética transcendental.....	54
2.1.2 Hegel e a Dialética especulativa.....	61
2.1.3 Marx e a Dialética Materialista e Histórica.....	72
2.1.4 O movimento dialético: retomando em considerações conclusivas.....	80
2.2 PSICOLOGIA MARXISTA EM MOVIMENTO: VIGOTSKI E O DESENVOLVIMENTO.....	82
2.3 UM HUMANO EM MOVIMENTO: DIALÉTICA E DESENVOLVIMENTO.....	90
3 A POTÊNCIA DE UM CONCEITO: IMPLICAÇÕES DE MOVIMENTO NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL.....	96
3.1 POTÊNCIA.....	97
3.1.1 Ato-Potência em Aristóteles.....	98
3.1.2 A Potência de agir em Espinosa.....	102
3.1.3 A Potência na dialética hegeliana.....	107
3.1.4 A potência da potência para o movimento.....	110
3.2 PSICOLOGIA E POTÊNCIA DE TRANSFORMAÇÃO?.....	115
3.3 LIBERDADE, AUTODOMÍNIO E DRAMA EM VIGOTSKI.....	123
3.4 ENTRE POTÊNCIAS, POTENCIADORES E POTENCIAIS.....	137
4 ATO ARTÍSTICO, MUSICALIDADE E MOVIMENTO.....	140
4.1 OS DADOS.....	144
4.1.1 Foi um rio que passou em minha vida.....	152
4.1.2 Ilu Ayê (Terra da Vida).....	158
4.1.3 Um parêntese associativo: Tempo Rei, Oração ao Tempo, Como uma onda.....	165
4.1.4 O bêbado e a equilibrista.....	171
4.1.5 Associação: Pra não dizer que não falei das flores (Caminhando).....	176
4.1.6 Contradição? Até quando?.....	181
4.2 ELEMENTOS CONCLUSIVOS DO CAPÍTULO.....	190
4.2.1 As músicas do movimento.....	194
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	200

REFERÊNCIAS.....	208
APÊNDICE A - OS ESTILOS MUSICAIS.....	227
Samba.....	227
Sertanejo.....	230
Rock'n Roll (rock) ao Punk.....	234
MPB.....	237
Pop.....	240
APÊNDICE B - Eventos históricos.....	242
APÊNDICE C - Análise teses e dissertações CAPES.....	243
APÊNDICE D - Levantamento músicas.....	250

1 INTRODUÇÃO

Tenho ouvido muitos discos,
 Conversado com pessoas,
 Caminhado meu caminho,
 Papo, som dentro da noite
 E não tenho um amigo sequer
 Que ainda acredite nisso, não.
 Tudo muda e com toda razão.
 (Belchior)

1.1 O PASSADO NUNCA MAIS?

Em seu livro introdutório sobre Marx, Jorge Grespan (2021, p. 67) escreveu: “O esforço de Marx em detectar as características profundas e os limites inerentes ao capitalismo sempre esteve ligado à luta para transformar radicalmente esse sistema”. Seria inestimável poder contribuir para a emancipação humana e a transformação radical do sistema capitalista e toda pessoa que se identifica com o marxismo guarda consigo alguma inquietude e busca pela efetivação de mudanças - ou, que seja, promover críticas - à realidade tal como se configura no modo de produção capitalista.

É esse o contexto que permeou a definição do objeto desta pesquisa e, se Marx precisou ir à raiz dos conflitos de sua (nossa) época, identificando a propriedade privada dos meios de produção como causa, a proposta aqui apresentada buscou contribuir, mesmo que parcimoniosamente, com a identificação de algumas nuances dos processos que possibilitariam que as sementes desses conflitos - que perduram, por vezes com outras roupagens historicamente determinadas - pudessem migrar e germinar com características totalmente novas. Já que, nas palavras de Florestan Fernandes (2008; p. 11) “...a teoria de Marx é intrinsecamente revolucionária, anticapitalista e humanista. Ela é uma teoria que sustenta a esperança e nos entrega instrumentos para a ação transformadora”, buscamos a apropriação desses instrumentos em prol de tal empreitada.

O objeto de estudo desta pesquisa é a categoria¹ *movimento* no âmbito da psicologia histórico-cultural². Esse termo, a respeito do qual propusemos investigação, é utilizado na psicologia geralmente com a conotação de dinamicidade, mudança, transformação do ser humano, de grupos e também conjuntura histórico-social. O termo vem sendo adotado, especialmente no meio acadêmico, desde os anos 1980³, e, apesar disso, não foram encontrados estudos que permitam a sua conceituação e repercussões desse possível construto teórico que se relaciona a processos de potencial transformação, como será possível demonstrar no decorrer deste trabalho. Uma definição genérica para Movimento pode ser assim explicitado: do latim *movēre*, “ato ou efeito de mover”. De acordo com o Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa são possíveis diversas acepções conforme a área do conhecimento que adota a terminologia: física, astronomia, jurídica, geologia, sociologia, comunicação (Casteleiro, 2001). Embora o dicionário não abarque a área de psicologia, os enfoques diversos guardam correlação de significado, em alguma instância, com deslocamento, mudança, transformação⁴.

Considerando esse panorama, o questionamento inicial que orientou esta pesquisa foi: *qual o conceito do termo movimento para a psicologia histórico-cultural e qual sua relevância?* De tal questionamento derivaram outros, tais como quais as consequências de seu uso, de sua concepção. A hipótese inicial era de que o termo, embora carecesse de definição e explicitação, guarda consigo importância pois, na medida em que possibilita o entendimento de que tanto o ser humano como seus contextos são potencialmente mutáveis, torna possível que se admita o descontentamento com o que está posto, a crítica à realidade. Também foi aventado que o termo guarda especificidades que permitem considerá-lo uma categoria

¹ Neste trabalho dois termos muito próximos serão adotados: *construto* e *conceito*. A compreensão de construto, no âmbito deste trabalho, é proposta como um entendimento genérico, já conceito como tendo uma delimitação mais bem definida, atribui características que particularizam, definem um objeto. O termo *categoria*, por sua vez, pode ser aqui entendido como definições imbuídas de rigor e relevância científica e que possibilitam universalizar um objeto da realidade (Silva, 1999).

² A designação dessa psicologia soviética de cunho marxista como psicologia histórico-cultural será adotada nesta pesquisa, mais pela priorização do entendimento daquele que se aventura a ler do que pela concordância ou discordância no uso da nomenclatura.

³ Explicitaremos mais a respeito da centralidade no uso do termo ainda nesta seção.

⁴ Por exemplo, na área da música significa “velocidade imprimida a um trecho musical”, em economia: “conjunto de transações periodicamente contabilizadas num determinado mercado”, em astronomia: “deslocamento observável de um astro, relativamente a outros tomados como sistema de referência”.

analítica, uma definição imbuída de rigor e relevância científica e que possibilita universalizar um objeto da realidade (Silva, 1999), sendo determinante para o entendimento de ser humano e de mundo, em especial no aparato teórico conceitual da psicologia histórico-cultural.

Como objetivo principal, visamos analisar o conceito⁵ *movimento* sob o enfoque da psicologia histórico-cultural, sua pertinência categórica e aplicabilidade na realidade. Já como específicos, elencou-se: (a) Estudar o conceito movimento à luz da psicologia histórico-cultural; (b) Resgatar a construção histórica do construto notadamente na filosofia e psicologia; (c) Analisar a pertinência do construto movimento como categoria no corpus de estudo da psicologia histórico-cultural; (d) Investigar como o conceito se aplica na realidade. Com essas determinações, é possível notar que a presente pesquisa poderia se enquadrar aprioristicamente em uma área teórico-metodológica da psicologia histórico-cultural ao almejar aprimorar compreensões de como se dão processos que permeiam a realidade humana em uma leitura materialista histórica e dialética.

O método utilizado para tanto teve enfoque qualitativo e como procedimento metodológico foi adotado o levantamento bibliográfico nas matérias filosofia e psicologia com o propósito de estudar e descrever o construto movimento aventando sua possível categorização. Aliado a isso, foram realizados alguns levantamentos de dados com vistas ao confronto entre bases teóricas e dados concretos da experiência prática, que guarda correlação com o embasamento teórico-epistemológico adotado. Trabalhamos pela perspectiva mediante a qual teoria e prática não se desvinculam e, se isso ocorre, o resultado não corresponde com a complexidade da realidade, é alijado de parte imprescindível, que lhe é constitutivo e constituinte. Restou o que nos pareceu um desafio, no caso deste tema preponderantemente conceitual, analisar os construtos teóricos confrontando-os à prática.

Visando trazer contribuições para a elucidação do conceito de movimento para a psicologia histórico-cultural, investigamos e elaboramos três capítulos, além desta parte introdutória, enumerada como capítulo primeiro, que tem também caráter

⁵ Compreende-se que existam possibilidades semânticas de “movimento” também de acordo com a historicidade do significante, conforme proposta de Koselleck (2020), entretanto a análise aqui apresentada será focalizada no âmbito do praticado pela psicologia histórico-cultural.

de apresentação da pesquisa, e das considerações conclusivas. Os capítulos segundo e terceiro trabalham o conceito de forma a dar-lhe algum contorno, definição. No quarto capítulo foram apresentados os dados de pesquisa empírica que focalizou esse conceito como categoria analítica.

O segundo capítulo utilizou uma revisão integrativa de literatura ao banco de teses da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) como recurso condutor da construção do conceito de movimento para a psicologia histórico-cultural. Esse levantamento exploratório no banco de teses visou à Revisão Integrativa das produções acadêmicas em psicologia que abordassem o construto, o que contextualiza a imersão no conceito de dialética e sua correlação com movimento. A revisão integrativa de literatura (Mendes *et al*, 2008), é um procedimento que “tem a finalidade de reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre um delimitado tema ou questão, de maneira sistemática e ordenada, contribuindo para o aprofundamento do conhecimento do tema investigado”. Assim sendo, com o tema e a pergunta da pesquisa em foco, foram definidos tanto o descritor, os critérios de inclusão e exclusão e as informações a serem contempladas e categorizadas, sendo promovida a tabulação e análise dos resultados. As especificidades são apresentadas no segundo capítulo.

Partindo desse levantamento, que confirma a centralidade da dialética na adoção do termo, remontou-se a suas definições que constituem embasamento em Kant e Hegel e, por fim, as contribuições determinantes de Marx. Após nos atermos às bases filosóficas de compreensão do processo, foram abordadas definições de Vigotski que estivessem relacionadas ao conceito de movimento, como o desenvolvimento que, conforme explicitado no capítulo em questão, pode ser compreendido como um movimento circunstanciado no sujeito (Kravstov, 2014). Pretendeu-se, com essas incursões, atender aos objetivos específicos (a) e (b)⁶ definidos e já aqui descritos ao resgatar a construção histórica e delinear um conceito para o objeto de estudo, movimento na psicologia histórico-cultural.

O conceito de movimento, delineado no segundo capítulo, direcionou à necessidade de compreensão de *potência*, o que é trabalhado no terceiro capítulo,

⁶ “Estudar o conceito de *movimento* à luz da psicologia histórico-cultural” e “Resgatar a construção histórica do construto, notadamente na filosofia e psicologia”.

visando ao atendimento dos objetivos específicos (a), (b) e (c)⁷ propostos neste estudo. Para tanto, foi resgatado o conceito foi resgatado conforme abordado por pensadores como Hegel e Espinosa, propondo-se, a partir disso, uma reflexão sobre a potência transformadora da psicologia e, por fim, apontamos possíveis interlocuções entre potência e o corpo teórico desenvolvido por Vigotski nos conceito de liberdade, drama, ato voluntário.

Já o quarto e último capítulo apresenta, com embasamento nos estudos vigotskianos sobre arte, uma análise sobre as músicas mais tocadas nas últimas cinco décadas completas (décadas de 1970 a 2010) que buscou referenciais socioculturais para a compreensão da categoria movimento enquanto elemento que permeia subjetividades e culturas, visando especialmente ao cumprimento dos objetivos específicos (c) e (d)⁸ definidos para este estudo.

A definição pela pesquisa com música em detrimento de outras manifestações artísticas, se deveu à busca por expressões que perpassassem ou alcançassem os diversos nichos socioculturais e econômicos populacionais. Já o tratamento dos dados musicais foi realizado com base nas letras das músicas de forma a identificar aquelas que pudessem ter referência à temática⁹. Esse quarto capítulo explorou algumas nuances com as quais o conceito de movimento permeia a cultura humana historicamente, como ele determina e é determinado, podendo-se considerar que se constitui, para a psicologia histórico-cultural, em uma categoria analítica, no sentido de consistir em um conceito geral e central, ou seja, que traz determinações analíticas, com implicações fundamentais nessa perspectiva (Russ, 1994).

Delineada, em traços gerais, a configuração da construção deste texto, ponderamos que seja necessário retornar à questão central que norteou esta investigação para explicitarmos de que forma chegamos a ela. Após a eleição de

⁷ “Estudar o conceito *movimento* à luz da psicologia histórico-cultural”, “Resgatar a construção histórica do construto notadamente na filosofia e psicologia” e “Analisar a pertinência do construto *movimento* como categoria no corpus de estudo da psicologia histórico-cultural”.

⁸ “Analisar a pertinência de movimento para a psicologia histórico cultural” e “Investigar aplicações do conceito em manifestações socioculturais”.

⁹ As músicas mencionadas neste trabalho, tanto epígrafes como as abarcadas no quarto capítulo, encontram-se disponíveis para audição em playlist que pode ser acessada no link: <https://youtube.com/playlist?list=PLVjXJ8QZ5nMlvhtUkU05KNXISHsGwPaNJ&si=hvh0jyKARfHzcnZI>

Jair Bolsonaro à presidência brasileira, no final do ano de 2018, houve a necessidade de retomar definições fundamentais a respeito de repetição e superação histórica. Um clima de desesperança mesclado à indignação de ainda estarmos tão permeados por concepções que flertam com o fascismo levou pesquisadores, passado o luto inicial, a buscar respostas que auxiliassem no entendimento e na superação desta experiência. Perguntava-me, assim como muitos, de forma abrangente e indefinida, quase como um lamento, como o movimento da história possibilitava - ainda - a concretização de tal situação, mas, além disso, perguntava-me o que contribuiria para movimentar a história e sociedade de forma que essa situação pudesse ser superada.

Esses questionamentos vagos surgiam para mim, uma psicóloga formada em 2008, com atuação ligada à psicologia histórico-cultural, mestra em estudos culturais desde 2015, com a trajetória acadêmica e profissional sempre vinculada a instituições públicas, que residiu por dez anos na periferia de São Paulo, embora retornado em 2018 a sua terra natal, Campo Grande (MS), uma capital de um estado periférico e de valorização da cultura agropecuária. Uma filha de bancário com professora primária, a primeira a ingressar em universidade pública da família estendida. A primeira a defender o mestrado em uma instituição pública. A primeira de minha geração a ingressar em um concurso público. Mas aquela que construiu sua trajetória na reflexão sobre as brechas possíveis de atuação.

Pouco antes do início da pandemia, em fevereiro de 2020, tive uma conversa displicente com um amigo à época que citou *Ciro Marcondes Filho*¹⁰, algo como: “A adaptabilidade é mais favorável aos sistemas, pois a fixação em comportamentos padronizados inviabiliza sua sobrevivência”. Apesar do cunho adaptacionista da frase, foi possível refletir a respeito do mobilismo x imobilismo presente em todas as ciências, como na base filosófica que as erigiu, conforme será abordado no segundo capítulo deste trabalho.

Iniciei o doutorado em março de 2021 e, sob os efeitos da pandemia de Covid-19 e seu alongamento no Brasil, provocado por um governo que dificultou direta e indiretamente o acesso à vacinação - sendo pela defesa de ideários não-científicos antivacina, sendo pela demora na negociação de vacinas disponíveis

¹⁰ Professor da Universidade de São Paulo com formação em ciências sociais e jornalismo, faleceu em novembro de 2020.

- chego à defesa, embora já vivenciando uma gestão presidencial diferente, ainda sem ter conhecido pessoalmente o *campus* de Assis da Unesp. Por um lado, esse panorama facilitou meu acesso e a realização das incumbências e atividades à distância, inclusive com alcance a vídeo-aulas produzidas na e devido à pandemia, por outro lado dificultou as trocas de ideia, componentes imprescindíveis a uma boa pesquisa. As circunstâncias que permitiram que eu obtenha meu grau sem ter convívio presencial na universidade se modificaram, mas suas evidentes consequências permeiam a cotidianidade dos brasileiros.

Na concepção inicial desta pesquisa, o debate que me ocorria sobre movimento, permanência e efemeridade não parecia inovador, sendo que, inclusive, a área da psicologia com a qual trabalhava fazia uso recorrente desse termo, com sua premissa dialética. Mas, em que consistiria o movimento para a psicologia histórico-cultural e em que esse conceito contribuiria para o entendimento da conjuntura que vivenciávamos foram aspectos para os quais não encontrei respostas à época, mas encontrei um orientador e um programa de doutorado que aceitaram buscá-las comigo. Por meio dos resultados desta pesquisa, pretendemos subsidiar uma definição de movimento, tendo como enfoque a psicologia histórico-cultural, que permita tanto delinear um conceito como nomear um processo real, existente, concreto, favorecendo sua identificação e potenciando sua ocorrência.

Nesta circunstância pode ser necessário explicitar que a psicologia, como qualquer ciência, está vinculada à filosofia. E enquanto área de conhecimento das denominadas “ciências humanas e sociais”, guarda esse vínculo com proximidade mais facilmente resgatável, com determinações mais nítidas.

A história da ciência demonstra que as bases teóricas das concepções e abordagens psicológicas estão na filosofia. A psicologia, assim como todas as outras ciências, surgiu do conhecimento filosófico geral. O cordão umbilical que a liga à filosofia, felizmente, existe ainda nos dias atuais. Deve-se dizer que essa ligação da psicologia com o organismo materno da filosofia não é algo transitório historicamente e que deve desaparecer, mas uma parte essencial e extremamente importante no conjunto da ciência psicológica. A reflexão filosófica é a atribuição do sentido das bases da teoria psicológica. Isso é algo que protege a psicologia das abordagens infrutíferas e positivistas (Kravstov, 2014; p. 29).

Não haveria a possibilidade, portanto, de se destacar um termo em corrente uso na psicologia histórico-cultural com vistas ao seu estudo, conceito, categorização, confronto à realidade, sem recorrer à filosofia como aparato norteador e balizador, sob o risco de ou não atender aos objetivos propostos, ou não colocar em prática a teoria proposta, ou, ainda, não atender ao que se propõem as pesquisas científicas.

1.2 AS BASES DO MOVIMENTO

Existem registros de que o tema mobilismo, movimento tenha sido objeto de pensadores gregos situados, historicamente, no que se especificou didaticamente como Período Clássico da Grécia antiga, que teve início em 508 a.C., com as reformas que marcam o nascimento da democracia no governo de Atenas, com o apogeu de sua importância econômica, artística, intelectual, já que no Pireu, porto de Atenas, circulavam mercadorias e pessoas de toda parte. E teve seu marco final com a guerra do Peloponeso e a conquista da Grécia pela Macedônia em 338 antes de Cristo. Nesse período, a Grécia era dividida em cidades-estado, que também são denominadas *polis*, compostas por uma cidade, como referência, mas englobando seu entorno (Chauí, 2002; Castro, 2014).

A propósito, é lugar comum pensar a Grécia como berço da filosofia e atribuir a origem desta àquela, com a contextualização de uma Grécia pujante, bem-sucedida, o centro de tudo que tinha valor, o centro do mundo e do pensamento humano. E não deixa de ser, se colocarmos como referência a parte do mundo e do humano ocidental. Entretanto, achados arqueológicos apontam que os fósseis de *homo sapiens* mais antigos foram encontrados na região onde hoje situa-se a Etiópia - leste Africano (Fapesp, 2022). Segundo a tese orientalista, produções intelectuais de grandes civilizações não europeias, de regiões como Ásia, Oriente Médio, denominadas orientais, foram apropriadas pelo ocidente por meio das relações pré-helênicas e, embora derrotados pelos Aqueus, seu legado foi incorporado ao ocidente (Chauí, 2002; Mondolfo, 1971; Said, 1996). Já os pensamentos africanos foram, em geral, pouco registrados, tendo sido mais disseminados oralmente e expressos por mitos, rituais, contos populares.

A História da Filosofia Grega encontra-se, em seu início, frente ao discutidíssimo problema das origens, que se refere particularmente às relações da Ciência e da Filosofia helênicas com a anterior sabedoria

oriental. As grandes civilizações orientais, mesopotâmicas (isto é, suméria e caldaica ou assírio-babilônica, iraniana, egípcia, fenícia etc.), com as quais já havia estado em relações diretas ou indiretas a civilização pré-helênica (egéia ou creto-micênia), exerceram influxos, por todos reconhecidos, também sobre a cultura helênica em vários campos, da técnica e da arte aos mitos e às idéias religiosas. Já Heródoto, Platão, Aristóteles, Eudemo e Estrabão faziam provir dos caldeus, egípcios e fenícios, ciências cultivadas depois pelos gregos, como a Astronomia, a Geometria, a Aritmética; e Platão fazia, gabar pelo velho sacerdote egípcio a antigüidade da sua sabedoria em comparação com a infância da grega (Mondolfo, 1971; p. 09).

Pensamentos produzidos muito antes do período clássico na Grécia, em período estimado como 1000 a.C. ou mais, em regiões da Ásia, Oriente Médio, África, pode-se exemplificar Egito, Índia, China, Japão, pensamentos vinculados aos costumes árabes, judaicos, persas, babilônicos, também constituem a formação de bases para conceitos como a dialética, potência, transformação e movimento, que são abordados nesta pesquisa. As contribuições não-ocidentais ao corpus filosófico têm como especificidades a manifestação de reflexões, muitas vezes, em forma de “conselhos”, máximas ou aforismos. Antes mesmo do pensamento socrático “estrear” na Grécia, o pensamento denominado “oriental” já abarcava essa orientação, promovendo reflexões sobre questões da interação humana no mundo em detrimento da cosmologia, que era a compreensão precedente (Kussler, 2015).

Além dos pensamentos produzidos no circuito “ocidental” da antiguidade, tendo como referência a importância das ideias contraditórias podemos citar o pensamento taoísta, um conjunto de pensamentos que podem ser expressos pela obra *Tao Te Ching*, que teria sido escrita por Lao Tse (ao qual se atribui nascimento por volta de 604 a.C.), e que defende que o conhecimento se dá por meio do entendimento do “par de opostos”, que constituem extremos de uma mesma situação (Wolpin, 1989).

A existência e a inexistência geram-se uma pela outra
 O difícil e o fácil completam-se um ao outro
 O longo e o curto estabelecem-se um pelo outro
 O alto e o baixo inclinam-se um pelo outro
 O som e a tonalidade são juntos um com o outro
 O antes e o depois seguem-se um ao outro (Lao Tse, *Tao Te Ching*; Cap. 2)

Aceitar e reproduzir de forma simplista a ideia da Grécia como berço da filosofia, que é por sua vez berço do pensamento ocidental moderno, seria desconsiderar os movimentos históricos, as grandes batalhas - concretas, guerras; simbólicas, culturais - a formação complexa de culturas e seres humanos. Há que se considerar que conhecemos a filosofia conforme sua manifestação ocidental, com

origens remontadas à Grécia, cuja formação de estado tem bases em relações de dominação (guerras, colonizações) e relações de trocas (comércio, passagem de pessoas e ideias) e cujo ideário formativo preconizava a vitória, a grandiosidade, a superioridade, os grandes feitos, como os relatados por Homero, representados por Ulisses (Odisseia) e Aquiles (A Ilíada). Uma sociedade que humaniza os deuses de sua mitologia, pode-se dizer que também se endeusa um tanto, pois ao aproximar sagrado e profano, ideal de real, possibilita-se uma concepção que pode ser denominada “eurocêntrica” como padrão.

O lugar da futura Europa (a “moderna”) era ocupado pelo “bárbaro” por excelência, de maneira que posteriormente, de certo modo, usurpará um nome que não lhe pertence, porque a Ásia (que será província com esse nome no Império Romano, mas apenas a atual Turquia) e a África (o Egito) são as culturas mais desenvolvidas, e os gregos clássicos têm clara consciência disso. A Ásia e a África não são “bárbaras”, ainda que não sejam plenamente humanas (Aristóteles não as considera humanas como os gregos (“videntes que habitam a polis”) em sua Política, mas tampouco são consideradas bárbaras). O que será a Europa “moderna” (em direção ao Norte e ao Oeste da Grécia) não é a Grécia originária, está fora de seu horizonte, e é simplesmente o incivilizado, o não-humano. Com isso queremos deixar muito claro que a diacronia unilinear Grécia-Roma-Europa é um invento ideológico de fins do século XVIII romântico alemão; é então uma manipulação conceitual posterior do “modelo ariano”, racista (Dussel, 2005; p. 25).

É necessário que tais reflexões permeiem nosso ideário ao percebermos a centralidade grega nas influências modernas. Conforme nos aponta Marilena Chauí (2002), para se conceber a centralidade grega ou um “milagre grego”, é necessária a compreensão de que esse milagre se constitui, na verdade, na mutação qualitativa produzida pela Grécia sobre: a herança recebida de outras civilizações; sobre as formas de organização social e política herdadas; sobre o legado recebido da filosofia, ciência e política. A Grécia se apropriou e modificou os espólios culturais de suas relações, especialmente com a região denominada oriental.

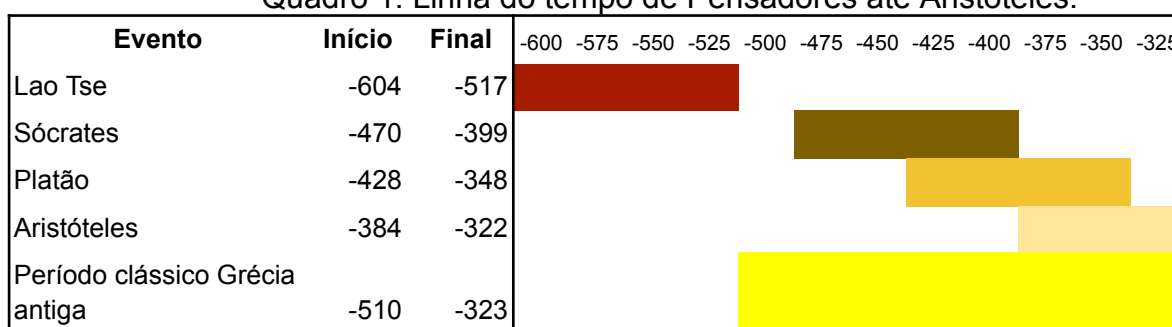
Em resumo, não há “milagre grego” e há “milagre grego”. Não há, se a expressão for tomada com o sentido de fato surpreendente e inexplicável, desprovido das condições históricas e materiais que permitiram o surgimento da filosofia grega. Há, se a expressão for tomada como interpretação das mudanças qualitativas profundas e decisivas que, em condições históricas determinadas, os gregos impuseram à herança que receberam. Como diz Abel Rey, “o milagre grego é milagre não por suas origens, mas por suas consequências prodigiosas”: filosofia, ciência, política, artes, técnicas, cultura (Chauí, 2002; p. 25).

Tendo por premissas essas digressões reflexivas, é possível um entendimento circunstanciado sobre a real importância do pensamento filosófico da

Grécia antiga para o pensamento ocidental como um momento ótimo no qual condições históricas, sociais, econômicas favoreceram tanto a atribuição de importância à intelectualidade como o seu desenvolvimento.

O quadro seguinte auxilia na compreensão e ilustração histórica de alguns eventos abordados neste excerto. Estima-se que Lao Tse viveu antes do período grego clássico, Sócrates, Platão e Aristóteles foram contemporâneos desse período histórico e teriam sido quase contemporâneos entre si, sendo Platão o elo entre Sócrates e Aristóteles¹¹.

Quadro 1: Linha do tempo de Pensadores até Aristóteles.



Fonte: Elaboração própria.

Os pensadores pré-socráticos se debruçaram sobre temas que ambicionaram explicar a origem do universo, dos homens e de fenômenos naturais de forma racional (Cosmologia) em oposição a ideias míticas (Cosmogonia ou Teogonia) que preponderavam. Para Tales de Mileto (585 a.C.) é atribuído o pensamento de que a água representa a origem de todas as coisas e as coisas têm, por sua vez, como princípio, o fluxo - assim como a água que lhes é base geradora. O que provocaria tal fluxo, ou como relatou Aristóteles sobre Tales, a “causa motriz” seria, para aquele pensador, a alma ou potência divina: “A unidade elementar está penetrada da potência divina que a coloca em movimento” (Mondolfo, 1971; p. 41).

[...]desde Tales, veremos estabelecida, juntamente com a afirmação do movimento, também a de uma causa motora. Mas, no começo, essa causa é considerada intrínseca à matéria e não distinta da mesma: tem-se uma concepção de matéria animada e vivente, também por ele chamada princípio divino. É uma concepção de natureza naturans [natureza original ou a coisa em si mesma] que pôde, pois, ser definida como hilezoísmo [concepção de que a matéria é animada] ou como hüpsoquismo (Mondolfo, 1971; p. 36. [Comentários da autora]).

¹¹ Estes últimos que serão melhor abordados nos capítulos 2 e 3.

Ainda, entre os pré-socráticos, Heráclito (540-480 a.C.) e Parmênides (530-460 a.C.) tinham oposições determinantes, enquanto este entendia as coisas como imutáveis pois, não sendo a realidade estática, questionava como seria possível apreendê-la, aquele defendia o movimento e a mutabilidade das coisas (Schopenhauer, 2003). Nesse contexto, Heráclito (540-480 a.C.) pode ser destacado como um pensador que traz contribuições à compreensão da dialética por afirmar o caráter mutável e processual da realidade em oposição a Parmênides (530-460 a.C.) que, por sua vez, defendia a tese de imutabilidade, de que a realidade seria estática ou não seria possível conhecê-la (Schopenhauer, 2003; Zen e Sgarbi, 2018).

Nos fragmentos deixados por Heráclito, pode-se ler que tudo existe em constante mudança, que o conflito é o pai e o rei de todas as coisas. Lê-se também que vida ou morte, sono ou vigília, juventude ou velhice são realidades que se transformam umas nas outras. O fragmento nº 91, em especial, tornou-se famoso: nele se lê que um homem não toma banho duas vezes no mesmo rio. Por quê? Porque da segunda vez não será o mesmo homem e nem estará se banhando no mesmo rio (ambos terão mudado) (Konder, 2008; p. 8).

Com Heráclito, a concepção da dialética é a tradução de uma realidade em movimento eterno, de que a única constante existente é a mudança: “um eterno vir a ser, o devir incessante da realidade e dos seres” (Zen e Sgarbi, 2018; p. 81).

Aristóteles, por sua vez, articulou a permanência da essência (conceito desenvolvido por Parmênides) com o movimento do devir (de Heráclito). Esse pensador refletiu sobre os movimentos celestes defendendo, em um primeiro momento, que os astros se moviam espontaneamente e voluntariamente, mas substituiu esse pensamento atribuindo esse movimento ao éter, que conferiria aos astros inteligência motora. Para Aristóteles, a mudança é característica intrínseca dos seres e isso está relacionado à capacidade dos contrários:

Parece ser próprio à substância que, ainda sendo a mesma e única de número, é capaz dos contrários. Se a mudança se produzir, então... de um contrário a outro, é necessário que haja algo de subjacente, que mude na passagem de um contrário a outro, pois o que muda não são os contrários mesmos. Este algo resta depois, enquanto o contrário não permanece; e por isso é um terceiro termo além dos contrários, isto é, a matéria... É necessário que mude a matéria, que tem a possibilidade de ambos (Aristóteles, 2005).

Chamo matéria àquilo que em si mesmo não pode considerar-se nem uma coisa, nem uma quantidade, nem nenhuma outra entre as determinações do ser (Aristóteles, 2002).

Todo movimento, desde o físico, se daria com o/por meio do contraditório. Poderia-se considerar, por exemplo, que uma pessoa ou automóvel somente pode se mover graças à força do atrito que, por um lado, tende a se contrapor ao movimento (o corpo tende à inércia), por outro lado é o que possibilita a tração do corpo, empurrando-o à frente (Silveira, 2011). A força dos contrários é o que permite a mobilidade e os fenômenos naturais e sociais manifestam a dialética como “expressão do próprio movimento da realidade” (Saviani, 2015; p. 27).

Antes de serem teorizados, os processos dialéticos já existiam e foram identificados e definidos enquanto lógica do conhecimento no século XIX, por Hegel (1995), para quem a lógica dialética incorporou a contradição como categoria do pensamento (Saviani, 2015).

Hegel elaborou uma lógica em que a contradição se tornou categoria explicativa de tudo o que existe, permitindo-nos compreender que as coisas não são estáticas, mas se movimentam, se transformam e o princípio do movimento, da transformação é exatamente a contradição (Saviani, 2015; p. 27).

O fato de que a dialética corresponda ao processo de desenvolvimento da própria realidade nos permite, agora que dispomos desse instrumento analítico após a sistematização da lógica dialética inaugurada por Hegel, reconstituir o movimento de toda a história, desde o surgimento do homem, compreendendo esse desenvolvimento em suas transformações (Saviani, 2015; p. 29).

Portanto, a lógica dialética, permeada pela contradição, descreve processos que possibilitam mobilizar a realidade. Em outras palavras, constitui o motor que traciona a realidade. Mas, sendo a dialética expressão do movimento da realidade em si e consistindo no motor da realidade, a existência é em movimento, afirmativa que devemos realizar com bastante atenção e refinamento, já que não é porque a existência é em movimento que este movimento se dá de forma aleatória, o movimento se dá na lógica da dialética. E na dialética materialista e histórica, a leitura marxiana da lógica hegeliana, existem especificidades, que serão descritas no segundo capítulo.

Explicitado o vínculo inalienável da psicologia e das ciências humanas com a filosofia e remontando algumas concepções que construíram a mutabilidade, a unidade de contrários, o movimento como debate central, é admissível retomarmos o caminho que direcionava à análise de movimento na psicologia histórico-cultural (doravante também designada PHC) em relação à dialética. O resgate

histórico-filosófico da construção da dialética por alguns de seus pensadores será melhor detalhado no decorrer deste trabalho, em especial no segundo capítulo, entretanto, neste momento textual introdutório, faz-se necessário localizar a dialética nas instâncias analíticas que adotamos.

1.3 UM MOVIMENTO MATERIALISTA, HISTÓRICO E DIALÉTICO NA PSICOLOGIA

O embasamento epistemológico norteado pelo materialismo histórico e dialético guarda correlação com o objeto de análise, a saber o conceito de movimento na psicologia histórico-cultural, já que essa perspectiva tem como característica as contradições. O contraditório, na dialética, é elemento fundante que traduz os “processos de alteração da realidade, dos seres, das práticas e dos conceitos” (Perez; Ercolano; Rocha, 2017; p. 177).

José Paulo Netto (2021) defendeu a atualidade do pensamento de Marx tanto no que se refere à insustentabilidade do capitalismo pelas desigualdades aviltantes, como pela impossibilidade da manutenção planetária do estilo de vida burguês do capitalismo tardio, com isso há a atualidade da revolução, essa sendo entendida como “a luta em torno de um projeto político de hegemonia diferente” (s/p). Um projeto político diferente para o qual Marx seria indispensável - apesar de não ser suficiente sozinho, por haverem processos novos, diferentes, dos quais o pensador não tratou ou anteviu devido à sua circunscrição temporal - especialmente com o método de análise que propôs, independentemente de como se nomeie: “materialismo histórico, materialismo dialético, pensamento crítico dialético” (s/p), considerando que esse método se assenta no tripé indissolúvel composto pela teoria do valor-trabalho, pelo método dialético e a perspectiva da revolução.

Ao postular que o trabalho “é um processo entre o homem e a Natureza” e nele o homem atua: “...por meio desse movimento, sobre a Natureza externa a ele e ao modificá-la, ele modifica, ao mesmo tempo, sua própria natureza. Ele desenvolve as potências nela adormecidas e sujeita o jogo de suas forças ao seu próprio domínio.” (Marx, 1985; p. 149), Marx direciona à concepção de que o trabalho medeia as interações homem-natureza de forma a ir constituindo ambos. Esse processo implica em movimento tanto de homem como de natureza.

As transformações históricas se constituem conforme a direção atribuída pelo passado, ou seja, não ocorrem aleatoriamente, mas sim com base na materialidade, na realidade constituída no passado. Dessa forma, a expressão de movimento na história foi assim descrita pelo historiador crítico Eric Hobsbawm (2013), de forma genérica e simplificada:

Paradoxalmente, o passado continua a ser a ferramenta analítica mais útil para lidar com a mudança constante, mas em uma nova forma. Ele se converte na descoberta da história como um processo de mudança direcional, de desenvolvimento ou evolução. A mudança se torna, portanto, sua própria legitimação, mas com isso ela se ancora em um “sentido do passado” transformado (Hobsbawm, 2013; p. 25).

O movimento é, portanto, determinado pela história. Mas é também possibilidade de transformações graças à atividade humana. Milton Santos (2004), da área da geografia, explicita que a objetividade social é comumente confundida com a objetividade natural, o que cristaliza, torna determinista a leitura da realidade, já que prescindem da ação humana, ou seja, “equivale a esquecer que a natureza é objeto de permanente transformação por causa da atividade humana, daí porque a natureza é uma realidade social e não exclusivamente natural.” (p. 162) Nessa mesma obra (Santos, 2004), o autor faz a conhecida afirmação que “... tudo está sujeito à lei do movimento e da renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se.” (pp. 17-18)

É certo que o novo não se inventa, no sentido da criação aleatória ou iluminação divina, mas em alguma instância a descoberta é inventiva, no sentido de haver um salto qualitativo que a permeia e possibilita o novo, ao mesmo tempo que é permeado e possibilitado pelo que já é, o que será abordado mais detidamente ao tratar do desenvolvimento vigotskiano.

No âmbito da psicologia, pode-se dizer que, com o que Vigotski, Rubinstein, entre outros, denominam como crise da psicologia, se explicita a insuficiência desta ciência em atender à realidade ao passo que reduz a si mesma e a seus objetos de estudo em segregações primárias, frutos de embasamentos epistemológicos mecanicistas ou idealistas:

Como se sabe, a psicologia estrangeira moderna está em crise. Esta crise, que coincidiu com o período de desenvolvimento significativo da pesquisa experimental, é, como a crise da física moderna, sobre a qual Lenin escreveu em “Materialismo e empiriocriticismo”, uma crise metodológica. Reflete a luta ideológica geral travada na ciência moderna e manifestada na crise dos fundamentos metodológicos de várias disciplinas, começando com a matemática moderna. Na psicologia, essa crise levou ao fato de que a

psicologia se desintegrou em psicologias, e os psicólogos se dividiram em escolas que estão em guerra entre si (Rubinstein, 1981).

Com isso, foi explicitada a necessidade de movimentar a psicologia, o que foi direcionado pela psicologia soviética, filosoficamente determinada pelo materialismo histórico e dialético. É possível, dessa forma, compreender movimento enquanto conceito relevante para uma psicologia de aporte dialético como a psicologia histórico-cultural.

Uma das características mais notáveis da Psicologia soviética é que, desde seus inícios, definiu-se, neste aspecto, como Ciência que procura em uma concepção filosófica determinada — o materialismo dialético e histórico — os marcos metodológicos, dentro dos quais desenvolver a investigação científica. Portanto, torna-se indispensável a análise deste aspecto (Shuare, 2017; p. 21).

Qualquer teoria científica, em especial nas chamadas Ciências Humanas, responde a uma concepção geral sobre a essência do homem, sua origem, a natureza do conhecimento etc. Por isto, os resultados concretos e os princípios básicos de qualquer teoria científica não podem deixar de expressar uma determinada concepção de mundo e certo enfoque filosófico. O problema não consiste em como evitar esta situação, como remover da Ciência esse conteúdo inevitável. Ao contrário trata-se de explicitar, ao máximo, esta dependência e esclarecer as funções da filosofia e da concepção de mundo no conhecimento científico; este é o melhor meio para prevenir conteúdos ideológicos “inesperados” que “subitamente” aparecem no conhecimento científico. Tal explicitação não constitui uma perda de objetividade, mas a garantia indispensável — ainda que não suficiente — da mesma (Shuare, 2017; pp. 22-23).

A definição de trabalho marxiana consistindo em processo que movimenta a natureza externa e interna concomitantemente, assim como as colocações de Milton Santos, antes mencionadas, que vinculam movimento à atividade humana¹², são aspectos que possibilitam recuperar outro conteúdo que perpassa a psicologia histórico-cultural, a Atividade (Leontiev, Rubinstein), por meio da qual humanos modificam a natureza em função de suas necessidades, produzindo a satisfação dessas necessidades além de aportes sociais (ciência, arte). Por meio da atividade, nos apropriamos do que fora historicamente produzido e é também por meio dela que podemos ir além do que está posto. Com esse entendimento, a subjetividade perdeu um papel estanque, muito estabelecido em diversas áreas da psicologia, e pode ser considerada como passível de movimento circunstanciado na concretude, o que confere um grau de autonomia ou autoria ao sujeito frente a si e à realidade.

¹² Conceito que será abordado também no próximo tópico.

Os elementos que trouxemos dialogando com áreas do conhecimento como a comunicação, história, geografia, filosofia, psicologia, convergem no uso de aportes que consideram embasamento na dialética materialista. Eles explicitam entendimentos de suas áreas com vistas à dinamicidade, ao movimento, compreendendo-o um processo que permeia a realidade e, portanto, deve ser considerado. Tendo sido delineada a estrutura desta tese, bem como um enquadramento histórico-conceitual sobre movimento, será apresentada uma contextualização do uso da concepção de movimento na psicologia histórico-cultural brasileira.

1.4 A ESCOLA DE SÃO PAULO DA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL BRASILEIRA E MOVIMENTO

Levantamento apontado por Smolka (2021) revelou que, no Brasil, no interstício de 20 anos, entre o início dos anos 2000 e o ano de 2021, o número de grupos de pesquisa que manifestaram formalmente adotar os pressupostos teóricos de Vigotski, Luria, Leontiev, Davidov, Rubinstein, Bozhovich, Zankov, Yaroshevsky, Zinchenko, entre outros estudiosos, aumentou mais de dez vezes (de dez a quinze grupos de pesquisa para quase duzentos). Apesar disso, a entrada da psicologia soviética no Brasil se deu há menos de 50 anos, no final da década de 1970, com a tradução de “Curso de Psicologia Geral” de Luria do russo para o brasileiro, em 1979 e de autoria de Leontiev, as traduções de “Desenvolvimento do Psiquismo” para o português de Portugal e “Atividade, consciência e personalidade” para o espanhol argentino, em 1978 (Smolka, 2021).

Concomitantemente crescia o descontentamento com as propostas de psicologia social disponíveis à época e o anseio por uma leitura de psicologia que possibilitasse uma abordagem crítica (Lane e Codo, 1984; Lane, 1988; Yamamoto, 2007; Smolka, 2021). A profissão, que havia sido regulamentada em 1962, mostrava-se limitada em seu arcabouço teórico-técnico, que não contemplava a realidade da maior parte da população brasileira. A prática mais amplamente realizada, a clínica, proporcionava acesso aos serviços psicológicos a não mais do que 15% da população brasileira, no final da década de 1970 (Yamamoto, 2007). Foi identificada, mais uma vez, uma crise na psicologia, desta vez com uma crise à brasileira, ou seja, foi identificada a insuficiência das leituras psicológicas adotadas

para atender aos seus objetivos na realidade cultural diversa dos pólos socioeconômicos onde eram produzidas, a saber Estados Unidos, França, Inglaterra¹³. E, para além disso, as finalidades propostas pelas escolas tradicionais de psicologia não contemplavam demandas socioculturais periféricas (Lane e Codo, 1984; Lane, 1988; Yamamoto, 2007).

Nesse mesmo contexto, em novembro de 1979, ocorreu o I Encontro Brasileiro de Psicologia Social, realizado em São Paulo, no qual se definiu, como proposta de encaminhamento de pauta, a criação de uma Associação de Psicologia Social, surgindo então a Abrapso, que foi fundada em julho de 1980 com quase mil sócios (Abrapso, s/d; Abrapso, 2009). A fundação da Abrapso e a realização de um Congresso Latino Americano de Psicologia Social na cidade de Lima (Peru) fomentaram a ampliação no debate por uma psicologia socialmente implicada e a construção de leituras que permitissem abarcar a realidade latinoamericana.

Esperamos assim contribuir para uma psicologia voltada para os problemas concretos de nossa realidade, tornando o profissional um agente de transformação na sociedade brasileira (Lane e Codo, 1984; Apresentação do livro).

O momento histórico-político brasileiro tinha, desde o governo Geisel (1974-1979), propostas iniciais de aparente relaxamento de alguns dos controles sociais impostos nos anos anteriores à ditadura civil-militar. Conforme aponta Codato (2005), essa estratégia, que foi mantida no governo seguinte, de Figueiredo (1979-1985), implicou algumas mudanças:

A censura prévia foi parcialmente suspensa, os resultados eleitorais, depois de algumas manipulações das regras, foram admitidos, os protestos dos empresários contra o “modelo econômico” foram, embora com reservas, tolerados e as inesperadas reivindicações operárias, surgidas a partir de 1978, foram um efeito não antecipado da ação liberalizante (Codato, 2005; p. 93).

Esse período, juntamente com o governo de Sarney (1985-1990) é comumente denominado como sendo a fase de “transição política” (de 1974 a 1989). Entretanto, deve-se considerar que o Brasil teve um período maior de transição do que de ditadura propriamente dita, o que conduziu Codato (2005) à análise de ser, em verdade, uma estratégia que permitiu a continuidade da postura autoritária nas instituições do governo civil. Tal panorama corrobora as possibilidades maiores de

¹³ E, mesmo nessas localidades, a eficácia da psicologia social surgida após a segunda guerra mundial para explicar, prever e adaptar grupos, começou a ser questionada na década de 1960 (Lane e Codo, 1984)

acesso a textos que poderiam ser considerados subversivos, de influência marxista, incluindo nesse rol os da psicologia soviética, conforme pontuamos que datam desta época as primeiras traduções acessíveis dessa abordagem. Havia também maior possibilidade de organização civil estratégica em torno de associações, sindicatos, outras instituições que possibilitassem trocas e reflexões críticas. Mas a permanência das políticas sociais e da rigidez nas instituições governamentais não permitiam mudanças estruturais.

A psicologia foi regulamentada como profissão e, no final da década de 1970, seus profissionais estavam se organizando em sindicatos e por meio do sistema de conselhos, movimento que se intensificou na década de 1980. Criou-se um meio propício ao conhecimento e à proliferação de ideias que fossem críticas ao que estava instituído e, nesse contexto, o pensar e o fazer da psicologia buscava se aproximar do que poderia contribuir de forma mais efetiva com a sociedade brasileira (Yamamoto, 2007).

Apesar da predominância da atuação de psicólogos na área clínica, havia uma produção moderna (pós segunda guerra mundial) da psicologia social (Farr, 1996), com nomes como o estadunidense Gordon Allport (1962), que identificava no indivíduo o objeto de análise da psicologia e, no Brasil, Aroldo Rodrigues (1985), que se apresentava como cognitivista e defendia a *Tecnologia Social*, uma abordagem com “intervenções dedicadas à resolução de problemas sociais”. Opondo-se a essas perspectivas dominantes no âmbito da psicologia social, que preconizavam intervenções em prol do bem-estar individual, o que possibilita a aptidão, estava, entre outros, Silvia Lane (1985). Formada em filosofia e primeira diretora do curso de psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), esteve inicialmente ligada ao Laboratório de Psicologia Experimental e construiu sua carreira na área da psicologia social (Bock *et al*, 2007). É possível considerá-la como uma das precursoras, sendo referência, no Brasil, na leitura e adoção de pesquisas com base no marxismo com vistas à construção de uma psicologia social de base crítica e transformadora.

A Profa. Sílvia Lane foi pioneira nas formulações teóricas que colocaram a Psicologia Social brasileira em questão, ressaltando a necessidade de se explicitar seu vínculo com interesses dominantes e de se redirecionar sua produção no sentido de contribuir para a transformação social (Bock *et al*, 2007).

As primeiras produções textuais da pesquisadora que explicitam esses questionamentos e releituras são o livreto “O que é psicologia social?” (Lane, 2006), da Coleção Primeiros Passos, lançado em 1981 e no qual ainda se pode observar uma forte influência de teorias comportamentais, por exemplo quando define a psicologia como sendo “...a ciência que estuda o comportamento, principalmente, do ser humano (...) a Psicologia Social deve estudar o comportamento social...” (Lane, 2006; p. 07). Ou ainda: “O enfoque da Psicologia Social é estudar o comportamento de indivíduos no que ele é influenciado socialmente.” (Lane, 2006; p. 08), mas também conotando a influência marxista ao afirmar, por exemplo:

... a história não é estática nem imutável, ao contrário, ela está sempre acontecendo, cada época gerando o seu contrário, levando a sociedade a transformações fundamentalmente qualitativas. E a grande preocupação atual da Psicologia Social é conhecer como o homem se insere neste processo histórico, não apenas em como ele é determinado, mas principalmente, como ele se torna agente da história, ou seja, como ele pode transformar a sociedade em que vive (Lane, 2006; p. 10).

Ainda que a proposta do livreto fosse apresentar de forma acessível e introdutória um entendimento preliminar sobre psicologia social, é possível notar as influências do materialismo histórico e dialético para a apresentação das concepções de homem, história, mundo e cultura. O outro livro apontado como um marco foi o “Psicologia Social: o homem em movimento”, do ano de 1984.

Outro fato marcante em 1981 foi a publicação do livro O que é Psicologia Social, pela Editora Brasiliense, a primeira produção bibliográfica de que se tem notícia para divulgar a Psicologia Social que Sílvia Lane defendia e produzia. (...) Muito questionada sobre a falta de produção bibliográfica em Psicologia Social, organizou com Wanderley Codo o livro que, até hoje (em sua 13ª edição), é referência em Psicologia Social: Psicologia Social: o homem em movimento (1984) (Sousa, 2009; s/p).

Uma coletânea de quatorze textos que foi organizada em conjunto com Wanderley Codo. O primeiro texto é de autoria da Sílvia Lane, uma introdução intitulada “A Psicologia Social e uma nova concepção do homem para a Psicologia”, e tem início circunstanciando historicamente a psicologia social, recurso por meio do qual desenvolve a apresentação da psicologia social hegemônica e a contrapõe às perspectivas do materialismo histórico e dialético.

Nessa obra, uma psicologia social materialista histórico-dialética e brasileira é mostrada mais consolidada, constituindo de forma mais orgânica seus produtores e o produto escrito. Carvalho (2014) aponta, em sua análise sobre o que denomina de “Escola de São Paulo da Psicologia Social”, que as obras citadas, a saber “O que

é psicologia social?” e “Psicologia social: o homem em movimento¹⁴”, formaram o arcabouço teórico da tal Escola, contendo uma perspectiva de ser humano e de sociedade melhor embasada com o marxismo. Em nosso entendimento, a obra “O homem em movimento” tende a um marxismo mais complexo, numa leitura menos vinculada à lógica formal, caracterizando-se como uma obra teoricamente mais madura.

E é na obra “Psicologia social: o homem em movimento” que encontramos críticas contundentes às psicologias organicistas e às subjetivistas, que compreendem o ser humano ou como refém de seu arcabouço fisiológico, seus instintos e necessidades primárias, dos reflexos do meio em si, ou como refém de seus aspectos internos, muitas vezes obscuros e inalcançáveis, mas seguramente não como agente construtor e transformador. Essas críticas são apontadas concomitantemente à exposição da alternativa, uma psicologia dialética de bases materialista e historicamente circunstanciadas.

Porém o homem fala, pensa, aprende e ensina, transforma a natureza; o homem é cultura, é história. Este homem biológico não sobrevive por si e nem é uma espécie que se reproduz tal e qual, com variações decorrentes de clima, alimentação, etc. O seu organismo é uma infra-estrutura que permite o desenvolvimento de uma superestrutura que é social e, portanto, histórica. Esta desconsideração da Psicologia em geral, do ser humano como produto histórico-social, é que a torna, se não inócua, uma ciência que reproduziu a ideologia dominante de uma sociedade, quando descreve comportamento e baseada em frequências tira conclusões sobre relações causais pela descrição pura e simples de comportamentos ocorrendo em situações dadas. (...)

Um outro ponto de desafio para a Psicologia Social se colocava diante dos conhecimentos desenvolvidos — sabíamos das determinações sociais e culturais de seu comportamento, porém onde a criatividade, o poder de transformação da sociedade por ele construída. Os determinantes só nos ensinavam a reproduzir, com pequenas variações, as condições sociais nas quais o indivíduo vive. (...)

...caberia à Psicologia Social recuperar o indivíduo na intersecção de sua história com a história de sua sociedade — apenas este conhecimento nos permitiria compreender o homem enquanto produtor da história (Lane e Codo [Orgs.], 1984; p. 12-13).

Dessa forma, foi no contexto de uma psicologia em movimento, um movimento direcionado às populações pobres e à América Latina, historicamente situado no período de um governo totalitário e cerceador, que a psicologia social brasileira se deslocou de um lugar comum, de um fazer comum, em direção à

¹⁴ Para fins de designação, a obra “Psicologia social: o homem em movimento” também poderá ser aqui referida como “O homem em movimento” ou pela sigla PSHM.

fundamentos teóricos marxistas, incorporando explicitamente o materialismo histórico e dialético na psicologia social brasileira.

Apesar disso, o embasamento, e possivelmente o acesso, a produções de Vigotski e/ou Leontiev, no PSHM, era ainda exploratório. Vigotski é citado, em todo o livro, apenas três vezes e em um único texto de autoria de Silvia Lane intitulado “Linguagem, pensamento e representações sociais”, por meio de uma única obra de referência, *Pensamento e Linguagem* e, todas as vezes, em alusão à importância da linguagem no desenvolvimento humano. Uma das vezes ocorre a citação direta de que “...uma palavra é o microcosmo da consciência humana”. Duas, das três menções a Vigotski, são realizadas junto com Leontiev, aproximando-se os pensamentos de ambos.

Quadro 2: menções a Vigotski na obra PSHM.

Menções a Vigotski	
Excerto PSHM	Tema Central
<i>A última frase do livro de Vygotski sintetiza todo este processo ao afirmar que "Uma palavra é um microcosmo da consciência humana" Daí a importância fundamental que tem a aquisição materna para a compreensão de qualquer comportamento do ser humano — e esta só pode ser analisada numa abordagem interdisciplinar (p. 33).</i>	Palavra é microcosmo da consciência.
<i>Seja Skinner, Piaget, Vygotski, Malrieu ou Leontiev, todos são concordes em afirmar que a função primária da linguagem é a comunicação e o intercâmbio social, através da qual a criança representa o mundo que a cerca e que influenciará seu pensamento e suas ações no seu processo de desenvolvimento e de hominização (p. 33).</i>	Linguagem como processo de desenvolvimento e hominização.
<i>Vygotski e Leontiev, concebendo o ser humano como manifestação de uma totalidade histórico-social, vêem a linguagem como fundamental para o desenvolvimento da consciência de si e social de indivíduo, a qual se processa através da linguagem, do pensamento e das ações que o homem realiza ao se relacionar com outros homens (p. 33).</i>	Linguagem para o desenvolvimento da consciência de si e social de indivíduo.

Fonte: Elaboração própria.

Para melhor compreensão do pouco acesso e opção por Vigotski, pode-se observar que as primeiras obras de Vigotski acessadas no Brasil foram “Formação Social da Mente” (1984) e “Pensamento e Linguagem” (1987), ambas traduzidas de versões norte-americanas que consistiam, respectivamente, em uma compilação de

textos e em uma edição bastante resumida. Além disso, existiram modificações em relação aos originais do autor também nas edições russas, produzidas pela censura sofrida pelo pensador na União Soviética stalinista. Com isso, o acesso às produções vigotskianas, no país, ocorreu com “graves distorções” de suas obras e conceitos (Prestes, 2010).

Já Leontiev é citado seis vezes, também tendo como referência apenas uma de suas obras, *Atividade, consciência e personalidade*. As citações são: de autoria de Silvia Lane, na “Introdução”, a respeito da categoria personalidade; no capítulo “Linguagem, pensamento e representações sociais” sendo as duas vezes citado junto com Vigotski para abordar a importância da linguagem no desenvolvimento humano; uma vez sobre a aprendizagem da língua materna, em “Consciência/alienação: a ideologia no nível individual” explicitando as categorias atividade, consciência e personalidade como fundamentais para uma análise psicológica; e, também, em texto de autoria de Wanderley Codo intitulado “O fazer e a consciência” abordando a determinação da atividade para o desenvolvimento humano.

Quadro 3: menções a Leontiev na obra PSHM.

Menções a Leontiev	
Excerto PSHM	Tema Central
<i>Leontiev inclui ainda a personalidade como categoria, decorrente do princípio de que o homem, ao agir, transformando o seu meio se transforma, criando características próprias que se tornam esperadas pelo seu grupo no desenvolver de suas atividades e de suas relações com outros indivíduos (p. 17).</i>	Personalidade desenvolvida por meio da atividade.
<i>Seja Skinner, Piaget, Vygotski, Malrieu ou Leontiev, todos são concordes em afirmar que a função primária da linguagem é a comunicação e o intercâmbio social, através da qual a criança representa o mundo que a cerca e que influenciará seu pensamento e suas ações no seu processo de desenvolvimento e de hominização (p. 33).</i>	Linguagem como processo de desenvolvimento e hominização.
<i>Vygotski e Leontiev, concebendo o ser humano como manifestação de uma totalidade histórico-social, vêem a linguagem como fundamental para o desenvolvimento da consciência de si e social de indivíduo, a qual se processa através da linguagem, do pensamento e das ações que o homem realiza ao se relacionar com outros homens (p. 33).</i>	Linguagem para o desenvolvimento da consciência de si e social de indivíduo.
<i>A análise que Leontiev faz da aprendizagem da língua materna aponta para dois processos que se interligam</i>	Língua como produto social dinâmico por meio da atividade.

<i>necessariamente: se, por um lado, os significados atribuídos às palavras são produzidos pela coletividade, no seu processar histórico e no desenvolvimento de sua consciência social, e como tal, se subordinam às leis histórico-sociais, por outro, os significados se processam e se transformam através de atividades e pensamentos de indivíduos concretos e assim se individualizam, se "subjativam", na medida em que "retomam" para a objetividade sensorial do mundo que os cerca, através das ações que eles desenvolvem concretamente (p. 33).</i>	
<i>Se considerarmos, como Leontiev, atividade, consciência e personalidade as categorias fundamentais de análise do fato psicológico, temos como ponto de partida essencial a linguagem, o discurso produzido pelo indivíduo, que transmite a representação que ele tem do mundo em que vive, ou seja, a sua realidade subjetiva, determinada e determinante de seus comportamentos e atividades (p. 44).</i>	Linguagem determinada e determinante de comportamentos e atividades
<i>Ou, como diz Leontiev, já se referindo a seres humanos: "...na própria organização corporal dos indivíduos está contida a necessidade de entrar em uma relação ativa com o mundo exterior; para existir devem atuar... ao influir sobre o mundo exterior o modificam, com isso se modificam também a si mesmos. Por isso, o que os homens são está determinado por sua atividade, à qual está condicionada pelo nível já alcançado no desenvolvimento de seus meios e formas de organização" (p. 50).</i>	O condicionamento fisiológico da atividade

Fonte: Elaboração própria.

Pode-se notar que os principais temas que ensejaram as citações dos autores foram a *linguagem* e a *atividade*, no caso de Leontiev. As citações a Vigotski ocorreram todas em uma única página. Apenas a título de curiosidade, Skinner é citado dez vezes, tanto por Codo como por Lane. Já Marx e marxismo são citados quarenta e oito vezes, o que indica o posicionamento dos autores/pesquisadores buscarem o embasamento radical sem que necessariamente tivessem acesso a muito do que se produzia na psicologia soviética.

Como foi possível observar, o teórico da psicologia soviética que foi mais citado no livro PSHM foi Leontiev, que desenvolveu uma teoria da atividade. Diz-se, da teoria da atividade, que foi vislumbrada inicialmente por Vigotski (Leontiev, 1989), embora existam discordâncias quanto a isso (Toassa, 2016), e também por Sergei Rubinstein (Piccolo, 2012; González Rey, 2014; Rubinstein, 1974). Este autor (Rubinstein, 1974), no entanto, coloca-nos que além de si, outros tantos psicólogos soviéticos focaram-se na relação entre consciência e atividade entre as décadas de

1930 e 1950 como uma possibilidade de superação de crise na psicologia que se expressaria no conflito entre a psicologia introspectiva e a psicologia comportamental, conflito para o qual a teoria da atividade seria uma possível solução por meio da síntese das concepções expressas por esses pólos.

Rubinstein (1974) aponta para a solução promovida pela psicologia histórico-cultural a partir do problema por ela mesma levantado a respeito das leituras dicotomizadas de sujeito e meio, consciência e mundo, uma resolução possível graças aos apontamentos de Marx sobre o trabalho humano. O trabalho, a atividade, possibilita entender o processo de inter-relação e inter-constituição dessas diferentes, porém complementares instâncias. Por meio dessa leitura, a psique não é menos objetiva, mas somente é psique porque se objetiva e somente se objetiva pela mediação da atividade.

A leitura de Aleksei Nikoláievitch Leontiev tem base na teoria estímulo-resposta ou teoria do comportamento reflexo modificada com um aprimoramento de cunho marxista, por meio do qual a atividade é vista como um elo mediador entre estímulo e resposta (Leontiev, 2021; pp. 34-37; p. 97; pp. 102-103). Pode-se dizer, portanto, que a teoria da atividade de Leontiev tem influência, ao menos em sua concepção inicial, de uma releitura do condicionamento clássico Pavloviano com o acréscimo de uma etapa no processo estímulo-resposta, etapa a qual é considerada central e preponderante.

Assim, formou-se na psicologia a seguinte alternativa: manter o esquema binário como básico, isto é, influência do objeto > mudança na condição atual do sujeito (ou, o que é fundamentalmente a mesma Coisa, o esquema S -> R), ou seguir um esquema tripartite, que inclui um elo intermediário ("termo do meio"), isto é, a atividade do sujeito e, de forma correspondente, suas condições, objetivos e meio, um elo que medeia as relações entre eles (Leontiev, 2021; pp. 102-103).

Para Leontiev, a vida humana é *um conjunto, ou melhor, um sistema de atividades que se sucedem* (Leontiev, 2021; p. 103). A atividade é um sistema com características próprias que possibilita ao sujeito se orientar no meio, no mundo objetivo. A atividade permite a inter-relação sujeito-meio, portanto sua existência.

O movimento do homem na obra "O homem em movimento" reverbera as inquietudes profissionais ou as necessidades surgidas na atuação profissional, ou seja, no fazer profissional de psicólogos sociais politicamente atuantes e que aventavam uma imprescindível transformação social. Para conceber a premência e a possibilidade de movimento, esses psicólogos movimentaram-se de um fazer

psicológico hegemônico e (se) propuseram a movimentos individuais, coletivos, profissionais e sociais. Em grande medida, tendo de ser radicais, ou seja, recorrendo à raiz marxiana, devido ao parco acesso às produções marxistas de psicologia, típico de um período político com censura. A obra PSHM foi, portanto, um marco pelo pioneirismo e pela clareza das ideias apresentadas com referências importantes para uma psicologia de base materialista histórico-dialética, tendo portanto relevância, considerando os limites de sua circunstancialização histórica.

E, mesmo nessa obra, que adota o movimento em seu título e o menciona quarenta e seis vezes, nas suas mais diversas acepções, é possível observar que o conceito de *movimento* é explicitado de forma rudimentar por dois dos autores da coletânea: Antônio da Costa Ciampa e José Carlos Libâneo.

Ciampa, em análise com enfoque no indivíduo, admite o movimento como sinônimo de processo e *metamorfose* oriundo das contradições e constituinte do que denomina como *identidade* (Lane e Codo, 1984; p. 70 e p. 74); em outra instância, enquanto “movimento do social” (Lane e Codo, 1984; p. 71), o qual “constitui a história”, representando, portanto, a “progressiva e contínua hominização do homem”. Já Libâneo, ao escrever sobre a práxis do psicólogo, indica que o movimento a que se refere é o de permanente superação das contradições e no qual o ser humano intervém e se humaniza, sendo esse processo componente da sociedade e da consciência do ser humano (Lane e Codo, 1984; p. 161).

A escolha do termo movimento como componente do título da obra e as definições possíveis de serem apreendidas em seu íterim explicitam, outrossim, a aproximação dos autores com a proposta marxiana de dialética. É possível deduzir, pelas referências mencionadas, pelo momento de confecção de PSHM, pelo período histórico de censura no Brasil e pelas datas de publicação brasileira de obras de Leontiev e Vigotski - ou mesmo a possibilidade do acesso a obras em espanhol desses autores - que existia a iniciativa da criação de uma psicologia marxista brasileira que contemplasse a realidade deste contexto e considerasse o humano como agente, construtor de si e de seu meio.

É intrigante que em uma psicologia que possui como premissa a defesa da transformação social¹⁵ em prol de uma existência mais equânime, tenha sido

¹⁵ Tem relevância também o questionamento sobre a concepção e o conceito de transformação social ao qual essa psicologia se remete. Embora esse questionamento abrisse um outro leque de possibilidades de investigação, ele guarda correlação com o tema aqui abarcado e, no segundo capítulo, serão apresentadas algumas reflexões a esse respeito.

utilizado um conceito, por meio da ideia de movimento, sem tê-lo explicitado de fato em análise, ou seja, tenha abordado um homem em movimento sem explicitar como esse movimento se daria. De toda maneira, os questionamentos à psicologia hegemônica - e sua preponderância a despeito de especificidades culturais e históricas - conduziram à proposta de sua superação com uma psicologia marxista brasileira, precursora de uma perspectiva denominada sócio-histórica e contemporaneamente mais conhecida como histórico-cultural, sendo determinante à sua construção e desenvolvimento.

É possível observar, portanto, que o tema proposto na presente pesquisa possui correlação com o embasamento materialista histórico e dialético, marxista, que permeia a psicologia histórico-cultural. Também pode-se perceber que *movimento* é um termo utilizado nessa vertente, mas sem maiores aprofundamentos quanto à sua definição e consequências de seu entendimento. O que foi possível identificar, num primeiro momento, é que o termo guarda correlação com uma perspectiva de humanidade que tem a possibilidade de mudar, na realidade que lhe parece posta, elementos e contextos que são tidos como “naturais”.

No decorrer deste trabalho, abordaremos de forma mais complexa os levantamentos bibliográficos que possibilitaram o entendimento, a definição e a proposta de categorização de *movimento* para a psicologia histórico-cultural. Ensejamos viabilizar a melhor compreensão de um conceito que permeia a realidade de tal forma que possamos realizá-lo - e sermos por ele realizados - de maneira consciente e direcionada, sendo determinados e determinando contextos políticos, sociais, individuais. No capítulo que segue este tópico demonstraremos um levantamento quanto ao uso do termo em teses e dissertações da psicologia e nos ateremos ao estudo da dialética, proporcionando subsídios para uma definição do conceito.

2 UM CONCEITO MATERIALISTA HISTÓRICO E DIALÉTICO DE MOVIMENTO EM PSICOLOGIA¹⁶

Conforme apresentado na introdução, *movimento* é termo utilizado na psicologia histórico-cultural sobre o qual não são apresentadas especificações, sendo abarcado, geralmente, com a conotação de dinamicidade, mudança, transformação do ser humano, de grupos e também conjuntura histórico-social.

O presente capítulo busca atender dois - do total de quatro - objetivos específicos¹⁷ arrolados como norteadores desta pesquisa, a saber “Estudar o conceito de *movimento* à luz da psicologia histórico-cultural” e “Resgatar a construção histórica do construto, notadamente na filosofia e psicologia”. Para tanto, apresenta algumas características das teses e dissertações que abordaram *movimento* com centralidade, o que norteou um resgate histórico filosófico sobre dialética, conceito sem o qual é inviável compreender *movimento* por estarem intrinsecamente relacionados, conforme será desenvolvido no transcorrer desta seção.

Ainda neste capítulo, trabalhou-se com o conceito vigotskiano de desenvolvimento, que foi apontado (Kravstov, 2014) como sendo o viés do *movimento* na psicologia soviética. Desta feita, após consolidar a compreensão de alguns condicionantes à abordagem do conceito *movimento* nas produções científicas brasileiras, da dialética como base que permite compreender conceitualmente *movimento* e do desenvolvimento como expressão do *movimento* na psicologia histórico-cultural, explicita-se um conceito para o termo.

Como linha introdutória para o estudo bibliográfico do conceito de *movimento*, foram investigadas noções de como as pesquisas científicas em psicologia abordaram-no. Importante notar que buscamos apresentar uma perspectiva extensiva sobre o tema sem particularizar os achados de cada estudo, optando-se pelo levantamento das informações que fossem diretamente contributivas ao tema desta tese e pudessem fornecer elementos da realidade para o estudo bibliográfico em curso.

¹⁶ Partes deste capítulo compuseram artigo intitulado *Identificando elementos de transformação da realidade: movimento dialético e desenvolvimento*, tendo sido submetido à revista “Germinal: marxismo e educação em debate”, estando em fase de avaliação.

¹⁷ Os quatro objetivos específicos foram explicitados no capítulo introdutório.

Para tanto, foi realizado acesso ao catálogo de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) - que foi criado em 2002 e disponibiliza um total de mais de um milhão e meio de trabalhos¹⁸ defendidos a partir do ano de 1987 - no qual foi pesquisado especificamente o descritor *movimento*. Foram apontados 1194 resultados na pesquisa¹⁹, sendo 322 teses e 872 dissertações com defesas ocorridas no interstício entre 1987 e 2021²⁰. Alguns não contavam com disponibilização de resumo, por serem anteriores à Plataforma Sucupira, casos nos quais pesquisamos informações do estudo por meio de sites de busca, sites da instituição de ensino à qual a pós-graduação se vinculou e, em último caso, artigos em revistas ou anais de congresso com o mesmo título e autor(es).

Com base na Revisão Integrativa de Literatura, procedimento que permite, por meio de pesquisas anteriores, tirar conclusões gerais do conjunto de literatura sobre um tópico específico (Beyea; Nicoll, 1998), selecionamos as teses e dissertações que contemplavam o descritor em seus resumos e/ou títulos, tendo em foco os objetivos específicos descritos no início desta seção, tendo sido descartados os trabalhos que adotaram o termo no âmbito do movimento físico/fisiológico, movimento social, deslocamento (p. ex. filme = imagens em movimento), ou seja, houve o refinamento com a opção pelas fontes que estivessem desenvolvendo diretamente o conceito de *movimento*. Não se considera que as pesquisas descartadas não pudessem contribuir de alguma maneira para a compreensão do objeto, entretanto houve a opção, de acordo com os objetivos deste trabalho, pela centralidade da tratativa do conceito.

A principal finalidade do levantamento com essa configuração foi identificar o uso acadêmico do termo específico *movimento* de forma destacada, ou seja, ocasiões em que havia peso, centralidade ou importância a ponto de o termo constar no título ou no resumo da pesquisa. A partir desses dados, monitorar informações

¹⁸ Em 05 de junho de 2024 o sítio apresentava um milhão, quinhentos e oitenta e quatro mil e quatorze teses e dissertações (1.584.014).

¹⁹ Selecionamos os seguintes filtros em “Áreas do conhecimento” (entre parênteses a quantidade de trabalhos referentes a cada uma): Psicolinguística (1); Psicolinguística (2); Psicologia (129); Psicologia (962); Psicologia Cognitiva (1); Psicologia Do Desenvolvimento Humano (2); Psicologia Do Ensino E Da Aprendizagem (1); Psicologia Do Ensino E Da Aprendizagem (10); Psicologia Do Trabalho E Organizacional (1); Psicologia Experimental (2); Psicologia Experimental (7); Psicologia Social (21); Psicologia Social (5).

²⁰ Note-se que não delimitamos período para a pesquisa, sendo o interstício informado correspondente às pesquisas encontradas.

quanto à adoção do significativo no âmbito da psicologia, notadamente a social, bem como características dessas pesquisas. Com o refinamento do levantamento, após a análise inicial, levantou-se 11 produções acadêmicas em psicologia, a seguir arroladas:

Quadro 4: Produções acadêmicas sobre *movimento* na psicologia.

ID	Ano	Univ	M/D	Orient	Autor	Título/ Site	Teoria/ Excerto Acepção
1	1998	PUC-SP	M	Silvia Tatiana Maurer Lane	José Carlos Duarte	Movimento da consciência de um trabalhador com L.E.R.: um estudo de caso (https://sapiencia.pucsp.br/handle/handle/17285)	histórico-cultural/ “o processo de mudança de vida ao qual foi submetido com o surgimento da doença”.
2	2002	PUC-SP	D	Gilberto Safra	Haydée Christinne Kahtuni	Uma analista em movimento: momentos transformadores e formativos (https://buscaintegrada.pucsp.br/vufind/Record/150610/Description#tabnav)	psicanálise/ “momentos transformadores e constitutivos da identidade e do posicionamento da autora como analista”
3	2003	UFSC	M	Andréa Vieira Zanella	Daiani Barboza	O movimento de potência e/ou impotência de ação dos catadores de material reciclável de Criciúma/SC no que se refere à construção da sua cidadania (https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2430/53-artigos-barbosad_et al.pdf)	histórico-cultural/ “... as escolhas [de gestão] a serem feitas implicariam em significativas mudanças em seus sonhos de potencialização do empreendimento cooperativo ou na continuidade dos rumos já delineados, mas também puro devir”
4	2003	USP	D	Maria Clotilde Therezinha Rossetti Ferreira	Ana Paula Soares da Silva	Continuidade e descontinuidade de si na narrativa de homens que tiveram envolvimento com o crime (https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09062009-154727/es.php)	teoria do Self/ “...defende-se que continuidades e descontinuidades acontecem num movimento de figura e fundo de posicionamentos mediados por relações sociais e culturais...”

5	2005	Univ. São Marcos (SP)	M	Antonio da Costa Ciampa	Katia Monteiro de Benedetto Pacheco	O processo de metamorfose da identidade do paciente amputado (https://www.revistas.usp.br/actafisiatrica/article/view/102746)	histórico-cultural/ "processo de metamorfose da identidade da pessoa com amputação"
6	2008	PUC-SP	D	Silvia Tatiana Maurer Lane	Adjuto de Eudes Fabri	Categorias que constituem a compreensão do humano e os enlaces entre consciência, subjetividade e significação na abordagem vigotskiana (https://ariel.pucsp.br/handle/handle/17250)	histórico-cultural/ "...conceber palavra e consciência não como estruturas isoladas ou abstratas, mas como movimento histórico, concreto e constitutivo."
7	2010	UFSC	D	Mara Coelho de Souza Lago	Mário Ferreira Resende	Itinerários de si: entre a permanência e a mudança (https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94324)	deleuziana/ "...o gesto que nos lança ao movimento de mudança articula-se potente quando o que resta coincide com o que é suficiente para continuar."
8	2010	USP Ribeirão Preto	M	Lucília Maria Sousa Romão	Ludmila Ferrarezi	A biblioteca escolar nas teias do discurso eletrônico (https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-12112013-163230/pt-br.php)	psicanálise/ "...a maneira como é estruturado e (re)construído, a partir do movimento de sujeitos e sentidos que se constituem ao mesmo tempo."
9	2011	UFU	M	Maria Lucia Castilho Romera	Aline Miranda Schwartz de Araújo	Oficinas Itinerantes: Uma Idéia, Um Obstáculo, Um Movimento Constituinte De Subjetividades (http://www.pgpsi.ip.ufu.br/nod/e/125)	psicanálise/ "Milton Santos, que diz: 'Tudo está sujeito a lei do movimento e da renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se'"
10	2011	USP Ribeirão Preto	M	Lucília Maria Sousa Romão	Daniela Giorgenon	Sentidos de inclusão e exclusão na voz de sujeitos escolares: o deslocamento do déficit pela via da falta (https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-21102013-164115/pt-br.php)	psicanálise/ "...agrupados em quatro entradas discursivas que abordam a formação discursiva da "falta" tomada na vertente da "falha", ora como provocadora de

							estagnação ora como provocadora de movimentos para seu tamponamento.”
11	2017	USP	M	Gustavo Martineli Massola	Alan Rizerio da Silva Oliveira	Estudantes em movimento: Caminho e perspectivas de dois militantes estudantis do IP da USP em busca de transformação individual e social (https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5045299)	histórico-cultural; entre outras/ “...as transformações de identidade dos entrevistados ao longo do caminho e as transformações conquistadas no espaço coletivo.”

Fonte: Elaboração própria.

Esses trabalhos acadêmicos foram selecionados por abordarem o conceito de *movimento* indicando mudanças ou transitoriedades qualitativas (e não de deslocamento) com alguma centralidade temática. Trabalhadores (ID 1), analistas (ID 2), catadores (ID 3), homens com envolvimento com crime (ID 4), amputados (ID 5), loucos (ID 9), integrantes de uma comunidade virtual (ID 7), militantes estudantis (ID 11), sujeitos escolares em diversas especificidades (ID's 8, 10), a subjetividade humana (ID 6), enfim, são confrontados com suas realidades desveladas no conflito entre seus papéis representativos nas pesquisas e suas classes sociais, necessidades, momento histórico, história pessoal.

De todos os trabalhos elencados, o mais recente data do ano 2017 e o mais antigo de 1998 (Quadro 04), somando-se quase vinte anos de produções disponíveis na base de dados que abordam *movimento* no sentido mais próximo ao delineado por esta pesquisa. No que diz respeito ao perfil das pesquisas arroladas no Quadro 4 é possível observar, quanto ao ano de publicação/defesa das teses e dissertações, que existe maior concentração após o ano 2000. Em relação à universidade, existiu predominância na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo - PUC-SP (3 pesquisas), seguida pela Universidade de São Paulo - USP, unidade de São Paulo e de Ribeirão Preto e pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC (2 pesquisas cada). A dissertação de ID 5 foi orientada por Ciampa, também vinculado à PUC-SP.

Das únicas três produções que, à primeira análise, tiveram sua realização fora circuito de São Paulo, tem-se a ID 3, vinculada à UFSC, mas em que a

orientadora da pesquisa, Andréa Vieira Zanella, teve sua formação na PUC-SP; a ID 7, também da UFSC, em que a orientadora Mara Lago fez doutoramento na Unicamp; já a ID 9 é da Universidade Federal de Uberlândia - UFU, mas a orientadora Maria Lucia Romera realizou doutoramento na USP e pós-doutoramento na PUC-SP. De fato, a expansão universitária brasileira é evento que se circunstancia mais efetivamente a partir do ano de 2007, com o advento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni) e, mesmo assim, quase a metade (49%) das instituições de ensino superior do país estão concentradas na região sudeste (Costa, 2015), favorecendo a formação de doutorandos em psicologia nesse estado. Observemos o Quadro 5 com algumas informações acadêmicas a respeito dos orientadores das pesquisas relacionadas (elencadas no Quadro 4) e levantadas de seus currículos Lattes.

Quadro 5: Informações sobre os orientadores.

ID	Orient	Orientador do orient.	Univ	Área	Tema/Teoria	Vínculo emprego	Obs.
1	Silvia Tatiana Maurer Lane	Aniela Ginsberg	PUC-SP	Psicologia	Linguagem; Grupos Socio-Culturais	PUC-SP	
2	Gilberto Safra	Ryad Simon	USP/SP	Psi clínica	Psicanálise	USP/SP e PUC-SP	
3	Andréa Vieira Zanella	Claudia Davis	PUC-SP	Psi Social	Atividade na perspectiva histórico-cultural	UFSC	
4	Maria Clotilde Therezinha Rossetti Ferreira	Brian Foss and James Douglas	University of London	Psi Desenvolv.	Relação mãe-criança	USP/RP	
5	Antonio da Costa Ciampa	Silvia Tatiana Maurer Lane	PUC-SP	Psi Social	Identidade; Metamorfose	PUC-SP	
6	Silvia Tatiana Maurer Lane	Aniela Ginsberg	PUC-SP	Psicologia	Linguagem; Grupos Socio-Culturais	PUC-SP	
7	Mara Coelho de Souza Lago	Angel Pino Sirgado	Unicamp	Educação	Identidade Deleuze	UFSC	
8	Lucília Maria Sousa	Leda Verdiani Tfouni	USP/RP	Linguística, Letras e	Análise do discurso;	USP/RP	

	Romão			Artes	Psicanálise		
9	Maria Lucia Castilho Romera	Antônio Paschoal Agatti	USP/SP	Psi. Escolar e do Desenv.	Psicanálise	UFU	Pós-doc PUC-SP
10	Lucília Maria Sousa Romão	Leda Verdiani Tfouni	USP/RP	Linguística, Letras e Artes	Análise do discurso; Psicanálise	USP/RP	
11	Gustavo Martineli Massola	Eda Terezinha de O. Tassara	USP/SP	Psi Social	Controle social; Psicologia Social; Políticas públicas; Instituições	USP/SP	

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os dois trabalhos vinculados à USP de Ribeirão Preto tiveram a mesma orientadora, Lucília Romão, que é coordenadora do Grupo de Pesquisa "Discurso e memória: movimentos do sujeito", adepta de vertente teórica psicanalítica e que trabalha com análise do discurso; e duas das quatro pesquisas vinculadas à PUC-SP foram orientadas por Silvia Lane, uma das precursoras no estudo da psicologia histórico-cultural no Brasil, conforme abordado na introdução. A esse respeito, inclusive, a teoria que embasou o maior número das produções acadêmicas que trataram de *movimento* no sentido circunscrito na presente pesquisa foi a histórico-cultural, que esteve presente em 5 dos 11 trabalhos, seguida pela psicanálise (4), teoria do Self (1) e de base deleuziana (1).

Inicialmente, havíamos aventado a possibilidade de o uso do termo ocorrer ou indiscriminadamente, ou com vinculação específica ao materialismo histórico, o que não se confirmou, já que, em geral, as pesquisas elencadas têm relação com diversas teorias que endossam leituras da dialética, seja no materialismo histórico ou na crítica à dialética hegeliana realizada e incorporada por Deleuze, filósofo que, de acordo com Bueno (2017), desenvolve em sua obra uma "ontologia anti dialética do devir". Entretanto, pela compreensão dos resumos confirmou-se a hipótese de o termo não ser definido nas pesquisas elencadas, apenas adotado como sinônimo de mudança/transformação.

A correlação do termo movimento no seu sentido dialético pode ser especialmente observada nos trabalhos de ID's 1, 3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11. Desses, conforme já apontado, três foram desenvolvidos por pós-graduandos da PUC-SP, universidade que também vinculava docentes que atuaram como estudiosos da

psicologia soviética - ou ao menos do que lhe era de possível acesso no Brasil das décadas de 1970-80 - e que podem ser apontados como alguns dos precursores da psicologia histórico-cultural no país, bem como foram responsáveis pela organização e publicação do livro “Psicologia Social - O homem em movimento”, do qual Silvia Lane - orientadora das pesquisas de ID's 1 e 6 - é autora de textos que o compõem e uma das organizadoras, conforme abordado de forma mais detalhada no texto introdutório desta pesquisa. Dos professores orientadores da PUC-SP, Silvia Lane foi ainda orientadora de Antonio Ciampa - orientador da pesquisa de ID 5. Já Gilberto Safra, orientador da ID 2, é vinculado à psicologia clínica e psicanálise.

Dessa feita, é possível observar que São Paulo parece ser o reduto do *movimento*²¹ na psicologia, notadamente a PUC da capital paulista, que permeada pela psicologia de base marxista, a qual contemporaneamente denominamos de histórico-cultural, provocou a todos com a ideia, aparentemente inovadora - para alguns, até os dias atuais - da possibilidade de alteração de tudo que existe conforme existe, ou seja, a potência de *movimento* de acordo com as possibilidades concretas e materiais, ou ainda, do *movimento* de ser humano, sociedade, cultura em relação dialética com seus processos e produtos.

O levantamento dessas pesquisas permitiu elencar elementos que possibilitaram corroborar o que era inicialmente aventado, tanto sobre a inexistência de definições e estudos do termo *movimento* e seu uso como sinônimo de mudanças e transformações, bem como a correlação entre o termo e a dialética e, ainda, vinculação com a psicologia histórico-cultural brasileira, legatária da psicologia soviética. Esses tópicos, a saber, dialética e psicologia soviética - no caso, a vigotskiana por sua vinculação deliberada e manifesta à dialética marxiana - serão abordados nas próximas seções deste capítulo visando a um delineamento do conceito de *movimento* para a PHC.

2.1 DA DIALÉTICA ATÉ O MATERIALISMO HISTÓRICO

A psicologia histórico-cultural, teoria que permeia e também objeto deste estudo, tem suas bases na dialética materialista pensada pela filosofia marxiana

²¹ Importante destacar novamente o contexto histórico que concentra quase metade das instituições de ensino superior na região sudeste do Brasil (Costa, 2015) e que caracteriza São Paulo como sendo um importante pólo universitário brasileiro e para a psicologia, tendo abrigado a primeira universidade do país e as primeiras disciplinas obrigatórias em psicologia, guardando certa tradição no ensino e pesquisa na área (Lisboa e Barbosa, 2009).

mais de dois mil anos após o desenvolvimento desse pensamento pelos pré-socráticos. Essa dialética específica viabiliza a compreensão do ser humano que é produto e produtor de si e de seu meio. Mas, muito antes, conceitos como potência e dialética, em sua concepção mais genérica equivalente à arte do diálogo, foram difundidos (Schopenhauer, 2003; Konder, 2008). Realizaremos, com vistas à contribuição para análise do material levantado bem como do tema norteador da pesquisa, uma digressão teórica e histórica a respeito, nos atendo aos conceitos delineados por Kant, Hegel e Marx em subseções específicas.

A dialética representa uma ampla diversidade de conceitos, conforme os pensadores, as abordagens e os enfoques históricos e epistêmicos. De forma genérica, com base na origem etimológica da palavra, que é grega (*dialektike*), significaria a arte da discussão ou do diálogo (Russ, 1994; Zen e Sgarbi, 2018).

A Sócrates (469-399 a.C.) é atribuída, por alguns estudiosos, a notoriedade de método à dialética, com a proposição da maiêutica e ironia enquanto *modus operandi* de diálogo, reflexão e convencimento. Esse pensador inaugura um enfoque diferente à filosofia grega, - embora já ocorrido em pensamentos filosóficos não-ocidentais - com atenção a questões ligadas às experiências humanas, à ética, ao conhecimento, em contraponto com o enfoque no entendimento da natureza das coisas e do universo (Zen e Sgarbi, 2018; Castro, 2014; Konder, 2008). Para ele, o conhecimento verdadeiro só seria alcançado por esse método, que consistia basicamente na realização de questionamentos sobre um tema ao interlocutor, simulando desconhecimento sobre o assunto e provocando a produção de novas perguntas até o alcance, por si só, de algum grau de conhecimento:

A ironia socrática difere do sentido comum que a damos em nosso cotidiano, quando afirmamos uma coisa querendo dizer outra, por exemplo, dizemos que algo é belo quando na verdade o consideramos feio. Por sua vez, a ironia socrática consiste em perguntar, simulando não saber. Desse modo, o interlocutor expõe sua opinião, à qual Sócrates contrapõe com argumentos que o fazem perceber a ilusão do conhecimento; já a maiêutica significava o processo educativo socrático de fazer perguntas a fim de conduzir o discípulo a alcançar por si só o conhecimento verdadeiro. Por conseguinte a maiêutica socrática constitui-se na investigação dos conceitos, conduzindo o interlocutor a fazer novas perguntas para que possa chegar ao conhecimento verdadeiro por si mesmo (Zen e Sgarbi, 2018; p. 82).

Platão, discípulo de Sócrates e aquele que teria registrado alguns de seus pensamentos, já que o próprio não o fez (Schopenhauer, 2003), propôs que o verdadeiro conhecimento ou *episteme* se contrapunha ao conhecimento sensorial,

pautado nos sentidos, que seria superficial ou imperfeito, denominado *doxa*. A *episteme* configuraria o conhecimento racional, pautado no pensamento, na reflexão, nas ideias imateriais (Chauí, 2002; Zen e Sgarbi, 2018).

É possível observar no excerto de República (Platão), sobre os segmentos do mundo cognoscível:

Na primeira parte desse segmento, a alma, utilizando as imagens dos objetos que no segmento precedente eram os originais, é obrigada a estabelecer suas análises partindo de hipóteses, seguindo um caminho que a leva, não a um princípio, mas a uma conclusão. No segundo segmento, a alma parte da hipótese para chegar ao princípio absoluto, sem lançar mão das imagens, como no caso anterior, e desenvolve a sua análise servindo-se unicamente das idéias.

No excerto a seguir, que pertence à obra Teeteto (Platão, s/d):

Aqui a falta de lealdade consiste em entabular o diálogo sem fazer a necessária distinção entre o que é discussão propriamente dita e investigação dialética. No primeiro caso, o disputador diverte-se com o adversário e procura logrã-lo o mais possível; no outro, o dialético procede com seriedade e esforça-se por levantar o adversário, com mostrar-lhe apenas os erros em que ele incorrerá, ou fosse por conta própria ou por má orientação de outros diretores (p. 29).

Teodoro — Não é fácil, Sócrates, ficar um sentado ao teu lado e esquivar-se a gente de responder às tuas perguntas. (...) Não largas quem se aproxima de ti, enquanto não o obrigas a despir-se e a medir-se contigo na dialética (pp. 30-31).

Para Platão, como para Sócrates, a dialética é um método que permite o conhecimento da essência das coisas, ou seja, favorece *Episteme*. Em diálogo escrito por Platão, no Livro VII em A República, Sócrates explica a Glauco, em definição, que o método dialético está entre a opinião e a ciência, sendo mais evidente que a opinião, mas mais obscuro, complexo que a ciência, sendo um *conhecimento discursivo*. Em suas palavras:

Portanto, o método dialético é o único que se eleva, destruindo as hipóteses, até o próprio princípio para estabelecer com solidez as suas conclusões, e que realmente afasta, pouco a pouco, o olhar da alma da lama grosseira em que está mergulhado e o eleva para a região superior, usando como auxiliares para esta conversão as artes que enumeramos. Demos-lhes por diversas vezes o nome de ciências por dever de costume; mas deviam ter outra denominação, que imporia mais clareza que o de opinião e mais obscuridade que o de ciência. Ficará melhor designada como conhecimento discursivo (Platão, s/d; p. 326).

De forma sintética, Paviani (1995) abre seu artigo definindo que a dialética em Platão é “um modo (método) de conhecer, de filosofar, através da mediação de conceitos (ideias)” e o procedimento dialético exigiria formação específica do filósofo. Para Platão, ainda, a dialética poderia ser ascendente, que movimenta o

interlocutor das aparências sensíveis às ideias, ou, inversamente, descendente, quando o filósofo provoca o interlocutor ao movimento de retomar, a partir das ideias, o cotidiano sensível (Chauí, 2002; Russ, 1994; Paviani, 1995).

Aristóteles (384-322 a.C.), discípulo de Platão, teria atribuído a origem da dialética a Zênon de Eleia (aproximadamente 490-430 a.C.) (Chauí, 2002; Mondolfo, 1971). Com Aristóteles, a dialética se caracterizaria, como em Sócrates e Platão, ao debate de ideias, portanto, seria propedêutica ou introdutória à ciência, em especial no que concerne ao método indutivo - que propõe a análise de situações particulares ou específicas para caminhar à generalização (Pereira, 2001). Entretanto, Aristóteles discordou de Platão, classificando a dialética como o debate de ideias contrárias, opostas, nisso distingue o silogismo dialético do silogismo científico, já que neste as premissas seriam universais.

O silogismo dialético é aquele que comporta argumentações contrárias, como as dos sofistas e mesmo como as de Sócrates nos diálogos platônicos. Suas premissas são opiniões ou se referem a coisas contingentes que não são objeto de ciências, mas de persuasão. Por isso, a dialética é uma discussão entre opiniões e argumentos contrários, cuja conclusão é obtida pela força persuasiva maior de um argumento ou de uma opinião sobre outros (Chauí, 2002; p. 375).

O excerto de Poética (Aristóteles) seguinte pode ilustrar tal afirmativa:

Expressões aparentemente contraditórias, importa examiná-las como nas refutações dialéticas; verificar se do mesmo se trata, na mesma relação e no mesmo sentido; e analogamente, se o poeta cai em contradição com o que ele próprio diz, ou com o que, sobre o que ele diz, pensa uma mente sã (Poética, 2003, Pará. 177).

Na filosofia escolástica, que preponderou na Idade Média, tendo sido desenvolvida entre os séculos IX e XVII, na Europa, o pensamento teve importante influência aristotélica. Um dos nomes mais conhecidos é o de Tomás de Aquino, cuja perspectiva consistiu, em termos gerais, buscar a conciliação entre fé e razão (Russ, 1994).

Para Tomás de Aquino, a dialética se constitui como parte da prudência em seu sentido amplo - incluindo a ciência especulativa ou teórica, que se contrapõe com as ciências práticas -, juntamente com a retórica e a física, como um dispositivo que possibilita fundar opiniões por meio de probabilidades, conforme descreve na questão 48, intitulada “As partes da prudência”, em sua Suma Teológica V:

Se, agora, a prudência é tomada em sentido amplo, enquanto inclui também a ciência especulativa, como foi dito acima, então, a dialética, a retórica e a física são postas como suas partes, segundo os três modos usados nas

ciências: em uma se procede por demonstração para se obter a ciência: é a função da *física*, compreendendo sob esse nome todas as ciências demonstrativas. Em outra, se procede a partir de probabilidades para fundar uma opinião: é a *dialética*. Em uma terceira, se procede a partir de conjecturas que criam uma suspeita ou uma certa persuasão: é o papel da *retórica*. - Pode-se dizer, no entanto, que essas três últimas se referem à prudência propriamente dita; porque raciocina, às vezes, a partir do necessário; às vezes, a partir do provável; ou, ainda, a partir de conjecturas (Aquino, 2004; p. 616).

Nesse contexto, prudência é a primeira das virtudes cardeais abordadas pelo pensador, apontada como a que proporciona um meio para as virtudes morais, e que apresenta um caráter intelectual, estando vinculada à razão prática. Tomás de Aquino a define nas palavras de Agostinho: “A prudência é amor que escolhe com sagacidade entre as coisas que lhe favorecem e as que se lhe opõem” (Aquino, 2004; p. 585). Os atos de prudência configuram-se como decisões com retidão moral e eficazes, envolvendo conhecimento, vontade, bondade e abnegação (Soler, 2013).

Dessa forma, dialética pode ser entendida para Sócrates e Platão como método para o movimento de ideias, com Aristóteles, além disso, passa a envolver a contradição de ideias. Tomás de Aquino tem, como os escolásticos, influência de Aristóteles e a considera parte da prudência, uma das virtudes cardeais.

É possível compreender que nos primórdios do uso do termo e conceituações iniciais da dialética enquanto método, ela esteve vinculada, ao menos até a idade média, com a concepção de diálogo e convencimento em direção a uma ampliação de conhecimento ou discernimento. Era, portanto, um artifício do e para o “mundo das ideias” favorecendo o conhecimento em relação com o mundo sensível, concepção que é, de certa maneira, retomada por Kant.

O contraponto rudimentar entre concretude e ideias já era identificado e, a dialética, vinculada ao plano das ideias, era compreendida como meio ideal para favorecer o conhecimento, de ocorrência no plano das ideias. Àquela época, o aprimoramento do conhecimento carregava consigo uma conotação de valor, afinal, antes do advento da ciência moderna, o metafísico guardava em sua complexidade aquilo que distinguiria os humanos, conhecimento, sabedoria. Com Kant será possível notar algumas semelhanças nesse sentido.

2.1.1 Kant e a dialética transcendental

O pensamento de Immanuel Kant (1724-1804), além de proporcionar um conceito sobre dialética que se distingue em aplicabilidade dos anteriormente apresentados, guarda relevância para o entendimento de uma possível primeira leitura “científica” da dialética e nos fornece subsídios para a compreensão da dialética nos *corpus* teóricos de dois importantes pensadores que contribuirão sobremaneira com nosso debate: Georg Wilhelm Friedrich Hegel e Karl Marx. Kant foi um pensador iluminista vinculado ao empirismo.

O ambiente no qual se desenvolve a filosofia kantiana é o da ascensão da burguesia e dos ideais liberais na Europa, ideias estas que, de variadas formas, agitavam o debate intelectual alemão. O Iluminismo já havia entrado na Alemanha, principalmente por meio de Wolff, de quem Kant trará vários referenciais para sua obra. O ambiente intelectual alemão, no entanto, tradicionalmente idealista, dominado por vários sistemas metafísicos, começou por receber, da parte de Kant, grande reprovação. No começo de sua trajetória intelectual, Kant havia se ligado de maneira intensa às ciências naturais, às comprovações empíricas, científicas, muito mais que propriamente aos sistemas de filosofia. No contato com a filosofia inglesa, empirista, Kant absorveu muito das críticas ao modo filosófico idealista e racionalista que fora sempre a marca da filosofia da Europa continental, da Alemanha, sobremaneira (Mascaro, 2018; p. 218).

Para considerar a proposta dialética kantiana de forma mais fidedigna, precisaremos abarcar alguns pontos de sua teoria, em especial a apresentada em *Crítica da Razão Pura* (Kant, 2001), obra na qual o autor investiga a possibilidade de a metafísica, ou pensamento filosófico, ser considerada ciência tal qual as ciências naturais, matemática e física, que estavam em uma crescente de definições e descobertas. A metafísica, em contrapartida, estava diluída em estudos e vozes não unânimes, ou seja, sem leis gerais e sem que se pudesse observar os considerados “avanços” que a ciência natural vinha apresentando.

Visando à investigação sobre a possibilidade de a metafísica ser considerada no âmbito da ciência, Kant se propõe à delimitação ou definição do que pertence ou não à Ciência e à Razão. Esse exame crítico da razão é simbolizado pelo autor na tradução de um tribunal no qual a razão é concomitantemente juíza e ré, ou seja, o uso da razão para operar críticas à própria razão.

Evidentemente que não é efeito de leviandade, mas do juízo* amadurecido da época, que já não se deixa seduzir por um saber aparente; é um convite à razão para de novo empreender a mais difícil das suas tarefas, a do conhecimento de si mesma e da constituição de um tribunal que lhe assegure as pretensões legítimas e, em contrapartida, possa condenar-lhe todas as presunções infundadas; e tudo isto, não por decisão arbitrária, mas em nome das suas leis eternas e imutáveis. Esse tribunal outra coisa não é que a própria *Crítica da Razão Pura* (Kant, 2001; A XII)

Na empreitada de tal análise, Kant define o conhecimento²² com uma distinção epistemológica que pode ser *a priori* ou *a posteriori*. O conhecimento *a priori*, a exemplo da visão racionalista, representa aquele que independe da experiência, que é universal e “puramente” racional. Já o conhecimento *a posteriori* é empírico, particular, vinculado à experiência, como a visão empirista. Em contrapartida, os juízos seriam distinções lógico-semânticas, podendo ser considerados *sintéticos*, que se caracterizam como juízos de ampliação de um entendimento, ou seja, um juízo emitido ou predicado que, independente do sujeito, lhe agrega informações; já os juízos *analíticos* são de elucidação, ou seja, o predicado tem conexão com a identidade do sujeito. Essas definições nos importam porque são base para o entendimento dos “juízos sintéticos *a priori*” que se configuram, ao menos conceitualmente, para o autor, no verdadeiro núcleo da teoria do conhecimento ou do saber científico, porque são universais, necessários e verdadeiros e ampliam o entendimento, fazendo prosperar o conhecimento.

Kant (2001) postula a parte V do primeiro capítulo como: “Em todas as ciências teóricas da razão encontram-se, como princípios, juízos sintéticos *a priori*”, e especifica que na Matemática, o juízo sintético *a priori* é a Estética, investigando a sensibilidade espaço-tempo; na Física e nas ciências da natureza o juízo sintético *a priori* é a Analítica, que investiga os princípios apriorísticos da natureza para seu entendimento; já na Metafísica, Kant não investiga como são possíveis os juízos sintéticos *a priori*, mas se são possíveis, ou seja, se a metafísica tem condições de ser considerada ciência.

Dessa maneira, Kant conclui que a metafísica não é uma ciência, porque não possui juízos sintéticos *a priori*, não possui definições apriorísticas e método específico, tão somente procedimentos que são aproximações a conceitos. A filosofia seria orientada por estruturas transcendentais, princípios *a priori*, formas como conhecemos os objetos: a *Sensibilidade* - que é a faculdade das intuições, formada pelo espaço e tempo enquanto instâncias internas ao sujeito, maneira pela qual os objetos “nos são dados” - e o *Entendimento* - que é a faculdade dos conceitos, maneira pela qual os objetos são pensados e é formado por categorias,

²² As primeiras traduções utilizaram o termo “conhecimento”, algumas utilizam o termo “cognição” (do alemão *Erkenntnis*), como significando a ‘representação consciente relacionada a um objeto’ (Klein, 2012; 180-181).

leis, regras pelas quais as intuições são sintetizadas. Entendimento e sensibilidade, interdependentes, possibilitam o conhecimento, porque são condição para juízos sintéticos a priori.

...há dois troncos do conhecimento humano, porventura oriundos de uma raiz comum, mas para nós desconhecida, que são a sensibilidade e o entendimento; pela primeira são-nos dados os objetos, mas pela segunda são esses objetos pensados. Na medida em que a sensibilidade deverá conter representações a priori, que constituem as condições mediante as quais os objetos nos são dados, pertence à filosofia transcendental. A teoria transcendental da sensibilidade deve formar a primeira parte da ciência dos elementos, porquanto as condições, pelas quais unicamente nos são dados os objetos do conhecimento humano, precedem as condições segundo as quais esses mesmos objetos são pensados (Kant, 2001; B30).

De tal maneira, é possível compreender que, para Kant, o humano é passível de conhecimento, mas o único que se apresenta como verdadeiro e que constitui a ciência é o conhecimento generalizável, universal. Esses conhecimentos são passíveis de leis, predeterminações e também passíveis de juízos sintéticos a priori, ou seja, conceitos apriorísticos que fundamentam seu corpus de conhecimento. Note-se que as ideias de Kant estão permeadas pelas iluministas, que justamente se contrapunham às medievais, ao colocar o conhecimento, a razão, a ciência como aspectos centrais e uma vinculação desses aspectos com imparcialidade e objetividade. À filosofia, por não ser suficientemente objetiva para produzir universalidade e generalização, não caberia o reconhecimento como ciência, mas pode ser realizada com vistas a alguns rigores de base científica.

Outra distinção fundante da filosofia kantiana é entre *fenômenos* - as coisas como aparecem ao sujeito, guardando correlação com os sentidos, o condicionado - e *númenos* - as coisas tal como são nelas mesmas, “a coisa em si”, o incondicionado. Os númenos são incognoscíveis em sua totalidade e, apesar de não poderem ser conhecidos, são passíveis de serem pensados. A Razão, para Kant, busca o incondicionado, apesar de ser passível de conhecimento apenas no âmbito fenomênico. Ela tem a tendência a ir além do sensível, resultando em *ideias transcendentais*, que seriam objetos da metafísica analisados por Kant que se situam além do espaço-tempo, não sendo apreensíveis pela sensibilidade, mas apesar de não existirem no mundo sensível, não serem entidades físicas, são objetos da metafísica.

Esta doutrina transcendental da faculdade de julgar deverá conter dois capítulos: o primeiro, que trata da condição sensível, a única que permite o uso dos conceitos do entendimento, isto é, do esquematismo do entendimento puro; o segundo, que trata dos juízos sintéticos que decorrem

a priori, sob essas condições, dos conceitos puros do entendimento e que constituem o fundamento de todos os outros conhecimentos a priori, ou seja, dos princípios do entendimento puro (Kant, 2001; A136).

O postulado de Kant (2001) sobre os elementos do conhecimento se divide em duas partes: a (1) *Estética Transcendental*, que se ocupa da *sensibilidade*, como já exposto, e a (2) *Lógica Transcendental* que, por sua vez, se divide em duas possibilidades, a (A) *Analítica*, que se ocupa do *entendimento* e suas categorias, e a (B) *Dialética Transcendental*, que está relacionada à *Razão* e sua tendência de ir além do fenomênico.

Aqui cabe um esclarecimento quanto ao uso do termo “*transcendental*”, que não guarda vinculação com seu uso no período medieval, relacionado a deus ou a algo sobrehumano. Em Kant, transcendental tem relação com o que transcende à razão fenomênica, com as condições que avaliam a possibilidade de conhecimento humano.

A “teoria transcendental dos elementos” do conhecimento é uma análise meta-teórica que parte do empírico, separa toda a matéria do conhecimento dada na percepção sensorial, e se concentra na análise das “estruturas” formais que presidem e organizam todo nosso conhecimento na experiência que temos do mundo. Primeiro as da percepção, depois as da inteligência, e por fim as da razão propriamente dita: trata-se por isso de uma teoria que discrimina e analisa separadamente cada tipo de estrutura e depois mostra como elas se articulam, por assim dizer, a fim de configurar a arcabouço formal que condiciona ou preside toda a cognição e o raciocínio humanos, revelando o “esqueleto” de toda a experiência que pode ser considerada conhecimento de objetos de percepção atual ou possível (e mesmo o de todo o pensamento de entes que não são objeto de percepção). Por isso a teoria é transcendental, a saber, porque investiga todas e cada uma das estruturas que devemos admitir como *conditiones sine quibus non* da nossa experiência; que de certo modo, portanto, “transcendem” a experiência dos dados sensoriais do nosso conhecimento (Bonaccini, 2012; p. 81).

Nas palavras de Kant: “Chamo transcendental a todo o conhecimento que em geral se ocupa menos dos objetos, que do nosso modo de os conhecer, na medida em que este deve ser possível a priori” (B25). Portanto, é transcendental o conhecimento que, pautado na *Revolução Copernicana* proposta pelo autor, tem como primazia a análise da possibilidade desse conhecimento, colocando como centro a ser analisado o sujeito e não o objeto de análise.

Com essas considerações, retomemos ao nosso enfoque, a Dialética que, na teoria kantiana, é postulada como Transcendental, em uma postura crítica ao que o autor denomina como “dialética aparente”, frequente nas “prestidigitagens metafísicas” (metafísicas ilusórias), ou seja, há a crítica à abordagem dialética na

metafísica até então, que o autor descreve como “presunções sem fundamento” e “simples ação de julgar o entendimento puro e acautelá-lo de ilusões sofisticadas” (A64). E ainda “Chamamos à dialética em geral uma lógica da aparência” (A293).

Já à dialética transcendental kantiana cabe:

A dialética transcendental deverá pois contentar-se com descobrir a aparência de juízos transcendentais, evitando ao mesmo tempo que essa aparência nos engane; mas nunca alcançará que essa aparência desapareça (como a aparência lógica) e deixe de ser aparência. Pois trata-se de uma ilusão natural e inevitável, assente, aliás, em princípios subjetivos, que apresenta como objetivos, enquanto a dialética lógica, para resolver os paralogismos, apenas tem de descobrir um erro na aplicação dos princípios, ou uma aparência artificial na sua imitação. Há, pois, uma dialética da razão pura natural e inevitável; não me refiro à dialética em que um principiante se enreda por falta de conhecimentos, ou àquela que qualquer sofista engenhosamente imaginou para confundir gente sensata, mas à que está inseparavelmente ligada à razão humana e que, descoberta embora a ilusão, não deixará de lhe apresentar miragens e lançá-la incessantemente em erros momentâneos, que terão de ser constantemente eliminados (Kant, 2001; A 298 B 355).

Portanto, a dialética transcendental atua nos “conflitos da razão”, já que a razão tende ao numênico, apesar de não poder conhecê-lo. Entretanto, apesar de não poder ser conhecido tal qual o fenômeno, o númeno pode ser pensado. E, quando se pensa sobre o incognoscível, o intelecto recai em “Ilusões Transcendentais”, que são equívocos involuntários da razão - involuntários porque a razão tende a ir além do sensível. A dialética transcendental funciona, portanto, como crítica às ilusões transcendentais, apontando seus limites de incognoscibilidade e suas possibilidades de serem pensadas.

Esta experimentação da razão pura tem grande analogia com a que os químicos, por vezes, denominam redução e em geral processo sintético. A análise do metafísico divide o conhecimento puro a priori em dois elementos muito diferentes: o das coisas como fenômenos e o das coisas em si. A dialética reúne-os para os pôr de acordo com a idéia racional e necessária do incondicionado e verifica que essa concordância se obtém unicamente graças a essa distinção a qual é, portanto, verdadeira (Kant, 2001; BXXI).

A teoria kantiana apresenta, na Crítica da Razão Pura, uma análise de estruturas que constituem o conhecimento humano conforme o ideário iluminista. E a lógica transcendental, com a analítica e a dialética transcendentais compõem estruturas de conhecimento, respectivamente do entendimento (que dá a forma, similar à inteligência) e da razão (tendência a ir além do fenômeno), que junto com a sensibilidade (que dá o conteúdo, similar à percepção) compõem nosso modo de conhecer. A dialética transcendental kantiana, ao atuar nos conflitos da razão e

tornar o numênico passível de ser pensado, torna possível a metafísica, embora não como ciência, por meio da análise e da pensabilidade de seus objetos.

A situação da dialética se inverte em relação à Aristóteles. Para este (...) o real dado não é contraditório, mas uno. (...) Em Kant, não há compromisso com uma realidade una. Ao contrário, o mundo se apresenta como um caos que à razão cabe ordenar (...) Assim, como ele [Kant], a dialética deixa de ser item, abandona o nível lógico-formal e, ascendendo ao nível transcendental, participa da natureza da própria razão, possibilitando-lhe sua aspiração arquetônica (Ferraz Jr., 1971; p. 20).

[...] 3) Dialética, ou teoria acerca dos princípios racionais de concepção e dedução (as ideias da razão e as inferências mediatas que elas possibilitam), e das falácias decorrentes da confusão do estatuto lógico e regulativo das ideias com conceitos ontológicos e constitutivos de objetos supostamente inteligíveis. Na verdade, é precisamente em virtude dos argumentos contidos nessa última (3) parte da Crítica da razão pura que a filosofia transcendental apresentada por Kant pode ser propriamente considerada “filosofia crítica”... (Bonaccini, 2012; p. 83).

A dialética transcendental tem papel importante na teoria kantiana, já que é condição ao conhecimento desenvolvido pela metafísica, e se caracteriza em uma nova leitura da dialética que supera as anteriores no sentido de simples diálogos ou entrecruzamento de ideias, definindo-lhe um objetivo central em sua teoria que é a pensabilidade dos númenos, o que leva à possibilidade da metafísica nos preceitos iluministas, apesar de sua inviabilidade enquanto ciência, conforme a sentença do tribunal representado pela Crítica da Razão Pura em alegoria.

A razão consiste em um postulado fundamental na teoria kantiana, na qual “pensar é agir e o ser é liberdade” (Ferreira, 1976). Nesse contexto, a dialética transcendental constitui meio de pensabilidade para além do fenômeno, mas sem evadir os limites impostos pela necessidade de objetivação, generalização que fundamentam a razão, a ciência moderna. O conceito kantiano insere, a um só tempo, uma concepção de dialética bem como a possibilidade do exercício da filosofia e dos conhecimentos de base reflexiva, social inserindo-as na lógica iluminista própria de seu tempo.

O iluminismo, assim como o liberalismo econômico e político, defende uma ideia de ser humano livre para utilizar sua razão por si mesmo. Para Kant (2008), em texto intitulado “Resposta à pergunta: o que é iluminismo?”, o iluminismo constitui a possibilidade de o ser humano utilizar o seu próprio entendimento - o qual não utiliza por falta de coragem e de decisão - sem a necessidade de ser orientado por alguém. Seres humanos se subjugaram ao controle de outros devido à “preguiça e covardia” (Kant, 2008; p. 09). A dialética transcendental pode ser compreendida, assim como

uma concepção que permeia o pensamento kantiano, como uma categoria individualista, mediante a qual o humano supera suas próprias limitações abstratas com elucubrações, reflexões, livre em si e por si, sendo, portanto, realizada no plano das ideias.

Numa posição altamente liberal, os indivíduos, por si próprios, são responsáveis pela sua felicidade. O Estado apenas garante as possibilidades da liberdade dos indivíduos, por isso sua função é assegurar, nas palavras de Kant, apenas a justiça. Para Kant, em uma perspectiva muito refratária ao que se possa pensar como crítica das desigualdades sociais, o direito não deve se ocupar do eventual sofrimento do povo. O contrato social, na sua opinião, é tão somente uma ideia que organiza a concretização da justiça enquanto garantia da liberdade (Mascaro, 2018; p. 235).

Hegel critica o postulado da razão kantiano que, por meio da cisão entre a coisa em si e o fenômeno, concebe um ser humano que não suporta pensar a si mesmo, conferindo à razão uma autoridade a qual está submetida o ser humano em sua impotência (Ferreira, 1976).

Pois o conceito formal do objeto do conhecimento, derivado de maneira inteiramente pura, a coesão matemática e a necessidade de leis da natureza como ideal de conhecimento transformam este último cada vez mais numa contemplação metódica e consciente dos puros conjuntos formais, das “leis” que funcionam na realidade objetiva, sem intervenção do sujeito. Portanto, a tentativa de eliminar o elemento irracional inerente ao conteúdo não é mais dirigida somente para o objeto, mas, de maneira crescente, também para o sujeito. A elucidação crítica da contemplação esforça-se de modo cada vez mais enérgico para suprimir integralmente de sua própria atitude todos os aspectos subjetivos e irracionais, todo elemento antropomórfico; busca destacar com vigor crescente o sujeito do conhecimento do “homem” e transformá-lo num sujeito puro, puramente formal (Lukács, 2003; p. 270-271).

Lukács (2003), enquanto crítico de base marxista, observa a contribuição de Kant como pensador que proporcionou o desenvolvimento da filosofia e do racionalismo modernos de forma que engendra submissão dos fenômenos à previsibilidade e ao entendimento e também que concebe um sujeito que não pode se tornar objeto de conhecimento - ou, nas palavras de Lefebvre (2006), o Eu e o Não-eu e a concepção de oposição binária que ocasiona. Essa leitura kantiana permeou a formação da sociedade capitalista.

Segue-se que a inexorabilidade dos poderes não dominados adquire um caráter totalmente novo. Outrora, era o poder cego de um destino irracional em seu fundamento o ponto em que cessa toda possibilidade de uma faculdade humana de conhecer, em que começa a transcendência absoluta, o reino da fé etc., Agora, em contrapartida, essa inexorabilidade aparece como a consequência inevitável de sistemas de leis conhecidas, cognoscíveis e racionais, como uma necessidade que não pode ser compreendida em seu fundamento último nem em sua ampla totalidade, como o faz claramente a filosofia crítica ao contrário dos seus predecessores dogmáticos. No entanto, as partes dessa totalidade - o círculo vital no qual o homem vive — são cada vez mais penetradas, calculadas e previstas (Lukács, 2003; p. 272).

É possível compreender que a liberdade kantiana no uso da razão individualiza a responsabilidade em ser subjugado e subjugar os indivíduos a uma construção de conhecimento que é inatingível, embora possa ser perseguido por meio da dialética transcendental. Em outros termos, poderia-se conceber que esse arcabouço substituíra a busca por Deus, marcada na Idade Média, pela busca pela razão e, assim como ao humano é negado conhecer plenamente a deus, em Kant lhe é negado conhecer-se a si mesmo. Já para Hegel, realidade e racionalidade estão em equivalência:

2.1.2 Hegel e a Dialética especulativa

Para Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770-1831), contemporâneo das revoluções europeias do Século XIX que promoveram a consolidação burguesa e ascensão iluminista, tinha na realidade alemã a dominação prussiana com a convivência do absolutismo e relações ainda feudais (Mascaro, 2018). A dialética é a lógica que permeia a leitura de mundo que esse pensador propõe, a leitura do todo, e não apenas um procedimento, como se configurava para os clássicos, escolásticos e mesmo para Kant.

Hegel, no entanto, pôde apreender as transformações de seu mundo constituindo uma teoria geral que se centra, da mesma forma que seu tempo, no problema filosófico da transformação, da história, da mudança. É justamente nessa processualidade que se funda a base do pensamento hegeliano. Muito diverso, pois, de Kant, à medida que para este – imbuído dos propósitos iluministas e racionalistas de busca de orientações universais e eternas – as questões filosóficas a serem trabalhadas eram sempre compreendidas em termos de estruturas que se assentavam de maneira necessária e não histórica. Para Hegel, a diferença está justamente em tratar de compreender o porquê e a forma das mudanças, pois é na mudança que se pauta o mundo (Mascaro, 2018; p. 247).

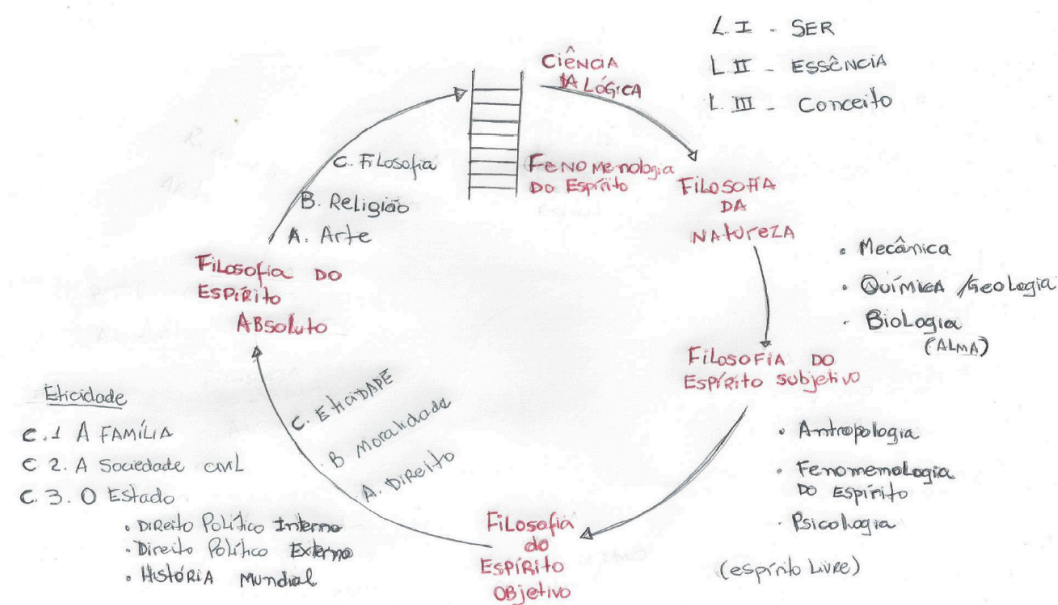
É com este pensador que a dialética assume uma significação mais complexa. De forma bastante simplificada e genérica, a dialética é, para Hegel, um dos momentos do lógico-real, ou seja, daquilo que é realidade. Para refletir, ao menos em partes, a respeito da complexidade dessa configuração, vamos explorar o sistema hegeliano buscando nos ater naquilo que avaliamos que poderá contribuir com a construção do nosso objeto de estudo, especialmente excertos de *Fenomenologia do Espírito* e *Ciência da Lógica*, já que consideramos que tão somente a leitura hegeliana vinculada ao conceito de *movimento* já abarcaria uma tese e que autores como Kant, Hegel e Marx têm meandros e contribuições para serem estudados vida afora. Curiosamente, isso que propomos realizar é algo que o pensador provavelmente rechaçaria, assim como caçoou da necessidade de existência de seu próprio prefácio (Hegel, 2014; p. 23): “Com efeito, não se pode considerar válido, em relação ao modo como deve ser exposta a verdade filosófica, o que num prefácio seria conveniente dizer sobre a filosofia; por exemplo, fazer um esboço histórico da tendência e do ponto de vista, [...]”. Entretanto, não podemos nos furtar da influência e das determinações de tempo modernas que instituem o pensar acadêmico.

A escolha do enfoque nas obras mencionadas ocorreu mediante análise do sistema hegeliano. Trata-se da filosofia hegeliana, da produção teórica de Hegel, uma produção que guarda relações e forma um corpus teórico que tem contribuições que visam refletir sobre a dinâmica dos seres humanos no mundo - e não somente dos humanos, pois algumas configurações que o pensador explicita seriam movimentos que descreveriam a realidade, independentemente das manifestações humanas, tais como movimentos planetários²³.

²³ Por exemplo: “Assim, por exemplo, é um silogismo de analogia quando dizemos: “Até hoje em todos os planetas se encontrou essa lei do movimento; logo um novo planeta descoberto mover-se-á, verossimilmente, segundo essa mesma lei”. Com razão, a analogia está em grande consideração nas

Oliveira (2020) elaborou e disponibilizou um esquema gráfico que, embora artesanal, é representativo do sistema hegeliano e possibilita maior didática ao entendimento:

Figura 1: Esquema sistema Hegeliano²⁴



Fonte: Oliveira, 2020.

Legenda: fundo branco com as obras de Hegel escritas a mão em caneta vermelha, inter-relacionadas por setas e apresentando seus principais conceitos em preto.

O esquema representa as obras escritas em caneta vermelha, e o movimento de conexão entre elas, além de representar algumas das principais tríades do pensamento hegeliano no entorno. As tríades constituem momentos de constituição do pensamento, o que será melhor abarcado ao abordarmos sobre *A Ciência da Lógica*. É possível observar que não existe ponto de entrada no sistema, ou seja, para aprender o pensamento hegeliano não existe necessariamente um ponto de partida, introdução ou início específico, tampouco existe um resultado ou final, característica que demonstra sua visão de mundo e sobre o pensamento, como também abordaremos.

ciências empíricas, e se chegou a resultados muito importantes seguindo esse caminho.” (Hegel, 1995; p. 325)

²⁴ Optamos por manter o gráfico rascunhado a mão, conforme apresentado pelo autor, por compreendermos que refazê-lo digitalmente poderia concorrer como plágio em alguma instância e a sua manutenção se deu por entendermos que sua disponibilização facilita a visualização das obras e ideias principais do sistema hegeliano.

Na minha Fenomenologia do Espírito — que, por isso, quando se publicou foi designada como a primeira parte do Sistema da Ciência — tomou-se o caminho de começar pela primeira [e] mais simples manifestação do espírito, pela consciência imediata, e de desenvolver sua dialética até ao ponto de vista da ciência filosófica, cuja necessidade é mostrada através dessa progressão. Mas para isso não se podia ter ficado no formal da simples consciência: pois o ponto de vista do saber filosófico é em si ao mesmo tempo o mais rico de conteúdo e o mais concreto; por conseguinte, ao desprender-se como resultado, ele pressupunha também as figuras concretas da consciência, como, por exemplo, as figuras da moral, da ética, da arte, da religião. O desenvolvimento do conteúdo, dos objetos [que são] partes próprias da ciência filosófica, incide pois ao mesmo tempo nesse desenvolvimento da consciência — que inicialmente parecia restrito apenas ao formal. Esse desenvolvimento deve, por assim dizer, avançar por detrás da consciência, na medida em que o conteúdo se relaciona à consciência como Em-si. A exposição torna-se, por isso, mais complicada, e o que pertence às partes concretas já recai parcialmente nessa introdução [à Ciência].

A consideração a efetuar aqui tem ainda mais o inconveniente de que só pode proceder de modo histórico e raciocinante; mas deve principalmente contribuir para a compreensão de que as questões encontradas na representação sobre a natureza do conhecer sobre fé e assim por diante, e que são tidas por inteiramente concretas, de fato se reduzem a simples determinações-de-pensamento, que aliás só na lógica recebem sua verdadeira solução definitiva (Hegel, 1995; pp. 87-88).

A primeira obra formulada com o objetivo de compor um livro, escrita em 1807, e também a mais conhecida de Hegel, no Brasil, denomina-se *Fenomenologia do Espírito*. Safatle (2019) pondera que esta obra se interpõe como um romance sobre a formação da consciência moderna. Nessa obra, o autor explicita a trajetória da consciência da certeza sensível, ou seja, do contato imediato com um objeto, passando pela consciência-de-si, quando existe a relação do sujeito com o objeto e chegando ao Espírito (Geist), que representaria a apreensão autorreflexiva do objeto, condição necessária ao saber.

No esquema, a obra é representada por uma escada, pois Hegel aponta, no prefácio da obra, que “O espírito, que se sabe desenvolvido assim como espírito, é a ciência.” (Hegel, 2014; p. 37) e que a ciência exige, da consciência-de-si, a elevação (ao Espírito). “Em contrapartida, o indivíduo tem o direito de exigir que a ciência lhe forneça pelo menos a escada para atingir esse ponto de vista, e que o mostre dentro dele mesmo.” (Hegel, 2014; p. 37) E essa seria a proposta da obra, ser essa escada para o indivíduo e apresentar o “vir-a-ser da ciência em geral ou do saber” absoluto (Hegel, 2014; p. 38). Tal qual em Kant, em Hegel o aprimoramento de si e o aprimoramento da ciência estão interligados.

O vir-a-ser é um ponto crucial na obra hegeliana, possível graças à sua dialética. Assim como o sistema hegeliano, nada se esgota ou tem um fim ou

resultado final. Para Hegel, algo finalizado seria algo morto e inexistente, tanto quanto uma tendência não caracteriza algo efetivo. Portanto, o resultado não é um fim ou limite, o limite de algo é aquilo que lhe é diverso ou diferente, a sua negação que promove o seu *movimento*. Todo resultado não é finito, é um resultado momentâneo que carrega em si a potência de seu confronto. Kojève (2002) comenta que a existência de algo para Hegel está relacionada com não ser o que ele é e ser o que ele não é, ou seja, algo será o que se tornar pela negação do que foi.

Com efeito, a Coisa mesma não se esgota em seu fim, mas em sua atualização; nem o resultado é o todo efetivo, mas sim o resultado junto com o seu vir a ser. O fim para si é o universal sem vida, como a tendência é o mero impulso ainda carente de sua efetividade; o resultado nu é o cadáver que deixou atrás de si a tendência. Igualmente, a diversidade é, antes, o limite da Coisa: está ali onde a Coisa deixa de ser; ou é o que a mesma não é. (Hegel, 2014; pp. 24-25)

Hegel descreve os processos de *movimento* no âmbito da experiência por meio de sua leitura da dialética (Safatle, 2019). Portanto, Hegel entende a realidade estando em movimento, seu pensamento abarca a dinamicidade do objeto de análise, do mundo. E o pensador explica o *modus operandi* dessa dinamicidade por meio da estruturação que apresenta da lógica.

Para melhor compreensão do que seria a lógica para Hegel, na introdução à Enciclopédia das Ciências Filosóficas ele anuncia que a ciência pode ser concebida em uma tríade, na qual a lógica se configuraria como primeiro momento da ciência, o que permite “localizar” o conceito de lógica no sistema hegeliano:

Assim a ciência se divide em três partes:
I — A lógica, a ciência da idéia em si e para si;
II — A Filosofia da Natureza, como a ciência da idéia em seu ser-outro;
III — A Filosofia do Espírito, enquanto idéia que em seu ser-outro retorna a si mesma (Hegel, 1995; p. 58).

Se em *Fenomenologia do Espírito* o pensador trabalhou com o que podemos traduzir, na imagética, da trajetória da consciência até o espírito absoluto ou o “puro pensar”, em *A Ciência da Lógica* ele expõe como, de que forma, o pensamento pensa a si mesmo. Conforme a definição do pensador:

A lógica é a ciência da idéia pura, ou seja, da idéia no elemento abstrato de pensar. (...) Pode-se bem dizer que a Lógica é a ciência do pensar, de suas determinações e leis. Mas o pensar como tal constitui somente a determinidade universal ou o elemento no qual está a idéia enquanto lógica. A idéia é o pensar, não como pensar formal mas como a totalidade, em desenvolvimento, de suas determinações e leis próprias, que a idéia dá a si mesma: [e] não que já tem e encontra em si mesma (Hegel, 1995; p. 65).

Ao esmiuçar como ocorre a configuração dos pensamentos, Hegel explicita uma descrição do âmbito formal da lógica e sua realização em três momentos:

A lógica tem, segundo a forma, três lados: a) o lado abstrato ou do entendimento; b) o dialético ou negativamente-racional; c) o especulativo ou positivamente racional.

Esses três lados não constituem três partes da Lógica, mas são momentos de todo [e qualquer] lógico-real, isto é, de todo conceito ou de todo verdadeiro em geral. Eles podem ser postos conjuntamente sob o primeiro momento — o do entendimento — e por isso ser mantidos separados uns dos outros; mas, desse modo, não são considerados em sua verdade. A indicação que aqui é feita sobre as determinações do lógico — assim como a [sua] divisão — está aqui somente [numa forma] antecipada e histórica (Hegel, 1995; p. 159).

Após introduzir a visão total do processo, Hegel discrimina esses três momentos da lógica: o entendimento (ou abstrato), o dialético (ou negativamente-racional) e o especulativo (ou positivamente racional).

No que se refere ao entendimento, o conceito remete ao adotado por Kant e que abordamos no excerto referente a esse pensador, ou seja, é a faculdade dos conceitos, por meio da qual os objetos são “pensados” e isso, no sentido kantiano, implica em sua organização, especificação por meio de classificações, de acordo com as 12 categorias propostas por Kant.

O pensar enquanto entendimento fica na determinidade fixa e na diferenciação dela em relação a outra determinidade; um tal Abstrato limitado vale para o pensar enquanto entendimento como [se fosse] para si subsistente e essente (Hegel, 1995; p. 159).

Portanto, para Hegel, o primeiro momento do pensar, ou da lógica, é uma espécie de aproximação inicial com o objeto que inclui sua percepção e uma forma de “catalogação” que possibilita dar contorno, limitá-lo, determinando-o em relação a outros. Não se trata, de maneira alguma, de uma fase rudimentar ou preliminar da lógica, mas sim de um momento inicial e imprescindível, sem o qual os demais momentos são inviabilizados. Ainda sobre o entendimento, é possível concebê-lo enquanto “determinações-de-pensamento”:

O pensar que só produz determinações finitas e nelas se move chama-se entendimento [Verstand] no sentido estrito do termo. Mais precisamente, a finitude das determinações-de-pensamento deve-se compreender de dois modos: um, em que são só subjetivas e têm a oposição permanente no objetivo; outro, em que, por seu conteúdo limitado em geral, persistem na oposição, tanto umas para com as outras como também, mais ainda, para com o absoluto (Hegel, 1995; p. 87).

Essas “determinações-de-pensamento” são assim definidas enquanto determinações na medida em que são constatações e definições do objeto que lhe conferem identidade, mas não são determinações permanentes, pois ao serem encontradas “se convertem em seu contrário”, ou seja, suscitam contradições. Essas contradições dizem respeito ao momento dialético da lógica hegeliana. O entendimento dá contornos, limites, identidade, mas a razão encontra em cada finito (delimitado) um infinito (possibilidades). A respeito do momento dialético, Hegel (1995) direciona que se refere ao momento em que se dá uma suspensão das determinações fixas do entendimento, ultrapassa os limites criados pelo movimento em direção ao seu contrário, no qual existe um confronto com o contraditório de forma a “chacoalhar as caixinhas” nas quais o objeto foi classificado pelo entendimento (Oliveira, 2020):

O momento dialético é o próprio suprasumir-se [suspender-se]²⁵ de tais determinações finitas e seu ultrapassar para suas opostas.

1º) O dialético, tomado para si pelo entendimento separadamente, constitui o ceticismo — sobretudo quando é mostrado em conceitos científicos: o ceticismo contém a simples negação como resultado do dialético.

2º) A dialética é habitualmente considerada como uma arte exterior, que por capricho suscita confusão nos conceitos determinados, e uma simples aparência de contradições entre eles; de modo que não seriam uma nulidade essas determinações e sim essa aparência; e ao contrário seria verdadeiro o que pertence ao entendimento. Muitas vezes, a dialética também não passa de um sistema subjetivo de balanço, de um raciocínio que vai para lá e para cá, onde falta o conteúdo, e a nudez é recoberta por essa argúcia que produz tal raciocínio. Em sua determinidade peculiar, a dialética é antes a natureza própria e verdadeira das determinações-do-entendimento — das coisas e do finito em geral. A reflexão é, antes de tudo, o ultrapassar sobre a determinidade isolada, e um relacionar dessa última pelo qual ela é posta em relação — embora sendo mantida em seu valor isolado. A dialética, ao contrário, é esse ultrapassar imanente, em que a unilateralidade, a limitação das determinações do entendimento é exposta como ela é, isto é, como sua negação. Todo o finito é isto; suprasumir-se [suspender-se] a si mesmo. O dialético constitui pois a alma motriz do progredir científico; e é o único princípio pelo qual entram no conteúdo da ciência a conexão e a necessidade imanentes, assim como, no dialético em geral, reside a verdadeira elevação — não exterior — sobre o finito (Hegel, 1995; pp. 162-163).

O momento dialético constitui, portanto, a circunstância que provoca o *movimento*, possibilitando que um objeto que num primeiro momento estava dado, definido, finito em sua definição, possa se desencaixar, ser suspenso em oposições que o mobilizam no sentido do que ele não é. No tocante à possibilidade de

²⁵ Existe um debate de estudiosos de Hegel quanto ao uso do termo “suprasumir” na tradução, já que não existe significado condizente na língua portuguesa. Defende-se que a tradução do termo em alemão *Aufhebung* seria mais condizente, em nossa língua e realidade, com a complexidade do termo *suspensão*.

movimento conferida pela dialética e à abrangência dessa potência na realidade, Hegel (1995) explicita:

Tudo o que nos rodeia pode ser considerado como um exemplo do dialético. Sabemos que todo o finito, em lugar de ser algo firme e último, é antes variável e passageiro; e não é por outra coisa senão pela dialética do finito que ele, enquanto é em si o Outro de si mesmo, é levado também para além do que ele é imediatamente, e converte-se em seu oposto. Se foi dito antes (§ 80) que o entendimento podia ser considerado como o que está contido na representação da bondade de Deus, assim há que notar agora [a respeito] da dialética, tomada no mesmo sentido (objetivo), que seu princípio corresponde à representação da potência de Deus. Dizemos que todas as coisas (isto é, todo o finito enquanto tal) vão a juízo, e temos nisso a intuição da dialética como da potência universal irresistível diante da qual nada pode resistir — por seguro e firme que se possa julgar. Com essa determinação sem dúvida não está ainda esgotada a profundidade da essência divina — o conceito de Deus —; mas ela forma, na certa, um momento essencial em toda a consciência religiosa.

Além do mais, a dialética se faz vigente em todas as esferas e formações do mundo natural e do mundo espiritual. Assim, por exemplo, no movimento dos corpos celestes. Um planeta está agora nesta posição, porém é em si [por natureza] estar também em outra posição; e, movendo-se, leva à existência esse seu ser-Outro. Do mesmo modo, os elementos físicos se mostram como dialéticos, e o processo meteorológico é a aparição de sua dialética. E o mesmo princípio que forma a base de todos os outros processos naturais; e pelo qual, ao mesmo tempo, a natureza é impelida para além de si mesma (Hegel, 1995; p. 165).

A dialética e, portanto, o pensar contraditório, é a natureza do pensar, já que sem o contraditório haveria apenas algo como uma identificação, constatação, ou seja, o pensar, refletir, é permeado pelo negativo, pelo que “aquilo” não é.

Constitui um lado capital da lógica a intelecção de que a natureza do pensar mesmo é a dialética, de que o pensar enquanto entendimento deve necessariamente cair no negativo de si mesmo — na contradição. O pensar, desesperando de poder [a partir] de si mesmo efetuar também a resolução da contradição em que ele mesmo está posto, retorna às soluções e aos calmantes que foram dados ao espírito em outras de suas modalidades e formas (Hegel, 1995; p. 51).

Entretanto, para Hegel - diferentemente da abordagem marxiana, que será abarcada na próxima seção - uma ideia não tem resultado (mesmo que temporário) em sua negação e, dessa forma, transpõe-se o terceiro momento formal da lógica, o positivamente-racional ou o momento especulativo:

O especulativo ou positivamente racional apreende a unidade das determinações em sua oposição: o afirmativo que está contido em sua resolução e em sua passagem [a outra coisa].

1º) A dialética tem um resultado positivo por ter um conteúdo determinado, ou por seu resultado na verdade não ser o nada vazio, abstrato, mas a negação de certas determinações que são contidas no resultado, precisamente porque este não é um nada imediato, mas um resultado.

2º) Esse racional, portanto, embora seja algo pensado — também abstrato —, é ao mesmo tempo algo concreto, porque não é unidade simples, formal, mas unidade de determinações diferentes. Por isso a filosofia em geral nada

tem a ver, absolutamente, com simples abstrações ou pensamentos formais, mas somente com pensamentos concretos.

3º) Na Lógica especulativa, a simples Lógica de entendimento está contida e pode ser construída a partir dela; para isso não é preciso senão deixar de lado o dialético e racional; torna-se assim o que é a Lógica ordinária, uma história de variadas determinações de pensamento reunidas, que em sua finitude valem por algo infinito (Hegel, 1995; §82, pp. 166-167).

Esse terceiro momento, que consistiria em um resultado momentâneo, é positivo - em oposição ao momento dialético negativo - embora seja o resultado do momento dialético e negativo e é possível e contingente dos dois primeiros momentos, ou seja, ele é constituído pelo entendimento e pelo dialético, sendo concomitantemente concreto e abstrato. Noutros termos, a oposição entre entendimento e momento dialético é *suspensa* por uma unidade que abrange esses dois “lados” ou momentos e revela a *verdade* dessa oposição num positivo, um momento especulativo. Esses três momentos, frequentemente possibilitam a assunção de tríades para elucidar os momentos de desenvolvimento de conceitos. A teoria da lógica, por exemplo, é apresentada em três partes ou doutrinas: Ser, Essência e Conceito (ou Ideia).

Esses três lados não são considerados partes da lógica, conforme aponta Hegel (1995) já no início do §79, mas sim momentos de uma *totalidade* lógica, de um *todo* verdadeiro. A verdade é, para Hegel, o processo e o resultado de *movimento* e do passar de um a outro momento por meio da oposição. A verdade é o resultado momentâneo (momento especulativo) mas também é o caminho (movimento) que o possibilitou, já que o modo como se chega ao momento especulativo o constitui (Oliveira, 2020).

Para “pensar o pensamento”, Hegel propõe que se principie pelo conceito mais abstrato e imediato possível, um conceito absoluto, adotando para isso o conceito “ser”. Não se é sem alguma correlação ou definição. O conceito *ser* é tão abstrato que até mesmo em definição é exíguo: “O ser puro constitui o começo, porque é tanto puro pensamento quanto é o imediato indeterminado, simples; ora, o primeiro começo não pode ser algo mediatizado e, além do mais, determinado” (Hegel, 1995; §86, p. 175).

A figura do “ser” é tão indeterminada que é nada, suspendendo-se em seu contraditório:

Ora, esse puro ser é *pura abstração*, e portanto o *absolutamente-negativo* que, tomado de modo igualmente imediato, é o nada.

1 — Daí se segue a segunda definição do absoluto: a saber que ele é o nada (Hegel, 1995; §87, p. 178).

Ser e nada são intrínsecos e suas definições mesmas transitam de um a outro para existirem, ou seja, um é determinado com base no outro. “Nada, o puro nada; ele é igualdade pura consigo mesmo, vacuidade perfeita, ausência de determinação e de conteúdo; indistinção nele mesmo...” O exemplo apresentado que permite melhor entendimento é o da pura luz e da pura treva: tanto em uma situação como em outra a visão é ofuscada e representam o vazio, como ser e nada. “O nada, enquanto esse nada imediato, igual a si mesmo, é também, inversamente, o mesmo que o ser. A verdade do ser, assim como do nada, é portanto a unidade dos dois: essa unidade é o vir-a-ser” (Hegel, 1995; p. 180).

Ser e nada retornam um ao outro em uma espécie de autodefinição mútua, e são suspensos em um terceiro elemento, um momento positivo, que se constitui no devir.

O devir se caracteriza em Hegel como o constante transitar entre um e outro, sendo o transitar aquilo que ele tem como um “terceiro”, cuja ação gera a identidade do ser e do nada, que “caem” um no outro incessantemente, se mantendo, assim, uma unidade que mantém a diferença entre ser e nada (Nicolau, 2011; p. 62).

Oliveira (2020) explica que o devir é a “meia luz”, que só é possível ter visibilidade na suspensão da oposição absoluta entre luz e trevas. O devir é um “ser-aí”, ou seja, um “ser” um pouco mais determinado, não mais um “ser puro”. Portanto a unidade de *ser* e *nada* é realizada na pauta do *ser* - do contrário, do nada, já que a inexistência representada inviabilizaria a construção da teoria, já que nada representa ausência, indeterminação. Ser, positivo, e Nada, negativo, são suspensos de sua oposição imediata numa verdade, que é totalidade dessa oposição, o *devir*, que é um ente passível de entendimento (determinado).

Portanto, temos que a dialética, na visão hegeliana, consiste em um fenômeno da existência, de como a natureza se manifesta, se movimenta, por assim dizer. Em relação ao processo de conhecimento, o pensador a descreve como um momento formal da lógica, o segundo momento ou momento da negação-racional, que ocorre após o contato inicial com o objeto, contato esse que possibilita o entendimento, ou seja a apreensão inicial e categorização, delimitação desse objeto.

No momento dialético, o objeto é negado em seu contraditório. Note-se que a contradição não implica em contrariedade ou simples oposição. É esse momento

que possibilita *movimento*, pois ao lidar com a negação ou o que não é, o objeto é confrontado com suas possibilidades de transformação, com seu vir-a-ser. Mas, na visão hegeliana, o processo não se encerra em seu negativo, então tem-se um retorno ao positivo, uma afirmação.

Trata-se do momento especulativo e esse termo assume a conotação de espelhamento (e não de especular, investigar, conjecturar), pois o objeto reflete sobre si mesmo, como num espelhamento, e assume uma afirmação com base num retornado-a-si. Ao se constituir em verdade ou afirmação definida, delimitada, se configura novamente como entendimento. Retomamos o primeiro momento formal, processual da lógica, mas não retornamos em termos de conteúdo.

Importante atentar também para a compreensão de que essa verdade, ou o resultado do processo de lógica engendrado pelos três momentos descritos, é constituída no plano das ideias. Daí então a afirmação de que a concepção hegeliana é idealista e também a vinculação do pensador ao idealismo alemão, já que para ele a ciência é realizada, a verdade é possível por meio da contemplação e descrição do real reveladas no/pelo pensamento. Kojève (2002) aponta que:

... a atitude do filósofo ou do erudito em relação ao Ser e ao real é a da contemplação puramente passiva, e a atividade filosófica ou científica reduz-se à pura e simples descrição do real e do Ser. O método hegeliano não é nada dialético: é puramente contemplativo e descritivo (...). No prefácio e na introdução da *Fenomenologia*, Hegel destaca o aspecto passivo, contemplativo e descritivo do método científico. Ressalta que só existe uma dialética do pensamento científico porque existe uma dialética do Ser que esse pensamento revela. Se a descrição reveladora estiver correta, é possível afirmar que a ordem e a conexão das ideias também estão em conformidade com a ordem e conexão das coisas; porque a ordem e a conexão do real são, para Hegel, dialéticas. (...) a totalidade real revelada do Ser [ou o que utilizamos como nomenclatura 'verdade'] é não apenas Ser, mas ainda revelação do ser ou pensamento; e essa totalidade revelada é Espírito. O que é dialético ou trinitário é o Geist [Espírito] e não o Sein [Ser]; o Ser é apenas o primeiro elemento constitutivo (momento) do Espírito (p. 423; comentários nossos).

A verdade, o real, apesar de ser dialeticamente constituído, somente pode ser revelado completamente por meio da abstração:

... o verdadeiro e o conceito são algo de lógico e real ao mesmo tempo, um conceito realizado ou uma realidade concebida. (...) O Ser só pode ser revelado pelo pensamento, só existe um pensamento no Ser e do Ser porque o Ser é dialético; isto é, porque o Ser implica um elemento constitutivo negativo ou navegador. É a dialética real do Ser existente que é, entre outros, a revelação do real e do Ser pelo discurso ou pelo pensamento (Kojève, 2002; p. 422)

Tem-se portanto, com Hegel, a dialética em uma concepção complexa, potente, porém limitada em termos de criticidade e historicidade:

... do mundo grego até a concepção idealista de Hegel, o ser humano se define por uma essência humana a - histórica. Esta determina a história da humanidade, mas não pode ser determinada ou alterada pela história. Trata-se da existência de forças ou de ser eterno, fixo, onipotente e imutável. Hegel, do qual Marx é inicialmente discípulo, desenvolveu o pensamento dialético, mas não no plano da realidade histórica e sim no plano da ideia (Frigotto, 2020; p. 19).

A dialética hegeliana consiste numa dinâmica de contradição que permeia a realidade, realidade esta que só pode ser plena, por assim dizer, por meio de seu conhecimento pelo ser humano, o que se dá pelos três momentos de sua lógica, que inclui a dialética ou momento da negação racional. Portanto, pode-se dizer que, para Hegel, a realidade está dada, cabendo ao ser humano apreendê-la e realizá-la abstratamente, no plano das ideias.

2.1.3 Marx e a Dialética Materialista e Histórica

Karl Heinrich Marx (1818-1883), apesar da formação em filosofia, da extensa leitura crítica e das ideias inovadoras, não desenvolveu um sistema filosófico, como o hegeliano, mas dispôs-se a desenvolver uma “crítica da economia política”, o trabalho focado em uma vida que resultou nos três, quase quatro livros de *O Capital*, a saber: Livro I - *O processo de produção do capital*, Livro II - *O processo de circulação do capital* e Livro III - *O processo global da produção capitalista*.

Apesar de lhe ser atribuída, com frequência, a criação ou proposição do materialismo histórico e dialético, Marx não teria utilizado essa designação para seu método ou a epistemologia que adotava. Sua produção, especialmente a produção de estudos que gerou a publicação de livros, tinha objetivo definido e explícito voltado à crítica da economia política e não à criação de um sistema, conforme já manifestamos. O termo foi incorporado ao corpus teórico marxista pelos estudiosos de Marx e seu socialismo.

Esse apontamento quanto à produção de obras especificamente para livros tem fundamento de existir porque nem todo livro atribuído a Karl Marx foi elaborado por ele e tampouco com a finalidade de constituir uma obra única. Algumas publicações são oriundas de coletâneas de textos, artigos e algumas edições incluem até mesmo capítulos de comentadores ou estudiosos marxistas, a exemplo

da obra que conhecemos como Manuscritos Econômico-Filosóficos ou Manuscritos de Paris que, além de se constituir de coletânea de artigos, conta com um capítulo de autoria dos editores intitulado “Crítica da dialética e da filosofia de Hegel”.

Outra mística, no sentido de conhecimentos propagados mas com pouca base real, que envolve Marx tem ligação com sua postura crítica que se revelava em uma escrita aguerrida e provocativa. Como estudioso, demonstrava ter leituras e buscar conhecimento por diversas fontes, geralmente avaliando criticamente, o que gerou comentários ácidos e muitas vezes beirando a depreciação sobre importantes pensadores. O vínculo teórico de Marx com o hegelianismo, por exemplo, existiu, não sem as devidas observações e limites colocados por uma releitura analítica. O uso de sua leitura da dialética é notável em seu *O Capital*, tanto que Althusser aponta em texto introdutório à obra que:

“Já lembramos que uma das origens de seu pensamento foi a dialética do idealismo absoluto. É sintomático que durante a redação do primeiro livro d’*O capital* ele tenha relido a *Ciência da lógica* de Hegel. O vocabulário e a inspiração desse livro, que funde lógica e ontologia, provocam nos comentadores de Marx as maiores dores de cabeça e os maiores desatinos” (Marx, 2013; p. 55).

Apesar da colocação de Fulda (2017) em citação à Carta de 9/5/1868 de Marx na qual teria exposto que “*Quando se livrasse do fardo econômico, ele escreveria uma “dialética”*”, o que não veio a ocorrer, o que se pode então afirmar é que, em sua obra concretizada, Marx não estava, em geral, deliberadamente, preocupado com um projeto filosófico, em passar a receita dos óculos com os quais propunha ler a realidade, mas sim em desnudar a realidade, desvelando seu método à medida em que o colocava em prática para atingir seu objetivo central. Para compreender a dialética na visão de Marx, esse mesmo autor (Fulda, 2017) nos sugere em sua 2ª Tese:

... deve-se investigar como os escritos econômicos sistemáticos de Marx organizaram o material da economia burguesa de seu tempo. Os pontos de vista sob os quais essa investigação deve ser conduzida surgem quando vinculamos as declarações diretas de Marx acerca da dialética – tais como se encontram no *Capital*, nos *Grundrisse* e nas cartas dessa época – com sua crítica, realizada nos anos 1840, à dialética hegeliana (p. 110).

A leitura da lógica hegeliana constituiu interesse do pensador quando estudava os fundamentos de seu projeto de crítica da economia política, o que pôde ser especialmente expresso nos *Grundrisse* (datado do final da década de 1850), em análises categoriais, e no Posfácio da segunda edição de *O Capital* (1872), que

é a obra em que mais encontramos referências diretas ao seu próprio entendimento da dialética, geralmente em referência à de Hegel. Marx afirma que:

Meu método dialético, em seus fundamentos, não é apenas diferente do método hegeliano, mas exatamente seu oposto. Para Hegel, o processo de pensamento, que ele, sob o nome de Ideia, chega mesmo a transformar num sujeito autônomo, é o demiurgo do processo efetivo, o qual constitui apenas a manifestação externa do primeiro. Para mim, ao contrário, o ideal não é mais do que o material, transposto e traduzido na cabeça do homem (Marx, 2013; p. 78).

De modo semelhante, Marx escrevera a Kugelmann, em 1868: “Ele [Dühring] sabe muito bem que meu método de desenvolvimento não é o hegeliano, pois sou materialista, e Hegel, idealista. A dialética de Hegel é a forma fundamental de toda dialética, mas apenas depois de despida de sua forma mística, e é exatamente isso que distingue o meu método” (N. E. A. MEGA) (Marx, 2011; p. 597).

O que poderíamos afirmar, simplificada e, como a demonstração materialista da leitura da dialética por Marx, pode ser melhor compreendido ao considerarmos o excerto seguinte:

Nele [Hegel], ela [dialética] se encontra *de cabeça para baixo* [do avesso]. É preciso desvirá-la, a fim de descobrir o cerne racional dentro do invólucro místico (Marx, 2013; p. 79. Comentários e grifos da autora com base em Fulda, 2017).

O verbo empregado por Marx é *umstülpen*, que quer dizer inverter, mas também virar do avesso; ao se descalçar uma luva, ela fica do avesso (Grespan, 2017; p. 107).

Conforme apresentamos no subitem precedente, a proposta hegeliana da dialética a configura como uma parte que representa a negação, contraposição de uma unidade e que tem como resultado uma outra unidade conceitual, em um processo que se dá no campo das ideias. Marx, por sua vez, destaca que essa é uma visão mistificada e que a dialética é, em si, o processo como um todo que parte de unidades aparentes desvelando contradições que lhe são constituintes, imbricadas. Nesse sentido, Marx vira a dialética hegeliana “do avesso” (Fulda, 2017).

Em sua forma mistificada, a dialética esteve em moda na Alemanha porque parecia glorificar o existente. Em sua configuração racional, ela constitui um escândalo e um horror para a burguesia e seus porta-vozes doutrinários, uma vez que, na inteligência positiva do existente, inclui, ao mesmo tempo, a inteligência de sua negação, de seu necessário perecimento. Além disso, apreende toda forma desenvolvida no fluxo do movimento, portanto, incluindo o seu lado transitório; porque não se deixa intimidar por nada e é, por essência, crítica e revolucionária (Marx, 2013; p. 79).

Em vez de procurar o elemento positivo em tudo de negativo que há, por exemplo, na história, conforme dito textualmente por Hegel na sua *A razão na história*, a dialética de Marx, “crítica e revolucionária”, encontra “a negação” no “existente” positivamente entendido. De modo dialético, conteúdo e forma se constituem reciprocamente (Grespan, 2017; p. 108).

Destacando-se as diferenças, ainda assim é possível reconhecer, em Marx e por Marx, a importância da contribuição da proposta de Hegel, em especial no que concerne às contradições, o que o próprio Hegel compreendia como sendo o cerne da possibilidade de movimento, só que um movimento do espírito, das ideias, enquanto a inversão marxiana desloca, com sua releitura, o movimento para a realidade.

A mistificação que a dialética sofre nas mãos de Hegel não impede em absoluto que ele tenha sido o primeiro a expor, de modo amplo e consciente, suas formas gerais de movimento (Marx, 2013; p. 79).

Apesar de suas mistificações, a dialética de Hegel conteria um núcleo [Kern] racional que vale ser liberado. Ele deve conectar-se do modo mais estreito à avaliação de Hegel acerca da negatividade e do papel da contradição, que asseguram à dialética sua função crítica e revolucionária (Fulda, 2017; p. 111).

Com tais pressupostos, a dialética marxiana possibilita análises críticas da realidade, permeadas pela possibilidade de movimento e transformações, já que concebe que a realidade que conhecemos enquanto unidade linear aparente, formada por aparentes conceitos estanques, está permeada de contradição. O que em Hegel era concebido como um resultado ou momento conclusivo do processo lógico de suspensão dos contraditórios com a elevação de uma unidade identitária afirmativa, em Marx e sua dialética materialista, às avessas de Hegel, é tido como momento principal, constitutivo do processo:

Tal inversão na forma está relacionada à inversão do conteúdo, que é a crítica da sociedade burguesa. Em Hegel, a diferença (de grupos sociais, de indivíduos) é o aparente, mas a identidade dialética é que está por trás dessa diferença, relacionando a todos com base no princípio burguês da igualdade, transposto, por exemplo, no Código Civil de Napoleão Bonaparte, que Hegel admirava. Em Marx, ao contrário, a igualdade é o aparente, determinado pela desigualdade social de classe no fundo, ou no interior da luva, como na metáfora de Fulda. A *Umstülpung*, o gesto de desvirar do avesso a dialética, revelaria esse elemento fundamental no conteúdo da crítica de Marx à concepção hegeliana da sociedade civil e à sociedade civil mesma (Grespan, 2017; p. 108).

Peto e Verissimo (2020) elucidam ainda que, enquanto Hegel defende que a razão determina a história e que esta somente pode ser compreendida retroativamente, para Marx o processo histórico é determinado pelos “seres humanos e a produção concreta da realidade pelos seres humanos” (p. 244), ou seja, “Para Marx o ser é prioritário em relação ao pensamento. E este último é um concreto pensado e não um produto autônomo. Essa caracterização se configura mais como uma inversão dos vetores em relação à filosofia especulativa” (p. 249) e que o objetivo da análise histórica seria justamente “elucidar quais são as relações que operam na atualidade” (p. 245).

Em contrapartida, para Feuerbach se daria o contrário, “a objetividade determinava o pensamento” (Peto e Verissimo, 2020; p. 250), definindo que o “Espírito” é, então, determinado pela concretude:

Com isso, Feuerbach afirma a primazia da sensibilidade em oposição à universalidade lógica do “pensamento”. Isso se dá porque é no sensível que a universalidade abstrata dos processos ideias se efetiva e é a partir daquele que esta se estrutura. Os processos ideias, para Feuerbach, não encontram determinação positiva na natureza, permanecendo encerrados na lógica gnosiológica, a não ser que passem pela mediação efetiva do ser sensível. Entre naturalidade e “Espírito” ocorre uma inversão de sujeito e predicado. São os objetos concretos que passam a instituir os limites do ser sensível e do próprio pensamento (Peto e Verissimo, 2020; p. 251).

Ao se contrapor ao idealismo hegeliano, Feuerbach equipara a supremacia que Hegel conferia ao Espírito só que no contexto da materialidade, da concretude, conferindo aos objetos sensíveis autonomia similar à conferida por Hegel aos processos ideais. Nesse contexto, o ser humano se configura numa “determinação objetiva direta, sem mediação” (Peto e Verissimo, 2020; p. 253), ou seja, como um reflexo da realidade. Já para Marx:

Marx afirma que não é a natureza que determina a subjetividade humana. Para Marx, é a efetividade sensível dos seres humanos que fornece as ferramentas fundamentais para a compreensão da subjetividade, e na base desta efetividade está a atividade humana sensível (...) A atividade sensível, tal qual enunciada nos postulados marxianos, é o processo de mediação que se estabelece entre os seres humanos e a dimensão concreta. É uma resposta às teorias que afirmam que o ser humano é ora um reflexo do Espírito ora um reflexo indiferenciado da objetividade. Em outras palavras, é o trânsito insuprimível entre objetividade e a dimensão subjetiva. Com isso, Marx se coloca entre o idealismo hegeliano e o materialismo feuerbachiano. Ele não os rejeita totalmente, mas também não aceita completamente as teses que embasam nenhuma das duas correntes. O que ocorre é uma supressão, ou seja, Marx as “rejeita” ao mesmo tempo em que mantém na síntese dialética, resultante da aproximação de ambas, as características que considera “positivas”. Da primeira, mantém-se a ideia de que a realidade objetiva é, em partes, moldada pela atividade humana. Da última, conserva-se a concepção de que o ser humano é parte da natureza, da objetividade (Peto e Verissimo, 2020; p. 254).

Dessa forma, ocorre que o que denominamos hoje como materialismo histórico e dialético é uma abordagem advinda do pensamento marxiano que, baseado em teorias como as de Hegel e Feuerbach, supressou-as em uma concepção na qual nem o Espírito nem a Natureza determinam uma a outra, mas sim o ser humano, em relação com o meio (natureza, concretude), determina a si mesmo e à natureza.

Paulo Netto (2022) coloca, de forma didática e expositiva, que para o entendimento da dialética em Marx é necessária a compreensão de três categorias que permeiam esse processo, (1) a totalidade, que também constitui uma releitura materialista de Hegel, que consistiria numa “totalidade concreta inclusiva e macroscópica, de máxima complexidade, constituída por totalidades de menor complexidade” (Paulo Netto, 2011; p. 56), (2) a contradição, conforme já abordado nesta seção e que estrutura as totalidades, que são objetos do pensamento, (3) e a mediação, que possibilita as relações entre os processos e sem a qual as contradições ficariam mecânicas.

Ao se dizer que a dialética trata da coisa em si está-se subentendendo primeiro a possibilidade de o entendimento alcançar a integridade e a integralidade dos objetos postos para o conhecimento. A posição do método dialético concebe um ser cognitivo que alcança a totalidade do objeto. Alcançar o todo essencial do objeto, conhecê-lo no seu núcleo mais íntimo é compreendido como uma possibilidade real do sujeito (Chasin, 2010; s/p).

A dialética marxiana permite conceber a possibilidade do conhecimento da totalidade, da realidade. Ser humano e realidade estão imbricados, sendo que a realidade da natureza independe da consciência e da existência do ser humano, já a

realidade humana é parte da natureza e gera uma realidade social e histórica que define a si mesma (Kosik, 1969). A realidade da natureza, enquanto totalidade absoluta, pode ser conhecida mediante movimentos que progridem do abstrato ao concreto, “da parte para o todo e do todo para a parte; do fenômeno para a essência e da essência para o fenômeno; da totalidade para a contradição e da contradição para a totalidade do objeto para o sujeito e do sujeito para o objeto” (Kosik, 1969; p. 30).

Assim se caracteriza o método do pensamento marxiano, segundo Kosik (1969), como a dialética do concreto, na qual “O processo do pensamento não se limita a transformar o todo caótico das representações no todo transparente dos conceitos; no curso do processo o próprio todo é concomitantemente delineado, determinado e compreendido” (Kosik, 1969; p. 30). Sendo assim, Kosik (1969) explicita, com base em Marx, que a dialética:

A dialética trata da "coisa em si". Mas a "coisa em si" não é uma coisa qualquer, e, na verdade, não é nem mesmo uma coisa: a "coisa em si", de que trata a filosofia, é o homem e o seu lugar no universo, ou (o que em outras palavras exprime a mesma coisa): a totalidade do mundo revelada pelo homem na história e o homem que existe na totalidade do mundo (Kosik, 1969; p. 230).

Como já mencionado, não foi possível a Marx alcançar seu projeto futuro de delinear explicitamente sua leitura da dialética hegeliana, mas a importância desse conceito para aquele autor, que cunhou uma releitura às avessas com enfoque às contradições, à realidade e ao movimento são inerentes e expressos no uso da dialética como categoria heurística da crítica da economia política marxiana.

Se Marx não nos deixou a Lógica (com L maiúsculo), deixou-nos a lógica de O capital - e seria conveniente utilizar a fundo esta observação para o problema aqui discutido. Em O capital, são aplicados a uma ciência a lógica, a dialética e a teoria do conhecimento (não são necessárias três palavras: é a mesma coisa) de um materialismo que recolheu tudo o que há de precioso em Hegel e que o fez avançar (Lenin, 2011; p. 201).

A dialética em Marx pode ser lida no modo de exposição e no entendimento do cerne das categorias da crítica da economia política, ou seja, é elemento fundante da teoria marxista, permeando-a em seu cerne, não apenas um momento conceitual. Graças ao conceito marxiano de dialética, é possível conceber o movimento histórico, pautado na realidade e imbricado de contradições. Esse movimento, além de orientado historicamente, demarca a história do ser humano como sendo subjugado não somente pela covardia da omissão racional, como

tentou superar Kant, ou por uma abordagem rasa do Ser, como em Hegel, mas por relações concretas, pelas lutas de classes que engendraram os diversos períodos.

... no método de Marx, a análise dialética crítica dessa realidade contraditória inclui na compreensão positiva da realidade a sua própria negação. O método parte do fenômeno social, como forma acabada da contradição em processo, apreendendo, com base no desenvolvimento interior das formas capitalistas de vida, as contradições centrais desse modo de organização da produção e reprodução social (Amorim e Ferraz, 2007; s/p).

Marx constrói seu aparato teórico com vistas à existência das classes sociais e a luta entre elas de maneira crítica, demonstrando sua vinculação às fases de desenvolvimento produtivo e propondo que essa luta possa encaminhar à ditadura do proletariado que, por sua vez, conduziria à organização de uma sociedade sem classes. Lukács (2003) explicita que é somente a ação da classe que pode transformar a realidade social e que a consciência de classe do proletariado consiste na unidade entre teoria e práxis, no ponto em que a necessidade econômica e a luta emancipadora se suprasseme em liberdade:

A ação, a práxis — nas quais Marx faz culminar suas Teses sobre Feuerbach — implicam, por essência, uma penetração, uma transformação da realidade. Mas a realidade só pode ser compreendida e penetrada como totalidade, e somente um sujeito que é ele mesmo uma totalidade é capaz dessa penetração. (...) Somente a Marx estava reservado descobrir concretamente essa “verdade enquanto sujeito” e estabelecer, assim, a unidade da teoria e da práxis, ao centrar na realidade do processo histórico e limitar a ela a realização da totalidade reconhecida e ao determinar, portanto, a totalidade cognoscível e aquela a ser conhecida (...) somente a classe, por sua ação, pode penetrar a realidade social e transformá-la em sua totalidade. Por isso, por ser a consideração da totalidade, a “crítica” que se exerce a partir desse ponto de vista é a unidade dialética da teoria e da práxis. Ela é, numa unidade dialética indissolúvel, ao mesmo tempo fundamento e consequência, reflexo e motor do processo histórico-dialético (Lukács, 2003; pp. 124-125).

Em *Miséria da Filosofia*, Marx (1946) aponta para o papel dos comunistas, enquanto teóricos do proletariado, de trazer à tona as necessidades das classes oprimidas com vistas à formação de uma sociedade nova, promovendo uma ciência nova e revolucionária ao conceber erigir-se da miséria a revolução.

Do mesmo modo como os economistas são os representantes científicos da classe burguesa, os socialistas e os comunistas são os teóricos da classe proletária. Enquanto o proletariado não se torna bastante desenvolvido para se constituir em classe, enquanto por consequência a própria luta do proletariado com a burguesia não tem ainda um caráter político e as forças produtivas não são ainda bastante desenvolvidas no seio da própria burguesia, para deixarem entrever as condições materiais necessárias à libertação do proletariado e à formação de uma sociedade nova, estes teóricos não são senão utopistas que, para obviar as necessidades das classes oprimidas, improvisam sistemas e põem-se à procura de uma ciência regeneradora. Mas, à medida que a história marcha e que com ela a luta do proletariado se desenha mais nitidamente, eles não têm mais necessidade de procurar a ciência no seu espírito, não têm senão de se inteirar daquilo que se passa diante de seus olhos e de se tornar o órgão disso. Enquanto procuram a ciência e apenas fazem sistemas, enquanto estão no começo da luta, não vêem na miséria senão a miséria, sem ver nela o lado revolucionário, subversivo, que derrubará a velha sociedade. Desde este momento, a ciência produzida pelo movimento histórico, e nele se associando com pleno conhecimento de causa, cessa de ser doutrinária, e se torna revolucionária (Marx, 1946; s/p).

Dessa maneira, a produção marxiana está intrinsecamente vinculada à explicitação da realidade por meio de seu método dialético, numa produção científica com o compromisso político da emancipação da classe trabalhadora. Nas palavras de Engels (1982):

... esta filosofia dialética dissolve todas as representações de verdade absoluta definitiva e os seus correspondentes estados absolutos da humanidade. Perante ela não subsiste nada de definitivo, de absoluto, de sagrado; ela mostra a transitoriedade de tudo e em tudo, e nada subsiste ante ela senão o ininterrupto processo do devir e do perecer, da ascensão sem fim do inferior ao superior, de que ela própria é mero reflexo [Widerspiegelung] no cérebro pensante. Ela também tem, é certo, um lado conservador: ela reconhece a justificação de determinados estádios do conhecimento e da sociedade para o seu tempo e circunstâncias; mas também só isso. O conservadorismo desta maneira de ver é relativo, o seu carácter revolucionário é absoluto — é o único absoluto que ela admite (Engels, 1982; s/p).

É por meio da dialética marxiana que tudo pode ser compreendido em sua totalidade como efêmero, em *movimento*, desde que considerados os determinantes históricos e sociais que o engendram, o que implica, com isso, o caráter radicalmente revolucionário de sua concepção e da realidade.

2.1.4 O *movimento* dialético: retomando em considerações conclusivas

Existem registros do destaque da contradição enquanto elemento fundante da vida mesmo antes do intitulado “milagre grego”. Para os pensadores gregos

antigos, precursores da adoção do termo e das reflexões sobre a dialética, essa consistia essencialmente num processo dialógico.

Kant foi um dos primeiros filósofos a resgatar a dialética com um enfoque mais determinado, outorgando-lhe o papel de estabelecer o “equilíbrio” da razão, já que para esse autor, a razão tende a ir além do fenomênico, única instância cognoscível, e a sua proposta de *dialética transcendental* atua nos “conflitos da razão” conferindo-lhes, se não cognoscibilidade, ao menos pensabilidade. A dialética transcendental é, para esse pensador, um segundo momento da lógica transcendental, o primeiro seria o *entendimento*, caracterizado pela aproximação categorizadora e delimitadora ao objeto.

Hegel, por sua vez, confere à dialética, de forma explícita, o poder de deus, da criação, o poder do movimento, já que a define como segundo momento de sua lógica, em sequência ao primeiro momento do entendimento - sendo este nos mesmos moldes kantianos. A dialética especulativa consistiria em momento no qual ocorre a negação no contraditório e que possibilita um resultado momentâneo, positivamente-racional, ou o terceiro momento de sua lógica, o momento especulativo.

Guardadas as diferenças nos enfoques à dialética, diferenças essas que vieram sendo explicitadas nesta seção e não devem de forma alguma ser minorizadas, seu conceito esteve sempre atrelado à noção de negação, contradição e movimento no sentido de dinamicidade, seja no âmbito individual - a dialética como promotora de reflexões, criticidade, mudança de postura -; no plano das ideias - a dialética enquanto normatizadora dos limites da razão ou como momento de negação de um entendimento fenomênico -; ou na proposta marxiana materialista de compreensão da realidade.

Até Hegel, tem-se concepções de dialéticas enquanto ferramentas que visavam à compreensão mais fiel da realidade, conferindo a essa realidade uma estrutura determinada e a-histórica. Marx, em releitura à proposta hegeliana, confere à dialética papel de destaque pelo seu caráter subversivo, por meio do desvelamento das contradições na compreensão da realidade. Marx coloca a dialética hegeliana “às avessas”, propondo que a realidade que nos parece definida, constituída, é, na verdade, permeada por contradições que precisam ser desveladas para o seu entendimento radical, possibilitando seu movimento, sua transformação.

Sendo a dialética associada a *movimento*, por produzir um caráter de dinamicidade por meio das contradições, considerando-a podemos compreender a realidade não como algo estanque. A contradição consiste no motor da dialética. Mas a dinamicidade não necessariamente implica em transformação, podemos estar nos movendo sempre no mesmo trajeto, como o cão que transita entre o sol da varanda, a cama e a comida, ou como um trem circulando em seus trilhos. É no compromisso revolucionário da dialética marxiana e em seu caráter desvelador das contradições que permeiam a realidade que o método assume seu papel subversivo, emancipador e potencialmente transformador da realidade.

O resgate histórico filosófico sobre a dialética que propusemos neste subcapítulo 2.1 visou tanto a uma retomada de conceitos e fundamentos, já que alguns termos vêm sendo banalizados em seu uso - ou abusados em seu consumo, apropriados pela lógica simplista da reprodução sem embasamento. Justamente por estarmos nos propondo à análise de um termo adotado - ou reproduzido? - sem as devidas responsabilidades conceituais, necessitamos revisitar lugares que nos parecem comuns, à primeira vista, com certo estranhamento, com olhar analítico.

Tendo por base essa re-construção filosófica do conceito que auxilia na compreensão da dialética marxiana, vamos nos aproximar da base teórica que é permeada pelo materialismo histórico e dialético e que norteia a presente pesquisa, abarcando o *movimento* na psicologia histórico-cultural. Nos ateremos a Vigotski, que teve compromisso manifesto com o método marxiano.

2.2 PSICOLOGIA MARXISTA EM *MOVIMENTO*: VIGOTSKI E O DESENVOLVIMENTO

Lev Semenovich Vigotski²⁶, que viveu no período entre os anos 1896-1934, foi contemporâneo à revolução russa (1917), à morte de Lenin e à ascensão de Stalin ao poder (1924-1927), bem como à ascensão do nazi-fascismo (1919-1945). Vinculou-se à universidade de Moscou em 1924 por interlocução com Kornilov. Esse pensador, que se dedicou ao estudo da psicologia, não foi o precursor da psicologia

²⁶ Padronizamos a grafia do nome do pensador russo, neste texto, conforme adotado por Prestes (2010), como Lev Semenovich Vigotski, já que diversas são as grafias adotadas nos países que usam o alfabeto latino como base linguística (Vygotsky, Vigotsky, Vygotski, Vigotskii, Vigotski). Isso é possível porque seu nome, Лев Семёнович Выготский, é traduzido da língua russa, que tem alfabeto próprio.

marxista russa, mas é apontado como sendo o principal responsável por constituir uma psicologia marxista na qual a dialética materialista foi estudada e incorporada e, caracterizando-se como fundação e elementos estruturais, possibilitou o surgimento de um novo edifício, a psicologia que conhecemos como histórico-cultural - embora esse termo não tenha sido alçado nas obras desse pesquisador (Yasnitsky, Van Der Veer, Ferrari, 2014; Luria, 1979; Prestes e Tunes, 2022).

De acordo com o exposto por Luria em seu livro biográfico (1979), foi especialmente com Vigotski que surgiram as bases da psicologia histórico-cultural, pois, de acordo com Luria (1979), Vigotski era o que melhor conhecia a teoria marxista entre eles:

Influenciado por Marx, Vygotsky concluiu que as origens das formas superiores de comportamento consciente deveriam ser encontradas nas relações sociais do indivíduo com o mundo externo. Mas o homem não é apenas um produto de seu ambiente, ele também é um agente ativo na criação desse ambiente. O abismo entre as explicações científicas naturais dos processos elementares e as descrições mentalistas dos processos complexos não poderia ser superado até que pudéssemos descobrir a maneira como os processos naturais, como a maturação física e os mecanismos sensoriais, se entrelaçam com os processos determinados culturalmente para produzir as funções psicológicas dos adultos. Precisávamos, por assim dizer, sair do organismo para descobrir as fontes de formas especificamente humanas de atividade psicológica (Luria, 1979; tradução livre).

Apesar de ser critério para a produção científica na União Soviética aderir e incluir a teoria marxista no escopo, Vigotski foi definido como um marxista comprometido, após publicação e análise de suas notas pessoais (Kravtsov, 2014; Prestes e Tunes, 2022). Kravtsov (2014) cita um trecho da seguinte passagem de anotação de Vigotski, que resgatamos em seu contexto original, para respaldar a afirmativa:

Eu não quero descobrir de graça, juntando um par de citações, o que é psique; quero aprender com o método inteiro de Marx como se estrutura uma ciência, como abordar a investigação da psique, qual suposição escolher como a menos contraditória. A esse respeito, absolutamente não são as afirmações psicológicas acidentais de Marx que são importantes, mas sua doutrina geral sobre o método (Vigotski *in* Zavershneva e Van Der Veer [Orgs], 2018; p. 78; tradução livre).

Disso nos resulta a observação de que esse pensador esteve comprometido com a psicologia e com o marxismo em seu cerne, no resgate histórico e reinventando essa ciência tanto metodológica como epistemicamente, de forma que a compreensão da teoria marxiana nos é indispensável para o entendimento de suas

proposições vinculadas à psicologia, esta não está apenas “coordenada” com aquela (Vigotski, 1999b; p. 415).

A constituição materialista histórico-dialética de Vigotski também é identificada pelos estudiosos do pensador. De acordo com Paes (2006), além de permear todo seu pensamento, algumas questões que demarcam de forma explícita esse posicionamento em sua obra e que podem ser citadas seriam a crítica ao “psicologismo” praticado por vertentes idealistas e também ao ecletismo teórico-metodológico, assim como a compreensão da constituição da consciência em relação dialética com a sociedade enquanto totalidade e determinada pelo trabalho ou atividade humana.

Vigotski teria formulado uma abordagem psicológica de base materialista com uma visão nova dos processos psicológicos humanos que refletia os ideários que permearam a revolução russa nos primeiros anos que se sucederam a esse fato, com estudos de Marx, Engels e Pavlov, mas também com contribuições de autores ocidentais que foram seus contemporâneos, cita-se Kurt Lewin, Heinz Werner, William Stern, Karl e Charlotte Buhler e Wolfgang Koller, entre outros (Prestes; Tunes; Nascimento, 2012).

Sua produção foi ampla e rica, mesmo considerando as dificuldades de produção científica na União Soviética stalinista - já que o pensador foi censurado do ano de 1936 até 1956 -, sua morte prematura por tuberculose e as dificuldades de tradução e organização de seus trabalhos. A publicação das obras de Vigotski no Brasil inaugurou reflexões permeadas pela psicologia soviética em plena ditadura civil-militar (Prestes; Tunes; Nascimento, 2012).

Mas quais eram as características da psicologia sob a proposta de Vigotski? Em “O significado histórico da crise da psicologia”, Vigotski (1999b) nos norteia sobre seu entendimento, resgatando e problematizando o desenvolvimento da psicologia e sua proposta de releitura com bases nos fundamentos marxistas.

O período pós-revolução russa nos anos 1920 e 1930 do século XX é o marco desta história. É nessa época que Vigotski, Luria e Leontiev dão início a uma série de trabalhos conjuntos com um grupo de jovens intelectuais da Rússia, que buscava uma ligação entre o novo regime e a crescente demanda de produção científica. Entendia aquele grupo de jovens cientistas que uma psicologia comprometida com os ideais revolucionários deveria buscar suprir problemas sociais e econômicos da então União Soviética (Palangana, 1998). Segundo Tunes e Prestes (2009), a Rússia do início dos anos 1930 vivia um período marcadamente ideológico, onde a ciência, a cultura e a educação eram moldadas de acordo com as ideias do regime. Todas as produções científicas da época estavam sujeitas à crítica e a repressões do Comitê Central do Partido Comunista da Rússia. [...] Em meio a esse ambiente de crises e revoluções, Vigotski (2004), também via que a Psicologia do mesmo período, final do século XIX e início do século XX, passava por uma crise. Ele fez tal afirmação partindo do princípio de que havia uma dicotomia dentro da Psicologia, caracterizada por duas correntes opostas: o idealismo e o mecanicismo (Souza e Andrada, 2013).

Vigotski (1999b) produziu uma psicologia que buscava superar a dicotomia materialismo x idealismo com uma perspectiva de ser humano social, ativo e tendo como base o marxismo. Esse pensador resgatou historicamente as diversas concepções de psicologia disseminadas na ocasião (1927), realizando levantamento quanto aos limites e contribuições tendo como embasamento o materialismo histórico e dialético, por meio do qual tencionou superar as demais e consolidar sua concepção de psicologia. Propôs-se a diferenciar e unir todo o trabalho psicológico do passado “sobre uma nova base com tudo o que foi estudado cientificamente pela psicologia”, uma ciência que “ainda não existe, terá de ser criada e não por uma só escola”. Para ele, a psicologia se constitui na ciência do homem novo na futura sociedade, sem a qual “a perspectiva do marxismo e da ciência da história seria incompleta” (Vigotski, 1999b; p. 417).

Nessa empreitada, o conceito de desenvolvimento de Vigotski é apontado, por Kravstov (2014), como sendo um *movimento* internamente determinado, uma leitura historicista por meio de método genético-experimental, cujas bases seriam a situação social do desenvolvimento aliada à neoformação central.

Nas anotações de autoria de Vigotski que foram publicadas compiladas sob o capítulo *Psychology as a Science* da coletânea “Vygotsky’s Notebooks: A Selection” (In Zavershneva e Van Der Veer, 2018) podem ser encontrados subsídios que respaldam tal afirmação.

A contagem dos números é um movimento real dos conceitos dentro da aritmética. Contar um número, abstraindo dele, é outra coisa do que contar coisas: a conexão da generalização superior com a inferior e através desta com o objeto. Eles nos sugeriram explicar causalmente a formação de conceitos de fora (para encontrar a força móvel externa). Infelizmente deixamos a porta aberta para tal pergunta. Mas esta é a nossa deficiência. Na verdade, devemos substanciar a parte interior do pensamento - o automovimento dos conceitos. Forças externas, na medida que influenciam o desenvolvimento do estágio superior do conceito, funcionam no estágio precedente mais próximo e age sobre ele, através dele, mas não separado dele. É por isso que a causa imediata de um novo estágio [é] o estágio anterior em sua mudança real, na interação com a realidade externa e a atividade interna como um todo. A aritmética do adulto sempre funciona com base na álgebra, de cima, de acordo com o princípio do movimento reverso, mas a aritmética da criança sempre funciona com base no campo aritmético, de baixo para cima, de acordo com o princípio do movimento direto (Lewin). Assim, o adulto e a criança têm dois campos diferentes, que incluem a mesma operação aritmética. Generalização (incluindo álgebra) sempre significa a inclusão em uma nova Denkstruktur [Denk-struktur = estrutura de pensamento] (Vigotski *in* Zavershneva e Van Der Veer [Orgs], 2018; p. 369; tradução livre; grifos nossos).

Para Vigotski, o desenvolvimento é:

...um processo de formação do homem ou da personalidade que acontece por meio do surgimento, em cada etapa, de novas qualidades, novas formações humanas específicas, preparadas por todo o curso precedente, mas que não se encontram prontas nos degraus anteriores.

É importante levar em consideração duas ideias inevitáveis para uma definição cientificamente correta da nossa compreensão. A primeira é: no desenvolvimento, surge algo novo. Ele não é simplesmente um processo de formação antecipada e isso difere a nossa compreensão da primeira teoria, a do preformismo. Mas é importante dizer também que o novo não cai do céu, surge necessária e regularmente do curso precedente do desenvolvimento, ou seja, é necessário mostrar a relação entre o novo e o precedente. Por isso, ao se rechaçar a primeira teoria, não se pode negar totalmente o que nela é verdadeiro, mais precisamente, a relação entre as etapas posteriores do desenvolvimento e o passado, e que o passado, no futuro, tem uma influência iminente no surgimento do presente. É preciso também ligar isso à ideia de que surgem novas formações e traços específicos do homem seguindo as leis do desenvolvimento, isto é, eles não são acrescentados de fora, de modo inesperado e independente da criança; não caem do céu, não são criados por uma força vital que, em determinada hora, dita seu aparecimento. Seu surgimento é necessária e historicamente preparado pela etapa precedente. Essa segunda ideia também é preciso conservar e arrolar (Vigotski, 2018; p. 36; grifos nossos).

De acordo com esse entendimento, o desenvolvimento caracteriza o *movimento* humano, que é externamente determinado por meio da interação do sujeito, determinações socioculturais e históricas, ademais é automovimento, ou seja, também é internamente determinado, pois a estrutura de pensamento já formada é parte ativa no desenvolvimento.

Nesse sentido, a leitura de Kravstov (2014) é categórica ao afirmar que, para Vigotski, “...desenvolvimento é sempre autodesenvolvimento...”, já que “autodesenvolvimento é um movimento internamente determinado” (p. 35). Essa concepção é associada à Espinosa e, na leitura dos excertos de *Psychology as a Science* (Vigotski in Zavershneva e Van Der Veer [Orgs], 2018), tal concepção pode ser observada, mas é importante notar que não se trata de um movimento determinado exclusivamente por esquemas internos, mas que fora pelo próprio grupo de pesquisadores russos, por muito tempo, tomada como eminentemente ou exclusivamente externa.

Outro conceito do pensador, a zona de desenvolvimento iminente, possibilita contemplar o desenvolvimento em potência. Neste sentido, com enfoque na psicologia histórico-cultural, o conceito de zona de desenvolvimento próximo ou zona de desenvolvimento iminente (Prestes, 2010), banalizado especialmente na área da educação, foi um conceito trabalhado por Vigotski especialmente entre os anos 1933-1934, tendo sido definido, por exemplo, em um artigo que compõe um capítulo do livro que foi intitulado *A Formação Social da Mente*.

O conceito foi muitas vezes difundido de forma fragmentária, com a proposta produtivista de designar um conjunto de pensamentos que a criança ainda não desenvolveu, mas que ela tem condições de desenvolver em um determinado momento e contexto, cabendo ao bom docente identificar e fornecer condições para isso e que poderia ser mensurado, o que consiste em deturpação patente do conceito.

Vigotski (2007) explicita que essa zona

... é a distância entre o nível do desenvolvimento atual da criança, que é definido com ajuda de questões que a criança resolve sozinha, e o nível do desenvolvimento possível da criança, que é definido com a ajuda de problemas que a criança resolve sob a orientação dos adultos e em colaboração com companheiros mais inteligentes (p. 97).

Portanto, a zona de desenvolvimento iminente é aquilo que está em potência de desenvolvimento e que pode ser compreendido como o que uma pessoa consegue realizar ou resolver com auxílio de alguma mediação, seja orientação ou colaboração. Essa zona seria criada mediante a ação ou atividade humana, por exemplo, Vigotski aponta que, em crianças, a zona de desenvolvimento iminente é criada por meio da brincadeira.

Chaiklin (2011) evidencia a necessidade de se colocar a zona de desenvolvimento iminente em seu devido lugar, para que tenha a devida importância, nem a mais, nem a menos, considerando para isso o conceito, no cerne da teoria do desenvolvimento de Vigotski, como sendo o olhar de destaque que esse autor propiciou para a importância do desenvolvimento em iminência, em potência, tanto quanto dos aparatos objetivo e subjetivo do ser para o seu desenvolvimento.

A zona descreve uma relação estrutural, tanto em termos do número, extensão e relações entre funções em desenvolvimento (subjetivo) quanto em relação às funções necessárias para o próximo período etário (objetivo); ou seja, a zona objetiva (quais desenvolvimentos culminarão no próximo período etário) é a mesma para todas as crianças, mas as posições subjetivas de crianças individuais em relação a essa zona objetiva são diferentes (1987, p.209; 1986, p.187; 1982b, p.116-119; para um resumo de 1935a, ver van der Veer e Valsiner, 1991, p. 338-339).

O conteúdo e o significado da zona mudam dependendo do período do desenvolvimento que esteja sendo considerado. O princípio geral para compreender a dinâmica da mudança estrutural é o mesmo, mas é preciso examinar a situação social de desenvolvimento, a estrutura psicológica existente e a próxima estrutura que está sendo formada para que se possa caracterizar apropriadamente a zona objetiva de desenvolvimento próximo para um dado período etário (Chaiklin, 2011; p. 671).

Aliado a isso, a vivência²⁷ (*pereživânie* ou *perezhivanie*) ganha papel determinante ao representar a relação entre o meio e a personalidade, constituindo uma unidade analítica entre essas instâncias:

Vivência é uma unidade na qual se representa, de modo indivisível, por um lado, o meio, o que se vivencia – a vivência está sempre relacionada a algo que está fora da pessoa –, e, por outro lado, como eu vivencio isso. Ou seja, as especificidades da personalidade e do meio estão representadas na vivência: o que foi selecionado do meio, os momentos que têm relação com determinada personalidade e foram selecionados desta, os traços do caráter, os traços constitutivos que têm relação com certo acontecimento. Dessa forma, sempre lidamos com uma unidade indivisível das particularidades da personalidade e das particularidades da situação que está representada na vivência. Por isso, metodologicamente, quando estudamos o papel do meio no desenvolvimento da criança, é vantajoso fazer a análise do ponto de vista de suas vivências porque, como já disse, nelas são levadas em conta as particularidades pessoais que participaram da definição da relação da criança com uma dada situação. (...)

Por isso, temos razão ao analisar a vivência como uma unidade de momentos do meio e da personalidade. Justamente por isso ela é um conceito que permite a análise das leis do desenvolvimento do caráter e o estudo do papel e da influência do meio no desenvolvimento psíquico da criança (Vigotski, 2018; p. 78-79).

Meshcheryakov (2010) enfatiza o caráter processual da vivência e a sua vinculação à concepção de mudança, *movimento*:

²⁷ De acordo com Prestes (2010): "...a palavra em português que com mais verossimilhança transmite o conceito *perezhivanie* de Vigotski é vivência" (p. 121).

É importante enfatizar que a definição de vivência por Vigotski é uma continuação de como ele caracterizou o método holístico da pedagogia (...). Chamo-os "conceitos híbridos" (Meshcheryakov, 2008). Eles contêm sinais e elementos opostos (por exemplo: externo e interno, subjetivo e objetivo), que pertencem formalmente a realidades diferentes. (...)

Qual é a "estrutura" desta unidade, qual é seu conteúdo psicológico? Vigotski afirma claramente que a vivência da criança é "de que forma ela toma consciência e concebe, de como ela se relaciona afetivamente para com certo acontecimento" (p.79). Assim, está certo falar sobre uma dupla refração - emocional e cognitiva - do meio na vivência. Em alguma medida, esta compreensão da vivência (como relação emocional-cognitiva) pode ser comparada ao termo "atitude", na psicologia social anglo-americana. Entretanto, há uma diferença significativa. No russo, a palavra "pereživânie", o caráter processual e dinâmico deste fenômeno é apresentado distintamente, pois o prefixo "pere", significa movimento, e também renovação e repetição de algum processo, e o sufixo "-anie" também implica num processo ou ação abstrata. A vivência toma lugar no tempo, pode ter início e fim, pode ficar mais ou menos intensa, pode ir e vir.

Ao lado disto, notemos que Vigotski, tratando da importância do conceito de "vivência" na compreensão das influências do meio na criança, tinha em vista influências que são expressas nas mudanças situacionais correntes no comportamento (reações aos eventos), e mais ou menos consistentes dos traços de caráter, de personalidade (Meshcheryakov, 2010; pp. 713-714).

A *vivência*, na abordagem vigotskiana é, por assim dizer, uma experiência significativa no âmbito do desenvolvimento, ou seja, que implica *movimento* do sujeito. Por meio da vivência o sujeito se modifica ao ponto de o sentido que atribui a um contexto se transformar.

... o meio exerce influência pela vivência da criança, ou seja, dependendo de como ela elaborou internamente sua relação com determinado momento ou situação. O meio define o desenvolvimento da criança dependendo do grau de sentido que ela atribui a ele.

Chegamos à conclusão de que o meio não pode ser analisado como um ambiente imóvel e externo em relação ao desenvolvimento, mas deve ser compreendido como mutável e dinâmico. Assim, de certa forma, a situação influencia a criança, direciona o seu desenvolvimento. Contudo, tanto ela quanto seu desenvolvimento se modificam, se tornam outros. Não é apenas a criança que muda, mas também a sua relação com o meio, que começa a influenciá-la de uma nova maneira. Essa compreensão dinâmica e relativa do meio é o mais importante de tudo que podemos haurir quando falamos do meio na pedagogia (Vigotski, 2018; p. 83).

Na leitura de Fleer, Veresov e González Rey (Fleer *et al*, 2017), a vivência é a unidade de análise com caráter processual e dialético que possibilita superar a dicotomia indivíduo-sociedade e o determinismo com o qual se concebe, mesmo em leituras da psicologia histórico-cultural, a influência do social no sujeito.

O que é importante é que *perezhivanie* é uma ferramenta (conceito) para analisar a influência do ambiente sociocultural, não sobre o indivíduo em si, mas sobre o processo de desenvolvimento do indivíduo, que é visto como o “caminho ao longo do qual o social torna-se o individual” (Vygotsky 1998, p. 198). Em outras palavras, o ambiente determina o desenvolvimento do indivíduo através da *perezhivanie* do meio ambiente (Vygotsky 1998, p. 294). Essa abordagem amplia a perspectiva desenvolvimentista e supera o ingênuo determinismo social (Fleer et al, 2017; p. 10; tradução livre).

O desenvolvimento somente pode ser compreendido como automovimento no contexto em que considera, em sua complexidade processual, a formação de características especificamente humanas que constituem um sujeito, o que só é possível mediante as vivências (*pereživânie*), conforme as potências (zona proximal de desenvolvimento), que se relaciona e está condicionado também ao substrato ou arcabouço previamente constituído na história de desenvolvimento do sujeito. Dessa forma, é um *automovimento não autocentrado*, ou seja, apesar de se caracterizar como um *movimento* próprio do sujeito, não pode, de forma alguma, ser caracterizado como um movimento centrado no sujeito ou dependendo exclusivamente dele.

Consequentemente, no que se refere ao desenvolvimento da personalidade e de características especificamente humanas, isso significa que, no desenvolvimento da criança, o meio se apresenta no papel de fonte de desenvolvimento. Ou seja, desempenha não o papel de ambiente, mas de fonte de desenvolvimento (Vigotski, 2018; p. 86).

Podemos afirmar, portanto, que se caracteriza como sendo um automovimento externamente determinado e, à luz da dialética marxista, considerar que embora essa análise tenha como enfoque o sujeito, objeto da psicologia, esse automovimento externamente determinado tem efeitos na realidade supra-individual, movimentando o meio em alguma instância.

2.3 UM HUMANO EM MOVIMENTO: DIALÉTICA E DESENVOLVIMENTO

Na introdução, explicitamos a circunstância do uso do termo movimento na psicologia histórico-cultural desde os primeiros ensaios de sua produção no Brasil, com o livro intitulado “Psicologia Social: o homem em movimento” (1984), que apresenta reflexões ainda iniciais e com acesso limitado a obras e autores da teoria de origem soviética. Este capítulo segundo visou ao atendimento, em especial, de dois dos objetivos específicos, arrolados também na introdução, a saber “Estudar o

conceito de movimento à luz da psicologia histórico-cultural” e “Resgatar a construção histórica do construto, notadamente na filosofia e psicologia”. Para tanto, o capítulo é iniciado com uma pesquisa exploratória sobre algumas características das pesquisas científicas em psicologia que adotaram o termo *movimento*.

Ao realizar pesquisa no banco de teses e dissertações da Capes utilizando especificamente o descritor *movimento*, investigamos os títulos e resumos de 1194 pesquisas que utilizavam o termo em suas mais diversas acepções, circunscrevendo nossa atenção a 11 produções acadêmicas em psicologia (nas especificações descritas no início deste capítulo) que utilizam o termo *movimento* em consonância com sua compreensão relacionada nesta pesquisa.

Nas produções acadêmicas, observa-se estreita relação com a PUC-SP, instituição na qual pesquisadores se debruçaram no estudo da psicologia soviética desde a década de 1970 e organizaram o livro intitulado com o termo movimento, publicação essa que foi apresentada na seção introdutória desta tese. Identificou-se que São Paulo parece ser um reduto dos pesquisadores em psicologia que produzem e fomentam a concepção de *movimento*, especialmente em seu significado materialista dialético, dado que nos remete também ao contexto de que o estado paulista sediou os primeiros e mais tradicionais cursos de psicologia do país.

A proposta foi realizar uma análise extensiva, não pormenorizada, das teses e dissertações acessadas, para investigar características que norteassem quanto a propriedades teóricas que embasaram a adoção do termo, possibilitando a confrontação do estudo bibliográfico aqui realizado com dados de realidade sobre o uso do termo *movimento* na comunidade científica da área de psicologia. Foi possível observar a vinculação do uso do termo com a dialética e com a psicologia histórico-cultural - nesse caso especialmente a dialética materialista histórica. Tal panorama conduziu aos subcapítulos que resgataram o movimento por meio do estudo bibliográfico da categoria dialética, especialmente na filosofia e na psicologia vigotskiana.

Ainda, retomando em síntese o que foi apresentado neste capítulo, o processo dialógico e as contradições permearam os pensamentos filosóficos ao menos desde os pré-socráticos, utilizando-se o termo *dialética* como designação. Tinha-se Heráclito, que defendia a transitoriedade das coisas, e Parmênides, em contrapartida, defendia que o que é, é, não contemplando aquilo que não é: se A é A, então A não pode ser AB. Podemos afirmar, portanto, que o debate sobre o

movimento se dava, entre os pensadores, desde os primórdios do pensamento filosófico registrado e que, àquela época, havia discordâncias basilares quanto à compreensão do *movimento*. Didaticamente, é possível classificar os pensadores mencionados, respectivamente, como mobilista e imobilista.

É possível compreender, desde então, o porquê de o mobilismo estar vinculado à concepção de contradição, já que, ao se considerar rigidamente que A não pode ser B, seria possível depreender que ele não pode se modificar ou complexificar. A contradição é o que possibilita o movimento, o não-A ser determinante de A. Com Sócrates, ainda vinculada à concepção dialógica, a dialética ganhou papel de método comunicativo reflexivo. Com Kant, foi imbuída do processo que possibilita a admissibilidade da metafísica, que não poderia ser considerada em meio ao cientificismo da época.

Mas foi com Hegel que a dialética obteve contornos específicos enquanto possibilidade de compreensão de mundo, ao ser descrita como o segundo momento da lógica hegeliana, o momento da negação racional, que possibilita o movimento, a mudança e que é precedido pelo primeiro momento, do entendimento ou categorização inicial e seguido pelo terceiro momento, o especulativo ou positivamente-racional, que seria um resultado momentâneo da lógica especulativa hegeliana. Hegel postulou uma dialética permeada pela contradição e permeando a realidade, mas que só se realiza mediante os processos de conhecimento dessa realidade, ou seja, o pensamento converte-se na própria realidade (Kopnin, 1978), configurando-se em uma concepção idealista, a-histórica e acrítica.

Com Marx a dialética adquire outro contorno, pois se configura no cerne dos processos, prescindindo do momento especulativo proposto por Hegel e admitindo, em contraponto, caráter materialista ao ter suas bases na realidade. A proposta marxiana coloca a dialética hegeliana às avessas ao conceber a análise das contradições imbricadas à realidade como caráter central, o que possibilitaria o *movimento*, as transformações concretas. Conforme leitura proposta por Marx, a dialética é o que possibilita a compreensão do que é existente e de sua negação, bem como de seu “necessário perecimento”, o que permite apreender “toda forma desenvolvida no fluxo do movimento portanto, incluindo o seu lado transitório; porque não se deixa intimidar por nada e é, por essência, crítica e revolucionária” (Marx, 2013; p. 79).

Tanto em Marx como em Hegel, a dialética é a leitura de mundo que assegura considerar o movimento que é gerado e subjaz à negação, ao contraditório, entretanto enquanto para Hegel essa leitura de mundo se dá no âmbito das ideias e possibilita a apreensão da realidade dada, para Marx essa leitura da realidade é possível porque a dialética permite criticá-la, ao desvelar da aparência, ou seja, destruir a igualdade entre fenômeno e essência que se manifesta na pseudoconcreticidade (Kosik, 1969), consistindo assim em uma filosofia revolucionária que possibilita manifestar a efemeridade determinada social e historicamente como constante (Engels, 1982). O conceito de *movimento* está, portanto, diretamente relacionado à dialética que, para além de um método, caracteriza-se como lógica e teoria do conhecimento no marxismo (Kopnin, 1978), o que traz repercussões em uma psicologia de base marxista.

Tendo essas premissas como base, no arcabouço deste capítulo pudemos também apresentar o *movimento* na psicologia histórico-cultural. Com vistas às produções de Vigotski, foi possível refletir o *movimento* também enquanto manifestação específica da transitoriedade, vinculado ao *desenvolvimento*, que é processo de formação do ser humano e que produz mudanças com o surgimento de novas formações humanas específicas, que subsidiam, por sua vez, novas formações humanas; e à *vivência*, que seria uma experiência significativa no âmbito do desenvolvimento, por meio da qual o sujeito é transformado ao ponto de o sentido que atribui a um contexto se transformar.

O *movimento* orientado pela dialética materialista tem, portanto, contingências concretas e contraditórias. E, dialeticamente, o ser humano descrito pela psicologia marxista de Vigotski está em desenvolvimento, com potências que possibilitam ir além do que está dado, tendo o que está dado como base. Esse ir além não exacerba o limite de romper com os determinantes materiais, socioculturais, históricos. Como se fôssemos personagens de um livro que não nos constituímos apenas das linhas já escritas, mas também nas que estão por vir, entretanto as que estão por vir são orientadas pelas que estão escritas, podendo a personagem se transformar, mudar radicalmente direções, sensações, noções, mas ainda assim em conformidade com as linhas já escritas.

Por meio dos conceitos de desenvolvimento e vivência, conforme trazidos por Vigotski, delineia-se o processo subjetivo do ser social (Kosik, 1969) - porém não subjetivista, por estar diretamente vinculado à interação com o meio - que permeia o

movimento, propiciando-o e por ele sendo propiciado. É possível compreender que o enfoque no movimento do humano está vinculado à concepção de ser humano que constroi, modifica, movimenta o mundo. Com Marx, pudemos compreender que este ser humano age no mundo constituindo-o na mesma medida que a si mesmo. Na psicologia, isso reverbera de forma a estabelecer uma nova perspectiva de desenvolvimento humano que é impossível de ser desvinculado do desenvolvimento do meio, da sociedade, da política.

Mediante essas premissas, em linhas gerais, descritivas e visando ao entendimento, de acordo com a concepção desta pesquisa, sem a relação com a realidade não há o desvelamento de contraditório, sem o qual não há *movimento*. Esse é o núcleo motor da dialética e do *movimento*. E nesse contexto, sem o contraditório, teria-se uma lógica linear formal da realidade e não uma lógica dialética. A relação com a realidade e o contraditório se colocam preponderantes para a lógica dialética e para o *movimento*.

Para fins desta pesquisa e com base nos levantamentos realizados e apresentados na introdução e no presente capítulo, propomos a compreensão de *movimento* para a psicologia histórico-cultural como sendo “o processo com base nos contraditórios que permeiam a realidade e que resulta em transitoriedade, imbuída de uma potência de transformação, capacidade propiciada na/da interação”.

Concebemos *movimento*, portanto, eminentemente em seu sentido qualitativo de transitoriedade, como parte possível de processo de transformação, não preponderantemente quantitativo (de deslocamento), entretanto com enfoque materialista, como sendo um processo com base nos contraditórios que permeiam a realidade e que resulta em mudanças com potência para transformação, promovendo a concretização de uma potência ou capacidade propiciada da interação ou da relação do contraditório e cujo resultado também é potência. O movimento não se define exatamente como a transformação, mas se relaciona com a transitoriedade que pode fomentá-la.

Movimento seria um processo de deslocamento qualitativo possibilitado por relações contraditórias de processo materialista-dialético e que resulta na concretização de uma potência - conceito que será abordado no terceiro capítulo -, em uma transição ou mudança, que, por sua vez, está permeada por potência de transformação. *Movimento* é um momento de um processo materialista histórico e

dialético de transformação do ser humano enquanto classe - social, econômica, cultural - e enquanto espécime, indivíduo, desde que coletivamente orientado.

Tendo sido delineada uma proposta conceitual, cabe-nos agora, seguindo o que foi enunciado na seção introdutória desta tese, investigar a relevância e pertinência do conceito enquanto categoria para a psicologia histórico-cultural, bem como algumas consequências e aplicabilidades viáveis com sua adoção, o que será realizado nos próximos capítulos.

3 A POTÊNCIA DE UM CONCEITO: IMPLICAÇÕES DE MOVIMENTO NA PSICOLOGIA HISTÓRICO-CULTURAL

No segundo capítulo foi possível abordar o processo do *movimento*, que se dá por meio da contradição dialética e que pode se manifestar ontologicamente como desenvolvimento. Ele foi concluído com uma proposta para a definição de *movimento* que poderá ser considerada no contexto da psicologia histórico-cultural por seu embasamento na dialética marxiana, a saber: “o processo com base nos contraditórios que permeiam a realidade e que resulta em transitoriedade, imbuída de uma potência de transformação, capacidade propiciada na/da interação”. Também foi possível abordar, naquela seção, o porquê de se considerar que esse processo tem como pressuposto contraditórios e como resulta em transitoriedade, a partir da retomada das definições e concepções filosóficas da dialética e, especificamente na psicologia histórico-cultural, da abordagem de desenvolvimento.

Como foi proposto que *movimento* se relaciona à potência, iniciamos o presente capítulo resgatando esse conceito por meio da leitura de alguns dos principais pensadores que o abordaram e que podem dialogar com as bases teóricas da psicologia histórico-cultural. Num segundo subcapítulo, aproveitamos os levantamentos proporcionados pelos conceitos trabalhados e propusemos algumas reflexões quanto à potência da psicologia, ou seja, quanto às possibilidades e limites de atuação transformadora por meio dessa ciência. Em um terceiro momento, circunscrevemos o estudo de potência na psicologia vigotskiana agregando o conceito de liberdade e então o capítulo é finalizado com uma seção conclusiva.

Este terceiro capítulo visa à compreensão de potência, já que foi mencionada como uma implicação ou possível momento do *movimento* em seu conceito, bem como à exposição de conceitos de psicologia histórico-cultural que estejam permeados por essa concepção. Com isso, pretendemos alavancar um melhor entendimento do que o *movimento* implica, promove. Dessa forma, este capítulo continua abarcando os objetivos específicos “estudar o conceito *movimento* à luz da psicologia histórico-cultural” e “resgatar a construção histórica do construto notadamente na filosofia e psicologia”, mas também visa a atender ao objetivo específico “analisar a pertinência do construto *movimento* como categoria no corpus de estudo da psicologia histórico-cultural” ao explicitar melhor implicações do conceito.

Para avaliar a pertinência do conceito enquanto categoria, é necessário definir o que se está assim denominando. Neste trabalho, pode-se compreender categoria como conceitos que se configuram em leis gerais e, por conseguinte, determinando o entendimento de processos e objetos reais. Nas palavras de Kopnin (1978):

No seu conjunto, as categorias do materialismo dialético refletem as leis mais gerais do desenvolvimento do mundo objetivo. A unidade entre as leis do pensamento e as leis do ser determina a existência do conteúdo objetivo e da função lógica das categorias da dialética materialista, que é simultaneamente lógica e teoria do conhecimento do marxismo (Kopnin, 1978; p. 106).

Dessa forma, ao analisar as implicações do conceito de *movimento* (exposto no capítulo 2) por meio do estudo de potência, no presente capítulo, visamos a observação da determinidade desse conceito na realidade e nas abordagens e áreas de conhecimento abarcadas pelo materialismo histórico e dialético.

3.1 POTÊNCIA

O objetivo deste tópico é referenciar filosoficamente o conceito de potência possibilitando sua relação com o conceito de *movimento*, especialmente no que se refere às implicações, e permitindo-nos refletir sobre tais concepções à luz do entendimento da psicologia histórico-cultural. Adotaremos como “caminho à potência” um retorno introdutório aos pré-socráticos, mas nos ateremos às concepções preconizadas por Aristóteles com o ato-potência, Espinosa e a potência de agir, encerrando esta parte 2.1 com a potência relacional no sistema de Hegel.

Para contextualizar Aristóteles, resgataremos, em linhas gerais, alguns conceitos que lhe foram pregressos e que permeiam suas ideias. Conforme exposto na parte referente à dialética hegeliana, o *ser* pode ser considerado uma categoria primeira, preconizadora de outras e isso não se iniciou com esse pensador: ao menos desde Heráclito e Parmênides, pré-socráticos, que esse se caracteriza como um conceito central introdutório da construção dos pensamentos, já que, por exemplo, para refletir a respeito de como a natureza, as coisas existentes se organizam, por exemplo, antes é necessário explicitar o que será considerado nessa

reflexão, ou seja, o que é, o que *existe*, em que se constitui o *ser* (Amaral, 2001; Moldolfo, 1971; Chauí, 2002).

Como já exposto no capítulo 2, Heráclito defendia que a natureza é, em essência, movimento e que tudo se organiza por meio dos conflitos de contrários que se convertem em um. Todas as coisas são partes de um todo ordenado nessa lógica própria, havendo unidade na multiplicidade das coisas. Dessa forma, considera-se Heráclito como sendo mobilista, pois entendia que a realidade está em movimento, e também monista, já que considera a unidade apesar de esta conter multiplicidades (Chauí, 2002).

Em contrapartida, Parmênides defendia que “o que é, é, o que não é, não é”; o que é ser, é, o que não é ser não é. Se A é A, então A não pode ser não-A. Dessa forma, numa leitura lógico-matemática, Parmênides concebia que o ser não se modifica, não se movimenta já que movimentar seria sair do ser em direção ao não-ser. Classifica-se Parmênides como imobilista e pluralista. (Moldolfo, 1927/1971; Chauí, 2002)

Da síntese dos preceitos de Heráclito e Parmênides, Aristóteles elaborou uma teoria mobilista que ficou conhecida como a teoria do ato-potência (Santos, 2013). Outros pensadores, historicamente posteriores a Aristóteles e por ele influenciados em algum grau, se inclinaram a propor a análise da potência, entendida como a virtualidade do ser, ou as possibilidades inerentes que inclinam o ser ao movimento ou, ainda, possibilidades criadas por meio do movimento.

3.1.1 Ato-Potência em Aristóteles

Platão, discípulo de Sócrates, de certa maneira, sintetiza as ideias de Heráclito e Parmênides ao defender a realidade como um todo, uma unidade, mas sendo ontologicamente dualista, ou seja, dizendo que são duas as categorias fundamentais existentes: categorias sensíveis, ou seja, as que são captadas pelos sentidos e podem se movimentar conforme preconizava Heráclito e categorias inteligíveis, aquelas que são captadas pelo intelecto e que são permanentes, a exemplo das ideias de Parmênides. Para Platão, o papel do filósofo é se deslocar do mundo sensível visando ao mundo inteligível (Moldolfo, 1971).

Para Aristóteles, ao contrário do dualismo de Platão, o mundo sensível existe, é cognoscível e tudo que é existente pertence ao mundo sensível e pode ser

entendido com base em dez categorias fundamentais: substância, quantidade, qualidade, relação, lugar (localidade), tempo (temporalidade), posição, posse (ter), ação (fazer) e paixão (ser afetado). Toda a realidade poderia ser classificada nessas categorias, sendo que a preponderante, a fundamental, é a substância (Chauí, 2002).

Substância, em definição para Aristóteles, é tudo aquilo que carrega propriedades (predicados), que pode ser identificada e guarda em si as demais definições, a possibilidade de análise das demais categorias, que, por sua vez, só podem haver se existe uma substância, algo delimitado, identificado. Para Aristóteles, o problema fundamental a ser abordado pela filosofia é sobre o *conhecimento da substância* e, para o pensador, o *ser* é essencialmente substância. Por sua vez, tudo que é existente o é por quatro causas: material, formal, final (finalidade), eficiente (Amaral, 2001; Moldolfo, 1971; Chauí, 2002).

Na natureza, na realidade, a forma e a matéria estão presentes em todas as substâncias²⁸. A forma é a causa formal, que dá forma (mesa é forma da madeira, por exemplo), e que contribui para a definição dos aspectos gerais ou universais da substância - por exemplo, vegetal, animal, humano, cão, mortal. Já a matéria é a causa material dos seres, aquilo de que são feitos, definindo características particulares, determinadas, específicas da substância, possibilita a definição de “isto” ou “esta coisa” (*tóde ti* em grego). A união, a composição entre forma e matéria, que possibilita a existência da substância, pode ser denominada sínolo (Amaral, 2001; Moldolfo, 1971; Chauí, 2002).

Aristóteles preconiza que, apesar de a matéria ser imutável, porque a essência de algo - os quatro elementos, as espécies, não são alteráveis - a forma não somente pode ser alterada como é de sua natureza mudar. Portanto, a mudança, o devir, o movimento (*kinésis*) é subjacente à forma, princípio inerente. Isso explica o motivo de haver movimento, na concepção aristotélica, porque é inerente à forma, toda substância é composta de matéria e, portanto, submetida ao devir, porque todo ser tende a realizar plenamente sua essência, tende à perfeição (causa final). E a matéria sempre tem uma indeterminação, está sempre inacabada (Chauí, 2002). É possível observar que as quatro causas que mencionamos têm

²⁸ O pensador chega a problematizar a matéria pura e a forma pura, mas como conceitos que não abarcariam a realidade e, portanto, não abordaremos esses meandros.

ação conjunta e que a causa final é tida como o motivo mais profundo que enseja a mudança:

Todo ser, diz Aristóteles, move-se ou muda porque aspira ou deseja a perfeição, isto é, realizar plenamente sua essência. Todo ser aspira à identidade total consigo mesmo. Assim, a primeira condição para que a *causa eficiente* opere é dada pela *causa final*, ou seja, é porque a finalidade dos seres é realizar plenamente sua essência, aspirando pela identidade e pela imobilidade, que eles não cessam de mudar, pois, de mudança em mudança, cada ser se aproxima indefinidamente de sua finalidade ou de sua forma perfeita. (...) Ora, como um ser "sabe" qual é sua finalidade? Como um ser "conhece" sua perfeição imutável? Pela forma. A *causa formal* determina para um ser a perfeição ou o acabamento de sua essência. Isso significa, portanto, que a causa final exprime a causa formal como finalidade de uma coisa ou de um ser e guia as operações da *causa eficiente*. A *causa final* sendo aquilo em vista do que a coisa muda, Aristóteles afirma que essa causa é primeira ou a razão profunda da mudança. (Chauí, 2002; p. 396)

Portanto, a causa formal implica a possibilidade real de mudança; a causa material leva ao princípio subjacente de movimento; a causa eficiente é a operação, o procedimento em si; e a causa final representa a finalidade da mudança, em virtude do que o processo ocorre.

Dessa maneira, a forma de um ser é a coisa em si, como se apresenta no presente, a *enérgeia* ou *ato*. É aquilo de fixo que se captura num instante, aquilo que é em essência, imutável por existir, mas que dá a base para o devir, é o real e atual. Já a matéria carrega consigo a *potência* ou *dynamis* ou a capacidade para o devir, do vir-a-ser, do transformar-se no decorrer do tempo, é o virtual. Tudo que é existente carrega em si o *ato* - o atual e real, que é - e a *potência* - a possibilidade, o devir (Amaral, 2001; Moldolfo, 1971; Chauí, 2002). O movimento se dá, para Aristóteles, da potência em ato, ou da possibilidade em realidade, considerando que os seres já são imbuídos daquilo que os constitui em potência²⁹.

No livro XI da *Metafísica*, Aristóteles traz uma definição de movimento:

... chamo movimento o ato do que é em potência, enquanto é em potência. (...) Quando o que é passível de construção, considerado como tal, estiver em ato, então se constrói e isso é a construção. O mesmo vale do aprender, do curar, do marchar, do saltar, do envelhecer, do crescer. E o movimento ocorre justamente quando ocorre aquela atividade, nem antes, nem depois. Portanto, o movimento é a atualização do que é em potência, quando ele se atualiza e se realiza, não enquanto é ele mesmo, mas enquanto móvel. (...) só o ato do potencial enquanto potencial é movimento. E é evidente que o movimento é esse ato e que o movimento só ocorre no momento em que ocorra esse ato, nem antes nem depois (Aristóteles, 2002; pp. 519 e 521).

²⁹ Respondendo ao postulado de Parmênides, existe movimento porque os seres se convertem em algo que já são em potência - não negando aquilo que são.

Pode-se compreender que, para esse pensador, o movimento é a atividade que leva a potência ao ato. E essa dinâmica é o que permite a atualização ou mudança da substância. No livro XII da mesma obra, o pensador especifica ainda que a potência sem atividade não gera movimento da substância:

Ora, se há algo que produz ou propicia movimento, mas não está em atividade, poderia não haver movimento, pois aquilo que possui capacidade pode não estar em atividade. Portanto, não há nenhum ganho em concebermos essências eternas (como os que concebem as Formas), se não houver nelas um princípio capaz de produzir mudança. No entanto, nem sequer este princípio seria suficiente, nem o seria uma outra essência, além das Formas, pois, se não estiver em atividade, não haverá movimento (Aristóteles, 2005; p. 208).

Aristóteles postulou a existência de uma substância primeira que originou o movimento da realidade, sem que ela mesma tenha se movimentado, ele a denomina como *primeiro motor imóvel*, cuja função é movimentar sem ser movimentada, essa substância é um deus que não é sagrado, é apenas um *ato puro* que movimenta a realidade como uma causa final à qual nos dirigimos. A realidade, como um todo, o tem como finalidade e tende a ele como a potência para seu ato, como a matéria para sua forma.

A diferenciação entre ato e potência tem papel importante ao possibilitar um entendimento da contínua atualização da matéria, sua potência intrínseca de transformação, ou seja, realizar-se, em ato, em direção à sua finalidade. A potência carrega o ser do novo, de possibilidades, de devir. O movimento, conforme definido também por Aristóteles, é a atividade que possibilita à potência vir a ser ato. O ato concluído manifesta um ser plenamente realizado, acabado. A esse estado, o pensador denominou Enteléquia (do grego *entelekheia* ou energia agente e eficaz).

Assim, a forma é *energeia* e *entelekheia*, atividade e atualidade/efetividade. Enquanto a matéria é *dynamis* ou potência. A *energeia* leva a potência ao ato. A *entelekheia* é o resultado de um ato e uma potência, que possibilita outra potência. E ato. É possível notar que, para Aristóteles, a potência é inerente à matéria, e é essa característica inerente, tendência imanente, que leva ao ato. Portanto, numa leitura aristotélica, a potência, força inerente às substâncias, tanto leva ao movimento como dele resulta.

3.1.2 A Potência de agir em Espinosa

Para Aristóteles, o corpo era um instrumento à alma, que propiciava vida e movimento ao corpo. Para Platão, corpo e alma eram tidos como duas instâncias separadas, comandadas pela alma. Em um salto temporal secular, Descartes também propôs uma separação radical entre corpo e alma, definindo-os como duas substâncias distintas em essência (Chauí, 1995). Espinosa³⁰, seu crítico, em contrapartida, propôs rompimento com a concepção dualista cartesiana em favor de que humano, corpo e alma - esta que, para o pensador, equivale ao pensamento - seriam modos ou expressões da natureza e também, da mesma maneira, que a natureza e deus não consistiriam outra coisa senão a mesma coisa, daí a imanência em Espinosa.

Nem o Homem separado da Natureza e de Deus; nem Deus separado do Homem e da Natureza e nem a Natureza separada do Homem e de Deus. Isto implica, brincando com o campo significativo, que poderíamos dizer que, com Espinosa, nos defrontamos com a articulação: “homem-natureza-deus”; e todos estes termos necessariamente escritos com minúsculas (Candiotto *et al*, 2020; s/p).

Assim como Aristóteles, a tudo que é existente por si, Espinosa concebe como substância, ou seja:

Por substância compreendo aquilo que existe em si mesmo e que por si mesmo é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não exige o conceito de outra coisa do qual deva ser formado (Espinosa, 2009; p. 07).

³⁰ A respeito da correta grafia do nome, adotamos *Espinosa*, seguindo estudos, conforme descrevemos na citação a seguir: “A questão da correcta ortografia do nome do «embriagado de Deus» mantém-se numa relativa penumbra que convém iluminar. Com este propósito em vista, seguem-se duas ou três informações sobre aquela que os eruditos consideram ser a correcta ortografia do nome de um ilustre marrano de ascendência portuguesa: Baruch (Bento) de Espinosa. O Professor Joaquim de Carvalho (“Sobre o lugar de origem dos antepassados de Baruch de Espinosa”, in Joaquim de Carvalho, *Obra Completa*, vol. I., Filosofia e História da Filosofia, 1916-1934, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1978, pp. 367-401) tratou do problema da correcta ortografia do nome grande filósofo (que possui já a sua pequena bibliografia) de modo não apenas exemplar, mas, pode dizer-se, definitivo. São conhecidos os diferentes modos de grafar o nome do autor da Ética demonstrada à maneira dos géometras: Espinosa; Espinoza; Spinoza; Spinos. Desde logo, o problema começa com o facto de o próprio filósofo ter escrito o seu nome de diferentes modos, variando a sua assinatura autógrafa. E disso há registos e cópias disponíveis quer nos arquivos holandeses quer na biblioteca pessoal do «embriagado de Deus»: Benedictus Spiñosa; Bento de Spinoza; Bento despinoza, etc. O pai de Baruch Espinosa, natural da vila alentejana da Vidigueira («Michael de Espinosa van Vidiger», como consta no registo do contrato de casamento), já então a viver com a família em Amesterdão, assinava Michael despinoza. Mas na dedicatória de *Esperanza de Israel*, obra de Menasseh ben Israel, é o próprio autor Menasseh (Manuel Dias Soeiro de seu nome cristão) quem escreve «...ao amigo Michael Espinosa».” (<https://portvitoria.com/sobre-a-correcta-ortografia-do-nome-espinosa/>)

Em sendo tudo que existe por si substância e havendo, *na natureza, uma única substância, deus* (Espinosa, 2009; p.19) e sendo deus *uma substância que consiste de infinitos atributos* (Espinosa, 2009; p.07), então, pode-se depreender que o deus espinosano consiste ele mesmo em uma substância que incorpora ou simboliza as propriedades da natureza, sendo, portanto, ele mesmo natureza.

Esses conceitos permitiram ao pensador denominar *Natureza Naturante* ou Natureza Geradora (Costa, 2019) à substância e seus atributos e de *Natureza Naturada* ou Natureza Gerada (Costa, 2019) aos modos - que são produzidos pelos atributos. Deus seria a totalidade constituída por *Natureza Naturante* e *Natureza Naturada* (Chauí, 1995). Humanos, corpo e alma, como introduzimos anteriormente, consistem em Natureza Naturada. Ao observar a tabela a seguir apresentada em caráter exclusivamente didático e ilustrativo, retirada de Costa (2019), pode-se visualizar melhor a descrição apresentada:

Quadro 6: Natureza em Espinosa.

Substância	Atributos			
		Modos infinitos imediatos	Modos infinitos mediatos	Modos finitos
Natureza/Deus	Extensão	Movimento e repouso infinitos	Indivíduo físico infinito	Corpos físicos
	Pensamento	Intelecto infinito	Indivíduo pensante infinito	Mentes
Natureza geradora		Natureza gerada		

Retirado de: Costa, 2019; p. 117.

A alma consiste, para Espinosa, em uma força pensante. Pensar sendo entendido enquanto o processo de adquirir consciência de algo, afirmar ou negar. A alma espinosana é o que permite analisar, julgar ideias que podem ser pautadas em imaginação que, por sua vez, é baseada em desejo. Pode-se compreender, portanto, entendimento e vontade como sendo partes componentes de uma unidade, a alma.

A alma é, então, definida como consciência das afecções de seu corpo e das ideias dessas afecções: é consciência do corpo e consciência de si, ou, em linguagem espinosana, ideia do corpo e ideia da ideia do corpo. O corpo constitui o objeto atual da alma: Espinosa emprega um verbo fortíssimo,

constituir, indicando com isso que é da natureza da alma estar ligada internamente ao seu corpo porque ela é atividade de pensá-lo (seja por meio de ideias imaginativas, seja por meio de noções comuns, seja por meio de ideias reflexivas, seja por meio de desejos) e ele é o objeto pensado (imaginado, concebido, compreendido, desejado) por ela. A ligação entre a alma e o corpo não é algo que acontece a ambos, mas é o que ambos são quando são corpo e alma humanos. (Chauí, 1995; p. 60)

A imaginação é uma atividade vinculada ao corpo, uma vivência corporal, expressa a imagem própria (do corpo, da vida) formada na relação com a imagem que os demais corpos oferecem, ou seja, é resultado de afetar e ser afetado (afecções) por outros corpos. Por esse motivo, não é durável, mas momentânea e abstrata. A ideia imaginativa, vinculada à alma, é o processo de “pensar” a imaginação, ou seja, associar, diferenciar, relacionar. Se o conhecimento fica limitado ao corpóreo, fica limitado à imaginação, entretanto, se a alma entra em ato de sua natureza ou potência própria, exerce o pensamento. Assim como o corpo tem força para imaginar, a alma tem para o pensar.

O objetivo, o interesse principal de corpo e alma, ou seja, do organismo humano - como dos demais organismos - é a manutenção da existência. Essa tendência natural à autoconservação é denominada *Conatus* que, nos humanos, é peculiar pela consciência que se adquire dessa autoconservação. Corpo e alma são definidos em termos de vida e a morte é concebida pela ação exterior.

No corpo, o conatus se chama apetite; na alma, desejo. Eis por que Espinosa afirma que a essência do homem é desejo, consciência do que, no corpo, se chama apetite. Assim, dizer que somos apetite corporal e desejo psíquico é dizer que *as afecções do corpo são afetos da alma*. Em outras palavras, as afecções do corpo são imagens que, na alma, se realizam como ideias afetivas ou sentimentos. Assim, a relação originária da alma com o corpo e de ambos com o mundo é a relação afetiva (Chauí, 1995; p. 64).

Afecção é tudo aquilo que modifica, altera, acarreta mudança no corpo, produzido por ele mesmo ou por causa externa (Chauí, 1995). Mas é o *afeto* que possibilita a relação de alma, corpo, humano com o mundo, sempre tendo como primazia o desejo, ou a busca natural da alma pela vida, pela autoconservação. Afeto consiste nas afecções do corpo e as ideias a respeito delas, que podem aumentar ou reduzir a *potência de agir* (Espinosa, 2009).

Neste sentido, embora se possa inferir, não é demasiado explicitar que o pensador considera como *potência* o *poder existir*, em contraposição com a impotência, que se configura como *poder não existir* (Espinosa, 2009; p. 11). É

devido à potência que todas as coisas existem e agem, além disso deve-se considerar que a potência de pensar é equivalente à potência de agir (Espinosa, 2009).

... a potência de uma coisa qualquer, ou seja, o esforço pelo qual, quer sozinha, quer em conjunto com outras, ela age ou se esforça por agir, isto é, a potência ou o esforço pelo qual ela se esforça por perseverar em seu ser, nada mais é do que sua essência dada ou atual. (Espinosa, 2009; p. 56)

A potência implica em ação, esforço, ou por que não dizer, movimento em prol do Conatus ou da autoconservação. A potência espinosana é, portanto, potência de agir, e essa potência de agir, para Espinosa, consiste em uma lei universal da natureza. Agir é quando se torna a causa adequada de algo que sucede em si mesmo ou externamente, ao contrário de padecer, é quando não se é causa de algo. (Espinosa, 2009)

É propriedade dos corpos agir, afetar e ser afetado. Da relação ou, para usar o termo espinosano, do encontro de corpos, ao agir e “receber ação” em busca do fortalecimento do conatus ou do desejo - na alma -, pode-se ter ou não sucesso nessa busca e, com isso, aumentar ou diminuir a potência de agir, a potência de existir.

Os afetos que aumentam a potência de agir, possibilitando ao ser humano transitar de uma “perfeição menor a uma perfeição maior” (Espinosa, 2009; p. 54) são denominados como *alegria*, já os que diminuem a potência de agir e promovem a transição de uma perfeição maior a uma menor, não são alegria e, por este motivo, denominados como *tristeza*. O *desejo*, ou o apetite consciente, seria essência, característica própria dos seres humanos e o que os impulsiona a agir. Esses três afetos, desejo, alegria, tristeza, constituem os *afetos primários*, dos quais todos os demais derivam ou variam.

Quando não somos causa ou agentes em nossos desejos configura-se a *paixão* - e não afetos - o que nos serviliza: “na paixão, diz Espinosa, somos causa inadequada de nossos apetites e de nossos desejos, isto é, somos apenas parcialmente causa do que sentimos, fazemos e desejamos, pois a causa mais forte e poderosa é a imagem das coisas, dos outros e de nós mesmos” (Chauí, 2000). Para que uma paixão deixe de sê-lo, é necessário formar a respeito dela uma “ideia clara e distinta” (Espinosa, 2009; p. 109). A análise do pensador nos parece pautada

na primazia do conhecimento enquanto trazer à luz da consciência, discernimento dos afetos e seus fatores.

A partir desse momento, as quatro primeiras proposições do Livro V da Ética ganham sentido: a ética não é senão o movimento de reflexão, isto é, o movimento de interiorização no qual a alma interpreta seus afetos e as afecções de seu corpo, destruindo as causas externas imaginárias e descobrindo-se e a seu corpo como causas reais dos apetites e desejos. A possibilidade da ação reflexiva da alma encontra-se, portanto, na estrutura da própria afetividade: é o desejo de alegria que a impulsiona rumo ao conhecimento e à ação. Pensamos e agimos não contra os afetos, mas graças a eles (Chauí, 1995; p. 71).

Em Espinosa, portanto, a interdependência entre o que fora denominado ato e potência, forma e matéria em Aristóteles, conforme apresentado anteriormente, prescinde da importância dessa segregação. A determinação da ação, da potência de agir como característica natural dos seres, pela manutenção de suas vidas, supera o debate mobilista e traz à tona outras questões, concernentes à época e que reverberam à atualidade, como a relação dos afetos com a potência de agir.

... nesta perspectiva que não faz sentido pensar a realidade em termos de forma e matéria, onde a primeira implica a ativação e realização efetiva da segunda, (isto é, a formulação básica do ato e potência ou do possível e real). Se quiséssemos pensar nesses termos filosóficos, o que encontramos em Espinosa é uma forma de matéria em si mesma formal, isto é, a matéria não é passiva, mas, ativa em e por si mesma. É por este motivo que Espinosa poderá dizer com absoluta rigorosidade que não há ideia sem corpo nem corpo sem matéria e, sobretudo, poderá dizer isto sem que esta afirmação implique uma distinção ontológica que organize uma transcendência, mas, pelo contrário, como prova cabal da imanência. Este traço próprio e central da ontologia de Espinosa tem profundas consequências tanto na ética quanto na política, (para não citar a teologia); talvez seja por este motivo que “ninguém o queria”. (...) Em Espinosa, a pluralidade do imediato ou daquilo que aparece, isto é, homem, natureza e deus, encontra-se mediatizada pela própria potência da matéria. Ela é a base das mediações que permitem a expressão em termos de atributos e modos (Candiotto *et al*, 2020; s/p).

Desta forma, para Espinosa a autoconservação é uma característica natural do ser, como os reflexos no recém-nascido, que garantem sua manutenção e da espécie. É a atuação da autoconservação que leva à ação que mobiliza afeto. Ao afetar e ser afetado, aumenta ou diminui a potência, que por sua vez é uma “potência de agir”, ou seja, potência e ação estão de tal forma imbricados que não existe uma separação nítida, ao contrário da leitura aristotélica que colocava a ação dependente da potência. Nesse sentido, Hegel também propôs um conceito de potência atrelado ao movimento e também relacional, mas vinculado à sua dialética.

3.1.3 A Potência na dialética hegeliana

Conforme abordamos no Capítulo 2, subcapítulo intitulado *Hegel e a Dialética especulativa*, a potência, para esse pensador, guarda correlação intrínseca com sua proposta de dialética. Mas como Hegel chegou a essa relação?

A definição de substância se apresentou como uma questão filosófica desde Aristóteles (Orsini, 2018). Ao resgatarmos o conceito aristotélico de substância na primeira seção deste capítulo, explicitamos que para esse pensador o movimento da potência ao ato possibilitaria a atualização ou mudança da substância. E a substância é, para ele, o *ser* em diversas acepções (Chauí, 2002).

Hegel teve leitura crítica à substância aristotélica nas definições relativas aos critérios formais de existência (Orsini, 2018), a saber a autossubsistência - a substância existe em si e para si e não em outro - e a determinidade - que é “*uma noção que indica aquilo que um ser é em si*” (Costa, 2019; p. 53). Para Hegel, a constituição da substância é relacional, inviabilizando sua concepção exclusivamente “em si e para si”, já que a contradição seria elemento fundamental, produzida pelo entendimento.

Para Aristóteles, a relação se configura como sendo uma dentre outras categorias que atribuem predicado a um sujeito, ou seja, que lhe caracteriza ou constitui enquanto tal. Já Hegel confere papel central, determinante, tendo se dedicado, na Doutrina da Essência (Hegel, 1995), a desenvolver uma teoria da relação que se ocupa de investigar a forma de relacionar e a dinâmica entre os envolvidos (Orsini, 2018).

Já na crítica que se refere à teoria da substância única em Espinosa, Hegel aborda a necessidade de complementaridade com as substâncias individuais (mônadas) de Leibniz, o que não seria realizável por meio da metafísica. Hegel (1995), então, supera a categoria substância, a partir da leitura da lógica, o que suprime essa instância em algo como uma “substância absoluta”, o “conceito” ou “subjetividade” (Orsini, 2018).

...é preciso observar que o verdadeiro passo de Hegel além de Spinoza não é a passagem da substancialidade para a causalidade, e sim a elevação da substância absoluta para a subjetividade. A tensão entre unidade da substância absoluta e pluralidade das substâncias finitas não pode ser solucionada se colocamos a Lógica de Hegel na situação de ter de escolher entre duas cosmovisões ou representações do mundo mutuamente excludentes: ou aquela monista ou aquela pluralista. A dissolução desse

tipo de dilemas é justamente o que o estudo lógico-dialético da categoria da substância se propõe a efetuar (Orsini, 2018; p. 91).

Hegel (1995) define a substância, portanto, como sendo tão relacional quanto o é substância, ou seja, só é o que é porque o é em relação, relação que se determina na acidentalidade. A substância consistiria na “totalidade dos acidentes, nos quais ela se revela como sua negatividade absoluta, isto é, como poder absoluto e ao mesmo tempo como a riqueza de todo o conteúdo.” (Hegel, 1995; p. 280)

Hegel se concentra, primeiramente, no “movimento da acidentalidade” (§2). A acidentalidade é a forma dos acidentes, e esses são o conteúdo determinado da substância. A forma da acidentalidade é a contingência, entendida como conversão imediata da efetividade na possibilidade e vice-versa. (...) os “acidentes” não significam para Hegel meros acontecimentos, mas formas tais como “algo”, a “coisa existente de múltiplas propriedades”, bem como “todos que consistem de partes” e “forças que precisam da solicitação recíproca e se condicionam umas às outras” (§6). À diferença de Aristóteles, Hegel não considera os acidentes como restritos apenas ao âmbito das qualidades transitórias dos seres, pois “acidente” designa para Hegel a característica formal das categorias do ser e também das determinações reflexivas da essência anteriores à “efetividade” (Orsini, 2018; p. 92).

A substância é “ser que permanece em toda determinação e alteração do ser aí” (Orsini, 2018; p. 92), e é entendida por Hegel como “potência absoluta”, porque é possibilidade em si e para si. Já a acidentalidade é o que determina a substância hegeliana em sua gênese, porque o movimento de acidentalidade se coloca à substância como contraposição, constituindo-se o contraponto entre a impotência dos acidentes e a potência da substância.

...a substância como potência absoluta é a potência que se refere a si apenas como possibilidade interior, e que portanto se determina como acidentalidade, e em que dela é distinta a exterioridade assim posta, substância é propriamente relação, como é substância na primeira forma da necessidade: é relação-de-causalidade (Hegel, 1995; p. 282).

Os acidentes são impotentes porque não são propriamente os sujeitos ou atores do movimento, da mudança. Eles produzem isso na e para a relação recíproca com a substância, mas a potência está na interioridade desta e não naquele. A substância seria automovimento, promove um surgir de si mesma. Para Hegel, o repouso da substância - o qual Aristóteles defendia como sendo a ausência de movimento e o objetivo de todo movimento - não implica em inércia, mas a inalteração de seu cerne, sua não passagem para outra instância. Assim, a atividade da substância subsume em contraposição interna da substância e não de um outro em relação a ela.

O conceito de potência hegeliano explicita as manifestações da substância frente aos acidentes. A potência da substância é, para Hegel, existente em sua relação com a accidentalidade (Hegel, 1995; Orsini, 2018). Para Hegel, a potência é característica à substância, mas não de forma inerente, imanente, brotando incondicionalmente, mas na relação dialética consigo mesma frente ao que lhe é alheio.

A substância enquanto potência é pôr e suprasumir de seus acidentes, que constituem o campo do contingente, da aparência. Por ser contingente, o acidente é um efetivo que tem o valor da possibilidade, mas é a substância que confere esse valor aos acidentes. Por isso, não é correto dizer que um acidente domina o outro. Ao contrário, a substância é aquela que põe nos acidentes um “valor desigual” (§6) enquanto lhes atribui determinações diferentes de conteúdo e de forma (possibilidade e efetividade).

A “purificação”, portanto, equivale ao restabelecimento do primado da potência constituinte da substância sobre a potência indireta, constituída, dos acidentes (Orsini, 2018; pp. 95-96).

A visão hegeliana de potência é construída com base crítica à filosofia espinosana. Em Espinosa a potência é de agir e com base para existir em um conatus, em uma tendência à sobrevivência. Portanto com fundamentação positiva. Em Hegel a potência está na não existência, na negação, na destruição: “a potência é simultaneamente negativa e positiva, destruidora e criadora” (Orsini, 2018; p. 96). E isso se dá tão somente na relação efetiva ou plenamente ativa com uma alteridade, ou seja, a potência da substância em si também se configura em relação interna. O momento dialético é, nas palavras do próprio Hegel, a potência de deus, ou seja, a possibilidade onipotente de mudança que existe na negação e no suprasumir.

A substância tal como é compreendida, sem mediação dialética anterior, imediatamente por Espinoza é, enquanto a potência universal negativa, algo somente como esse abismo sombrio, informe, que engole para dentro de si todo o conteúdo determinado, como sendo originariamente nulo, e que nada de si produz, que tenha em si uma consistência positiva (Hegel, 1995; p. 281).

O monismo espinosano, donde a substância é natureza geradora e encarna a origem de todas as coisas, bem como o dualismo cartesiano e outros binômios defendidos na metafísica perdem espaço, em Hegel, para o entendimento relacional, processual de mundo, onde o absoluto, que é a origem, é dotado de todas as coisas, cabendo à ciência, à filosofia a sua “tradução”, a sua compreensão. Considerando

essas premissas, promoveremos algumas considerações conclusivas sobre potência, de acordo com o aporte aqui abarcado, na seção seguinte.

3.1.4 A potência da potência para o *movimento*

Trouxemos à baila o resgate de ato-potência em Aristóteles. Esse pensador definiu que tudo que existe é substância, já que a substância consiste em tudo aquilo que carrega predicados e pode ser identificado. As substâncias, por sua vez, têm matéria (similar à essência, por exemplo uma madeira) e forma (formato, por exemplo uma cadeira de madeira) e esta é mutável. Toda substância tem quatro causas: material, formal, final e eficiente e toda forma é mutável tendo em vista a causa final, que é uma tendência constante ao aprimoramento, tendendo sempre à realização plena de sua “essência”.

Desta feita, toda forma existe em *Ato*, ou seja, é a concretude, a possibilidade real momentânea. E a essência, que é a matéria da substância, representa a sua mutabilidade, sua tendência constante ao aprimoramento, constitui a *Potência*. O movimento é concebido da potência em ato, do possível ao concreto, e a potência de uma transformação já é constitutiva da substância, intrínseca a ela, maneira pela qual Aristóteles responde à crítica de Parmênides: as coisas mudam porque não mudam, por um certo prisma elas se atualizam em conformidade com sua potência intrínseca. Tudo isso fora iniciado por um *primeiro motor móvel*, uma espécie de deus ou causa primeira, uma substância primeira que teria a função de dar início ao movimento sem se movimentar.

Assim como Aristóteles, de certo modo, contribuiu para a superação da dicotomia entre Heráclito, mobilista, e Parmênides, imobilista, com seu conceito de substância, que abarca partes móveis e partes imóveis, Espinosa rompeu com a dicotomia intrínseca na concepção cartesiana, considerando que corpo e alma seriam partes da expressão da natureza, que é geradora e que seria equivalente a deus.

Espinosa também trabalha com o conceito de substância e o define como sendo tudo que é existente e “primário”, ou seja, que é concebido e formado em si mesmo. O principal objetivo de corpo e alma (pensamento), ou seja, de um organismo, é a manutenção da existência e a essa tendência natural à

autoconservação o pensador nomeia *Conatus*. A relação entre corpo e alma se dá com vistas ao *Conatus* e por meio dos afetos, que podem aumentar ou diminuir a *Potência de agir*, o que equivale a um poder de existir que se contrapõe à impotência e que é o responsável pela ação ou movimento.

Embora seja nas relações que se é afetado e que se aumenta (ou seja, possibilitando alegria) ou diminui a potência de agir (neste caso, possibilitando o que Espinosa conceituou como tristeza), é em relação ao *conatus*, a uma tendência natural, inata e imanente, que essa potência é alterada levando à ação ou impotência. Quando não temos discernimento dos afetos e seus fatores desencadeadores somos agentes parciais, causas parciais de nossas ações, que são guiadas por imagens de outras coisas ou pessoas, configurando as paixões. Em Espinosa, a potência só existe no agir consciente e alegre.

O último pensador que acessamos para nos conduzir à reflexão de potência em relação ao movimento foi Hegel, o qual, assim como Aristóteles, já havíamos recorrido quanto à dialética, no Capítulo 2. No que se refere à potência, Hegel também recorre à leitura de Aristóteles e Espinosa. De forma crítica, refuta suas formulações quanto ao conceito de substância que houvera sido proposta por ambos, enquanto uma unidade basilar com características próprias.

Como a substância - a causa anterior, imanente de tudo - equivale, para Espinosa, à natureza, sendo a substância espinosana única, “divina e englobante” (Souza, 1990; p. 463), é uma substância absoluta, não havendo possibilidade de existência da negação, da contradição, do retorno a si mesma e de autodeterminação, então a potência de agir é causa e consequência natural. Já na concepção de Hegel, a substância, conforme proposta por Espinosa, é impossível, sendo apenas possível de forma relacional, ao revelar sua negatividade, e com propriedades conferidas pelas acidentalidades. A substância hegeliana é “negatividade que se refere a si mesma” (Souza, 1990; p. 467) e esse pensador propõe superar Espinosa no sentido de que a substância não pode ser compreendida como o absoluto, mas como sujeito, “viva e real” (Souza, 1990; p. 466).

Segundo minha concepção - que só deve ser justificada pela apresentação do próprio sistema -, tudo decorre de entender e exprimir o verdadeiro não como substância, mas também, precisamente, como sujeito. Ao mesmo tempo, deve-se observar que a substancialidade inclui em si não só o universal ou a imediatez do saber mesmo, mas também aquela imediatez que é o ser, ou a imediatez para o saber. (...) Aliás, a substância viva é o ser, que na verdade é sujeito, ou - o que significa o mesmo - que é na verdade efetivo, mas só na medida em que é o movimento do pôr-se a si mesmo, ou a mediação consigo mesmo do tornar-se outro. Como sujeito, é a negatividade pura e simples... (Hegel, 2014; p. 32).

É na relação consigo e com o que lhe é alheio, com as acidentalidades, que emerge a negatividade da substância e sua potência. Em Hegel, a potência está no momento dialético, ou seja, no momento negativamente racional, o que promove a negação. Vale a pena explicitar que embora a potência se configure em algum grau como uma manifestação ou força intrínseca da substância em Aristóteles e Espinosa, observamos mais enfaticamente a determinação da alteridade, das relações na potência e no movimento, apenas em Espinosa, de forma determinista, e em Hegel, de forma idealista, subjetivista.

Na crítica de Marx sobre a substancialidade de Hegel, ele considera que na leitura hegeliana: “As diferenças das coisas são irrelevantes porque a substância é apreendida como autodiferenciação ou porque a autodiferenciação, o diferenciar, a atividade do entendimento é apreendida como essencial.” (Marx e Engels, 2007; p. 541)

Marx e Engels, partindo de um ponto de vista não-substancialista, propõem, n’A Ideologia Alemã, que a substância não pode ser compreendida como a natureza e tampouco como um sujeito que realiza em si a negatividade, mas como sendo um processo que tem origem no real, no material, que corresponde ao processo produtivo dos seres humanos.

Esta soma de forças de produção, de capitais, de formas de relações sociais, que cada indivíduo o cada geração encontram como dados já existentes é a base concreta daquilo que os filósofos consideram como «substância» e «essência do homem», daquilo que aprovaram e daquilo que combateram, base concreta cujos efeitos e cuja influência sobre o desenvolvimento dos homens não são de forma alguma afetados pelo fato de os filósofos se revoltarem contra ela na qualidade de «Consciência de si» e de «Únicos».

A luta dos filósofos contra a “substância” e sua total negligência em relação à divisão do trabalho, à base material, onde tem origem o fantasma da substância, apenas comprova que estes heróis se voltam apenas para a destruição de frases, e de modo algum para a mudança das relações, de onde estas frases deviam surgir (Marx e Engels, 2007; p. 382)

Dessa forma, Souza (1990) pondera que a abordagem de A Ideologia Alemã norteia para a compreensão de que a tradução concreta da substância como potência objetiva é a “massa de forças produtivas, capitais e relações sociais”, já que a massa produtiva seria o “resultado material de cada etapa histórica que determina seu tipo de vida e seu desenvolvimento” (s/p).

Para melhor compreensão sobre a colocação de Souza (1990), Chauí (2007) explicita que o desenvolvimento, para Marx, consiste no:

... movimento interno de um modo de produção para repor seu pressuposto, transformando-o em algo posto; refere-se, portanto, a uma forma histórica particular, ou melhor, é a história particular de um modo de produção, cujo desenvolvimento é dito completo quando o sistema tem a capacidade para repor internamente e por inteiro o seu pressuposto. Uma forma histórica está desenvolvida quando se tornou capaz de transformar num momento interior a si aquilo que, no início, lhe era exterior, proveniente de uma forma histórica anterior, ou seja, quando realiza uma reflexão, de tal maneira que a exterioridade é negada como exterioridade para ser posta como interioridade na nova formação social (Chauí, 2007; p. 153).

A autora (Chauí, 2007) distingue desenvolvimento de devir, embora ambos sejam momentos de um único processo, já que para que haja devir, é necessário o desenvolvimento:

O devir é a sucessão temporal dos modos de produção ou o movimento pelo qual os pressupostos de um novo modo de produção são condições sociais que foram postas pelo modo de produção anterior e serão repostas pelo o novo modo (Chauí, 2007; p. 152).

Sendo que, na definição de leitura marxista da autora, modo de produção consiste na “determinação das forças produtivas pelas relações de produção e pela capacidade do processo produtivo de repor como um momento interno necessário aquilo que, de início, lhe era externo” (Chauí, 2007; p. 152).

Como as forças produtivas, ou seja, aquilo que caracteriza e/ou impulsiona a produção, determinam as relações dos humanos com a natureza, ou seja, as configurações do trabalho e como as relações de produção determinam as formas como o processo produtivo se dá, a propriedade, portanto o modo de produção “é determinado pelo trabalho e a forma do modo de produção é determinada pela propriedade” (Chauí, 2007; p. 156), existindo portanto uma contradição entre forças produtivas e relações sociais de produção já que com aquelas se desenvolvendo muito, estas não se sustentam, havendo luta pela apropriação do excedente (Chauí, 2007).

... o desenvolvimento da contradição é o desenvolvimento da luta de classes e esse desenvolvimento explica o devir temporal dos modos de produção. Sob esta perspectiva, podemos dizer que o modo de produção capitalista, como qualquer outro modo de produção, surge historicamente quando se completam a contradição e a luta de classes do modo de produção anterior. É essa análise histórica do devir, feita nessas duas obras, que leva Marx a abrir o Manifesto do Partido Comunista com a afirmação de que a história das sociedades que existiram até nossos dias tem sido a história da luta de classes. Em outras palavras, na perspectiva da Crítica da Filosofia do Direito de Hegel, de A Ideologia Alemã e do Manifesto, o fio que tece a história é o desenvolvimento das forças produtivas, desenvolvimento que é contraditório com as relações sociais de produção e por isso o fio é rompido pela luta de classes. Esse fio produz o movimento imanente ou o desenvolvimento de uma forma singular, um modo de produção determinado, e a ruptura desse fio pela luta de classes engendra o devir histórico dos modos de produção (Chauí, 2007; p. 157).

Pensar a potência, nos pressupostos de Marx, implica então pensar sobre a luta de classes. Para esse pensador, uma classe é formada quando uma massa tem “situações e interesses em comum” e se torna uma classe para si quando se une em defesa dos interesses que têm enquanto classe. A existência de uma classe oprimida, como a do proletariado, é a base das organizações sociais pautadas no antagonismo de classes, como ocorre entre burguesia e proletariado (Marx, 1946). Para Marx e Engels (2007), somente uma revolução comunista levaria à concretização final da potência objetiva que constitui a classe no âmbito do capitalismo.

Considerando a lente que permeia esta pesquisa, de base marxista e concepção materialista histórico-dialética, seria possível compreendermos a potência como implicação do *movimento*, algo como seu resultado, mas não de forma acabada e finalística, mas como o momento de um processo que pode advir ou ser provocado pelo *movimento* e que pode também provocá-lo. O descrito neste trabalho, portanto, é um processo que tem vistas à possibilidade de superação da opressão da classe trabalhadora, ou seja, de uma profunda transformação por meio de uma revolução que leva a uma autonomia humana frente a sua força produtiva.

A psicologia, área do conhecimento que embasa esta tese, foi uma ciência que teve seu surgimento vinculado, preponderantemente, ao contrário disso, à adaptação dos trabalhadores às condições de trabalho impostas pelo modo de produção capitalista e compreendemos como necessário um adendo a esse respeito, que abordaremos na próxima seção.

3.2 PSICOLOGIA E POTÊNCIA DE TRANSFORMAÇÃO?

Considerando a psicologia como campo do conhecimento em que se circunscreve este estudo e que, além da interdisciplinaridade e pluralidade de possibilidades quanto ao seu enfoque de objeto e método científico, tem como característica ter sido forjada para o que poderíamos denominar como enquadramento ou adaptação às normas e comportamentos sociais endossados por grupos que detém os meios de produção, ou seja, para atender às necessidades sociais e econômicas de uma organização constituída, propusemos, neste subcapítulo, uma reflexão sobre seu eventual potencial transformador. Nas diversas formas de atuação, na escola, nos manicômios, nas organizações, a importância da psicologia foi constituída na lapidação dos indivíduos para ocupar da forma mais produtiva possível suas posições no *status quo* (Antunes, 2014; Bock, 1999).

Emergentes questionamentos ao *modus operandi* característico da organização produtiva capitalista e que ganharam ênfase com as produções marxianas (1818-1883), a revolução russa (1917), o final da segunda guerra mundial (1945), a instauração da polarização mundial com a guerra fria (1947-1991), formas radicalmente diferentes de produção foram colocadas como possibilidade concreta. Nesse contexto mundial, o Brasil teve forte resistência ideológica de grande parte da população e estabeleceu uma política caracterizada por deliberada represália a tudo que representasse o sistema socialista em implantação na União Soviética ou quaisquer críticas ao capitalismo, primando pela internacionalização da economia e contando com retrocesso aos direitos civis, período conhecido como ditadura civil-militar (1964-1985).

Foi nesse contexto que a psicologia, especialmente a soviética, assim como as demais áreas das ciências humanas, contaram com a influência do marxismo e do materialismo histórico e dialético. Essa contribuição trouxe para seu metiê questionamentos quanto ao objeto de estudos, ao viés metodológico e aos objetivos dessa ciência. A crise da psicologia estava explicitada (Vigotski, 1999b), assim como do sistema no qual e para o qual havia sido erigida.

O movimento revolucionário da Rússia, no início do século XX, aniquilou o regime monárquico russo que mantinha o povo na pobreza e no atraso cultural e ofereceu ao mundo inúmeras contribuições. A luta por melhores condições de vida dos trabalhadores no mundo inteiro obrigou o sistema capitalista a fazer concessões para poder sobreviver às suas crises permanentes. Nesse contexto de turbulências históricas, nasceu a teoria histórico-cultural, revolucionando a concepção de desenvolvimento humano, principalmente, na pedagogia e na psicologia (Prestes e Tunes, 2022; p. 2).

A respeito da psicologia soviética, para compreendermos seu contexto, podemos considerar que no Império Russo, ou seja, na Rússia pré-revolução de outubro de 1917, haviam algumas principais tendências na abordagem da psicologia, uma vinculada à neurofisiologia³¹, com Sechenov (1829-1905) e seus discípulos Pavlov (1849-1936), Bechterev (1857-1927) e Ujtomski ou vinculada à filosofia com orientação idealista, com representantes como Troistki (1882), que fundou a Sociedade de Psicologia de Moscou, e Chelpanov (1862-1936), que apesar de seu doutorado na área de filosofia, tinha proximidade com Wundt e a psicologia europeia. Foi Chelpanov que, a frente da cátedra de Filosofia na Universidade de Moscou, organizou um seminário de psicologia que reuniu aqueles que viriam a ser representantes importantes da psicologia soviética, como Blonsky, Kornilov e Rudik, o que possibilitou a criação do Instituto de Psicologia da Universidade de Moscou em 1912 (González Rey, 2012).

Nos anos que seguiram à revolução de 1917, ganharam maior espaço as abordagens positivistas, vinculadas ao materialismo biologicista, ao que Chelpanov se opunha com veemência, o que lhe custou, em 1923, seu cargo de diretor do Instituto de Psicologia, papel que passou a ser exercido por Kornilov que, por sua vez, alinhou a psicologia às bases marxistas (Leontiev, 2021) e foi o responsável por vincular Vigotski à Universidade de Moscou em 1924.

Mesmo apesar de suas diferenças com Chelpanov, Kornilov compartilhou com ele a ideia da irreducibilidade dos processos psíquicos aos processos neurofisiológicos. Entretanto, diferentemente dele, vai a procurar a materialidade do psiquismo humano no princípio do reflexo, que foi assumido como premissa para a definição da psicologia marxista durante todo o período soviético. (...)

Opondo-se ao idealismo no sentido de que sem existência humana não existe consciência, que é uma colocação legítima, Kornilov, entretanto, retira todo poder ativo e gerador da consciência ao enfatizar que sem mudanças

³¹ Ou, como aponta Yasnitsky (2016), “human industry, broadly understood as a range of social activities geared towards the attainment of material gains”, em livre tradução: “indústria humana, amplamente entendida como uma gama de atividades sociais voltadas para a obtenção de ganhos materiais”.

no ser não existiriam mudanças na consciência. A consciência é considerada como um reflexo do externo... (...)

A partir desse princípio, o externo passa a ter um caráter hegemônico, razão pela qual a compreensão da gênese e desenvolvimento da psique se orienta mais por um determinismo mecanicista do que por um posicionamento dialético. O interno passa a ser considerado apenas como uma imagem do externo... (...)

O caminho aberto por Kornilov estabeleceu as bases para uma psicologia objetiva centrada no reflexo, na qual o sujeito e a subjetividade desapareciam, aparecendo a consciência como um epifenômeno do externo. Essa definição marcou de forma geral toda a Psicologia Soviética, mas de forma muito particular a psicologia que se desenvolveu em Moscou, onde o grupo liderado por Kornilov foi dominante (González Rey, 2012; p. 265).

A década de 1920 é apontada por Yasnitsky (2016) como sendo de efervescência à psicologia soviética, com a “promessa de uma nova ciência humana e seu papel decisivo na transformação revolucionária do mundo” (Yasnitsky, 2016; p. 19; tradução livre). A necessidade da prática aliada à teoria e do uso das teorias revolucionárias eram requisitos para a ciência soviética nesse período.

De acordo com a exigência bolchevique da prática da ciência, era a prática que tornava-se o critério de verdade e utilidade – de acordo com os postulados do marxismo, o que, de fato, era o segundo dos requisitos da ciência dos bolcheviques. Com efeito, a exigência de praticidade poderia ser interpretada como um desafio direto à ambição da filosofia de fornecer uma ponto de vista teórico, mas certamente foi uma extensão das ideias de Marx sobre o papel da filosofia na transformação radical e revolucionária do mundo em oposição à sua compreensão tradicional como um empreendimento puramente teórico e especulativo. O papel que a psicologia deveria desempenhar nessa transformação foi muito especial e altamente importante. A psicologia deveria encontrar os meios para a remodelação normativa do “velho homem” do passado capitalista e educação do “novo homem” do comunismo. Esses métodos seriam posteriormente implementados em projetos sociais de grande escala e levaria à criação de pessoas melhores e inovadoras no futuro (Yasnitsky, 2016; p. 20; tradução livre).

A psicologia, no contexto geográfico que circunscreve as pesquisas da União Soviética e no período que abarca a sequência da revolução russa, passa a ter a demanda ou necessidade não mais de explicar e contribuir para o ser humano se adequar ao *modus operandi* liberal, mas agora compreendê-lo para além dessa realidade, como sujeito passível de ser agente e vivenciar profundas transformações, representando, explicando e assim legitimando o sujeito soviético, o que somente seria possível em estudos que dialogassem com o marxismo.

... Claro que a revolução mudou tudo isso. Quebrou as barreiras entre as classes e deu a todos nós, independentemente da nossa classe social, novas perspectivas e novas oportunidades. Pela primeira vez na Rússia, as pessoas puderam escolher suas próprias carreiras sem levar em consideração suas origens sociais. A Revolução nos libertou, especialmente a geração mais jovem, para discutir novas ideias, novas filosofias e sistemas sociais (Luria, 1979; tradução livre).

Do grupo de Kornilov, diversos pesquisadores tiveram importante contribuição ao desenvolvimento da psicologia soviética, os nomes mais conhecidos no Brasil, e portanto mais citados, são Vigotski, Leontiev, Luria, que juntos formaram o que intitularam, de acordo com a descrição de Luria (1979), a “troika” da psicologia soviética, precursores na produção de uma nova psicologia, comprometida com o marxismo do objeto ao método. Entretanto outros pesquisadores são citados, especialmente em produções textuais que tratam da história e recuperam as pesquisas desenvolvidas nessa ocasião, como por González Rey (2012), incluindo nomes como Ananiev, Miasichev e Rubinstein, sendo que esse último tem ganhado notoriedade brasileira especialmente na última década (Leontiev, 2021, Yasnitsky, 2011; González Rey, 2012; Martins, 2013).

A produção científica profícua também contou com rupturas, o afastamento teórico-metodológico entre Vigotski e Leontiev no final dos anos 1920 é relatado por estudiosos dos meandros históricos da psicologia soviética. Yasnitsky (2011;2014), por exemplo, defende que existiu uma ruptura entre os pensadores, que aventa contar com questões pessoais. Em sua tese de doutoramento, argumentou que houveram, na realidade e ao invés de uma troika, um círculo de produção acadêmica que envolvia Vigotski e Luria e seus orientandos. Já Zavershneva (2010) defende, com base nas anotações de Vigotski (Zavershneva e Van der Veer [Orgs.], 2018), que suas discordâncias com Leontiev estavam no âmbito acadêmico, mas eram patentes e se referiam, em especial, ao que se poderia considerar um grau de reducionismo na teoria da atividade.

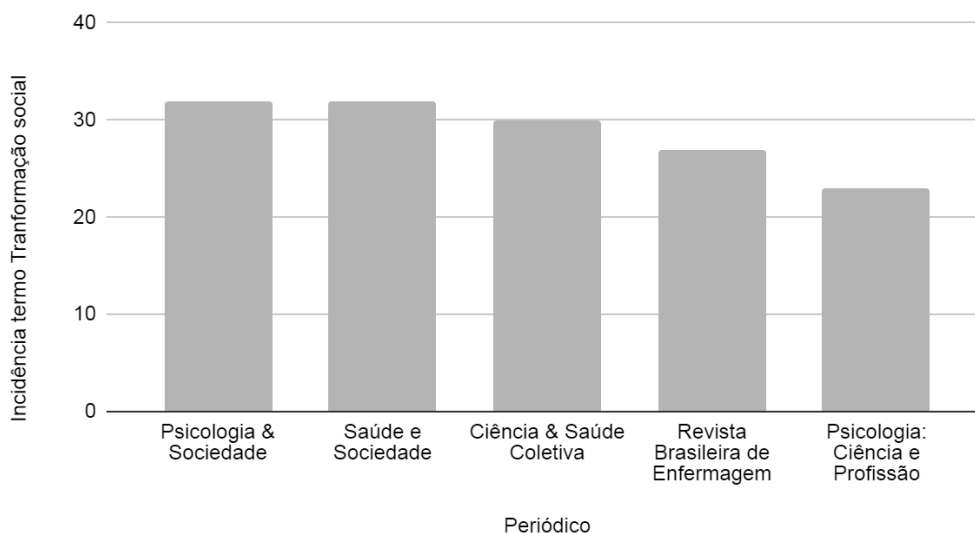
Pode-se afirmar que para a psicologia social soviética, a psicologia é a ciência que estuda o ser humano sem perder de vista que este somente se constitui na inter-relação com o meio. Dessa forma, a subjetividade não pode sequer ser aventada sem que se abarque as multideterminações do ser humano, que, sendo uma espécie entre outros animais, guarda características fisiológicas específicas, mas não pode ser compreendido se restrito a elas, sendo imprescindível considerar a interferência e interdependência constitutiva de seus contextos sociais e históricos.

Apresentava-se assim uma psicologia imbricadamente marxista, impregnada da raiz às sementes de materialismo histórico e dialético.

Conforme apontado na Introdução, a psicologia histórico-cultural brasileira, erigida com o embasamento teórico da psicologia soviética, manifesta ter como premissa de produção e atuação a transformação social. Em consulta exploratória à Scielo (Scientific Electronic Library Online), utilizando o descritor *transformação social*, sem filtros, observou-se 1.034 resultados de artigos científicos publicados e disponíveis na plataforma nas mais diversas áreas. Das cinco revistas com maior incidência de publicações com o termo pesquisado, duas são da área de psicologia, sendo a de maior incidência de artigos a Psicologia e Sociedade, que de acordo com sua página:

é um dos veículos de comunicação científica da ABRAPSO que publica textos originais sobre temáticas que privilegiem pesquisas e discussões na interface entre a psicologia e a sociedade, tendo em vista o desenvolvimento da Psicologia Social numa postura crítica, transformadora e interdisciplinar (Fonte: <https://site.abrapso.org.br/publicacoes/revista/>; Grifos nossos).

Figura 2: Incidência do termo “transformação social” em periódicos.



Fonte: Elaboração própria

Legenda: Gráfico em barras que demonstra maior incidência de artigos que mencionam o termo “transformação social” na revista “Psicologia e Sociedade”.

Em que pese o contraponto que a psicologia social crítica se propôs e propõe instituir em relação a leituras individualistas e eminentemente adaptacionistas da psicologia, por mais que as iniciativas críticas manifestem como prerrogativa sua contribuição em psicologia para a transformação de contextos

socioculturais, emancipação humana, entre outras terminologias, é possível questionar o alcance de tal intento.

No caso específico da psicologia histórico-cultural, tem-se ao menos duas variáveis que contribuem com esse questionamento: primeiramente, o quanto da psicologia soviética foi apropriada para a realidade brasileira, muitas vezes por intermédio de traduções de uma terceira língua (inglês ou espanhol) e interpostas pelos padrões culturais específicos; em segundo lugar, considerando o viés marxista que permeia toda a teoria, até que ponto é possível considerar a transformação social no contexto concreto, na realidade que se interpõe.

No que se refere ao primeiro ponto levantado, Newton Duarte (2001) traz considerações no âmbito da pedagogia:

A psicologia de Vigotski, para se tornar uma referência para os educadores brasileiros de hoje, precisa ser estudada como parte de um estudo maior, voltado para a construção de uma pedagogia marxista. Isso quer dizer que a psicologia vigotskiana, por si mesma, não pode produzir uma pedagogia, ainda que seja desta um dos fundamentos indispensáveis. Pretender criar uma “pedagogia vigotskiana” seria incidir no psicologismo que entendemos ser incompatível com uma concepção marxista das relações entre indivíduo e sociedade. Por sua vez, uma pedagogia marxista não é construída como resultado de um processo exclusivamente teórico, nem mesmo como resultado da tão propalada articulação entre teoria e prática, se esta, a prática, for entendida apenas como a prática no interior das escolas que temos hoje. Sem dúvida há que se enfrentar a realidade dessas escolas e há que se propor formas de enfrentamento dos problemas nelas existentes. Mas a relação entre teoria e prática no processo de construção de uma pedagogia marxista deve ser vista de forma mais ampla, isto é, como articulação entre a questão educacional e a questão política. Como temos insistido ao longo de todo este trabalho, a construção de uma pedagogia histórico-crítica é parte de um projeto político socialista. Grifamos que se trata de uma parte fundamental desse projeto e até mesmo que se encontra no centro do mesmo pois não será possível revolucionar a sociedade, superar o capitalismo, sem a elevação do nível de consciência da população, questão essa que está relacionada à da formação de intelectuais e à das relações entre os intelectuais e as massas e à das relações entre filosofia e senso comum (Gramsci, 1995, pp. 11-30). Também é preciso não perder de vista que não é possível superar plenamente os problemas e as limitações da educação oferecida pela sociedade capitalista, sem a superação dessa sociedade. Da mesma forma, não é possível superar, do ponto de vista teórico, de forma plena, as pedagogias de cunho liberal burguês, sem a superação da realidade social contraditória da qual nasceram essas pedagogias... (Duarte, 2001; p. 342)

Duarte (2001), tendo a pedagogia como enfoque, traz uma análise possível de ser relacionada à psicologia. É impossível haver uma psicologia histórico-cultural transformadora sem que exista uma base marxista em sua práxis, assim como o próprio Vigotski se propôs à compreensão da produção marxiana para pensar a psicologia, é necessário que se compreenda e se retome o projeto marxiano e

vigotskiano para vislumbrar a possibilidade (ou não) de uma psicologia histórico-cultural transformadora no contexto brasileiro, produzi-la.

Nessa perspectiva devemos ser sinceros com o leitor e afirmar que este livro certamente não trará nenhum apoio àqueles que pretendam buscar em Vigotski algo que alimente a ilusão de construção de uma educação verdadeiramente democrática numa sociedade capitalista, pelo simples fato de que entendemos ser isso impossível. Somente a superação da alienação pelo comunismo, tal como acima descrita por Gyorgy Markus, poderá efetivamente democratizar o acesso aos bens materiais e intelectuais da sociedade. Estudar Vigotski e demais integrantes dessa escola da psicologia soviética só tem sentido atualmente, para aqueles que não pretendam fortalecer o universo ideológico neoliberal e pós-moderno...(Duarte, 2001; p. 344)

Ainda que se pese algumas iniciativas no sentido de promover mudanças, é necessário considerar a realidade capitalista, que é parte intrínseca da obra marxiana, base filosófica que gerou a psicologia que denominamos histórico-cultural. Não há como negociar, atenuar o peso do que foi imprescindível e constituinte na obra marxiana para tornar acessível uma psicologia de base marxista - a não ser que essa atenuação seja tão somente aparente, para facilitar a sua penetração na prática, mas ainda assim de maneira comedida e calculada.

Por fim, seria mais que inviável, mas imprudente, uma psicologia de base marxista que almejasse e denominasse como transformação algumas reduções de danos temporárias que podem ser promovidas esporadicamente no âmbito do capitalismo. Admitindo que existam algumas conquistas de direitos básicos em prol de interesses dos trabalhadores em alguns períodos, mas que esses são conciliados com momentos de recrudescimento e avanços do reacionarismo (Boito Jr., 2012).

Mas esse panorama compele à inferência de que não é possível conceber psicologia histórico-cultural no capitalismo apenas àqueles que desconsideram a dialética que permeia a base marxista. Kosik (1969) norteia em sua *Dialética do Concreto* que, para uma práxis revolucionária, é necessária a cisão dialética do que é aparentemente único e independente e sua destruição, trazendo a tona seu caráter mediado e, por meio de um recorte momentâneo da realidade distinguir o essencial do secundário, distinguir a raiz das questões ou o que denomina “essência” discernindo-a do “fenômeno”, do empírico, já que essência e fenômeno são iguais tão somente na pseudoconcreticidade, ou seja, no pensamento comum, fetichizado, na forma ideológica, na aparência.

Analisando o entendimento de subjetividade pela perspectiva marxiana, Saviani (2012) reflete, considerando como empírico o que é objetivo, aparente e como concreto o complexo, multideterminado:

Assim, uma ciência da subjetividade humana, isto é, a ciência dos indivíduos como sujeitos singulares, para reconstruir a teia de relações que caracteriza o seu objeto, terá que partir do empírico, ou seja, do indivíduo tal como ele se manifesta em nossa representação imediata, em nossa intuição. Nesse momento, o complexo da subjetividade nos aparecerá como um "todo caótico". Procedendo à sua análise, isto é, recorrendo à abstração, chegaremos a enunciar as suas características básicas na forma de categorias simples e gerais a partir das quais reconstruiremos a síntese de relações que define o indivíduo que será entendido, agora, não mais de modo caótico, de forma sincrética, mas como "uma rica totalidade de relações e de determinações numerosas" (idem, *ibidem*). Pelo primeiro movimento, aquele que vai do empírico (a síncrese, o "todo caótico", o todo figurado na intuição) à análise (as abstrações mais simples), afirma Marx que a plenitude da representação é reduzida a uma determinação abstrata; pelo segundo movimento, o que vai da análise à síntese das múltiplas determinações do objeto estudado, isto é, o concreto, "as determinações abstratas conduzem à reprodução do concreto pela via do pensamento". Ocorre que a psicologia, tal como obteve seu estatuto de cientificidade a partir do final do século XIX e tal como vem sendo praticada correntemente, realiza apenas o primeiro movimento. Com efeito, a concepção de ciência que se firmou a partir da época moderna é de caráter empirista, isto é, entende que fazer ciência é reduzir o complexo ao simples; é reduzir o empírico às suas determinações gerais, o que é obtido por um processo de abstração em que se opera a análise dos dados da experiência. No entanto, segundo Marx, é pelo segundo movimento que se dá "evidentemente o método científico correto" (Saviani, 2012; pp. 40-41).

No sentido apontado por Saviani (2012) nesse excerto, o movimento explicitado é aquele próprio do processo da dialética, apontado por Marx (conforme capítulo segundo). Dessa forma, é possível uma psicologia em *movimento*, no sentido dos caminhos processuais dialéticos em direção à transformação, desde que havendo vigilância teórico-epistemológica, criticidade na práxis - o que implica na decomposição do todo separando o fenômeno de sua essência, nas palavras de Kosik ou, nas palavras de Saviani em leitura marxista, esforçar-se no movimento de análise do empírico à síntese das múltiplas determinações do sujeito (agora entendido como concreto) - e também que não se perca de vista o que é de fato, concretamente, a transformação e a emancipação humana de acordo com o marxismo, ou seja, a superação das relações capitalistas.

Caberia propor, resumidamente, que é possível uma ciência, uma psicologia atuante ou pela redução de danos conjuntural, ou pelo *movimento* enquanto processo que pode contribuir para a transformação. Mas atuar pela transformação seria algo muito mais radical e abrangente do que, via de regra, se produz.

Essa reflexão que ora propomos, a luz do pano de fundo teórico que perscruta a abordagem da psicologia que embasa o presente trabalho, se faz presente porque, como fora observado no início desta seção, existem indícios de significativo quantitativo de produções em nível de artigo científico que colocam em pauta a transformação social que porventura anseiam, mas que não se pode conceber de forma simplista no contexto da conjuntura socioeconômica que nos permeia e do aparato científico que nos norteia. Ao considerarmos o resgate da categoria potência com certo enfoque, pretendíamos vislumbrar alguns limites do que se considera como implicações do *movimento*.

A psicologia não tem potência, considerando a conotação dialética marxista, ou seja, não poderia ser considerada contributiva à transformação, enquanto atua exclusivamente na redução de danos dos efeitos da luta de classes. Dessa forma, esse tipo de iniciativa não pode ser considerada como *movimento*. Em contrapartida, tendo atenção a essa premissa, pode-se produzir uma psicologia mobilizadora, radicalmente transformadora. Tal análise quanto aos limites e possibilidades proporcionados pela psicologia, aliada à reflexão final da seção 3.1, no que se refere à potência por um viés marxista, remete à concepção de liberdade de Vigotski, conteúdo que também pode agregar ao debate da potência no âmbito da psicologia e que será tratado no tópico seguinte.

3.3 LIBERDADE, AUTODOMÍNIO E DRAMA EM VIGOTSKI³²

Não adianta mesmo ser livre se tanta gente vive
sem ter como comer.
(Engenheiros do Hawaí; Infinita Highway, 1987)

A dedicação de Vigotski à compreensão do ser humano em um contexto histórico que representava e concretizava profundas transformações sociopolíticas tem expressão na relevância que atribuía a uma premissa que gera reflexões e debates frequentes desde a antiguidade no âmbito da filosofia, a *liberdade*, tema sobre o qual se debruçou especialmente em seus últimos anos de vida (Kravstov, 2014; Zavershneva e Van Der Veer, 2018) e que se coaduna com o objeto desta

³² Partes deste subcapítulo compuseram artigo intitulado *Identificando elementos de transformação da realidade: movimento dialético e desenvolvimento*, tendo sido submetido à revista “Obutchénie. Revista de Didática e Psicologia Pedagógica”.

pesquisa, na medida em que esse conceito está relacionado à autonomia humana (Vigotski, 2000; Kravstov, 2014) assim como a potência à transformação sociopolítica, tema que viemos abordando no presente capítulo.

Por meio de seus cadernos, em anotações atribuídas ao ano de 1930, é possível compreender que, para Vigotski (*In Zavershneva e Van Der Veer, 2018; p. 134*) a liberdade de arbítrio, em seu entendimento racional, equivale ao reconhecimento da necessidade, mas não se encerra nessa observação concreta, indo além, caracterizando-se pelas compreensões subjacentes a isso.

(De acordo com Lênin, o idealismo não é apenas um absurdo. cf. seus Cadernos, XII, p. 361). Assim: a ideia central: Na generalização mais simples, na ideia geral mais elementar há uma certa pedaço de fantasia = liberdade. No conceito, há liberdade. O análogo racional da teoria idealista dos conceitos (eles não são coisas, mas ideias) é a teoria da libertação da coisa contida nos conceitos (=na ideia da coisa). Este é o significado genuíno (e grandioso!) de Platão e de todo o idealismo. O idealismo não é absurdo: “O idealismo filosófico é apenas um absurdo do ponto de vista do materialismo metafísico bruto, simples”.

Notas dos tradutores:

27. Refere-se a uma observação na p. 19 de Köhler (1930): “Eles são muito mais escravos de seu campo sensorial do que os humanos adultos”.

28. A liberdade é o reconhecimento da necessidade. Além disso: a liberdade é a percepção subjacente à necessidade. A citação é do capítulo 11 do *Anti-Dühring* de Engels (1877) (Vigotski *In Zavershneva e Van Der Veer, 2018; p. 134*).

Podemos entender que, para o autor (Vigotski *In Zavershneva e Van Der Veer, 2018*), a liberdade humana é aquilo que criamos em nós e de nós em meio à necessidade. Levando-se em consideração que aquilo que é subjacente à necessidade está relacionado com a nossa constituição, que nunca será exclusivamente individual e, por mais que se manifeste individualmente, é forjada em um determinado contexto.

Parafraseando a música brasileira que afirma “Somos quem podemos ser, sonhos que podemos ter...” (Engenheiros do Hawaii; Somos quem podemos ser, 1988), poderíamos dizer que a liberdade para Vigotski pode ser compreendida como os sonhos que podemos ter, que dependem de quem somos e, por sua vez, somos quem *podemos* ser. Os sonhos, nesse contexto, sendo entendidos como conceitos, ideias. Para o autor, “a liberdade está contida no conceito (na ideia)”, ou seja, “...o conceito já contém toda a liberdade assim como a célula contém todo o corpo” (Vigotski *In Zavershneva e Van Der Veer, 2018; p. 134*). Dessa forma, a formação ou

o desenvolvimento do conceito estaria vinculado ao reconhecimento da necessidade e à liberdade^{33 34}.

Cada vez em cada estágio (todos sincréticos, complexos, conceitos), estudamos novamente a relação “palavra-significado-objeto”, desconsiderando que cada novo estágio no desenvolvimento da generalização repousa sobre as generalizações do estágio anterior, isto é, sobre generalizações de generalizações (sobre uma ideia de uma ideia), ou seja, a nova estrutura de generalização não emerge da generalização de objetos, mas da generalização de objetos generalizados na estrutura anterior (em complexos). É por isso que não há verdadeiro automovimento no desenvolvimento dos conceitos, nenhuma conexão interna entre os estágios. (...) os conceitos vieram simplesmente após os complexos, mas não resultou deles. (...) É por isso que organizamos os estágios como uma série de círculos movendo-se em um único plano, ao passo que deveríamos tê-los organizado como uma espiral, como uma série de círculos conectados e ascendentes. Cf. representações gerais desenvolvem-se a partir de percepções generalizadas e não de representações isoladas. A representação isolada [vem] depois das representações gerais (Vigotski *in* Zavershneva e Van Der Veer [Orgs], 2018; p. 369; tradução livre).

Dessa maneira, a liberdade como um conceito genérico, como uma representação geral, se desenvolve a partir de percepções generalizadas e, a partir disso, desenvolvem-se as representações isoladas, específicas. É dessa forma que é possível compreender a afirmativa anteriormente citada de que “o conceito já contém toda a liberdade”, não de forma idealista na qual a parte contém o todo em si, mas no entendimento de que o contém em potência.

Não por acaso, muito do conceito de liberdade para Vigotski é apresentado no excerto intitulado “Autocontrole” que foi publicado como um capítulo do livro “História do desenvolvimento das funções mentais superiores” (Vigotski, 2021). No texto, Vigotski resgata Engels ao afirmar que não existe liberdade que se constitua de maneira independente às leis da natureza, mas sim no conhecimento dessas leis, o que possibilita o seu controle ou a atuação sistemática visando finalidades. Nesse sentido e de forma sintética, define o livre-arbítrio como “a capacidade de tomar

³³ “The concept = the recognition of necessity = freedom”. Nota dos tradutores: 28. A liberdade é o reconhecimento da necessidade. Além disso: a liberdade é a percepção subjacente à necessidade. A citação é do capítulo 11 do *Anti-Dühring* de Engels (1877) (Vigotski *in* Zavershneva e Van Der Veer, 2018; p. 134).

³⁴ Kravstov apresenta leitura com outro enfoque, mas que consideramos complementar, sobre a liberdade no entendimento Vigotskiano: “A ação livre é a ação consciente controlada e submetida à orientação consciente que o sujeito domina. Daí decorre a conhecida tese de Vigotski – ‘tomar consciência significa dominar’” (2014, p. 33-34). Compreendemos que a ação livre é a ação consciente, antevista ou planejada com percepções desenvolvidas conforme as possibilidades concretas, incluindo as percepções e manejos das impossibilidades. Somente assim poderia o sujeito dominar a ação.

decisões com conhecimento sobre o assunto” (p. 407). É possível compreender, portanto, que os seguintes conceitos estão inter-relacionados:

Figura 3: Esquema relacionando conceitos similares (Vigotski, 2021).



Fonte: Elaboração própria.

Legenda: Esquema que relaciona os conceitos autocontrole (Vigotski), controle do ambiente (de Francis Bacon), domínio da natureza (de Engels) e liberdade (Vigotski).

Mas, de que serve pontuar o conceito de liberdade tangível para as premissas histórico-culturais como discrepante do conceito neoliberal se não para apontar a impossibilidade da existência desta concepção em detrimento daquela e a impossibilidade de haver liberdade incondicional para todos os seres, sendo que muitos têm a necessidade concreta de vender a própria força de trabalho para alguns para sobreviver. Nesse sentido, Marx e Engels são contundentes em afirmar que a liberdade pessoal só é viável em comunidade e com o acesso de todos ao desenvolvimento:

É somente na comunidade [com outros que cada] indivíduo tem os meios de desenvolver suas faculdades em todos os sentidos; somente na comunidade, portanto, a liberdade pessoal torna-se possível. Nos sucedâneos da comunidade existentes até aqui, no Estado etc., a liberdade pessoal existia apenas para os indivíduos desenvolvidos nas condições da classe dominante e somente na medida em que eram indivíduos dessa classe (Marx e Engels, 2007; p. 64).

Nesse sentido, o quanto exista de possibilidades de desenvolvimento dos seres humanos, isto é, de sua humanização, e o quanto essas possibilidades não se concretizem definem o grau de alienação existente numa determinada sociedade. Como escreveu Gramsci (1995, p. 47): A possibilidade não é a realidade, mas é, também ela, uma realidade: que o homem possa ou não fazer determinada coisa, isto tem importância na valorização daquilo que realmente se faz. Possibilidade quer dizer “liberdade”. A medida da liberdade entra na definição de homem. Que existam as possibilidades objetivas de não se morrer de fome e que, mesmo assim, se morra de fome, é algo importante, ao que parece (Duarte, 2001; p. 341).

...Veja bem meu patrão, como pode ser bom?
Você trabalharia no sol e eu tomando banho de mar?...
(Milton Nascimento; Caxangá, 1977).

Considerando o conceito marxiano de estranhamento, que define a dinâmica na qual o trabalhador não domina todos os processos relacionados ao seu trabalho -

apesar de produzir mercadoria, ele não possui os meios de sua produção e tampouco o resultado, estando o próprio trabalhador na posição de uma mercadoria - é possível compreender que a liberdade de Vigotski possa ser considerada como uma variável inversamente proporcional ao estranhamento em Marx.

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como [com] um objeto estranho estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (ausarbeits), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (fremd) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio. É do mesmo modo na religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é. A exteriorização (Entäusserung) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (fussern), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele (ausser ihm), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (Macht) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (Marx, 2008; p. 81).

Existe uma distinção entre alienação (Entäusserung) e estranhamento (Entfremdung): enquanto alienação tem o significado de algo ineliminável do homem, uma exteriorização que o autoproduz e forma no interior de sua sociabilidade, estranhamento é designação para as insuficiências de realização do gênero humano decorrentes das formas históricas de apropriação do trabalho, incluindo a própria personalidade humana, assim como as condições objetivas engendradas pela produção e reprodução do homem. Em outras palavras, pode-se dizer que aquilo que Marx designa por alienação (ou exteriorização, extrusão, Entäusserung) tem a ver com atividade, objetivações do ser humano na história, ao mesmo tempo em que estranhamento, pelo contrário, compõe-se dos obstáculos sociais que impedem que aquela atividade se realize em conformidade com as potencialidades humanas, obstáculos que, dadas as formas históricas de apropriação do trabalho e também de sua organização por meio da propriedade privada, faz com que a alienação apareça como um fenômeno concêntrico ao estranhamento. Para Marx, a partir do momento em que se tem a produção e seus produtos como alvo da apropriação por parte de um segmento social distinto daquele que produz, tem-se igualmente o estranhamento, na medida em que este conflito, esta oposição entre apropriação e expropriação é aquela que funda a distinção socioeconômica e também política entre as classes (Ranieri, 2006; s/p).

Isso traz consequências para as relações humanas, o reconhecimento do humano enquanto parte da sociedade, de si mesmo, porque o humano não se reconhece naquilo que produz e, mais, passa a ser “governado” por essa produção, tanto porque depende dela para sobreviver, como porque o resultado não lhe pertence, tendo ele mesmo que produzir para outrem para adquirir sua própria

produção. O reconhecimento de sua parcela de autonomia nessa relação se converte em dependência.

O animal é imediatamente um com a sua atividade vital. Não se distingue dela. É ela. O homem faz da sua atividade vital mesma um objeto da sua vontade e da sua consciência. Ele tem atividade vital consciente. Esta não é uma determinidade (Bestimmtheit) com a qual ele coincide imediatamente. A atividade vital consciente distingue o homem imediatamente da atividade vital animal. Justamente, [e] só por isso, ele é um ser genérico. Ou ele somente é um ser consciente, isto é, a sua própria vida lhe é objeto, precisamente porque é um ser genérico. Eis por que a sua atividade é atividade livre. O trabalho estranhado inverte a relação a tal ponto que o homem, precisamente porque é um ser consciente, faz da sua atividade vital, da sua essência, apenas um meio para sua existência (Marx, 2008; pp. 84-85).

... este processo de estranhamento aparece nas relações estabelecidas entre os próprios homens como insuficiência do processo de reconhecimento societário, na medida em que estão fundamentalmente comprometidas as possibilidades humanas de emancipação historicamente engendradas. Por este motivo é que a perspectiva do "desestranhamento" é aquela que toma como ponto de partida o trabalho humano, pois o estranhamento manifesta-se historicamente como objetivação e apropriação. O proletariado encontra-se então, no interior desta perspectiva, como aquele elemento que não somente se opõe ao poder do capital, mas como o que *transcende* a si mesmo e a este último, na medida em que emancipa o trabalho do seu jugo (Ranieri, 2001; s/p).

Ainda, aliada à liberdade, a imaginação se interpõe como um sistema psicológico especificamente humano que possibilita movimento à consciência. Toassa (2004) pontua que é graças à imaginação e à criação que a humanidade transformou e transforma condições naturais e sociais. Para Vigotski (2003), a imaginação consiste na construção de novas formas e combinações de impressões a partir de impressões anteriormente desenvolvidas:

...o novo que interfere no próprio desenvolvimento de nossas impressões e as mudanças destas para que resulte uma nova imagem, inexistente anteriormente, constitui, como se sabe, o fundamento básico da atividade que denominamos imaginação (Vigotski, 2003; p. 107).

A imaginação deve ser considerada uma forma mais complicada de atividade psíquica, a união real de várias funções em suas peculiares relações (Vigotski, 2003; p. 127).

Desejaria, finalmente, dizer que a conexão interna existente entre a imaginação e o pensamento realista complementa-se com um novo problema, intimamente ligado ao da vontade ou liberdade na atividade do homem, na atividade da consciência humana. As possibilidades de agir com liberdade, que surgem na consciência do homem, estão intimamente ligadas à imaginação, ou seja, à tão peculiar disposição da consciência para com a realidade, que surge graças à atividade da imaginação (Vigotski, 2003, pp.129-130).

Como fatores que permeiam o processo de *movimento* em direção a essas potências, podendo contribuir, articula-se a imaginação, que promove alternativas ao

que está posto. Nesse sentido, outro conceito que se coaduna é o ato artístico, que pode ser permeado por imaginação e estar vinculado a vivências (este último conceito já exposto no capítulo 2). No próximo capítulo, abordaremos a musicalidade como expressão artística e possível potenciadora em processos de *movimento*.

Ao focar na subjetividade, pensar o *movimento* envolve também as vontades, escolhas e motivos, já que a sua direção e engajamento são por eles afetados. O que mobiliza e como mobiliza são levantamentos passíveis de análise no âmbito do ser humano e essas categorias de Vigotski podem contribuir.

Retomando ainda o excerto intitulado “Autocontrole”, Vigotski (2021) explicita estar adentrando na seara da filosofia, de forma que a psicologia poderia contribuir com essa área do conhecimento ao visar à compreensão das origens do livre-arbítrio. Ao abarcar esse enfoque, a psicologia está abarcando também como se dão as escolhas e, com isso, como se pode compreender os motivos e as vontades, aspectos que são constituídos por e interferem nas ações humanas.

A intenção pode ser compreendida, de maneira genérica e em filosofia,³⁵ como uma ação que tende para algo, ou seja, a tendência ao direcionamento de uma ação. Para Vigotski, esse algo é uma necessidade que deve ser compreendida de forma ampla, incluindo necessidades sociais, ambientais e ele destaca o caráter processual e automático, involuntário da intenção, já que essa tendência é constituída nas interações do ser humano, ao longo de seu desenvolvimento.

Em leitura aos estudos de Kurt Lewin, Vigotski (2021) expõe o conceito de intenção:

... a intenção é um processo típico de controle do próprio comportamento pela criação de situações e relações apropriadas, mas executando-as como um processo que é totalmente independente da vontade e que ocorre automaticamente. Desse modo, o paradoxo da vontade consiste no fato de que a vontade cria atos involuntários (Vigotski, 2021; p. 394).

E ainda explicita que sem a intenção o humano está a mercê dos estímulos disponíveis, compara essa situação a uma pessoa esperando em uma sala vazia sem ter o que fazer:

... o comportamento humano que não tem uma intenção específica está sujeito à força da situação. (...) A intenção também se baseia na criação de uma ação em resposta a uma necessidade direta de objetos ou, como diz Lewin, provém do ambiente circundante (Vigotski, 2021; p. 394).

³⁵ Dicionário da Língua Portuguesa da Academia das Ciências de Lisboa. Casteleiro, 2001.

O autor (Vigotski, 2021) coloca essa tendência, esse direcionamento, nos termos que a intenção se caracteriza em uma forma de “controle do próprio comportamento pela criação de situações e relações apropriadas” (p. 394). Portanto, as relações apropriadas no desenvolvimento e constituintes da personalidade formam uma tendência involuntária à ação humana que consiste num processo de controle de seu comportamento. Dessa forma, o ato ou comportamento que seria intencional (da intenção) - e que é eliciado por um estímulo externo - não é completamente voluntário, é o “paradoxo da vontade” (p. 394). Nas palavras de Toassa (2004) uma das consequências da leitura vigotskiana sobre liberdade, “perde-se a ilusão do livre arbítrio quando se analisa o determinismo da vontade, sua dependência dos motivos”.

Foi Vygotsky (1934b) quem nos explicou como a vontade, que no recém-nascido é como a de um animal inferior, é moldada através de uma série de estágios em interação com seu ambiente de apoio, para crescer e se tornar a vontade de um cidadão adulto. Vygotsky (1931) explicou ainda como o autocontrole é desenvolvido ao longo da vida pela apropriação de artefatos culturais e apontou para um maior desenvolvimento da vontade através da *perezhivaniya*. A vontade é uma abstração de toda a personalidade. No entanto, a vontade é um elemento central tema do desenvolvimento da personalidade, e a teoria de Vygotsky nos permite traçar seu desenvolvimento ao longo da vida de um indivíduo (Blunden, 2021; p. 98; tradução livre).

Premissa na teoria histórico-cultural, conforme preconizado pelo marxismo, a concepção de que é no desenvolvimento que o ser humano se constitui, por meio de sua ação no mundo, de suas relações interpessoais, sociais, culturais e históricas, a *vontade* não seria compreendida de forma diferente. A vontade se manifesta enquanto síntese de elementos constitutivos da personalidade, que para Vigotski (2021) é “um conceito social, abrange o que é natural e histórico na humanidade. Ela não é inata, mas é o resultado do desenvolvimento cultural porque ‘personalidade’ é um conceito histórico” (p. 443). Vontade é a atividade psicológica construtiva (Vigotski, 2000b):

Mas a atividade psicológica construtiva (vontade) é algo radicalmente novo, é a síntese de uma e outra atividade [instinto e intelecto], porque criam com ajuda do meio externo – não organizado – construções orgânicas, funções no cérebro, constroem-se os instintos (Vigotski, 2000b; p. 24 [Comentários da autora]).

Uma ação voluntária consiste num processo que poderia ser descrito por meio de dois principais mecanismos, um *mecanismo conectivo*, que é “a parte que estabelece a conexão reflexa”, ou seja, a parte do processo que resgata a conexão

histórica, formativa que imprime a tendência; e o *mecanismo atuante*, que consiste na ação propriamente dita, o comportamento, que ocorre vinculado à tendência (mecanismo conectivo) (Vigotski, 2021).

O que inicia ou elicia as ações são estímulos ou motivos, conceitos que guardam diferenças entre si. Os estímulos designam “estimulações simples, atuando diretamente no arco reflexo já estabelecido” e os motivos, por sua vez, são “sistemas complexos de estímulos relacionados com a construção, a formação ou a escolha de um arco reflexo” (Vigotski, 2021; pp. 399-400). Numa escolha voluntária, o conflito não é entre dois estímulos, mas sim entre dois motivos, ou seja, entre dois sistemas complexos.

Para Vigotski (1995), se a natureza determina a conduta, é a criação dos meios de domínio da natureza que tornam o homem livre. O autor ainda afirma que, na transferência de uma “luta de estímulos” para a “luta de motivos”, modifica-se a força relativa dos estímulos. Estímulos mais fortes podem converter-se em mais fracos: um homem pode declarar-se em greve de fome para defender algum princípio. A primazia do significado impõe-se sobre o imediatismo natural, modificando tanto a consciência quanto a realidade objetiva. Portanto, modifica-se a própria causalidade das ações humanas, mas tanto as necessidades do organismo biológico (qualitativamente modificadas pelas práticas sociais) quanto as da sociedade cujos motivos internalizamos devem ser determinações constitutivas da escolha livremente estabelecida (Toassa, 2004; pp. 7-8).

Um ato voluntário, segundo Vigotski, na maior parte das vezes segue o caminho de maior resistência ou mais “difícil”, o autor exemplifica com o comportamento de uma pessoa com dor que estende o braço ao médico e reprime o choro mesmo com a tendência ou impulso de gritar e recolher o braço (Vigotski, 2021; p. 402). É nesse ponto que se evidencia a principal diferença entre o comportamento humano e o dos demais animais, pois o caminho ou escolha que “seria de maior resistência em alguns casos pode ser o de menor resistência em outros”, já que ao transferir o conflito do plano do estímulo para o do motivo, a força dos estímulos iniciais, as condições e os resultados dos conflitos entre eles se transforma. Dessa forma, “tomar uma decisão a favor de certo motivo mais débil, no sentido biológico, pode ser explicado somente pela transferência de todo o processo para novas instâncias” (Vigotski, 2021; p. 401).

Vigotski (1995) propôs seus experimentos sobre a reação eletiva numa seqüência de gradativa complexidade, culminando com o estudo do processo de formação da livre-escolha - esta não ocorreria por acaso, mas, sim, graças ao desenvolvimento das funções psíquicas superiores (atenção e memória) na reação eletiva, anteriormente estudadas pelo autor. Tais funções não se isolam na consciência humana, mas desenvolvem-se em conjunto, num processo de constituição de uma estrutura superior de consciência. Esse ponto toca o que há de essencial no conceito vigotskiano de liberdade: a tomada de consciência, processo constituído numa relação dinâmica entre pensamento e linguagem. Para Vigotski (1995), os processos decisórios, desde as escolhas mais primitivas, seriam em função dessa relação (Toassa, 2004; p. 4).

Os atos voluntários são, dessa forma, aprendidos e os fatores voluntários são, muitas vezes, contrários em relação ao reflexo, sendo a volição o controle da ação realizada, ou seja, os meios ou condições artificiais pelos quais controla-se a ação, o que caracteriza a volição como um processo mediado. As leis da volição são as mesmas da memória e embora as formas de controle da ação estejam no âmbito da vontade, os mecanismos de volição representam associações que estão sob o controle direto da pessoa. Dessa forma, o ato voluntário é passível de aprendizado e “Implementar uma ação intencional é como um processo mnemotécnico, isto é, a formação de uma conexão associativa condicionada artificialmente entre um estímulo e uma resposta” (Vigotski, 2021; p. 405), equivaleria a dizer que é a formação de uma associação por meio de um mediador sociocultural.

Para Vigotski (1999b, p.140), “a vontade refere-se a que, em certas condições, o homem converte a ação determinada, causal, condicionada, em ação livre”. A vontade é dinâmica, determinada e desenvolve-se, incrementando a liberdade individual (Toassa, 2004; p. 8).

A liberdade é, dessa forma, realizada ou exercida mediante relações complexas que se dão entre as escolhas possíveis e os processos de pensamentos que as permeia, considerando essas escolhas permeadas também por processos de imaginação, ou seja, lida-se com diversos processos que envolvem as circunstâncias objetivas, o aparato construído no desenvolvimento de quem escolhe, incluindo novas possibilidades.

Nesse contexto, Vigotski (2000b) coloca esses conflitos internos, esses choques de sistemas subjetivos como sendo constituintes da personalidade, comparando-os e nomeando-os como drama (como exemplo, conflitos entre dever e sentimento). Essa dinâmica, típica da personalidade, é impossível nos sistemas orgânicos, porque está relacionada à construção de si: “O mais básico consiste em que a pessoa não somente se desenvolve, mas também constrói a si.

Construtivismo. Mas ‘contra’ o intelectualismo (compare construção artística) e o mecanicismo (compare construção semântica)” (Vigotski, 2000b; p. 33).

A personalidade é o conjunto de relações sociais. As funções psíquicas superiores criam-se no coletivo. Ligações do tipo “sonho do Kaffir”. O conteúdo da personalidade. Personalidade como um participante do drama. O drama da personalidade. Psicologia concreta. [Às margens]. As funções mudam seu papel: sonho, pensamento, intelecto prático (Vigotski, 2000b; p. 35).

Os dramas não têm “papéis fixos”, ou seja, os conflitos não têm hierarquia predeterminada ou fixa, dependem dos contextos, dos papéis sociais: “A questão é: quem pensa, qual papel, que função na personalidade preenche o pensamento” (Vigotski, 2000b; p. 36).

... trata-se, na concepção de Vigotski, de algo que somente um ser humano concreto pode viver, por conta dos diferentes impasses que ele vivencia somente como ser social. Neste caso, “O drama sempre é a luta de tais ligações (dever e sentimento; paixão, etc.), caso contrário não pode ser drama, isto é, choque dos sistemas. A psicologia ‘humaniza-se’ ” (Vigotski, 1929/2000, p. 35). Estas duas acepções para a palavra drama em Vigotski, aqui apresentadas, uma mais inespecífica e quase coloquial, e a outra mais específica e com forte entonação filosófica, não são, é claro, excludentes, porém implicam focos distintos: ora destacam que “novos personagens entram em cena a cada novo ato”, ou que “alguns atores têm papéis secundários e outros papéis principais”, ora que “uma luta se estabelece num só e mesmo ato” - como quando por “dever” o herói da peça se portaria de um modo, enquanto por “amor” agiria de modo contrário com relação a uma mesma pessoa (Delari Junior, 2011).

Contrapondo-se ao intelectualismo e ao mecanicismo, Vigotski propõe, em leitura materialista histórica e dialética que o ser humano se desenvolveu enquanto espécie e também enquanto organismo, desenvolvendo aparatos possibilitados pelas e que possibilitam as relações sociais e as funções superiores e caracterizam as personalidades que, por sua vez, são imbricadas em drama, propiciam o drama e são pelo drama propiciadas, desenvolvidas, movimentadas.

A telefonista + aparelho é um tipo especial de organização, conceito inicial da psicologia superior.²⁹ Desenvolve-se não apenas o aparelho, mas também a telefonista. Um e outro juntos: toda a especificidade do desenvolvimento infantil.

Quando eu digo que a telefonista + aparelho (tipo especial de organização) + auto-regulações: esta regulação não é, de forma alguma, nem mais mística, nem mais próxima da alma, do que a regulação da atividade nervosa superior dos músculos, etc., mas o mecanismo é mais complicado: lá uma parte do corpo – outras; aquilo que regula e o que sofre a regulação estão separados; A regula B; mas aqui o homem, como ser social (A) regula B (sua conduta ou a atividade do cérebro). Uma nova e especial regulação e organização do processo – eu apenas quero dizer, que sem a pessoa (= telefonista) como um todo único é impossível explicar-se o funcionamento do seu aparelho (cérebro), que a pessoa dirige o seu cérebro, e não o cérebro a pessoa (sócio!), que sem a pessoa é impossível entender a sua conduta, que a psicologia não pode apresentar-se nos conceitos dos processos, mas do drama. Quando Politzer fala: a pessoa trabalha e não o músculo – com isso está dito tudo. Isso pode dizer-se sobre toda a conduta do homem (Vigotski, 2000b; p. 38).

Apesar dessa autodeterminação ou auto-regulação mútua, Vigotski (2000b) explicita que drama e personalidade não têm o mesmo peso, a mesma importância moral, já que dramas não agem, não têm algum grau de atividade frente à realidade, os seres humanos sim.

A intenção livremente estabelecida não é caudatária de uma cognição asséptica, mas, sim, ato de uma individualidade consciente, em que se inscreve a história de interações humanas – até mesmo a história dos motivos constituídos pelas pessoas. Vigotski (2001) afirma que o pensamento nasce do campo da consciência que o motiva, a qual abrange os pendores e necessidades, os interesses e motivações, os afetos e as emoções. Desse modo, para Vigotski (2000), uma vez que a pessoa pensa, é necessário perguntar que pessoa o faz. O autor compara a Psicologia a um drama, com “lutas” radicalmente distintas de um processo de reflexão estática da realidade na consciência, lutas em que a simples adoção de um significado externo não resolverá o problema existente. Tornar-se livre é, portanto, assimilar um significado diferenciando-se dele – é tornar-se indivíduo humano que recria a realidade na consciência, constituindo um ativo conhecimento das determinações da conduta e, nesse processo de conhecimento, modifica a realidade objetiva (natural e/ou social).

Desse modo, uma relação entre a noção de motivo para Vigotski e a sua concepção geral de consciência esclarece que tornar-se livre é um processo racional, implicado na apropriação concretamente determinada da vida humana. (...)

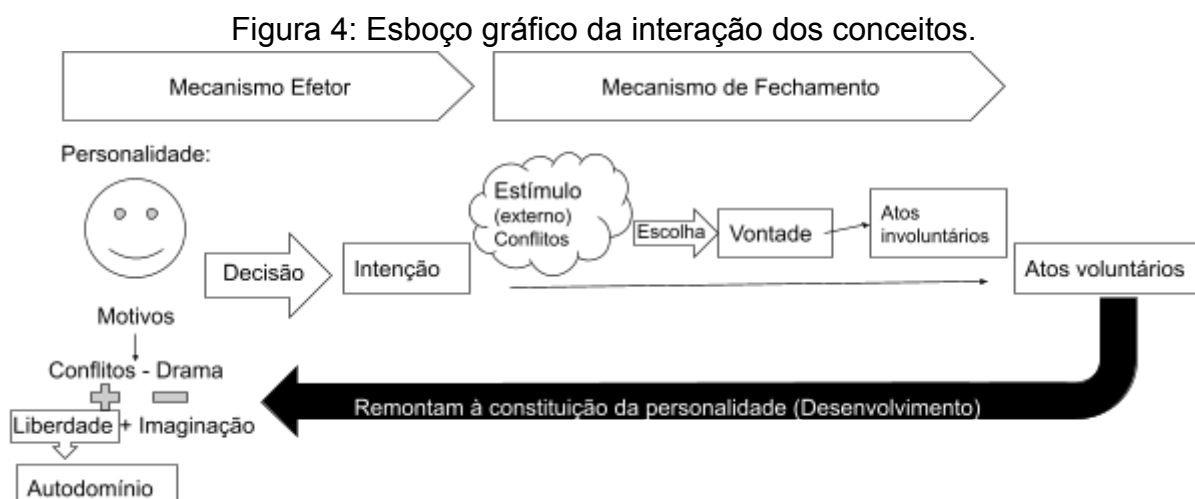
Considera-se que, tanto nas reações de livre-escolha quanto no processo de pensamento científico, a linguagem medeia a recriação da realidade na consciência – mas supõe-se que o processo experimental trate de um nível prático de tomada de consciência, em que a realidade refletida espontaneamente na linguagem corresponda efetivamente à organização experimental dos motivos nela presentes. São os primórdios da auto-determinação humana (Toassa, 2004).

Portanto, na leitura vigotskiana de Toassa (2004), a intenção livre, permeada de liberdade, não se subordina à simples cognição, mobilização de conceitos e

conhecimentos, mas consiste na pretensão, na disposição consciente, crítica, permeada pelas interações humanas - tanto do sujeito (ontogenia) como historicamente, da humanidade (filogenia) - e por seus motivos, já que não existe pensamento sem aquilo que o motiva e, por sua vez, só se compreende o motivo por meio da compreensão da pessoa que pensa, da personalidade. Compreender a personalidade, por sua vez, é olhar para os dramas, componentes e compositores da personalidade. Liberdade consistiria, então, em dramas configurados por determinantes mais explícitos, críticos, lúcidos sendo todo esse processo permeado pela linguagem, já que o pensamento e a consciência humana desenvolvida só existem na e pela palavra.

... o pensamento não se exprime em palavra, mas nela se realiza. (...) O pensamento não só é externamente mediado por signos como internamente mediado por significados. Acontece que a comunicação imediata entre consciências não é impossível só fisicamente, mas também psicologicamente. Isto só pode ser atingido por via indireta, por via mediata. Essa via é uma mediação interna do pensamento, primeiro pelos significados e depois pelas palavras. Por isso, o pensamento nunca é igual ao significado direto das palavras. O significado medeia o pensamento em sua caminhada rumo à expressão verbal, isto é, o caminho entre o pensamento e a palavra é um caminho indireto, internamente mediatizado (Vigotski, 2009; p.479).

Como recurso, elaboramos um esboço gráfico como instrumento de apoio para a compreensão desses conceitos:



Fonte: Elaboração própria

Legenda: Esboço que busca ilustrar graficamente as relações entre os processos conforme descrito.

No gráfico é possível observar que, no desenvolvimento do conflito de motivos, sistemas complexos formados com aparatos históricos, culturais,

relacionais, ou seja, na decisão do drama, se tem uma intenção, que pode ter (ou não) sido desenvolvida levando-se em consideração o conhecimento das leis da natureza com a possibilidade de utilizá-las para determinada finalidade (liberdade) e construções de novas formas e combinações de ideias (imaginação). Esse consiste no mecanismo efetor de um ato voluntário (Vigotski, 2021).

Então, tem-se a intenção e o estímulo (externo, meio) gera um novo conflito, que agora será desenvolvido por meio de um reflexo, não é mais uma decisão, mas uma vontade que é formada por meio de uma escolha de ato que é manifestado involuntariamente. Esse consiste no mecanismo de fechamento, no segundo momento do ato voluntário, da resolução do conflito (drama) e que é uma ação, atividade humana, que além de incidir na realidade, constituirá, desenvolverá também este humano. A liberdade é considerada pelo pensador como autodomínio, não há como dominar a si sem dominar (conhecer e atuar na) a realidade (Vigotski, 2021).

Vigotski (2021) traz ainda outro conceito que pode contribuir com a construção do objeto deste estudo e sua aplicação, trata-se da hipobulia, que seria quando a decisão se opõe à liberdade, mesmo com indícios em contrário, tal qual a vontade do paciente que se opõe à cura proposta pelo médico (p. 405). Vigotski (2021) coloca que, nesses casos, a volição é inacessível a argumentos ou ideias e que a hipobulia é característica em pessoas a quem o senso comum denomina “com força de vontade”, aqueles que mantêm um posicionamento a despeito de todos os dados, informações, conhecimento difundido. É possível compreender que consiste em uma decisão que nega a liberdade, o conhecimento concreto a respeito do conflito e aventamos a comparação com manifestações como as do movimento antivacina ou dos eleitores que desabonam o processo eleitoral brasileiro apesar de dados de confiabilidade.

Dessa forma, aliando os conceitos vigotskianos de atos voluntários, imaginação, liberdade, drama, é possível trazer elementos de reflexão sobre como lidar com a potência do conceito de *movimento* na psicologia histórico cultural tendo em vista o desenvolvimento da humanidade e com os conceitos de motivo, intenção, pode-se explorar a gênese do *movimento*.

Para haver *movimento* são necessários motivos, elementos que são constituídos historicamente e em relação social. Para que o movimento seja alinhado com processos transformadores, é necessário, além disso, que os

processos e dramas sejam constituídos de forma a tender à elucidação, reflexão crítica dos determinantes, de si e da realidade, no sentido da liberdade de Engels e Vigotski. É necessária a intenção ao movimento.

3.4 ENTRE POTÊNCIAS, POTENCIADORES E POTENCIAIS

A potência foi lida historicamente, em seu aporte filosófico, como força, capacidade pertencente a uma substância e, enquanto tal, a ela inerente, tanto em Aristóteles como, de certo modo, também em Espinosa. Entretanto, nesse último pensador, assim como em Hegel, considerou-se o aspecto relacional da potência, ou seja, que ela não “brota” ou emana da substância, mas é viabilizada ou possibilitada mediante relação. Com Hegel esse aspecto é ainda mais determinante, pois o que seria uma substância hegeliana, um elemento inicial de análise, só existe em relação, ou seja, na subsunção de sua negatividade, premissa compreendida por meio da dialética hegeliana.

Na concepção marxista, Souza (1990) propõe a compreensão de que embora Marx fosse um não-substancialista, um pensador que se ateve à causa primeira das coisas em geral, com base na leitura d'A Ideologia Alemã (Marx e Engels, 2007) seria possível compreender como sendo uma potência objetiva a contradição entre relações sociais e as forças produtivas, que compõem o resultado histórico que determina vida e desenvolvimento em um momento.

Assim sendo, a potência - enquanto fim, objetivo, motivo - poderia ser compreendida com base marxista como a apropriação dos meios de produção pela classe trabalhadora numa revolução socioeconômica, ou seja, a transformação do modo de produção. Já os elementos que potencializariam isso seriam a instrução da classe trabalhadora, a luta de classes, a acentuação da contradição entre forças produtivas e relações sociais de produção.

A potência não é aqui entendida como característica inerente do que é existente, tendendo a um rumo ou direção ordenada ou evolucionista. Mas sim como o fim, que é também o motivo e objetivo do *movimento* e a possibilidade de realização (fazer-se realidade) desse *movimento* e que tem base na dialética materialista. A potência é, nesse sentido, o somatório das condições necessárias para a ocorrência do *movimento*.

Tendo em vista esse panorama, podemos identificar, nos conceitos vigotskianos de liberdade, arte, desenvolvimento e vivência, contribuições norteadoras ao entendimento de potência de *movimento* com vistas à psicologia histórico-cultural, podendo-se considerar a *liberdade humana* como o que criamos em nós e de nós por meio da consciência da necessidade que se sobrepõe em interação com o meio. Dessa forma, é impossível haver liberdade sem que exista o reconhecimento, pelo trabalhador, de sua posição estranhada e a reapropriação de sua condição de ser genérico, consciente e senhor de sua atividade vital.

Em síntese, a liberdade está no reconhecimento e compreensão subjacente às necessidades humanas, às leis da natureza, seus limites e potências. Em outros termos, poderia ser compreendida como uma forma de autonomia consciente dos determinantes. É delicado trabalhar com o conceito de liberdade como algo tangível em meio ao capitalismo, já que esse contexto limita o discernimento consciente dos processos. No entanto, compreender a liberdade vigotskiana como potência, como possibilidade, como norte, como processo, em desenvolvimento, pode colocar os devidos limites a esse entendimento na conjuntura concreta sem que se perca as potencialidades que carrega consigo. É necessário explicitar uma última vez e de forma diretiva que embora liberdade seja entendida de forma processual, a viabilidade da liberdade, no sentido marxista vigotskiano, no capitalismo, é limitada e questionável.

Além disso, é necessário considerar como elementos potenciadores de *movimento* tanto o que Vigotski define como vivência (conforme apresentado no capítulo 2), que permite superar leituras mecanicistas de “incorporação” do meio ao sujeito, e também a manifestação artística, como o que Vigotski nomeia por ato artístico que, conforme será abordado no capítulo 4, pode ser apontado como instrumento para as vivências, além de produto. Isso porque o ato artístico, realizado por seres humanos formados e permeados em seus desenvolvimentos por vivências, é também produtor de vivências em quem os produz e em quem os acessa.

Dessa forma, como objetivo, direção, finalidade ou, pela psicologia vigotskiana, motivo do *movimento*, o que seria considerada sua potência, os seres humanos podem ter, individual e coletivamente, uma transformação radical do modo de produção, com a apropriação dos meios de produção pelos trabalhadores. Na psicologia histórico-cultural vigotskiana, a potência pode ser expressa como a

liberdade e o autodomínio, enquanto leitura crítica e multideterminada da realidade/concretude, impossível em meio ao estranhamento do capitalismo. Já os elementos que contribuiriam para potencializar a liberdade seriam processos como vivência, imaginação, atos artísticos - estes que serão abarcados no capítulo 4. É no reconhecimento dos limites e possibilidades desses processos que se configura alguma razoabilidade, algum potencial em se conceber uma psicologia de fato transformadora.

O conceito de *movimento* e a potência, apontada como consistindo em sua implicação, guardam relevância científica, no materialismo histórico e dialético, como categoria ao definir processos reais e fomentar compreensões determinantes para áreas de estudo como a psicologia. Para ancorar os apontamentos teóricos aqui delineados, foram trazidos como dados da realidade, no próximo capítulo, uma relação de músicas que constam como as mais tocadas nas rádios, em cada década completa, no Brasil para, utilizando de premissas de Vigotski no estudo de atos artísticos, promover a reflexão sobre alguns aspectos relacionados à potência e *movimento*.

4 ATO ARTÍSTICO, MUSICALIDADE E *MOVIMENTO*

“Mano velho, prepare-se, agora nós temos um hino e quem tem um hino faz uma revolução”
(frase atribuída a Henfil para o irmão, sobre O Bêbado e a Equilibrista).

Este capítulo tem como proposta investigar, nas músicas mais tocadas das décadas de 1970 a 2010 (as últimas cinco décadas completas), expressões ou fatores potenciadores de *movimento*, em conformidade com as conceituações abarcadas nas seções anteriores. As músicas serão consideradas para o presente ensaio analítico por meio da noção vigotskiana de ato artístico. Propõe-se esse exercício reflexivo visando ao atendimento, especialmente, dos seguintes objetivos específicos norteadores desta pesquisa (conforme apresentados na introdução) que ensejavam (1) analisar a pertinência de *movimento* para a psicologia histórico-cultural e também (2) investigar aplicações do conceito em manifestações socioculturais.

Apesar do método proposto para a condução deste estudo ser o levantamento bibliográfico, compreendemos esse ensaio analítico como uma oportunidade de confrontar o estudo teórico com manifestações da realidade, assim como uma oportunidade de verificar a aplicação dos conceitos abarcados. Definimos por explorar reflexões relacionadas à música por se tratar de uma manifestação artística de maior abrangência do que, por exemplo, literatura ou cinema, ou seja, a música, especialmente por meio das rádios, é mais acessível à população trabalhadora, permeando diversas classes.

A música pode ser considerada uma manifestação artística ou, como Vigotski nomeia, ato artístico, que pode ser apontado como instrumento às vivências, além de produto já que o ato artístico é realizado por seres humanos formados e permeados em seus desenvolvimentos por vivências, é também produtor de vivências em quem os produz e em quem os acessa.

S. Molojavi tem toda razão ao dizer que o ato artístico é “o processo concluído, embora não acionado, da nossa reação a um fenômeno. Esse processo... amplia a personalidade, enriquece-a com novas possibilidades, predispõe para a reação concluída ao fenômeno, ou seja, para o comportamento, tem por natureza um sentido educativo... (...) Na concretidade da imagem artística, condicionada à originalidade da via psicológica vital que a ela conduz, está a sua imensa força que incendeia o sentimento, que excita a vontade, que eleva a energia, que predispõe e prepara para a ação” (Vigotski, 1999a; pp. 325-326).

A arte, por sua vez, consiste em um instrumento que incita, suscita nas diversas pessoas reações conforme suas histórias, vivências, peculiaridades ou também pontos em comum de seus desenvolvimentos, como uma faca terá diferentes usos a depender de quem a possua (Vigotski, 1999a; p. 322). É uma mediadora que promove reações com possibilidades de ações até mesmo transformadoras:

... a arte é uma técnica social do sentimento, um instrumento da sociedade através do qual incorpora ao ciclo da vida social os aspectos mais íntimos e pessoais do nosso ser. Seria mais correto dizer que o sentimento não se torna social mas, ao contrário, torna-se pessoal, quando cada um de nós vivencia uma obra de arte, converte-se em pessoal sem com isto deixar de continuar social. “A arte”, diz Guyeau, “é a condensação da realidade, mostra a máquina humana sob pressão mais forte. Procura nos mostrar mais fenômenos vitais do que houve na vida que vivemos.” Evidentemente, essa vida concentrada na arte não influencia apenas os nossos sentimentos como também a nossa vontade, “porque no sentimento existe um embrião de vontade”. E Guyeau tem toda razão ao atribuir uma importância colossal ao papel que a arte desempenha na sociedade. A arte introduz cada vez mais a ação da paixão, rompe o equilíbrio interno, modifica a vontade em um sentido novo, formula para a mente e revive para o sentimento aquelas emoções, paixões e vícios que sem ela teriam permanecido em estado indefinido e imóvel (Vigotski, 1999a; pp. 315-316).

... aspecto da reação estética precisamente o de que ela não é apenas uma descarga no vazio, um tiro de festim mas uma reação à obra de arte e um estimulante novo e fortíssimo para posteriores atitudes. A arte exige resposta, motiva certos atos e atitudes... (Vigotski, 1999a; p. 318).

Quanto ao significado social da arte, Vigotski (1999a) explicita que “O social existe até mesmo onde há apenas um homem e as suas emoções pessoais” (p. 315) e aponta para a ingenuidade que existe na perspectiva de considerar como social apenas o que é coletivo, sendo que, portanto, “a arte é o social em nós e, se o seu efeito se processa em um indivíduo isolado, isso não significa, de maneira nenhuma, que suas raízes e essência sejam individuais” (Vigotski, 1999a; p. 315).

Nesse contexto, a reação estética é uma contradição emocional entre sentimento e fantasia que consiste em uma “propriedade fundamental da forma artística e material” (Vigotski, 1999a; p. 273), o que Vigotski (1999a) denomina catarse e que seria vivenciada por meio da arte. O autor comenta ainda que os estudiosos não apontam diferenças de força entre os sentimentos da arte e os reais, a distinção entre eles se dá pela retenção da manifestação externa na estética. Assim se tem a catarse, que consiste em uma forte descarga de energia nervosa que não é manifesta, ou seja, no sentido oposto ao que seria habitual, sendo então

que “[...] a arte assim se transforma em um poderosíssimo meio para atingir as descargas de energia nervosa mais úteis e importantes” (Vigotski, 1999a; p. 271).

Com a retenção da energia nervosa, a arte (re)organiza o comportamento humano com vistas ao futuro, o que Vigotski (1999a) denomina de “reação predominantemente adiada” (Vigotski, 1999a; p. 320), ou seja, existe um intervalo até o efeito da arte, efeito esse que pode sequer ser concretizado, mas que “nos leva a aspirar acima da nossa vida o que está por trás dela” (Vigotski, 1999a; p. 320). E assim o autor resume que todo o valor aplicado da arte está em seu “efeito educativo” (Vigotski, 1999a; p. 321), o que, do ponto de vista psicológico implicaria em organizar as consequências da arte e dar “orientação pedagógica à ação da arte” e também em conservar a retenção da manifestação externa da arte que, no caso de se converterem em reação, dispersando as forças suscitadas por ela, os impulsos vigorosos que a arte pode produzir seriam substituídos por “insípidos preceitos protestantes³⁶, racionais e moralizadores”, sendo:

... indispensável deixar que se realize a ação da arte, que esta produza inquietações, como também explicá-la e fazer com que essa explicação não mate a inquietação. Entretanto, é fácil mostrar que essa explicação é indispensável, porque o nosso comportamento se organiza segundo o princípio da unidade, e essa unidade se realiza principalmente através da nossa consciência, na qual deve estar forçosamente representada de alguma maneira toda inquietação à procura de vazão. Do contrário, correríamos o risco de criar um conflito, e em vez de produzir a catarse, a obra de arte produzirá uma ferida... (Vigotski, 1999a; p. 322).

O conceito de vivência (*pereživânie* ou *perezhivanie*), explicitado no segundo capítulo, foi abordado por Vigotski já no final de sua vida e carreira, na obra que estamos abarcando, *Psicologia da Arte* (Vigotski, 1999a). A vivência sendo em si parte do processo de *movimentos*, não é de se espantar que a arte, que pode ser caracterizada como “ação humana intencional que recria a realidade material e transforma o próprio sujeito” e elaborada com vistas à manifestação, à objetivação de sentimentos e outras “capacidades mentais tipicamente humanas” (Barroco e Superti, 2014), ou seja, que a arte enquanto instrumento, produto e produtor potencial de vivências seja também relacionada ao *movimento*.

Caso consideremos a gênese subjetiva do *movimento* como uma dinâmica de mudança, superação que implica a criação aplicada de algo, ou como um ato criador aplicado, podemos aproximar a manifestação individual do *movimento* à da

³⁶ No sentido de protestar, protestador.

arte. Entretanto, não são a mesma coisa, é preciso resguardar e explicitar os limites dessa aproximação: a arte tem como finalidade a superação simbólica estética e representativa da realidade - não é diretamente concreta (Vigotski, 1999a).

Para Vigotski (1999a), o método do estudo psicológico da arte que garante objetividade de resultados consiste em analisar a estrutura dos estímulos de forma a compreender as respostas - já que a arte é considerada como um sistema de estímulos. Deve contemplar, dessa maneira, o estudo da forma da obra, a análise de seus elementos e de sua estrutura com a possibilidade de remontar a resposta estética - ou “efeitos da arte” (Vigotski, 1999a; p. 320) - e estabelecer as leis gerais.

Os elementos da obra de arte teriam relevância enquanto disparadores, já que a importância, segundo Vigotski (1999a; p. 259), está na reação estética que suscita em nós, que possibilita discernir tanto seus elementos constituintes como vivências emocionais. Sobre a música, Vigotski (1999a) expõe dois traços:

O primeiro é que a música nos motiva para alguma coisa, age sobre nós de modo excitante porém mais indefinido, ou seja, de um modo que não está diretamente vinculado a nenhuma reação concreta, a nenhum movimento ou atitude. Nisto vimos a prova de que ela age simplesmente de modo catártico, ou seja, elucidando, purificando o psiquismo, revelando e explodindo para a vida potencialidades imensas até então reprimíveis e recalçadas. Mas isto já é consequência e não ação da arte, é antes vestígio que efeito. O segundo traço corretamente ressaltado nessa descrição consiste em reconhecer para a música certo poder coercivo, e o autor tem razão quando diz que a música deve ser assunto do Estado. Com isto ele quer apenas dizer que a música é uma questão social (p. 319).

... a música, por si mesma e de forma imediata (...) não nos leva diretamente a nada mas cria tão-somente uma necessidade imensa e vaga de agir, abre caminho e dá livre acesso a forças que mais profundamente subjazem em nós, age como um terremoto, desnudando novas camadas... (Vigotski, 1999a; p. 320)

Camila Pinto (2021) elucida o processo da reação estética ao explicitar que os signos artísticos permitem a generalização, já que o sentimento social que foi impresso no objeto artístico, ao serem vivenciados como emoção (em nível pessoal) se manifestam como sentimento social:

A reação estética permite a conversão do sentimento social plasmado no objeto artístico em uma vivência pessoal de emoções que se convertem novamente em um sentimento social, pela generalização possibilitada pelos signos artísticos, que ao promoverem a apropriação de significados e formação de sentidos pessoais aos sujeitos que dela fruem, retornam ao grupo social como significados, ao promoverem uma forma de organização do comportamento do sujeito que visa a ações posteriores, como uma orientação para o futuro (Pinto, 2021; pp. 107-108).

No caso aqui apresentado, propusemos uma aproximação exploratória da manifestação artística musical, apontada por Vigotski (1999a) como possível responsável por mobilizar, gerar movimentos e, além disso, conforme fora mencionado, consiste em um ato artístico acessível inclusive à população trabalhadora por meios gratuitos, como rádios ou mesmo streamings musicais, que contam com versões gratuitas.

No caso da música, por sua natureza polissêmica, variável em cada contexto e época, o seu uso na produção de sentidos simbólicos se faz de maneira bastante dinâmica, tanto assim que em todas as sociedades, em momentos importantes, ela se faz presente: nas solenidades, nas festividades, nos rituais religiosos ou mágicos, nos processos revolucionários e outros. Em cada situação, adaptada ao evento praticado, a música servirá ainda para o estabelecimento de significados agregados, construídos na história própria de cada coletividade (Ikeda, 2007).

A música, enquanto objeto deste ensaio analítico, possibilita observar as distintas classes sociais e abarca manifestações pessoais e coletivas, imbricadas em um complexo processo que envolve a expressão e a reação estética, as emoções subjacentes, os determinantes históricos e sociais que permeiam isso.

4.1 OS DADOS

A principal fonte de dados do levantamento aqui apresentado diz respeito às músicas mais reproduzidas em rádios e foi realizado por meio do site Mais Tocadas (Lucas, s/d), que usa como referência o ranking da Crowley³⁷ de 1997 a 2023 no Brasil e, antes disso, as publicações de jornais e revistas discriminadas em cada página, também tendo como referência o território nacional. O Quadro 7 elenca as músicas mais tocadas nas rádios, em cada década, dos anos 1970 aos anos 2010. Essa limitação temporal foi selecionada considerando-se as últimas cinco décadas, o que abarca alguns fatos históricos explicitados como contributivos ao tema desta pesquisa, como a divulgação de obras da psicologia soviética na América Latina, a publicação do livro PSHM, trabalhos acadêmicos encontrados que abarcam movimento; e a delimitação até a década de 2010 por este trabalho estar sendo elaborado ainda na primeira metade da década de 2020.

³⁷ Descreve-se como “A Crowley Broadcast Analysis do Brasil é uma empresa multinacional especializada em monitoração eletrônica de rádio que atua no Brasil desde 1997.” (Fonte: https://www.crowley.com.br/arquivos_comuns/crowley.asp)

Necessário considerar ainda que uma música, para ser tocada em rádios, precisa(va) ser “vendida” pelas gravadoras, os produtores musicais iam às estações mostrar algumas canções pré-selecionadas como “música de trabalho” de um álbum e tentavam inseri-la na programação da rádio (prática que pode ser denominada no meio artístico como *caituagem*), por vezes até mesmo realizando pagamentos por isso, popularmente conhecido como *jabá*. Mesmo músicos independentes se inserem nessa lógica visando à divulgação de seus trabalhos (Suman, 2006).

Bandas independentes também se utilizam da estratégia de oferecer algum brinde para ser sorteado para os ouvintes como contrapartida por terem seu trabalho veiculado. Relatos de músicos entrevistados para este trabalho e que preferem não se identificar mencionam depósitos em dinheiro feitos diretamente na conta de radialistas responsáveis pela programação das rádios (Suman, 2006; p. 87).

Dessa forma, não é demasiado explicitar, existe uma determinação econômica quanto ao que é mais divulgado nas rádios, sendo que, enquanto escolha mercadológica, é possível aceitar que seja realizada mediante avaliação do lucro.

Outra observação a ser considerada é que, embora a relação com o rádio (aparelho) e as rádios (difusoras), contemporaneamente e no decorrer de cada década, não seja a mesma, continua sendo uma mídia à qual se recorre bastante. Mesmo para o público com idade entre 15 e 24 anos, consiste em um meio para ouvir música especialmente por mulheres e em situações de trânsito (no carro ou em outros meios de locomoção, pelo celular), de acordo com informações da pesquisa de Cardoso e Rocha (2011). O acesso se dá, muitas vezes, por streamings ou aplicativos de acesso à rádio ou diretamente nas rádios online e não mais prioritariamente pelo aparelho de rádio.

O Quadro 7, a seguir, elenca as músicas mais tocadas, as linhas estão em ordem decrescente, da primeira mais tocada até a décima mais tocada em cada década (separadas nas colunas). Conforme vimos assinalando, esse levantamento pode caracterizar predileções musicais predominantes em consonância com momento histórico, fatos históricos marcantes, gêneros musicais em voga, a oferta do mercado musical e também sobre o público que ainda ouvia rádio mesmo após os anos 2010³⁸, apesar das ofertas de streamings (Spotify, Deezer, etc).

³⁸ O Spotify foi criado em 2006 e alcançou 10 milhões de músicas em seu banco de dados no ano 2010 (Kleina, 2018).

Quadro 7: Músicas mais tocadas por década e em ordem de quantidade de reprodução (1970-2010).

Anos 1970	Anos 1980	Anos 1990	Anos 2000	Anos 2010
Detalhes – Roberto Carlos – 1971	Menina Veneno – Ritchie – 1983 – Álbum Vão de Coração (Epic Records)	I will always love you – Whitney Houston – 1993	Halo – Beyoncé – 2009	Domingo de manhã – Marcos e Belutti – 2014
Juventude Transviada – Luiz Melodia – 1976	We Are The World – Usa For Africa – 1985 – Álbum We are the World (Columbia Records)	Caetano Veloso – Sozinho – 1999	Big girls don't cry – Fergie – 2007	Humilde Residência – Michel Teló – 2012
Amigo – Roberto Carlos e Erasmo Carlos – 1977	Greatest Love Of All – Whitney Houston – 1986 – Álbum Whitney Houston (Arista Records)	Immortality – Céline Dion ft. Bee Gees – 1998	Boa Sorte / Good Luck – Vanessa Da Mata – 2008	Vidro Fumê – Bruno e Marrone – 2013
O Bêbado e A Equilibrista – Elis Regina – 1979	Balancê – Gal Costa – 1980 – Álbum Gal Tropical (Philips)	Un-Break My Heart – Toni Braxton – 1997	Se eu não te amasse tanto assim – Ivete Sangalo – 2000	Acordando o Prédio – Luan Santana – 2017
No silêncio da madrugada – Luiz Ayrão – 1974	Sonifera Ilha – Titãs – 1984 – Álbum Titãs (Warner Music)	Garota Nacional – Skank – 1996	Quem De Nós Dois – Ana Carolina – 2001	Seu Polícia – Zé Neto e Cristiano – 2016
Retalhos de Cetim – Benito Di Paula – 1973	Livin' On A Prayer – Bon Jovi – 1987 – Álbum Slippery When Wet (Mercury Records)	(Everything I Do) I Do It For You – Bryan Adams – 1991	Tribalistas – Velha Infância – 2003	I Want Know What Love Is Live – Mariah Carey – 2010
Ilu Ayê – Clara Nunes – 1972	Faz Parte do Meu Show – Cazuza – 1988 – Álbum Ideologia (Universal)	Take A Bow – Madonna – 1995	Fui Eu – Zezé Di Camargo e Luciano – 2005	Escreve aí – Luan Santana – 2015

Foi um Rio que passou em Minha Vida – Paulinho da Viola – 1970	Bem Que Se Quis – Marisa Monte – 1989 – Álbum Memórias, Crônicas e Declarações de Amor (EMI)	Vision Of Love – Mariah Carey – 1990	Nosso Amor é Ouro / Pão de Mel – Zezé Di Camargo e Luciano – 2004	Apelido Carinhoso – Gustavo Lima – 2018
Moro Onde Não Mora Ninguém – Agepê – 1975	Bette Davis Eyes – Kim Carnes – 1981 – Álbum Mistaken Identity (EMI)	The one – Elton John – 1992	Toque de Mágica – Pedro e Thiago – 2002	Cem Mil – Gustavo Lima – 2019
Outra vez – Roberto Carlos – 1978	Muito estranho – Dalto – 1982 – Álbum Muito Estranho (EMI-Odeon)	Breathe Again – Toni Braxton – 1994	Because Of You – Kelly Clarkson – 2006	Pra você – Paula Fernandes – 2011

Fonte: Elaboração própria.

A década de 1970 conta com 6 músicas, do total de 10, que podem ser classificadas no gênero samba. Das demais, 3 contam com interpretações de Roberto Carlos - em uma leitura do rock com viés romântico voltada ao público jovem que foi denominada “jovem guarda” (Zan, 2013) - e uma com Elis Regina, que pode ser compreendida genericamente como música popular brasileira, doravante MPB. Todas com composições e intérpretes brasileiros.

A década de 1980, em contrapartida, contou com 4 músicas em língua inglesa, conotando uma capilarização do mercado nacional a músicas em inglês, sendo que 3 podem ser consideradas vinculadas ao gênero “pop” e 1 ao rock’n roll (ou somente rock). Das brasileiras, 2 podem ser consideradas rock e as demais costumam ser incluídas na classificação genérica de MPB. Nos anos 1990 foram padrões predominantes de gêneros musicais estrangeiros ao Brasil, em língua inglesa em 8 das músicas, sendo que todas essas podem ser vinculadas ao “pop”, já as duas brasileiras podem ser classificadas como MPB e a outra pop-rock.

O “pop” é um conceito bastante abrangente. Como uma sigla ou diminutivo de “popular”, o termo é amplamente utilizado para designar “literatura, produções cinematográficas, fotografia, moda, jornalismo etc.” (Velasco, 2010; p. 116). De acordo com Soares (2015), o pop se refere àquilo que é largamente disseminado por

diversos meios e consumido abrangentemente, ou seja, trataria-se de uma popularização graças à acessibilidade rentável.

Mas foi a partir dos anos 1970 que o mercado pop deixou de ser destinado às pessoas com idade jovem e passou a ser associado a pessoas com “espírito jovem”, promovendo discursos de valorização da juventude a despeito da faixa etária e ampliando o mercado consumidor. O marco coincide com o período em que foi identificada a primeira música pop no Quadro 7, na década de 1980, tendo alcançado sua máxima expressão, de acordo com o mesmo levantamento, nas rádios do Brasil, na década de 1990. Assim sendo, o pop será aqui considerado, no âmbito do estilo musical como englobando as músicas internacionais de “grande circulação e profundamente marcadas pelas imposições do capital” (Soares, 2014; p. 41) e que não possam ser classificadas nos demais gêneros específicos.

O Rock’n roll (rock), é um estilo musical e também pode ser considerado um movimento cultural que surgiu no Estados Unidos, derivado do blues, do jazz e com outras influências. No período de guerra fria, o aumento do poder aquisitivo da população jovem, a decadência da arte moderna - que defendia o não utilitarismo da arte -, a difusão de um modo de vida e consumo jovem, o advento da televisão divulgando modelos de vida, o aumento da quantidade de universitários, diversos fatores influenciaram para a existência de um “internacionalismo da cultura jovem nas sociedades urbanas” (Zan, 2013).

Zan (2013) expõe que o surgimento do rock fez emergir o “adolescente” e seu estereótipo de rebeldia, agressividade. Dessa forma, o rock se constituiu em uma manifestação cultural complexa, que extrapolou as fronteiras e se internacionalizou não somente na música, mas também nos hábitos de consumo e concepções vinculadas ao jovem. No Brasil, além de haver o consumo do rock estadunidense, houveram também, especialmente a partir da década de 1980, o surgimento de bandas brasileiras de rock, o que ficou conhecido como “rock dos anos 80”.

Grosso (1996) coloca que o fortalecimento do rock nacional nesse período se deveu a um impulsionamento do mercado de produtos fonográficos que tinha sido um negócio bastante rentável no Brasil até os anos 1970, época em que “70% dos trabalhadores entre 14 e 24 anos empregados no perímetro urbano” (Alexandre, 2002; p. 63). Mas estava passando por uma fase de baixa nos lucros, já que na década de 1980 a “inflação ultrapassou 100% e o desemprego atingiu quase seis

milhões de pessoas em 1982” (Alexandre, 2002; p. 63), tendo então utilizado da estratégia de fomentar o mercado consumidor jovem, nesse momento histórico em que o punk rock estava ganhando notoriedade. Atribui-se o surgimento do punk a uma modificação do rock por volta dos anos 1970, há controvérsias se na Inglaterra ou nos Estados Unidos, provavelmente por trabalhadores, na convivência em ambiente de rua. As temáticas abordadas refletiam esse contexto e expressavam descontentamentos e necessidade de mudanças (Oliveira, 2011).

Nos anos 2000 surgem, no levantamento exposto no Quadro 7, as primeiras músicas que podem ser atribuídas ao gênero musical sertanejo, duas com Zezé di Camargo e Luciano e uma com Pedro e Thiago, filhos de outra dupla sertaneja (Leandro e Leonardo). Quanto ao estilo musical sertanejo, Da Silva (2018) menciona que o termo remete à forma como os interioranos campestres eram designados nos grandes centros e que o gênero musical teve origem nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste do Brasil de misturas de ritmos e danças portuguesas e indígenas, como forma de narrar o cotidiano de quem vivia no campo, sendo também denominado caipira. A partir da década de 1970, com a dupla Chitãozinho e Xororó, insere-se o argumento romântico nas letras, dando origem ao sertanejo romântico, que substituiu o caipira no sucesso musical. Teria contado com influência estadunidense e incluído “boleros, orquestras, guitarras, teclado e bateria” em suas músicas (Da Silva, 2018; p. 223)

Das demais músicas dos anos 2000 (Quadro 7), 3 podem ser compreendidas como parte do estilo “pop” (em língua inglesa) e 4 podem ser atribuídas ao gênero MPB. Notadamente, a partir dos anos 2010 existe uma predominância do gênero sertanejo universitário (com 9 do total de músicas) que mescla o estilo com axé, pop, rock, abordando temáticas relacionadas a amor não correspondido, relações amorosas descompromissadas, sexo, festas, consumo de bens e álcool, sendo que nos anos iniciais isso se deu apenas com o enfoque da visão (e do eu lírico) masculino (Da Silva, 2018).

A partir de 2016-2017, existiu uma ascendência feminina nesse gênero musical, com duplas femininas, o que pode ser denominado como “feminejo”; a única música que fugiu a isso é uma em língua inglesa e do estilo “pop”.

No estilo feminejo, mulheres incorporam e reproduzem as falas que eram atribuídas a comportamentos masculinos, típicas do sertanejo universitário, tais como o consumo de bebidas alcoólicas, sexo descompromissado, amor não

correspondido, mas agora no papel de protagonistas. Podem ser consideradas suas representantes Simone e Simaria, Marília Mendonça, Maiara e Maraisa (Silva, 2021). Endossamos os apontamentos de Silva (2021) de que embora o feminejo traga a tona questões que perpassam as vivências das mulheres, muitas vezes com um viés crítico à subjugação masculina, as possibilidades de crítica desse estilo musical refletem mulheres com acesso a bens de consumo e não abordam críticas socioeconômicas.

Quadro 8: Estilos musicais por década ref. levantamento.

Estilo	Anos 1970	Anos 1980	Anos 1990	Anos 2000	Anos 2010
Samba	06	-	-	-	-
Rock (nacional)	03	02	1	-	-
MPB	01	04	1	04	-
Sertanejo	-	-	-	03	09
Rock (intern)	-	01	-	-	-
Pop (intern)	-	03	08	03	01

Fonte: Elaboração própria.

Como se pôde notar, os estilos musicais podem possibilitar a diferenciação, conforme suas histórias, ritmos, espaços de abrangência, de perfis de ouvintes e, em se tratando do repertório mais tocado, pode-se delinear uma tendência identitária em um momento histórico³⁹.

Das músicas elencadas como as mais ouvidas nas rádios (Quadro 7), observamos, por meio da leitura das letras, quais das canções brasileiras expressaram alguma ideia de mudança, enquanto modificação de um estado, e destacamos três. Segue a relação das músicas destacadas, acompanhadas dos respectivos intérpretes e o ano no qual tiveram a alta audiência:

³⁹ É possível consultar um levantamento de características dos estilos musicais no Apêndice A deste trabalho.

Quadro 9: Músicas brasileiras que se relacionam com o tema da pesquisa.

Ano	Música	Intérprete
1970	Foi um Rio que passou em Minha Vida	Paulinho da Viola
1972	Ilú Ayê	Clara Nunes
1979	O Bêbado e A Equilibrista	Elis Regina

Fonte: elaboração própria.

Todas as músicas destacadas datam da década de 1970, sendo que duas podem ser consideradas samba e uma poderia ser nomeada como MPB, embora, como já explicitado na seção anterior, esta classificação seja demasiadamente abrangente. De acordo com Napolitano (2002):

A MPB passou a ser vista cada vez menos como um gênero musical específico e mais como um complexo cultural plural, e se consagrou como uma sigla que funcionava como um filtro de organização do próprio mercado, propondo uma curiosa e problemática simbiose entre valorização estética e sucesso mercantil. (...) Esta faceta sociocultural da MPB, indo além da mera definição estética, passou a funcionar como uma instituição musical que reelaborava o passado e apontava para as novas tendências, tendo como balizas o gosto musical da classe média brasileira, historicamente ligada à renovação musical desde a Bossa Nova (p. 49).

Desta forma, mesmo os sambas que constam no levantamento poderiam ser entendidos como MPB, mas com especificidades:

O samba, mesmo incorporado ao mainstream sintetizado pela sigla MPB, manteve uma certa independência estilística e afirmava uma certa tradição mais ligada ao gosto popular ligados às escolas de samba, aos “sambas de morro” e mesmo ao “samba-canção” mais tradicional. O grande sucesso de nomes como Martinho da Vila, Beth Carvalho, que atravessará toda a década, o prestígio em torno de Paulinho da Viola, bem como a valorização de nomes lendários, como Nelson Cavaquinho, Cartola, Adoniran Barbosa e Lupiscínio Rodrigues, resgatados na década de 70 pelo gosto da classe média. Mas, dentro da tradição do samba, também se esboçou uma certa hierarquização do gosto, sobretudo por parte da audiência musical da classe média intelectualizada, com a desqualificação do chamado “sambão-jóia” (Originais do Samba, Luiz Ayrão, Benito de Paula, entre outros), uma espécie de avô do pagode dos anos 90. Estas eram as principais correntes do cenário musical brasileiro, ao menos até 1975. Com a perspectiva da “abertura” e o abrandamento da censura e da repressão, a MPB voltou ao primeiro plano absoluto, do ponto de vista cultural e comercial, tornando-se uma espécie de eixo central da máquina musical/fonográfica e do show business brasileiro até o começo dos anos 80. A MPB passou a ser vista cada vez menos como um gênero musical específico e mais como um complexo cultural plural, e se consagrou como uma sigla que funcionava como um filtro de organização do próprio mercado, propondo uma curiosa e problemática simbiose entre valorização estética e sucesso mercantil (p. 49).

Os excertos de Napolitano (2002) reforçam a capilaridade dessas manifestações musicais e as contextualiza como produtos, culturais e mercadológicos, inseridos no contexto histórico da década de 1970, com suposto abrandamento, mesmo que parcial e limitado, da ditadura civil-militar brasileira.

As músicas elencadas no quadro 9 trazem alguma ideia de mudança e foram destacadas considerando suas letras⁴⁰, que apresentamos a seguir com alguns destaques em negrito, tecendo comentários quanto ao entendimento e seleção das mesmas, bem como à concepção de mudança, se vinculada ou não à concepção de *movimento*. Serão objeto de estudo apenas as músicas brasileiras, já que foram considerados os aspectos culturais e históricos específicos deste país na contextualização dos objetos artísticos.

Para auxiliar nesse processo de estudo de *movimento* em face às músicas elencadas, além de observações formais, estilísticas, foram notados o aspecto morfológico por meio dos verbos utilizados, já que o verbo é o termo que, em língua portuguesa, pode indicar “ação (praticada ou sofrida pelo sujeito), fato (de que o sujeito participa ativamente)⁴¹” e os aspectos semânticos por meio de pesquisa do contexto do uso das músicas em artigos científicos.

4.1.1 Foi um rio que passou em minha vida

Em 1970, o Brasil estava em meio à ditadura civil-militar conservadora e à vigoração do Ato Institucional nº 5, ou AI-5, desde 13 de dezembro de 1968, de acordo com o qual o presidente, na ocasião Costa e Silva, poderia, entre outras ações:

Fechar o Congresso Nacional, as assembleias legislativas e as câmaras municipais; Cassar mandatos legislativos e executivos, federais, estaduais, municipais; Suspender direitos políticos; Demitir, remover, aposentar funcionários civis e militares; Demitir ou remover juízes; Decretar estado de sítio sem restrições; Confiscar bens para punir corrupção; Legislar por decreto, baixar atos institucionais e complementares (Instituto Vladimir Herzog, s/d; s/p).

A atuação dos governos militares já se dava, antes mesmo disso, contrária ao que se denomina “liberdade de expressão”, o que implicou fechar jornais

⁴⁰ As letras e traduções foram consultadas no site <https://www.letras.mus.br/>.

⁴¹ Conforme Gramática On-line disponível em: <<https://gramaticaonline.com.br/verbo-definicao/>>. Acesso em 17 de maio de 2024.

considerados de caráter comunista, socialista, sindical ou operário. Após o AI-5 houve a venda ou descontinuação da rede de jornal Última Hora, Correio da Manhã, entre outros, além disso houve a “destruição do grupo econômico do empresário nacionalista Wallace Simonsen, que levou ao drástico fechamento da TV Excelsior, moderno canal de televisão de grande audiência no país, caracterizado por um jornalismo progressista” (Instituto Vladimir Herzog, s/d; s/p).

A Lei de Segurança Nacional, instituída em 1969, submeteu toda a imprensa e diversos veículos de comunicação, além de manifestações artístico culturais como teatro, cinema, músicas, à censura prévia e seções de intimidação e prisão de jornalistas, artistas e intelectuais (Instituto Vladimir Herzog, s/d; s/p). Nesse contexto, foram difundidas diversas manifestações artísticas ufanistas, românticas e com temáticas que possibilitaram tergiversar o momento político nas mais diversas áreas (Raymundo, 2014). Nesse panorama, a música em foco pode, mesmo que sem a pretensão do artista, ter despertado emoções aliadas à transitoriedade histórica e política.

Observemos a letra a seguir de Paulinho da Viola (1970):

Foi Um Rio Que Passou Em Minha Vida
Compositores: Paulinho Da Viola
 Se um dia
 Meu coração for consultado
 Para saber se andou errado
 Será difícil negar
 Meu coração tem mania de amor
 Amor não é fácil de achar
 A marca dos meus desenganos ficou, ficou
 Só um amor pode apagar
A marca dos meus desenganos ficou, ficou
Só um amor pode apagar
Porém (a, porém)
Há um caso diferente
Que marcou num breve tempo
Meu coração para sempre
 Era dia de carnaval
 Carregava uma tristeza
 Não pensava em outro amor
 Quando alguém que não me lembro anunciou
 Portela! Portela!
 O samba trazendo alvorada
 Meu coração conquistou
 Ai, minha Portela
Quando vi você passar
Senti o meu coração apressado
Todo o meu corpo tomado
Minha alegria voltar

**Não posso definir aquele azul
 Não era do céu, nem era do mar
 Foi um rio que passou em minha vida
 E meu coração se deixou levar**
 Foi um rio que passou em minha vida
 E meu coração se deixou levar
 Foi um rio que passou em minha vida
 E meu coração se deixou levar

De acordo com entrevista do compositor⁴², dado relacionado à objetivação das emoções do artista na obra (conforme explicita Pinto, 2021), a música remeteria ao rio de gente que representava o desfile da escola de samba Portela na Avenida Rio Branco, e foi criada por necessidade surgida após ter composto um samba enredo enaltecendo outra escola, a Mangueira - enaltecer outra escola de samba que não a que se era agremiado, segundo ele, era uma prática de cortesia comum à época.

O Iphan (s/d) elenca três grandes tipos que demarcam os demais subtipos de samba: o *partido-alto*, que seria mais demarcado pelas raízes africanas e é interpretado como um desafio entre dois ou mais músicos que podem contar com um coral e que tem uma especificidade rítmica na qual o pandeiro produz uma espécie de interrupção, quebra, “partida” que possibilita que muitas rodas conduzam o ritmo por meio de palmas e com alternâncias entre solo e coro⁴³; o *samba de terreiro*, que se define pelo tema e espaço, pois ocorre nos terreiros, sendo que esse termo designa tanto as casas de religiões de matriz africana como também os quintais das casas e a área comum das escolas de samba e assim considera uma diversidade estilística, contando com improvisos, podendo ser assim classificados pelos próprios sambistas⁴⁴; e os *samba-enredo*, que possuem letras com narrativas e “sonoridade pujante da bateria”⁴⁵ (Iphan, s/d; p. 36).

A música em questão pode ser considerada um samba de terreiro, já que é autoral, no sentido de que o autor se faz presente na letra enquanto eu-lírico, e que essa letra expressa uma mensagem, um recado a partir de uma constatação desse eu-lírico (Iphan, s/d). A origem desse gênero musical é relacionada à abolição dos

⁴² Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=GkegQNhhpag> . Acesso em: 06 de maio de 2024.

⁴³ Um exemplo de partido-alto seria a música “Não vem”, de Candeia (Iphan, s/d; p. 26).

⁴⁴ Um exemplo possível é o samba “Velho Estácio”, de Cartola (Iphan, s/d; p. 33).

⁴⁵ Um exemplo possível é o samba “Chega de demanda”, de Cartola (Iphan, s/d; p. 37).

negros escravizados no Brasil, especialmente em Salvador e no Rio de Janeiro - para onde migraram muitos ex-escravizados baianos depois das revoltas de 1831 -, onde surgiram casas de santo (praticantes do Candomblé) e redutos de moradias localizadas em morros para essa população, o que contemporaneamente se conhece como favelas.

Consiste em uma letra sem refrão e sem esquema de rimas fixo, rica em metáforas e com hipérboles que retratam basicamente dois momentos separados por uma ruptura na vida do eu-lírico, um anterior e outro posterior a ter presenciado passar (na entrevista mencionada o autor evoca uma memória de ver a Portela passar desfilando na Av. Rio Branco) a escola de samba Portela. A letra termina com a frase título da música sendo repetida sequencialmente à constatação de que seu coração se deixou levar.

Foi um rio que passou em minha vida pode ser compreendida pelo viés das marcas de desengano, desilusão que apesar de perdurarem, não o fazem eternamente, mudam com o advento de um novo amor (do que se conota que as marcas que haviam também eram de amor). As marcas subjetivas de um amor seriam modificadas com o advento de uma nova experiência amorosa, concepção que, por sinal, é bastante difundida no senso comum: "...a dor do amor é com outro amor que a gente cura..."⁴⁶. Neste caso, é possível recorrer ao conceito vigotskiano de vivência, apresentado no segundo capítulo desta pesquisa, para nortear a compreensão, já que ao enamorar-se com outro ser, sendo essa nova vivência significativa, proporcionaria ressignificação do sentimento pregresso, atribuído a um objeto de amor anterior.

Porém (ah, porém!), o autor cita um caso específico que o teria marcado para sempre, sua relação com a escola de samba Portela o teria conquistado em definitivo, diferentemente dos amores românticos que trazem marcas de desengano, o amor pela Portela faz renascer (em "alvorada") sua "alegria" e suas grandiosas emoções, expressas em termos de "céu e mar", voltarem, se constituindo então em um "rio que passou em sua vida", carregando consigo seu próprio "coração", ou seja, pode-se compreender que este rio, o amor pela Portela, não passa, mas carrega consigo o autor.

⁴⁶ Música popular de estilo sertanejo intitulada Boate Azul, composição de Benedito Seviéro (1963), fonte: <https://www.abramus.org.br/noticias/10254/nota-de-falecimento-benedito-seviero/> ; acesso em maio de 2024.

Apesar de a letra completa, aliada à entrevista do compositor, poder ser compreendida, em contexto, como expressando o amor perene pela Portela e a frase “Foi um rio que passou em minha vida”, que intitula a música, ser completada por “E meu coração se deixou levar”, podendo conotar justamente o oposto de transitoriedade com a permanência de um amor, de uma vivência e de uma memória, essa música pode ser, muitas vezes, associada com concepções relacionadas à efemeridade, mudanças⁴⁷. Aventa-se que a frase título possa ter sido tão ou mais representativa que o restante da letra, tendo repercutido por si e ganhando sentido de transição.

Com essa canção, seria possível conceber um ser humano em mudança, de acordo com as suas novas experiências, mas que foi profundamente marcado por uma experiência bastante forte, uma experiência que, de maneira poética, expressa que não é ele quem tem essa experiência, mas a experiência o tem e o leva, como um rio que passou e levou consigo o seu coração. De tal forma que, considerando o conceito de *movimento* conforme delineado no segundo capítulo e complementado pelo conceito de potência do terceiro capítulo, tem-se um deslocamento qualitativo individual, o desenvolvimento do sujeito frente a uma vivência que potencializa isso.

O sujeito tem algum conhecimento dos determinantes pregressos - o eu lírico tem mania de amor, sabe que andou amando errado e que um amor pode apagar as marcas de seus desenganos. O episódio, que se constitui em uma vivência, embora breve, marca em definitivo seu coração, conquistando-o e caracterizando-se num novo amor foi a passagem da escola de samba Portela em um dia de carnaval.

Retoma-se que, na perspectiva considerada por esta pesquisa, no segundo capítulo, mencionamos que vivência se constitui em uma unidade de momentos (de processo dialético) envolvendo o meio e as especificidades de uma pessoa, de sua personalidade, que promovem uma experiência significativa que é subsumida em desenvolvimento (Vigotski, 2018) e, dessa forma, movimento do sujeito ou, conforme abordado no referido excerto, promove um *automovimento não autocentrado*. Sobre o desenvolvimento na infância, Vigotski afirma:

⁴⁷ Tanto que, em pesquisa exploratória pelo nome da música entre aspas, no Google Acadêmico, foi possível notar a citação da mesma com tal conotação nos trabalhos científicos disponíveis, como exemplos: “Foi um Rio que passou em minha vida”: Ilhéus e a busca da modernidade (1921–1930); “Foi um rio que passou em minha vida...” transformações na paisagem do rio tietê por meio do resgate da memória em práticas; Narrativas (auto) biográficas com professoras sobre as violências e a educação para a humanização: “foi um rio que passou em minha vida”;...

A vivência constitui a unidade da personalidade e do entorno tal como figura no desenvolvimento. Portanto, no desenvolvimento, a unidade dos elementos pessoais e ambientais se realiza em uma série de diversas vivências da criança. A vivência deve ser entendida como a relação interior da criança como ser humano, com um ou outro momento da realidade. Toda a vivência é vivência de algo. Não há vivências sem motivo, como não há ato consciente que não seja ato de consciência de algo (Vigotski, 2006; p. 383).

O eu-lírico da canção não demonstra, em nossa perspectiva, em nenhuma estrofe, indícios de reflexão sobre a constituição social do referido amor, tampouco possibilidades de sua mudança futura. Os verbos são utilizados frequentemente em posição passiva, o eu-lírico é *consultado*, a marca *ficou*, *marcou*, teve o coração *conquistado* por quem passou e *o levou*.

Poder-se-ia conotar algum grau de mudança de postura definitiva do sujeito que tinha um coração com mania de amor e coloca-se agora como definitivamente arrebatado por esse amor pela Portela, como alguém levado por esse amor como por um rio. Entretanto, não parece ser a proposta da música e não existem proposições reflexivas coletivas. A mudança que se pode considerar como tendo sido abordada é de caráter pessoal, individual, passiva e não se aproximaria, portanto do que aqui se aborda como potência. Apesar disso, Pereira Jr. (2011) traz um contraponto em sua abordagem filosófica para justificar que, nesta música, o compositor “encara o samba como um antídoto à inércia motora e existencial” (Pereira Jr., 2011; p. 76), já que o eu-lírico tem o coração levado pela Portela após tantos desenganos amorosos.

No que se refere às contradições, a música confere transitoriedade à realidade por meio do caráter dinâmico das emoções, tristeza, alegria. Também desmistifica amor(es) como sendo algo permanente e romântico, explorando a possibilidade de uma subjetividade composta por outros vínculos, para além do romântico, e pelas vivências por eles permeadas. Por outro lado, sequer parece ser a proposta da música se aprofundar em outras explicitações da pseudo-concreticidade.

De toda maneira, talvez pela experiência do samba enquanto ritmo mobilizador, dançante, que fomenta encontros (roda de samba), que se capilariza e impulsiona, sem contar na disseminação de alguns sambas e compositores como pertencentes à elite do samba, a um grupo socialmente considerado “mais respeitável” por suas letras mais complexas e sua vinculação aos artistas e escolas

que promoveram a criação e disseminação do estilo, os popularmente conhecidos como “samba de raiz”, também, conforme mencionado, pela notoriedade e repercussão que o título ganhou, a música pôde ser associada e remeter a mudanças coletivas, como a pesquisa exploratória citada na nota de rodapé nº 45 apontou.

É possível notar, com base nas características apontadas, que a música *Foi um rio que passou em minha vida*, embora transmita alguma ideia de mudança, não corresponde ao movimento no que diz respeito ao conceito abarcado por esta pesquisa (no capítulo 2), já que a letra, o contexto social e histórico abordado, a reação estética não expressam transformações qualitativas e, ainda, manifesta pouca potência (conforme capítulo 3 desta pesquisa) por meio de passividade e individualismo.

4.1.2 Ilu Ayê (Terra da Vida)

Também um samba, mas este podendo ser considerado um samba enredo conforme definições apresentadas no subcapítulo anterior (Iphan, s/d), notemos a letra apresentada a seguir (Norival Torquato Reis e Silvestre David Da Silva, 1972):

Ilu Ayê (Terra da Vida)

Compositores: Norival Torquato Reis / Silvestre David Da Silva

Ilu Ayê, Ilu Ayê, Odara

Negro cantava na nação nagô, Ilu Ayê

Ilu Ayê, Ilu Ayê, Odara

Negro cantava na nação nagô

Depois chorou lamento de senzala

Tão longe estava de sua Ilu Ayê

Tempo passou e no terreirão da casa grande

Negro diz tudo que pode dizer

É samba, é batuque, é reza

É dança, é ladainha

Negro joga capoeira e faz louvação à rainha

É samba, é batuque, é reza

É dança, é ladainha

Negro joga capoeira e faz louvação à rainha

Hoje

Negro é terra, negro é vida

Na mutação do tempo

Desfilando na avenida

Negro é sensacional

É toda festa de um povo

É o dono do carnaval, Ilu Ayê

Ilu Ayê, Ilu Ayê, Odara

Negro cantava na nação nagô, Ilu Ayê

Ilu Ayê, Ilu Ayê, Odara

Depois chorou lamento de senzala
 Tão longe estava de sua Ilu Ayê
 Tempo passou e no terreirão da casa grande
 Negro diz tudo que pode dizer
 É samba, é batuque, é reza
 É dança, é ladainha
 Negro joga capoeira e faz louvação à rainha
 É samba, é batuque, é reza
 É dança, é ladainha
 Negro joga capoeira e faz louvação à rainha
 É samba, é batuque, é reza
 É dança, é ladainha
 Negro joga capoeira e faz louvação à rainha...

A música *Ilu Ayê (Terra da Vida)*, que também é datada do início dos anos 1970 e, assim como a música anteriormente citada, faz menção a samba e desfile de escola de samba⁴⁸ (na avenida). Nesse caso a música não somente foi composta para a escola de samba Portela, como também teve a finalidade de musicar seu desfile. Isso porque, no carnaval, as escolas de samba realizam o desfile, ou seja, a passagem por uma rua ou sambódromo com fantasias, carros alegóricos e adornagens relacionadas a uma história que é contada por meio dessas alegorias e do samba enredo, que é interpretado do início ao final do desfile. A escolha pelo tema a ser abordado, o samba enredo, as alegorias a serem contempladas ocorre anualmente, em rituais que envolvem a comunidade da escola (Iphan, s/d).

Os desfiles de escolas de samba contemporâneos portam, em geral, elementos do canto (o samba-enredo), da dança (o samba), da literatura (o enredo e o próprio samba-enredo, enquanto canção), do balé (as coreografias sincronizadas), do teatro (as encenações), da moda/figurino (as fantasias), das artes plásticas (as esculturas, pinturas, fotografias e outros elementos visuais), do cinema (os filmes às vezes exibidos) e, mais recentemente, a robótica (que faz movimentar elementos cênicos) e a internet (diversos desfiles recentes tiveram a interatividade do público) (Raymundo, 2014).

Ilu Ayê foi, portanto, o samba enredo da Portela no ano de 1972, mas, além disso, foi gravada e interpretada por sambistas, a exemplo de Clara Nunes, e foi listada como uma das músicas mais tocadas em rádios daquela década, apesar de a

⁴⁸Pode-se aventar que o tema de desfiles de escolas de samba estar tão em voga e popularizado no início da década de 1970 possa se dever ao fato de que, embora os desfiles acontecessem desde 1929, foi em 1959 que os primeiros artistas plásticos foram contratados, trazendo inovações estéticas às escolas que as aproximavam das elites. Em 1960 os primeiros foliões de classe média desfilaram e em 1961 os ingressos para assistir ao desfile passaram a ser vendidos (Fonte: <https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/8651-a-historia-dos-desfiles-das-escolas-de-samba>). Portanto, o samba das escolas de samba estava sendo consumido e caindo nas graças das diversas camadas da população.

escola de samba não ter se sagrado campeã⁴⁹. Diz-se, inclusive, que o samba já fazia sucesso antes mesmo de ser escolhido para musicar o desfile, desfile este que teria contado com representações das nações africanas e de elementos culturais brasileiros oriundos dessas nações⁵⁰. Sobre temáticas de samba enredo que destacavam negro e a mulher neste período, que foi caracterizado pelo governo do General Médici e a ditadura civil-militar no Brasil, Raymundo (2014) expõe:

Durante o regime militar, o ufanismo, marca do governo Médici, se faria presente nas letras das escolas de samba cariocas, desconsiderando contradições sociais, enaltecendo as “glórias” de heróis da história oficial e reiterando slogans governamentais. Por outro lado, várias canções defenderiam a “liberdade”, destacariam o protagonismo de negros e mulheres na história do Brasil, fariam a denúncia da escravidão e, burlando a censura, deixariam mensagens subliminares de crítica ao presente e esperança no futuro (Raymundo, 2014; s/p).

A música, seguindo as características relacionadas para um samba enredo (Iphan, s/d), traz em sua letra ensinamentos históricos por meio de termos populares e alusões a circunstâncias concretas (o terreiro, o batuque, a capoeira), neste caso são informações sobre a escravização de povos africanos e a constituição da cultura brasileira como permeada por essa ancestralidade. Os verbos que perpassam o texto são majoritariamente ativos, ou seja, no caso o negro é quem age: chora, cantava, diz, joga, faz, é. É construída em esquema de rimas, mas prescinde de formalidades ao privilegiar a sonoridade proporcionada pelas rimas mesmo com repetição de palavras. Não utiliza de metáforas, tem texto diretivo e descreve o negro por meio de elementos culturais que estão a ele historicamente vinculados, como uma sinédoque. Consiste, dessa forma, numa música de fácil memorização e sonoridade rítmica, com um contexto histórico.

Pode-se entender que, em um enfoque diferente de “Foi um rio que passou em minha vida”, este samba evoca um movimento mais próximo de grupal, coletivo: as pessoas que viviam em sua “terra da vida”, em territórios africanos, foram trazidas ao Brasil forçadas e “choraram lamentos de senzala”, ou seja, foram escravizadas. E, de acordo com a letra, hoje são parte da terra, vida. O negro é mutação do tempo, é sua própria terra, é vida.

⁴⁹ Uma sinopse da concepção do samba enredo e do desfile, bem como da organização da escola de samba pode ser encontrada em <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/portela/ficha-1972.htm> (acesso em maio de 2024).

⁵⁰ Fonte: <<https://cn1brasil.com.br/rj-portela-1972-ilu-aye-a-terra-da-vida/>>. Acesso em 15 de maio de 2024.

Desde o período colonial brasileiro que a economia se pautava na escravização de negros de origem africana e, apesar de a escravização ter sido substituída pela mão de obra imigrante, a partir do ano 1888, esse fato histórico tem consequências que perduram até os dias atuais como o racismo que, assim como o machismo, são fenômenos que contribuem “para a perpetuação do capital e dos privilégios econômicos da burguesia” (Perez; Ercolano; Costa, 2024; p. 150).

A partir do Brasil Colonial, de maneira gradual e contínua, foram erguidos os fundamentos do que Moura (1988) denominou grupo diferenciado, que alcançou de maneira grave e aterradora a população negra local. O grupo diferenciado é reconhecido “[...] por uma determinada marca, é visto pela sociedade competitiva dentro de uma ótica especial, de aceitação ou rejeição, através de padrões de valores, mores e representações dos estratos superiores dessa sociedade” (Moura, 1988, p. 116). Nesta perspectiva, Moura dilucida que o europeu fundou uma diferenciação para si, o mito do homem branco como ser universal: bom, belo e livre de uma concretude corpórea e de um psiquismo animalizados e asselvajados. Por sua vez, neste mito, a pessoa negra participa como ‘o outro’: animal, bárbaro e, portanto, ao dispor de ser tratada como mercadoria sob o capitalismo. É apoiada nesta concepção diferencial acerca dos grupos de pessoas brancas e negras que a modernidade capitalista brasileira foi inaugurada tendo como atributo próprio e necessário a inferiorização e desqualificação da população negra enquanto tática para ensejar a sua superexploração pela burguesia, conservando o racismo (Perez; Ercolano; Costa, 2024; p. 151).

Sendo assim, perduram os impactos de uma cultura eurocêntrica e subalternizadora daqueles que não estão nesse centro, o que se constituiu em instrumento para a continuidade da exploração dessas parcelas da população pela burguesia. A canção em foco nesta seção tem tanto em sua letra como em seu ritmo, o samba, elementos de resistência política e cultural, ao falar do sofrimento do negro escravizado e enaltecê-lo.

Sobre os termos iorubás⁵¹ Ilu Ayê e Odara:

Ilu ayê e odara são termos Nagôs.
Ilu ayê é quase uma evocação. É a saudade da África distante a “terra da vida”. É aquela gente boa, aqui transplantada, era chamada odara. (odara quer dizer: gente boa). (...)

A princípio, quando de seus lamentos, os negros se referiam a África distante como se tivesse perdido para sempre a sua Ilu ayê. Porém, ao longo do tempo foi ganhando amor à terra como a sua nova Ilu ayê (Fonte: <http://www.academiadosamba.com.br/passarela/portela/ficha-1972.htm>).

A música Ilu Ayê pode ser associada com as questões raciais, o racismo e a resistência do povo escravizado⁵². A ficha do desfile de 1972 da Portela, sobre a

⁵¹Que também são chamados de nagôs devido à nomenclatura imposta pelos franceses.

⁵² Em pesquisa exploratória pelo nome da música no Google Acadêmico, foi possível notar a citação do título ou partes da letra com tal conotação nos trabalhos científicos disponíveis, como exemplos as

composição do samba enredo e a concepção do desfile como um todo, aborda em sua introdução:

Este enredo é uma introdução a um estudo vasto e complexo: o Negro na Civilização Brasileira. Com isto a Portela presta uma homenagem a bravura, à coragem, à inteligência, a alegria do Negro brasileiro. Tanto quanto possível não nos fixaremos neste ou naquele episódio. Queremos mostrar o todo. O imenso rio no qual o Negro africano desembocou em nosso País. “Não nos aproximamos sequer das margens do grande rio de alegria e de beleza que o escravo, com sangue e suor fez surgir nos cenários seus sofrimentos. Mas o rio corre e, um dia, se misturará definitivamente a todas as águas que formam a nacionalidade brasileira. Se não o explorarmos, se não utilizarmos a sua energia, se não navegarmos em todo o seu curso, tanto pior para nós.” A Portela apresenta o Negro Brasileiro: sua face alegre e descontraída, sua potencialidade e sua arte.

(Disponível em:

<<http://www.academiadosamba.com.br/passarela/portela/ficha-1972.htm>>.

Acesso em: 15 de maio de 2024)

É possível considerar, de acordo com a letra da música e a ficha apresentada, que as mutações do negro podem ser conotadas com base em como se dá sua forma de expressão, no início, ainda em sua terra, o negro cantava. Depois, escravizado, chorava o lamento de sua sorte, mas não se calava, dizia tudo o que poderia dizer na ocasião por meio de samba, batuque, reza, dança, ladainha, capoeira e louvação à rainha, elementos esses que constituíram o negro e o Brasil, sua nova terra. Hoje, contemporaneamente, o negro estaria integrado à terra: é vida e é a própria mutação do tempo que se expressa pela festa do carnaval.

O negro conota a mutação pela Atividade - conforme entendimento da categoria da psicologia histórico-cultural mencionada na Introdução desta tese - por meio de sua inter-relação, sua comunicação. A atividade que se constitui no processo dialético em que os seres humanos, ao modificarem a natureza em função de suas necessidades, modificam-se também a si mesmos por meio do processo e do produto dessa modificação, bem como apropriam-se do que fora historicamente produzido (Marx, 1985; Leontiev, 2021; Rubinstein, 1974). A mutação se dá em termos de gerações, porque se estaria abordando a mutação de um povo, que ocorre pelo transcorrer do tempo.

Conforme foi abordado no terceiro capítulo, a liberdade pode ser compreendida como um conceito que está correlacionado à atuação com compreensão dos determinantes na natureza, no meio. A escravização dos negros

produções: “Ressoam os Atabaques Lembrando a África Distante”: Resistência e Identidade nos sambas-enredo da década de 1960; “É Reza, É Dança, É Ladainha”: Os Espaços De Sociabilidade Negra No Rio De Janeiro (1879-1912); O “povo de Cam” na capital do Brasil: a escravidão urbana no Rio de Janeiro do século XIX;...

no Brasil colônia, remontada pela letra da canção, retirou dessas pessoas sua natureza, seu meio de origem - a terra natal, a cultura que os permeava - e desorganizou completamente seus modos de vivência subtraindo quaisquer possibilidades de sua atuação por meio da “aniquilação de sua existência política” (Marx, 2010; p. 125), conforme a música, o negro chorava. Com o “tempo” e sua “mutação”, o “negro diz tudo que pode dizer”, ou seja, pode-se compreender que aumentam possibilidades de atuação em seu meio, pode falar e se expressar, se reorganizar em comunidades, “É samba, é batuque, é reza, É dança, é ladainha, Negro joga capoeira e faz louvação à rainha”.

A transformação, pela divisão do trabalho, de forças (relações) pessoais em forças reificadas não pode ser superada arrancando-se da cabeça a representação geral dessas forças, mas apenas se os indivíduos voltarem a subsumir essas forças reificadas a si mesmos e superarem a divisão do trabalho [Feuerbach: ser e essência. (Anotação de Marx)]. Isso não é possível sem a comunidade [e sem o pleno e livre desenvolvimento dos indivíduos que ela implica (Suprimido no manuscrito)]. É somente na comunidade [com outros que cada] indivíduo tem os meios de desenvolver suas faculdades em todos os sentidos; somente na comunidade, portanto, a liberdade pessoal torna-se possível. Nos [aparentes (Suprimido no manuscrito)] sucedâneos da comunidade existentes até aqui, no Estado etc., a liberdade pessoal existia apenas para os indivíduos desenvolvidos nas condições da classe dominante e somente na medida em que eram indivíduos dessa classe (Marx e Engels, 2007; p. 64).

Ilu Ayê aborda um deslocamento espacial que implicou em deslocamentos qualitativos, ao provocar as mudanças profundas pelas quais passaram grupos de pessoas que tinham suas vidas em seus territórios de origem e foram forçadas a se mudar para outro continente, serem escravizadas, negarem seus hábitos, suas manifestações, suas posições sociais de origem. Com a passagem do tempo, novos deslocamentos qualitativos são relatados pela letra, que retrata que esses povos e seus descendentes são agora parte constitutiva da nova terra e que elementos constituintes de sua cultura de origem são, contemporaneamente, parte da cultura desta nova terra, assim como eles o são. Como sugere Raymundo (2014), pode ter sido uma mensagem crítica implícita de transitoriedade e de força do povo negro em meio à ditadura civil-militar.

Esta música possibilita, com sua letra, explicitar a realidade da exploração do trabalho, por meio da abordagem da escravização africana e, também, de vislumbrar a superação da exploração ao permitir a noção histórica de que o explorado pode vir a se tornar “dono do carnaval”. Por outro lado, o agente dessa mudança pode ser entendido como sendo o próprio tempo: “Tempo passou e no

terreirão da casa grande negro diz tudo que pode dizer”. E, ainda, “negro diz tudo que pode dizer”, não o que precisa, não o que quer, podendo ser concebida como uma superação em processo e/ou inacabada. Apesar disso, tem no carnaval o momento que representaria sua superação aparente, mas como nos explicitaria Lélia Gonzales, não se trata de superação senão aparente e momentaneamente concedidos pelo dominante:

E é justamente no carnaval que o reinado desse rei manifestadamente se dá. A gente sabe que carnaval é festa cristã que ocorre num espaço cristão, mas aquilo que chamamos do Carnaval Brasileiro possui, na sua especificidade, um aspecto de subversão, de ultrapassagem de limites permitidos pelo discurso dominante, pela ordem da consciência. Essa subversão na especificidade só tem a ver com o negro. Não é por acaso que nesse momento, a gente sai das colunas policiais e é promovida a capa de revista, a principal focalizada pela tevê, pelo cinema e por aí afora. De repente, a gente deixa de ser marginal prá se transformar no símbolo da alegria, da descontração, do encanto especial do povo dessa terra chamada Brasil. É nesse momento que Oropa, França e Bahia são muito mais Bahia do que outra coisa. É nesse momento que a negrada vai prá rua viver o seu gozo e fazer a sua gozação. [...] É também no carnaval que se tem a exaltação do mito da democracia racial, exatamente porque nesse curto período de manifestação do seu reinado o Senhor-Escravo mostra que ele sim, transa e conhece a democracia racial. Exatamente por isso que no resto do ano há reforço do mito enquanto tal, justamente por aqueles que não querem olhar para onde ele aponta. A verdade que nele se oculta, e que só se manifesta durante o reinado do Escravo, tem que ser recalcada, tirada de cena, ficando em seu lugar as ilusões que consciência cria para si mesma (Gonzalez, 1984; pp. 239-240).

Ainda sim é possível a compreensão de que: o negro foi retirado de seu contexto, veio forçado, foi calado e sofreu a escravização, mas agora tudo que todos, negros ou não, vivem está permeado pelos negros e sua/nossa ancestralidade. Existe então a constatação de um processo de movimento que - longe de estar concluído - implica na transformação de um povo subjugado, silenciado, escravizado em parte do Brasil desde a constituição desse território. Aborda, dessa forma, processos passados (e ainda em andamento).

Com essas observações, é possível afirmar que a música *Ilú ayé* além de caracterizar mudança, em seu significado genérico, também retrata movimento, nos termos descritos no capítulo 2 desta tese, considerando que a letra explicita um contexto social e histórico de transformações, o que pode ser notado também na reação estética e que guarda expressões de potência em termos ativos e circunstâncias coletivas.

4.1.3 Um parêntese associativo: Tempo Rei, Oração ao Tempo, Como uma onda

Nessa mesma linha associativa de mudanças e tempo, existe outra canção brasileira, que pode ser considerada MPB, de Gilberto Gil (1984), intitulada *Tempo Rei*:

Não me iludo
Tudo permanecerá do jeito que tem sido
Transcorrendo, Transformando
 Tempo e espaço navegando Todos os sentidos...

Pães de Açúcar, Corcovados
 Fustigados pela chuva e pelo eterno vento...
 Água mole, Pedra dura
 Tanto bate que não restará nem pensamento...

Tempo Rei! Oh Tempo Rei! Oh Tempo Rei!
Transformai as velhas formas do viver
 Ensina-me Oh Pai! O que eu, ainda não sei
 Mãe Senhora do Perpétuo Socorre!...

Pensamento!
 Mesmo o fundamento singular do ser humano
 De um momento, para o outro
 Poderá não mais fundar nem gregos, nem baianos...

Mães zelosas, Pais corujas
 Vejam como as águas de repente ficam sujas...
 Não se iludam, Não me iludo
 Tudo agora mesmo Pode estar por um segundo...

Tempo Rei! Oh Tempo Rei! Oh Tempo Rei!
 Transformai as velhas formas do viver
 Ensina-me Oh Pai! O que eu, ainda não sei
 Mãe Senhora do Perpétuo Socorre!...

O termo MPB, que já era utilizado antes disto, teve sua concepção modificada após a década de 1960, com o surgimento da bossa nova, os festivais universitários de canções e, posteriormente ao golpe civil-militar de 1964, a adesão e divulgação de posturas críticas (Napolitano, 1998). Segundo Tinhorão (1998), se constituiu eminentemente de releitura da classe média carioca de estilos musicais nacionais como o samba, com influências de jazz e posteriormente, aliados ao circuito universitário também de São Paulo. Ambos os autores identificam, como ouvinte padrão desse gênero musical, a classe média com grau de instrução razoavelmente elevado (ensino médio, antigo ginásial, em diante).

Portanto, o termo MPB aqui considerado se aproxima mais das definições de Napolitano (1998, 2002a, 2002b) quando propõe, em sentido mais estrito, o estilo musical que, tendo sido composto e interpretado por brasileiros, guarda elementos de estilos musicais brasileiros e é herdeiro de três movimentos históricos (Napolitano, 1998) constitutivos: (1) as influências da música popular urbana das décadas de 20 e 30 (com Ataulfo Alves, Pixinguinha, Noel Rosa, Lamartine Babo), do samba, da valsa, do choro, do baião e do bolero; (2) a influência da bossa nova e suas variantes (representantes como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Nara Leão), a partir da década de 1960, com o deslocamento de classe da canção popular brasileira para a classe média, o circuito universitário e as críticas à internacionalização da música brasileira; (3) o abarcamento de críticas culturais como as feitas pelo tropicalismo e o engajamento político crítico no período de censura do governo civil-militar, após a década de 1970.

Inserido no que pode ser denominado como MPB, é possível incluir um grupo de músicas denominadas como canções de protesto, canções críticas ou canções de resistência, que referem-se a músicas brasileiras com engajamento político surgidas a partir de meados do século XX e que, nesse início, foram associadas aos festivais de música popular brasileira que ocorreram no decorrer da ditadura civil-militar brasileira (Freire e Augusto, 2014), entretanto não está circunscrita a esse período e estilo musical, havendo estudos como o de Martins (2021) sobre as músicas utilizadas nos protestos ocorridos entre os anos de 2013-2016, Souza (2020) sobre o Rap, ou ainda Brandão e Bueno (2020) que abordam músicas de protesto do feminismo negro.

Um comentário publicado na rede social do compositor e atribuído a ele explica a concepção da letra:

“‘Tempo Rei’ é a minha versão para uma questão colocada em ‘Oração ao Tempo’, onde a frase-chave para mim é: ‘Quando eu tiver saído para fora do teu círculo, não serei nem terás sido’. Quer dizer: o tempo desaparecerá, eu desaparecerei. O tempo e aquele que o inventa, o ego, estarão ambos desinventados, portanto. Na música do Caetano parece haver um niilismo essencial, um mergulho no nada absoluto e uma resignação plena, orgulhosa e ativa com a extinção. Na minha tem uma coisa mais cristã. Uma, quem sabe, quimera. Um vago desejo de permanência e de transformação.”⁵³

53

Gilberto

Gil.

Disponível

em

<<https://www.facebook.com/gilbertogiloficial/videos/dia-do-compositor-brasileiro/278812250793684/>>. Acesso em 15 de maio de 2024. Publicado em: 7 de outubro de 2021.

Em *Tempo Rei* pode ser entendida uma concepção de que tudo o que existe é perpassado por mudanças constantes - a única constante é a mudança, já que “tudo ‘permanecerá’ transformando” - o que se expressa no uso dos gerúndios. As transformações são inevitáveis, porém incondicionadas às ações no mundo, ou seja, não estão vinculadas à atividade humana, tampouco com os condicionantes da realidade. O tempo, que é rei soberano, é senhor das transformações e ao ser humano cabe pedir intervenção - e socorro - aos céus sobre o direcionamento dessas mudanças, a superação das velhas formas de viver e aquilo que ainda não se conhece.

A música *Oração ao Tempo* (1979), de Caetano Veloso, a qual Gil diz que o provocou a compor “Tempo Rei” em resposta, segue a mesma concepção ao explicitar um tempo endeusado, como o título da canção já sugere, já que se faz oração a deuses, é portanto uma concepção de tempo com vontades e movimentos próprios, ainda mais autônomos e poderosos, afinal um deus tem poderes sobre humanos, um Rei não. O teor da música remete realmente a uma oração, uma conversa cerimoniosa, em segunda pessoa, com um ente onipotente. Cita-se a letra:

Oração Ao Tempo
Caetano Veloso

És um senhor tão bonito
Quanto a cara do meu filho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Vou te fazer um pedido
Tempo, tempo, tempo, tempo

Compositor de destinos
Tambor de todos os ritmos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Entro num acordo contigo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Por seres tão inventivo
E pareceres contínuo
Tempo, tempo, tempo, tempo
És um dos deuses mais lindos
Tempo, tempo, tempo, tempo

Que sejas ainda mais vivo
No som do meu estribilho
Tempo, tempo, tempo, tempo
Ouve bem o que te digo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Peço-te o prazer legítimo
E o movimento preciso
Tempo, tempo, tempo, tempo
Quando o tempo for propício
Tempo, tempo, tempo, tempo

De modo que o meu espírito
Ganhe um brilho definido
Tempo, tempo, tempo, tempo
E eu espalhe benefícios
Tempo, tempo, tempo, tempo

O que usaremos pra isso
Fique guardado em sigilo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Apenas contigo e migo
Tempo, tempo, tempo, tempo

E quando eu tiver saído
Para fora do teu círculo
Tempo, tempo, tempo, tempo
Não serei nem terás sido
Tempo, tempo, tempo, tempo

Ainda assim acredito
Ser possível reunirmo-nos
Tempo, tempo, tempo, tempo
Num outro nível de vínculo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Portanto, peço-te aquilo
E te ofereço elogios
Tempo, tempo, tempo, tempo

Nas rimas do meu estilo
Tempo, tempo, tempo, tempo

Segundo Caetano Veloso⁵⁴, o deus tempo a quem a oração se dirige seria Iroko, um orixá cultuado pelo candomblé que consistiria na própria representação da dimensão do tempo e, dessa forma, acompanha o cumprimento das missões dos seres e representa a ancestralidade. É representado ou teria sua morada na amoreira africana, nesse continente, já no Brasil é representado pela gameleira branca. Dessa forma, tanto a interpretação da letra como a contextualização do compositor explicitam essa visão de um deus-tempo inventivo ao qual se está subordinado e com quem se pode apenas negociar e confiar.

Da mesma época de “Tempo Rei”, outra canção que se tornou popularmente conhecida, vinculando-se, até mesmo, a tema de propaganda de salgadinhos, é *Como uma onda* (Lulu Santos e Nelson Motta, 1983). Assim como Tempo Rei (e Oração ao Tempo), *Como uma onda* também aborda a mudança como algo incondicional e incontrolável, “tudo passa e sempre passará” e não se explicita correlação com a atividade humana nem com os determinantes socioculturais e históricos:

Como uma onda
Composição: Lulu Santos / Nelson Motta.

Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia
Tudo passa, tudo sempre passará
A vida vem em ondas, como um mar
Num indo e vindo infinito

Tudo o que se vê não é
Igual ao que a gente viu há um segundo
Tudo muda o tempo todo no mundo
Não adianta fugir nem mentir pra si mesmo agora
Há tanta vida lá fora
Aqui dentro, sempre

Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no mar
Como uma onda no...

⁵⁴ Entrevista disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=K6hOB-a_ybs>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

Como uma Onda retrata uma vida de vai-e-vem e mudanças. Em site de curiosidades musicais⁵⁵, menciona-se que as parcerias de Nelson Motta e Lulu Santos frequentemente se deram à distância, com Lulu enviando a melodia gravada para Nelson escrever a letra que, neste caso, Nelson escreveu tendo como inspiração o poema O Dia da Criação⁵⁶, de Vinícius de Moraes, assim como livros de Jorge Luis Borges e sobre zen-budismo. Com o subtítulo “zen-surfismo”, a música também guarda em si algo de misticismo, da impossibilidade de se coordenar, mobilizar a vida que, magicamente, muda o tempo todo. A letra, simples, explícita e diretiva, conta com uma metáfora que intitula a música.

Enquanto “Tempo Rei” e “Oração ao Tempo” podem ser entendidas como odes à mutabilidade de um tempo engenhoso e autônomo, inventivo e personificado, o movimento expresso pode ser compreendido como caótico, independentemente das atividades humanas e dependentes de uma organização ou de desígnios maiores. Já em “Como uma Onda” a mutabilidade também é característica intrínseca à vida e a letra pode expressar essa constatação ou contemplação - assim como se pode contemplar as ondas do mar. Por vezes, a letra pode conotar uma mutabilidade pêndulo, de “indo e vindo infinito”, portanto um deslocamento sem movimento. No caso dessas três músicas existe a possibilidade de se compreender que, em algum grau, somos reféns das mudanças, que têm força e vontade própria como deidades.

Essas três canções possibilitam elucubrar sobre a (im)possibilidade de *movimento* sem atividade e a importância desse entendimento para a dialética materialista e histórica. Escreveu Marx:

[...] na elaboração do mundo objetivo [é que] o homem se confirma, em primeiro lugar e efetivamente, como ser genérico. Esta produção é a sua vida genérica operativa. Através dela a natureza aparece como a sua obra e a sua efetividade (Wirklichkeit). O objeto do trabalho é portanto a objetivação da vida genérica do homem: quando o homem se duplica não apenas na consciência, intelectual[mente], mas operativa, efetiva[mente], contemplando-se, por isso, a si mesmo num mundo criado por ele (Marx, 2008; p. 85).

⁵⁵ Disponível em:

<http://mappesonore.altervista.org/dettagli/Testi/100_cancoes_bravo/como_uma_onda.html>. Acesso em: 15 de maio de 2024.

⁵⁶ Cita-se um trecho do poema: “Hoje é sábado, amanhã é domingo/ A vida vem em ondas, como o mar/ Os bondes andam em cima dos trilhos/ E nosso Senhor Jesus Cristo morreu na cruz para nos salvar/ Hoje é sábado, amanhã é domingo/ Não há nada como o tempo para passar/ Foi muita bondade de nosso Senhor Jesus Cristo/ Mas por via das dúvidas, livrai-nos, meu Deus, de todo mal” (Fonte: <<https://www.letras.mus.br/vinicius-de-moraes/86516/>>. Acesso em: maio de 2024).

Na atividade humana, no trabalho, o ser humano se realiza enquanto ser no mundo, ou seja, a forma como produz meio, se imprime em sua concretude e, ao mesmo tempo, essa produção transforma o próprio ser humano. Quando o ser humano não reconhece esse processo como parte componente de si e da realidade, perde seu conhecimento de parte imprescindível dos processos naturais, ou seja, perde sua liberdade. Dá-se o processo de estranhamento da realidade, conforme abordado no terceiro capítulo, e dessa forma o ser humano está produzindo a realidade sem ter meios e/ou resultados, sem possuir o conhecimento dessa produção. Assim, conforme foi abarcado no capítulo deste trabalho mencionado, sem liberdade não há potência e sem potência não tem como haver *movimento* (e vice-versa). Essas canções, portanto, expõem concepções de transitoriedades, mas não tratam de *movimento*.

4.1.4 O bêbado e a equilibrista

Retomando a lista de mais tocadas (Quadro 7), outra música que consta dela e que foi selecionada de acordo com a temática abordada (Quadro 9) é *O bêbado e a equilibrista* (Aldir Blanc e João Bosco, 1978), que também pode ser designada como pertencendo ao estilo musical da MPB, música popular brasileira, na definição proposta na seção 4.1.3, já que, além de guardar relações sonoras com a bossa nova, pode ser considerada como manifestando anseios por mudanças.

O bêbado e a equilibrista

Compositores: Aldir Blanc Mendes / João Bosco De Freitas Mucci

Caía a tarde feito um viaduto

E um bêbado trajando luto me lembrou Carlitos

A lua, tal qual a dona de um bordel

Pedia a cada estrela fria um brilho de aluguel

E nuvens lá no mata-borrão do céu

Chupavam manchas torturadas

Que sufoco

Louco

O bêbado com chapéu-coco

Fazia irreverências mil

Pra noite do Brasil

Meu Brasil

Que sonha com a volta do irmão do Henfil

Com tanta gente que partiu

Num rabo de foguete

Chora

A nossa Pátria mãe gentil

Choram Marias e Clarisses

No solo do Brasil
Mas sei que uma dor assim pungente
Não há de ser inutilmente
A esperança
 Dança na corda bamba de sombrinha
 E em cada passo dessa linha
 Pode se machucar
 Azar
 A esperança equilibrista
 Sabe que o show de todo artista
 Tem que continuar

Em entrevistas, Aldir Blanc manifestou que a morte de Chaplin, no final de 1977, mexeu consigo e eliciou o processo de criação da música, inclusive tendo como influência a música “Smile⁵⁷”, de composição de Chaplin⁵⁸. As menções implícitas a mudanças na letra da música podem ser compreendidas como os filmes de Chaplin, que mostravam as asperezas e contextos hostis e terminavam com alguma cena de esperança no porvir. Nos filmes em questão, pode-se compreender que as relações humanas e sentimentos nobres de amor, compaixão, vínculo, traziam à tona alguma esperança da mudança.

Com referências a acontecimentos da época de lançamento⁵⁹, rica em rimas aleatórias e em metáforas, mas abarcando também mensagens diretas por meio de sinédoques, os compositores fazem uma observação pesada sobre o período da ditadura civil-militar no Brasil e as expectativas de mudança conjuntural, uma esperança que embora frágil, equilibra-se artisticamente para continuar, perdurar.

O ano de lançamento da música, 1978, pode ser considerado o último dos “anos de chumbo” da ditadura conservadora brasileira, período iniciado em 1969 com a nomeação do General Médici, e marcado por repressão política intensa inclusive com violações a direitos humanos. Algumas fontes apontam o início do

⁵⁷ A música Smile, de Chaplin, pode ser acessada em <https://www.youtube.com/watch?v=Ps6ck1ejoAw>.

⁵⁸ Algumas referências sobre as falas do compositor e suas influências: <https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/a-historia-de-2018o-bebado-e-a-equilibrista2019-na-voz-de-elis-regina>; <https://jornalggn.com.br/noticia/conheca-a-historia-de-o-bebado-e-a-equilibrista/>; <https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/o-hino-da-anistia-como-surgiu-classica-cancao-o-bebado-e-equilibrista.phtml>; ...

⁵⁹ De acordo com matéria que consta em <https://novabrasilfm.com.br/notas-musicais/curiosidades/a-historia-de-o-bebado-e-a-equilibrista-na-voz-de-elis-regina/#:~:text=Sobre%20O%20B%C3%AAbado%20e%20a,para%20o%20filme%20Tempos%20Modernos>.

governo Geisel, em 1974, como o fim dos anos de chumbo por ter promovido alguns afrouxamentos⁶⁰, outras entretanto colocam esse final entre 1978-79, já que em 1977 o governante teria recrudescido abordagem novamente com o “Pacote de Abril”, que antecedeu a retomada de manifestações públicas estudantis e de greves operárias (Instituto Vladimir Herzog, s/d).

O Pacote de Abril ampliou os mandatos dos próximos presidentes para seis anos; suspendeu a eleição direta para governador, que estava prevista para 1978; impôs a eleição indireta de um terço do Senado (senadores “biônicos” que seriam indicados pelo presidente); aumentou o número das bancadas de deputados dos estados menores, dominados pela Arena; ampliou as restrições da Lei Falcão sobre a propaganda eleitoral; e baixou dois terços para maioria simples o quórum para aprovar mudanças na Constituição (Instituto Vladimir Herzog, s/d; s/p).

É nesse contexto, nas festas de final de ano de 1977, que é composta *O bêbado e a equilibrista*. Por meio da “convergência entre o factual e o poético” (Silva, 2016; p. 116), os compositores utilizaram de linguagem poética para abordar fatos históricos como a queda de um viaduto no Rio de Janeiro, o exílio de personalidades representativas, a morte de Chaplin.

A esperança da mudança de um contexto brasileiro de dor pungente, no qual esposas e filhas choravam por seus entes torturados, mortos, desaparecidos, no qual irmãos precisavam se exilar para sobreviver e no qual o sufoco de manchas torturadas pudessem se extinguir, já que a ditadura conservadora instaurada utilizava de autoritarismo para a manutenção do poder da classe burguesa.

Em “O bêbado e a equilibrista” há a possibilidade de interpretar que a esperança, a espera da mudança, é personificada e ganha autonomia como uma artista equilibrista e, dessa forma, pode-se conectar esse panorama aos conceitos de desenvolvimento e potência. A potência de mudança, mudança essa que poderia ser representada pelo sonho do retorno de tanta gente que partiu, o que poderia simbolizar a superação do momento histórico autoritário, aliada ao desenvolvimento de artistas que têm que continuar se equilibrando em corda bamba e se reinventando para o show, ou a vida, continuar. Não à toa, essa música ficou conhecida como o “hino da anistia⁶¹” no Brasil, anistia essa que possibilitou *a volta*

⁶⁰ “... anunciando um programa de distensão política, lenta e gradual. Suspendeu a censura ao jornal O Estado de S. Paulo. Buscou uma nova base de sustentação do regime e apostou nas eleições parlamentares, que ocorreriam em novembro, para a renovação da Câmara dos Deputados, de um terço do Senado, e das assembleias legislativas” (Instituto Vladimir Herzog, s/d; s/p).

⁶¹ Ao redigir os descritores “hino da anistia” no Google, site de busca mais acessado no Brasil, os resultados apontam amplamente para “O bêbado e a equilibrista”.

do irmão do Henfil e de tanta gente que partiu, mas também o perdão daqueles que provocavam *manchas torturadas*, já que o perdão foi instituído a torturados e torturadores (Abrão, 2012; Instituto Vladimir Herzog, s/d). Há ainda a evocação de que a esperança estaria em movimento, embora equilibrando-se.

Entretanto, é possível questionar sobre a atividade frente a essa mudança que é esperada, mas não necessariamente construída. Observando os verbos que a música contempla, nota-se que cair, pedir, sonhar, chorar podem conotar passividade da ação em seus contextos. Após o advento da esperança, tem-se dançar, machucar e a música encerra com continuar. A dança, ação que pode ser compreendida como executada pela esperança, de forma ativa - quem dança se manifesta e expõe - pode machucar, mas é necessário dar continuidade.

Como refletido por Comte-Sponville (2001), “esperar é desejar sem poder” (p. 37). E ainda: “Considerem por exemplo a política. É muito bonito esperar a justiça, a paz, a liberdade, em todo caso não é condenável. Mas não é suficiente: falta agir por elas, o que já não é uma esperança, mas uma vontade.” (p. 38) Desta feita, a esperança equilibrista não necessariamente constrói meios para “a volta do irmão do Henfil”, mas mais sonha do que promove isso.

É possível recorrer ainda à definição de Espinosa (2009) sobre esperança, que é vinculada ao medo. Para esse pensador, a esperança consiste em uma “alegria instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida” (Espinosa, 2009; p. 72). Já o medo se caracteriza por ser uma “tristeza instável, surgida da ideia de uma coisa futura ou passada, de cuja realização temos alguma dúvida” (Espinosa, 2009; p. 73), sendo ambos os afetos considerados interdependentes, pois um não existe sem o outro e estão vinculados à tristeza e úteis ao humano apenas na medida em que permitem refrear o excesso de alegria (Espinosa, 2009). Considerando as definições espinosanas de tristeza, esperança e medo são afetos que estariam, portanto, vinculados à redução da potência de agir.

Desses conceitos nascem todos esses sentimentos do seguinte modo: se concebemos que uma coisa que está por vir é boa e pode ocorrer, daí a mente adquire essa forma que denominamos esperança, e que não é mais que uma certa espécie de alegria mesclada com um pouco de tristeza. Se, pelo contrário, julgamos que a coisa que pode ocorrer é má, daí vem à nossa mente a forma que denominamos medo. Se concebemos que a coisa é boa e ocorrerá necessariamente, daí vem à nossa mente a tranquilidade que denominamos segurança e que é uma certa espécie de alegria não mesclada de tristeza com o no caso da esperança. Porém, se concebemos que a coisa é má e ocorrerá necessariamente, daí vem à mente o desespero, que não é mais que uma certa espécie de tristeza (Espinosa, 2009; p. 109).

A contradição entre ação e passividade que pode ser interpretada como permeando a música em questão nos permitiria, inclusive, elucubrar sobre os sentimentos da época, sobre até onde e como agir e até onde se resignar, esperar e sonhar com novos tempos para chegar a presenciá-los.

A letra, considerada em seus contextos social e histórico, conforme mencionados, evidencia - ainda que de forma indireta, por meio de metonímias - as circunstâncias truculentas e o descontentamento da população brasileira com mortos, presos e exilados pelo governo autoritário da época, uma realidade que se colocava frente à fachada de um *pretense* governo exitoso que teria promovido melhorias e segurança econômica e política (Instituto Vladimir Herzog, s/d).

A letra possui várias referências a eventos e personalidades ligadas ao período duro de repressão pelo qual o Brasil estava passando: “Marias e Clarices” são referências à Maria, filha do metalúrgico Manuel Fiel Filho, e à Clarisse Herzog, esposa do jornalista e dramaturgo Vladimir Herzog, ambos mortos nos porões do DOI-CODI, por fazerem parte da oposição ao governo militar. “A volta do irmão do Henfil”, faz referência ao sociólogo e ativista pelos direitos humanos Herbert José de Sousa, o Betinho – irmão do cartunista, quadrinista, jornalista e escritor brasileiro Henfil – que esteve exilado de 1971 até 1979, quando pôde, finalmente, voltar ao Brasil (Arquivo nacional⁶², s/d).

Poder-se-ia compreender a esperança como representativa de descontentamentos e anseios por mudanças, mas no sentido da democracia liberal, da anistia e retomada dos direitos por parte da população, sem o vislumbre de transformações socioeconômicas mais radicais, desconsiderando que o Estado democrático burguês existe pela manutenção de certo grau de conciliação entre as classes, mantendo a qualquer custo a subjugação da maioria, trabalhadora, pelas minorias, burguesas (Lenin, 2011).

⁶²<https://www.gov.br/memoriasreveladas/pt-br/assuntos/noticias/a-historia-de-2018o-bebado-e-a-equilibrista2019-na-voz-de-elis-regina#:~:text=A%20letra%20possui%20v%C3%A1rias%20refer%C3%AAncias,ambos%20mortos%20nos%20por%C3%B5es%20do>

Assim, pois, a sociedade capitalista não nos oferece senão uma democracia mutilada, miserável, falsificada, uma democracia só para os ricos, para a minoria. A ditadura do proletariado, período de transição para o comunismo, instituirá pela primeira vez uma democracia para o povo, para a maioria, esmagando ao mesmo tempo, impiedosamente, a atividade da minoria, dos exploradores. Só o comunismo está em condições de realizar uma democracia realmente perfeita, e, quanto mais perfeita for, mais depressa se tornará supérflua e por si mesma se eliminará (Lenin, 2011; p. 138).

Dessa forma, não há como se conceber que a letra proponha críticas e propostas de mudanças sociopolíticas mais profundas, transformações, tão somente alusões à defesa de que seja restabelecida a ordem democrática burguesa. As menções acadêmicas a essa canção⁶³ corroboram e são, em geral, ou de análise da música em si e/ou do período histórico concernente à anistia e final da ditadura brasileira ou ainda de superação de circunstâncias adversas por meio de adaptações. Já as mudanças que permeiam a música não aparentam, em nenhum grau de observação - seja pela letra, história relacionada, as menções à música - indicarem representar questionamentos e/ou proposições radicais, de transformação. Com isso, apesar da reação estética, não se pode considerar que abarque movimento nos termos adotados no capítulo 2 desta pesquisa.

4.1.5 Associação: Pra não dizer que não falei das flores (Caminhando)

Cerca de dez anos antes do lançamento de “O bêbado e a equilibrista”, em 1968, ano em que foi decretado o AI-5 como já expusemos, uma outra canção que também se tornou hino de manifestações, intitulada “Pra não dizer que não falei das flores”, também conhecida como “Caminhando”, ficou em segundo lugar no III Festival Internacional da Canção Popular (FIC). Geraldo Vandré, o compositor, a descreveu como uma crônica da realidade urbana que perdura até os dias atuais, em entrevista⁶⁴.

Amorim da Silva, Barbosa Soares e Araújo Dos Santos Fernandes (2024) empreendem uma análise desta música, explicitando noções que apóiam explicações sobre os motivos de até os dias atuais ser utilizada em protestos e

⁶³ Cita-se como exemplo os trabalhos: “O poético e o factual na letra da canção “O bêbado e a equilibrista””; “Ensino de História, Fontes e Ditadura Civil-Militar: sujeitos condicionados, mas não determinados”; “História e música: Uma reflexão sobre Elis Regina como voz de resistência durante a ditadura civil-militar no Brasil”; “Arte e Adversidade: Uma Esperança Equilibrista para o Ensino Médio em Tempos Sombrios”; “A resistência equilibrista. Universidade, clínica e política”,...

⁶⁴ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=wKEGNgb2Yw>

manifestações das mais diversas pautas. A música tem início com gerúndios que são utilizados para conotar movimento, dinamicidade. Além disso, tem como primeira palavra “caminhando”, que também intitula a música. Esse estudo também considera que a própria melodia remete a uma marcha ou hino:

Vandré, ao cantar a música, logo no início da sua composição, de modo repetitivo e tranquilizante, emite um som que se assemelha a um gemido, um murmúrio que simboliza dor “lara laia, haralaia, lara laia”. Tudo, cuidadosamente, pensado e no ritmo que, também, conduzido pelas batidas e combinações de instrumentos, “sons”, têm como propósito induzir a uma caminhada à frente como se marchasse, também, a cada batida da música composta (Amorim da Silva, Barbosa Soares e Araújo Dos Santos Fernandes, 2024; p. 38).

Longe de podermos afirmar que o som emitido no início da música é “tranquilizante”, tampouco que fora “cuidadosamente pensado” como os pesquisadores propõem, interessante notar a associação que fazem quanto ao ritmo e outras vocalizações remeterem ao movimento e a um motivo disso, a potencial extinção de um lamento.

Em análise à música em questão, Pereira (2023) expõe sobre “Caminhando”, em comparação com a música “Tropicália” (composta por Caetano Veloso) que existe uma simplicidade técnica, instrumental e no uso de palavras, o que seria concernente com um objetivo de o compositor gerar uma comunicação imediata com o público:

Do ponto de vista técnico, a música de Vandré é mais simples. Conduzida somente pela voz e violão, o instrumental de Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores Também é simples do ponto de vista melódico, somente duas notas são tocadas a música inteira. O Mi menor e o Ré maior criam suspensões sonoras, dando sempre a impressão de que a cada verso a música está em um processo crescente. (...) Em questão poética, a canção de Vandré também era simples. Com rimas na oxítona e sonoridade simples o autor rimava utilizando o “ão”, os “ões” e o “er”. Algo que combinava de muitas formas com o instrumental, que dava a impressão de estar em constante crescimento. A letra possuía não só a simplicidade técnica, mas também uma forma direta de ler e interpretar o Brasil da época, nesse sentido, a “forma conservadora” da canção, somada a questão poética e a uma tentativa de fornecer uma visão prática ou simples da realidade brasileira corroborava com sentimentos e anseios que parte da população sentia. (...) A questão da simplicidade na música de Vandré “não significa que o compositor era incapaz de compor canções julgadas mais elaboradas, denota sim uma intenção de realização de uma comunicação imediata” (CARDOSO, 2015, p. 4). A comunicação imediata almejada por Vandré pode ser observada na maneira como a canção foi utilizada por determinados grupos em protestos, passeatas e atos públicos (Pereira, 2023; pp. 191-193).

Não obstante, o refrão “Vem, vamos embora/ Que esperar não é saber/ Quem sabe faz a hora/ Não espera acontecer”, que irrompe já a partir da terceira

estrofe, não somente consiste em uma mensagem diretiva, um chamado para a caminhada como também desdenha de quem não caminha, apenas espera. Com o verso “quem sabe faz a hora”, a música pode conotar justamente a necessidade de movimento enquanto ação, atividade, enquanto fazer para mudar.

O nós, marcado na frase pelo somos [todos iguais], possibilitado pelo encaixe de elementos sintáticos, faz significar, pelo funcionamento próprio da língua, efeitos que incluem, unificam e colocam em coparticipação os sujeitos. Em outros termos, no encaixe sintático do nós, trazemos a paráfrase “somos todos destinatários dos mesmos direitos constitucionais, ou estamos no mesmo patamar desses direitos”. Nesse viés, no batimento da paráfrase, a polissemia já se instala, pois o movimento parafrástico pressupõe o(s) mesmo(s) e outro(s) sentido(s), que só funcionam porque há, na repetição, efeitos outros que são postos em funcionamento (Amorim da Silva, Barbosa Soares e Araújo Dos Santos Fernandes, 2024; p. 35. Comentários nossos).

O “nós”, nesse contexto, pode ser compreendido como conferindo igualdade não somente de direitos, mas também de responsabilidades, afinal, “de braços dados ou não” (...) “pelos campos há fome, há soldados armados (...) perdidos”, e então alguns contextos que justificariam caminhar juntos são expostos. E a igualdade pode ser compreendida como um fio que alinhava toda a música quando, em estrofe seguinte, se coloca que onde quer que estejamos (“nas escolas, nas ruas, campos, construções”), “somos todos soldados, armados ou não” e em seguida outra estrofe que repete “somos todos iguais, braços dados ou não”.

A expressão de contradições da realidade, na letra, é observável quando o compositor evoca a igualdade de trabalhadores e estudantes (“Somos todos iguais, braços dados ou não, Nas escolas, nas ruas, campos, construções”) que precisam estar comprometidos com “fazer acontecer” algo diferente, por exemplo, da fome - apesar das “grandes plantações”. Fomentar a crítica e promover a união entre os trabalhadores para lutar contra latifundiários pode consistir em uma maneira de explicitar falácias da ideologia neoliberal tais como o mérito individualista.

A letra evoca ação e a música, tendo uma sonoridade que remete a um hino ou marcha, evoca uma ação ordenada, coletiva. Entretanto, não se explicita exatamente em prol de quê ou qual o objetivo de se “fazer a hora” ao invés de “esperar acontecer”. A identificação da potência, no terceiro capítulo desta pesquisa, com o fim ou objetivo que se constitui também em motivo ou fator eliciador do *movimento*, afasta a canção em questão da potência, caracterizando-a mais como uma eliciadora afetiva de reações do que da potência de ação.

Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores (Caminhando)
Geraldo Vandré

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Caminhando e cantando
E seguindo a canção

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Pelos campos, há fome
Em grandes plantações
Pelas ruas, marchando
Indecisos cordões

Ainda fazem da flor
Seu mais forte refrão
E acreditam nas flores
Vencendo o canhão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Há soldados armados
Amados ou não
Quase todos perdidos
De armas na mão

Nos quartéis lhes ensinam
Uma antiga lição
De morrer pela pátria
E viver sem razão

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber

Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Nas escolas, nas ruas
Campos, construções
Somos todos soldados
Armados ou não

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Somos todos iguais
Braços dados ou não

Os amores na mente
As flores no chão
A certeza na frente
A história na mão

Caminhando e cantando
E seguindo a canção
Aprendendo e ensinando
Uma nova lição

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

Vem, vamos embora
Que esperar não é saber
Quem sabe faz a hora
Não espera acontecer

De acordo com as pesquisadoras Amorim da Silva, Barbosa Soares e Araújo Dos Santos Fernandes (2024), a música pode ser compreendida no contexto em que “a resistência é um elemento constitutivo dos sentidos, assim como, também, o são o desejo de mudança, o desejo por um novo tempo” (p. 39). Constatações como essa e a observação de seu uso como hino em diversos protestos, mesmo atualmente, poderiam ser um indício de ter alguma correlação com *movimento*, mas questionamos a potência envolvida nesse processo: afinal, se representasse a potência do *movimento* não seria entoada inclusive em manifestações em favor do ex-presidente Bolsonaro⁶⁵, em protestos que defendem a manutenção de relações e do sistema instituído. A música “Caminhando” poderia ser compreendida como representando *movimento*, nos termos desta pesquisa, houvesse a diretividade

⁶⁵ Diversas fontes apontam o fato, segue um vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=zq70Wzy3jxc>

característica do compositor também na manifestação da potência, da finalidade da “caminhada”.

4.1.6 Contradição? Até quando?

Uma canção que pode ser citada e que aborda movimento e a ação humana determinante para sua ocorrência, embora recaia em algum grau de individualismo é a “Até quando?”, lançada no ano 2001:

Até quando?

Composição: Gabriel o Pensador / Itaal Shur.

Não adianta olhar pro céu

Com muita fé e pouca luta

Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer

E muita greve, você pode, você deve, pode crer

Não adianta olhar pro chão

Virar a cara pra não ver

Se liga aí que te botaram numa cruz e só porque Jesus

Sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer!

Até quando você vai ficar usando rédea?

Rindo da própria tragédia

Até quando você vai ficar usando rédea?

Pobre, rico ou classe média

Até quando você vai levar cascudo mudo?

Muda, muda essa postura

Até quando você vai ficando mudo?

Muda que o medo é um modo de fazer censura

Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)

Até quando vai ficar sem fazer nada?

Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)

Até quando vai ser saco de pancada?

Você tenta ser feliz, não vê que é deprimente

O seu filho sem escola, seu velho tá sem dente

Cê tenta ser contente e não vê que é revoltante

Você tá sem emprego e a sua filha tá gestante

Você se faz de surdo, não vê que é absurdo

Você que é inocente foi preso em flagrante!

É tudo flagrante! É tudo flagrante!

Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)

Até quando vai ficar sem fazer nada?

Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)

Até quando vai ser saco de pancada?

A polícia

Matou o estudante

Falou que era bandido

Chamou de traficante!

A justiça

Prendeu o pé-rapado

Soltou o deputado

E absolveu os PMs de Vigário!

Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)

Até quando vai ficar sem fazer nada?

Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)

Até quando vai ser saco de pancada?
 A polícia só existe pra manter você na lei
 Lei do silêncio, lei do mais fraco
 Ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco
 A programação existe pra manter você na frente
 Na frente da TV, que é pra te entreter
 Que é pra você não ver que o programado é você!
Acordo, não tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar
O cara me pede o diploma, não tenho diploma, não pude estudar
E querem que eu seja educado, que eu ande arrumado, que eu saiba falar
Aquilo que o mundo me pede não é o que o mundo me dá
Consigo um emprego, começa o emprego, me mato de tanto ralar
Acordo bem cedo, não tenho sossego nem tempo pra raciocinar
Não peço arrego, mas onde que eu chego se eu fico no mesmo lugar?
Brinquedo que o filho me pede, não tenho dinheiro pra dar!
 Escola! Esmola!
 Favela, cadeia!
 Sem terra, enterra!
 Sem renda, se renda! Não! Não!
 Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
 Até quando vai ficar sem fazer nada?
 Até quando você vai levando? (Porrada! Porrada!)
 Até quando vai ser saco de pancada?
Muda, que quando a gente muda o mundo muda com a gente
A gente muda o mundo na mudança da mente
E quando a mente muda a gente anda pra frente
E quando a gente manda ninguém manda na gente!
Na mudança de atitude não há mal que não se mude nem doença sem cura
Na mudança de postura a gente fica mais seguro
Na mudança do presente a gente molda o futuro!
 Até quando você vai ficar levando porrada
 Até quando vai ficar sem fazer nada
 Até quando você vai ficar de saco de pancada?
 Até quando você vai levando

A música, um rap com rock (definição nas palavras⁶⁶ do cantor e compositor) foi divulgada por meio da produção de um videoclipe que ficou relacionado entre os 20 mais pedidos pelos telespectadores em um programa de televisão⁶⁷ de uma rede que tinha como foco programas musicais. Foi lançada vinculada ao álbum denominado “Seja Você Mesmo (mas não Seja sempre o Mesmo)” e, assim como o título do álbum, ela convidava ao movimento de forma bastante explícita, o que talvez possa ser atribuído ao gênero musical do rap, mas teve grande adesão em um momento histórico de recrudescimento de problemas conjunturais, cisões e críticas que em nível nacional levaram, no ano seguinte, à primeira eleição de um presidente do partido dos trabalhadores (PT).

⁶⁶ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QZTT_a4wsEU>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

⁶⁷ Em consulta ao site do DiskMtv produzido por fãs, encontramos a música entre as mais pedidas no Top 20 Brasil e no Disk MTV pelo menos no interstício entre 06/08/2001 e 08/09/2001, considerando que não estão disponíveis os dados de todos os programas.

Ocorre que a década de 1990, assim como a anterior, foi marcada por estagnação com eventuais crescimentos fracos na economia, acarretando uma “perda de posição da burguesia brasileira na economia nacional” (Boito Jr., 2012; p. 2), o que teria se modificado apenas nos governos do PT, após o primeiro mandato de Lula a partir de 2003, com características desenvolvimentistas e populistas, tendo fortalecido o capitalismo (Boito Jr., 2012).

Foi na década de 2000, com a ascensão à Presidência da República de candidatos oriundos do Partido dos Trabalhadores que o capitalismo brasileiro voltou a apresentar taxas um pouco mais altas de crescimento econômico. Entendemos que temos aí um novo episódio em que a intervenção política dos trabalhadores propicia um novo impulso ao capitalismo no Brasil (Boito Jr., 2012; p. 2).

Nesse contexto, o rap consiste em um estilo musical que teve início por volta de 1970 em “festas de rua de bairros pobres e predominantemente negros” (Teperman, 2015; s/p), foi associado a letras críticas e, em sua origem, foi um estilo questionador do lugar social e que propunha transformações no mundo. Tendo se difundido a partir da década de 1980 no Brasil, inicialmente, por meio das rádios comunitárias, o gênero teria impulsionado a formação de coletivos periféricos como “Aliança Negra” e da “estação São Bento” do metrô paulistano. Em 1990 surge no cenário midiático o grupo Racionais MC's, que mantinha letras com questionamentos especialmente de classe e raça. Já a partir dos anos 2000, período em que a música em questão repercutiu, houve uma sensível disseminação e pluralização de produções deste estilo musical (Teperman, 2015).

O artista, Gabriel O Pensador, teria feito sucesso de forma independente nas rádios no ano de 1992 com a música *Tô Feliz (Matei o presidente)*, tendo sido contratado por uma grande gravadora a partir disso. É de classe média-alta, branco, contrariamente às origens do rap, e justamente por esses motivos pode ter alcançado notoriedade e contribuído para maior popularização do gênero, já que a pasteurização das letras e do *rapper* pode ter lhe tornado mercadologicamente viável⁶⁸. Ao unir o contexto histórico que, conforme apresentamos, favorecia mesmo à burguesia clamar por mudanças, o rap como um estilo que tem como proposta explicitar desigualdades e um artista que iniciou sua carreira repercutindo com uma

⁶⁸ Fonte:

<https://g1.globo.com/pop-arte/musica/blog/mauro-ferreira/post/2023/09/20/gabriel-o-pensador-se-atualiza-com-antidoto-para-todo-tipo-de-veneno-sem-anular-a-personalidade.ghtml>

música na qual dizia estar feliz por matar o presidente, tem-se um contexto para a disseminação da música aqui abordada.

A letra de “Até quando?” provoca ao movimento, declara que mudanças são necessárias. Está falando aos indivíduos: mude. Mas também está pontuando a necessidade de movimentos coletivos ao declarar, já em seu início *“Não adianta olhar pro céu com muita fé e pouca luta, Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer e muita greve, você pode, você deve, pode crer”*. “Até quando?” fala com indivíduos sobre sua ação frente a possibilidades coletivas de movimento, e aborda isso de forma explícita, panorama raras vezes encontrado em músicas que tenham ganhado repercussão e notoriedade.

Os verbos utilizados na letra estão no infinitivo e podem conotar passividade quando existe a crítica à postura do interlocutor (olhar, ficar) e estão no imperativo e sugerem agência quando a música dá comandos de mobilização (levanta, muda, anda, molda). A música aborda situações concretas, exemplificando concretamente contextos que critica, por exemplo nos versos “Acordo, num tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar/ O cara me pede diploma, num tenho diploma, num pude estudar/ E querem q'eu seja educado, q'eu ande arrumado q'eu saiba falar/ Aquilo que o mundo me pede não é mundo que me dá/ Consigo emprego, começo o emprego, me mato de tanto ralar/ Acordo bem cedo, não tenho sossego nem tempo pra raciocinar...”. É possível observar, ainda, que a aliteração nos versos “Muda que quando a gente muda o mundo muda com a gente/ A gente muda o mundo na mudança da mente” pode possibilitar um destaque aos termos mudança, mudar, muda, conferindo ritmo e cadência à música.

A letra tem início, em sua primeira estrofe, contrapondo *fé* - que no contexto pode ser compreendida no sentido religioso e também como passividade - com *luta*, que no caso poderia ser compreendida mediante os demais versos da estrofe como ações para a luta de classes, já que é possível entender que a luta se dá quando as pessoas se levantam para protestar, fazer greve e que esses são deveres do interlocutor/ouvinte:

Não adianta olhar pro céu com muita fé e pouca luta
Levanta aí que você tem muito protesto pra fazer e muita greve
Você pode e você deve, pode crer (Gabriel O Pensador, Até quando?, 2001).

Sendo uma questão de fé, é melhor *crer* no *poder* e no *dever* de agir, de se manifestar. E o compositor prossegue com as constatações do que “não adianta”, ou seja, do que não tem efeito, na segunda estrofe ao dizer que também não adianta fingir não ver, não sofrer com a tortura cotidiana - tal qual Jesus teria sido torturado - e, novamente compara a religiosidade cristã com a aceitação de condições de subalternização, oferecendo em contraponto “só porque Jesus sofreu não quer dizer que você tenha que sofrer”.

No terceiro capítulo desta pesquisa, abordamos sobre o estranhamento, conceito marxiano, como inverso à liberdade vigotskiana. Marx correlaciona estranhamento e religião:

Na determinação de que o trabalhador se relaciona com o produto de seu trabalho como [com] um objeto estranho estão todas estas consequências. Com efeito, segundo este pressuposto está claro: quanto mais o trabalhador se desgasta trabalhando (*ausarbeitet*), tanto mais poderoso se torna o mundo objetivo, alheio (*fremd*) que ele cria diante de si, tanto mais pobre se torna ele mesmo, seu mundo interior, [e] tanto menos [o trabalhador] pertence a si próprio. É do mesmo modo na religião. Quanto mais o homem põe em Deus, tanto menos ele retém em si mesmo. O trabalhador encerra a sua vida no objeto; mas agora ela não pertence mais a ele, mas sim ao objeto. Por conseguinte, quão maior esta atividade, tanto mais sem-objeto é o trabalhador. Ele não é o que é o produto do seu trabalho. Portanto, quanto maior este produto, tanto menor ele mesmo é. A exteriorização (*Entiusserung*) do trabalhador em seu produto tem o significado não somente de que seu trabalho se torna um objeto, uma existência externa (*fussern*), mas, bem além disso, [que se torna uma existência] que existe fora dele (*ausser ih*), independente dele e estranha a ele, tornando-se uma potência (*Macht*) autônoma diante dele, que a vida que ele concedeu ao objeto se lhe defronta hostil e estranha (Marx, 2008; pp. 80-81).

Assim como na religião a auto-atividade da fantasia humana, do cérebro e do coração humanos, atua independentemente do indivíduo e sobre ele, isto é, como uma atividade estranha, divina ou diabólica, assim também a atividade do trabalhador não é a sua auto-atividade. Ela pertence a outro, é a perda de si mesmo (Marx, 2008; p. 83).

Assim como o objeto do trabalho, da atividade humana se independentiza de seu produtor, assumindo uma posição de autonomia e passando a determinar a vida humana, a religião e sua fé preconizada deixam de ser compreendidas como criação humana e passam à condição de criadoras, forças às quais o humano deve se submeter, da mesma maneira que as demais formas de produção humanas que engendram a sociedade, como arte, família, Estado, moral, ciência (Marx, 2008). Com essas considerações, quando o compositor contrapõe a fé à luta, pode-se considerar algum respaldo na teoria marxiana, já que a religiosidade estranhada é permeada pela passividade de quem é refém de um deus que criou.

E então o compositor provoca o interlocutor, por meio do uso do adjunto adverbial de tempo “Até quando” (Bechara, 2009; p. 535) como um questionamento. Na língua portuguesa, o adjunto adverbial teria a função similar a do advérbio, circunscrevendo a ação do verbo, ou seja, circunstanciado-a (Bechara, 2009; p. 356). Dessa forma, as questões sociopolíticas elencadas na música são colocadas para o interlocutor como estando sob o seu poder de ação por meio da pergunta “Até quando?”, podendo-se compreender que depende da atividade do interlocutor, que tem aceitado “ficar usando rédea, rir da própria tragédia, levar cascudo mudo”, “levar porrada” e ainda, por fim, aceita essas situações “sem fazer nada”. Mas até quando irá *ficar* nesses contextos, *levando* ou carregando essas situações sem *mudar*, sair das circunstâncias de *medo* e de *censura*:

Até quando você vai ficar usando rédea
 Rindo da própria tragédia?
 Até quando você vai ficar usando rédea
 Pobre, rico ou classe média?
 Até quando você vai levar cascudo mudo?
 Muda, muda essa postura
 Até quando você vai ficando mudo?
 Muda que o medo é um modo de fazer censura
 Até quando você vai levando porrada, porrada?
 Até quando vai ficar sem fazer nada?
 Até quando você vai levando porrada, porrada?
 Até quando você vai ser saco de pancada? (Gabriel O Pensador, Até quando?, 2001)

E então, novamente o artista evoca situações concretas, específicas, que poderiam ter a função de caracterizar o que antes fora anunciado como tragédia, censura, rédea, levar porrada: “Seu filho sem escola; seu velho tá sem dente; Você tá sem emprego e sua filha tá gestante; Você que é inocente foi preso em flagrante; A polícia matou um estudante, falou que era bandido, chamou de traficante; A justiça prendeu o pé-rapado, soltou o deputado e absolveu os PM's de Vigário”.

Após elencar essas circunstâncias factuais, o compositor conclui que o papel da polícia é manter o fraco em silêncio e aceitando as circunstâncias que lhe são impostas: “A polícia só existe pra manter você na lei, Lei do silêncio, lei do mais fraco: Ou aceita ser um saco de pancada ou vai pro saco”. E, ainda, que o papel das mídias, que propagam programações, por exemplo a televisão, é o entretenimento para o não questionamento: “A programação existe pra manter você na frente da TV, que é pra te entreter, Que é pra você não ver que programado é você” (Gabriel O Pensador, Até quando?, 2001).

Religião, família, Estado, direito, moral, ciência, arte etc., são apenas formas particulares da produção e caem sob a sua lei geral. A supra-sunção (Aufhebung) positiva da propriedade privada, enquanto apropriação da vida humana é, por conseguinte, a supra-sunção positiva de todo estranhamento (Entfremdung), portanto o retorno do homem da religião, família, Estado etc., à sua existência (Dasein) humana, isto é, social (Marx, 2008; p. 106).

Tem-se então duas estrofes da letra que são mais faladas do que propriamente cantadas:

Acordo num tenho trabalho, procuro trabalho, quero trabalhar
O cara me pede diploma, num tenho diploma, num pude estudar
E querem q'eu seja educado, q'eu ande arrumado q'eu saiba falar
Aquilo que o mundo me pede não é mundo que me dá
Consigo emprego, começo o emprego, me mato de tanto ralar
Acordo bem cedo, não tenho sossego nem tempo pra raciocinar
Não peço arrego mas na hora que chego só fico no mesmo lugar
Brinquedo que o filho me pede num tenho dinheiro pra dar (Gabriel O Pensador, Até quando?, 2001)

De acordo com Farias (2003) o RAP pode ser considerado um gênero musical mais falado e que a ênfase em algumas partes da letra se dá nos trechos que se quer destacar. O trecho em questão pode ser compreendido como um desabafo ou mesmo um diálogo daquele de quem se fala com o compositor e o ouvinte da música.

Ao simular uma situação do cotidiano tão comum como o diálogo, a canção que recorre a esse procedimento recebe estatuto diferente das outras. Ela torna-se, à percepção do destinatário-ouvinte, uma situação possível e, até mesmo, real e verídica. O diálogo na canção aparece no nível do interlocutor-interlocutário, mas é entendido como diálogo ocorrido entre locutor e ouvinte, como vimos. Na situação de simulação do diálogo o interlocutor pode sincretizar os papéis de interlocutor e interlocutário ao mesmo tempo. Isso ocorre porque interlocutário é um actante pressuposto no espaço discursivo da canção. O seu lugar é preenchido, pois, pelo ouvinte que se identifica nessa posição devido ao simulacro estabelecido (Farias, 2003; p. 23).

Nesse contexto, pode-se compreender que a fala gritada do trecho mencionado em desabafo lhe confere destaque e favorece a identificação do interlocutor e ouvinte com as circunstâncias denunciadas. Essas circunstâncias do trecho podem ser entendidas, de maneira abrangente, como expondo que não importa o quanto se quer trabalhar, estudar, ter dinheiro: essas são perspectivas quimerísticas na atual conjuntura socioeconômica. Conforme abordamos também no terceiro capítulo desta pesquisa, não há potência humana possível ao trabalhador, ou àquele que sobrevive da venda de sua força de produção, no modo de produção capitalista:

Entre os proletários, ao contrário, suas próprias condições de vida, o trabalho e, desse modo, todo o conjunto das condições de existência da sociedade atual tornaram-se para eles algo accidental, sobre o qual os proletários isolados não possuem nenhum controle e sobre o qual nenhuma organização social pode lhes dar algum controle, e a contradição entre [...] a personalidade do proletário singular e sua condição de vida que lhe foi imposta, o trabalho, é revelada para ele mesmo, sobretudo porque ele é sacrificado desde a juventude e porque, no interior de sua classe, é desprovido da chance de alcançar as condições que o coloquem na outra classe (Marx e Engels, 2007; pp. 65-66).

A letra é permeada pelo desvelamento de contradições entre forma e conteúdo (Marx, 2010), entre a realidade e a pseudoconcreticidade, o fenômeno e a essência (Kosik, 1969) retratadas em forma de denúncia, protesto: a *justiça existe* para prender o trabalhador e favorecer aqueles que detém os meios de produção e o poder político; a *polícia* para manter o trabalhador na *lei* que favorece sua exploração; a televisão para *entretê-la* da *luta*; o trabalhador, por mais que se esforce, não tem acesso a *trabalho, estudo*, boas maneiras, *raciocínio* nem *dinheiro*.

O artista conclui a letra manifestando que é necessário mudar o mundo e a si mesmo, *mudar da postura* de quem *leva porrada sem fazer nada* para quem tem *atitude* e *molda o próprio futuro*. Poderia-se aventar um cenário promissor de que um eu-lírico que problematiza todo um contexto de desigualdades propriamente capitalistas e conclama *escola, favela, cadeia, sem terra* a assumir o controle de seu futuro talvez estivesse convidando a tomar controle dos meios de sua produção. O compositor conclamaria: muda, porque você “não tem nada a perder a não ser os seus grilhões” (Marx e Engels, 2005; p. 69).

Apesar da proposta interpretativa aqui apresentada, o cantor manifesta, em entrevista, a concepção individualista com que, muitas vezes, lhe relatam que a música foi assimilada⁶⁹ pela população, com cunho de mudança pessoal. Julgamos necessária uma observação adicional quanto ao processo de mudança definido no excerto: “Muda, que quando a gente muda o mundo muda com a gente/ A gente muda o mundo na mudança da mente/ E quando a mente muda a gente anda pra frente/ E quando a gente manda ninguém manda na gente!/ Na mudança de atitude não há mal que não se mude nem doença sem cura...”. A letra explicita a concepção de que o processo de mudança se inicia com a mudança individual, com a mudança da mente, o que não se relaciona à concepção materialista-dialética de *movimento*, conforme exploramos no capítulo 2, com a determinação concreta, material nesse

⁶⁹ Fonte: <https://www.youtube.com/watch?v=QZTT_a4wsEU>. Acesso em: 17 de maio de 2024.

processo. Em outras palavras, seria mais condizente, se nos atrevêssemos a realizar uma releitura da música conforme o arcabouço teórico concernente com esta pesquisa, considerarmos que “a gente muda o mundo” com experiências/atividades que nos mudam e ao mundo.

Percebemos também que as categorias semânticas fundamentais nas composições de Gabriel O Pensador são predominantemente eufóricas e mesmo as que são disfóricas, ao longo do texto, direcionam-se em busca de um estado de conjunção com um objeto de valor positivo, percorrendo, desta maneira, sempre uma trajetória que busca a harmonia. A orientação esperançosa que o cantor e compositor concede às suas composições é reflexo dessa procura por estados de conjunção entre pólos aparentemente opostos e, neste sentido ele tenta transformar estados de desarmonia em harmonia. Observamos também que no caso do grupo Racionais MC's não há tentativa de transformar pólos disfóricos em eufóricos, desta maneira as categorias semânticas fundamentais são predominantemente disfóricas. Também notamos que não há uma busca por estados de conjunção, em direção oposta, a disjunção é bastante marcada pelo campo semântico empregado nas composições deste grupo de rap (Ferreira, 2009; p. 62-63).

Ferreira (2009), que fez um estudo sobre as obras (em geral) do cantor e compositor, abordou essa outra questão que seria uma tendência de Gabriel O Pensador a buscar ajustar uma realidade e não a transformá-la, um parecer que não pudemos observar evidente na música específica que levantamos aqui. Já Pereira (*et al*, 2009) viabilizam uma análise do discurso da música aqui abordada, *Até quando?*, e concluem que a resposta a ser considerada à indagação proposta no título da música é: “Até o dia em que o meio social se desfizer de todas suas hipocrisias, falsas ideologias, não pautar num passado apenas, mas mobilizar-se, mexer-se em direção ao futuro, tratar suas mazelas” (s/p).

Artigos acadêmicos que mencionam a música⁷⁰ o fazem, de maneira geral, em contexto de mudanças importantes e/ou transformações, da mesma forma, em pesquisa no site de compartilhamento de conteúdo *Brainly*⁷¹, foi possível notar os diversos apontamentos com a mesma conotação. As contradições históricas - conjunturais, do cantor, de suas obras - encontraram contexto fértil e uma composição crítica que possibilitou a repercussão de *Até quando?* em 2001. De toda

⁷⁰ Por exemplo: *Semiótica da Canção: Interdisciplinaridade Compreensões Acerca do Consumo Contemporâneo*; *Mediação pedagógica e protocolo de leitura: uma estratégia facilitadora da compreensão leitora*; *Palavras acariciadas como as crinas dos cavalos: uma poesia filosoficamente selvagem*;...

⁷¹ Por exemplo em:
<https://brainly.com.br/tarefa/55579291?source=offer-page-top-continue&cb=1716305449215>;
<https://brainly.com.br/tarefa/57179281?referrer=searchResults>.

forma, existe uma concepção de *movimento* e potência, nos moldes do explicitado pelos capítulos 2 e 3 desta tese, que permeia a música.

4.2 ELEMENTOS CONCLUSIVOS DO CAPÍTULO

Utilizamos como referência para a apresentação de músicas que se correlacionassem à ideia de *movimento*, que viemos trabalhando nesta tese, um ranking que agrupa as mais reproduzidas em rádios do Brasil em cada década, considerando o interstício de 1970 a 2010, já que 2020 está em andamento. Essas músicas permitiram algumas reflexões a respeito de como é a compreensão de *movimento* na sociedade brasileira. Trouxemos ao debate, correlacionadas às da lista, outras letras de canções desde que representassem alguma repercussão nacional, compondo assim com o objetivo de ponderar sobre a concepção que permeia nossas subjetividades. Para tanto, é necessário explicitar uma especificidade quanto ao material levantado, já que as listas de "rankings" têm como base as músicas mais tocadas em rádios e o perfil do ouvinte de rádio mudou entre 1970 e 2010, com adventos como os tocadores de músicas - do Diskman ao MP3 e mais recentemente os celulares com streamings.

A apresentação dos estilos ou gêneros musicais possibilitou, além de identificar elementos históricos e culturais vinculados à estrutura da música e/ou ao público ouvinte, também relacionar que, por mais que um estilo seja concebido com vistas à crítica social, tal como o punk rock, ao ganhar espaço acaba sendo inserido na dinâmica do mercado.

Como se expressa a concepção de *movimento* na realidade? Como se produz e reproduz o ideário de *movimento* e até mesmo de mudança e transformação da realidade em nosso contexto histórico e cultural? Quais possíveis aplicações do conceito na leitura da realidade? Visando trazer alguma luz a essas questões, nos debruçamos em análises exploratórias de músicas mais tocadas, elemento cultural artístico que permeia nosso contexto sociocultural. A arte ou *ato artístico* pode ser compreendido como mediador e produto das vivências já que o ato artístico é realizado por seres humanos formados e permeados em seus desenvolvimentos por vivências, é também produtor de vivências em quem os produz e em quem os acessa.

No que se refere aos dados, as músicas levantadas por meio do ranking (Quadro 7) tratam predominantemente do tema amor romântico. A falta de produção artística musical disseminada em larga escala que indique possibilidades de *movimento* tanto em nível individual como coletivo pode ser entendida no sentido de que reverberam e vendem menos do que o sofrimento por amor ou formas individuais de demonstração de poder. As músicas que abordam o amor romântico, por sua vez, são tratadas, muitas vezes, como o amor predestinado, único, fadado à exclusividade e imobilidade. A mobilidade forçada do amor romântico é indesejada, leva ao sofrimento pela traição, término, distanciamento.

Outra observação possível é que a lista levantada não apontou músicas que permitissem analisar a temática de *movimento* após a década de 1990. Notar que as produções das décadas de 1970 e 1980 manifestaram um pouco mais esse ideário nos remete a um contexto histórico favorável, afinal a própria psicologia social teve, nesse interstício, espaço para debates de mudanças profundas e autoquestionamento.

Para Georg Iggers (2010), o fracasso do socialismo nos moldes soviéticos imergiu o mundo no capitalismo financeiro e, no aspecto político e simbólico representou uma decadência da concepção do marxismo como “filosofia social alternativa”, fortalecendo como únicas opções críticas possíveis pensamentos ecológicos, feministas, étnicos. Algumas críticas socioeconômicas e políticas ficaram, dessa forma, fora do cenário das possibilidades, podendo ser consideradas datadas, superadas: “Depois de 1990, as teorias explicativas do sistema mundial de fundamentação marxista saíram de moda como as teorias anti-marxistas de modernização; todavia, ambas sobreviveram, ainda que de maneiras distintas” (p. 114).

Com a denominada globalização, houve a predominância das concepções norte-americanas e inglesas, o que não caracteriza a complexidade da realidade social sem considerar, minimamente, “papéis de tradições e especificidades locais” (Iggers, 2010; p. 121). No contexto brasileiro, é possível aventar que o fim de um projeto de governo ditatorial que restringiu direitos políticos, conforme apresentado no decorrer deste capítulo, o advento da anistia (que a música abordada *O bêbado e a equilibrista* desempenhou papel de hino mobilizador), a sequencial realização das primeiras eleições após esse período, a instituição de uma constituição elaborada com participação social, entre outras medidas que poderiam conotar a

participatividade esperada em governos democráticos pode ter contribuído para o deslocamento de inquietudes coletivas para aparentes descontentamentos individuais, já que a transição entre regimes de governo (sejam eles considerados democráticos, autoritários, totalitários) não altera o sistema econômico e, com maior ou menor participatividade popular, o poder esteve sendo exercido por uma elite burguesa, conforme vimos apontando especialmente na seção textual de análise destinada a essa canção.

Numa análise sobre o rock nacional, Mendonça e Kociuba (2019) também identificam uma mudança no enfoque dos temas abordados nesse estilo musical após os anos 2000 e em relação às décadas anteriores, apontando as letras atuais como menos questionadoras e voltadas às questões sociopolíticas e refletindo mais crises individualistas.

É perceptível uma mudança de perspectiva entre as décadas correlacionadas nesta pesquisa. Houve uma gradual despolitização do rock nacional, mas, posto isso, observa-se a necessidade de ampliar o questionamento em face de toda a conjuntura que envolve a cultura musical, as esferas midiáticas e a crise identitária contemporânea. Havia um cenário próprio para que o rock nacional figurasse no mainstream fonográfico nos anos 1980, época de progressiva penetração midiática entre as faixas jovens e de abertura para o debate de questões sociais. As bandas de rock denunciavam as crises políticas e anseios geracionais, direcionando a sua crítica de acordo com as perspectivas e demandas de cada época. Estas demandas se modificam no desenrolar das transformações sociais e as indagações feitas por uma geração às vezes não correspondem às gerações seguintes. (...) Assim, a segmentação do gênero rock nos anos 1990 foi um fator de redirecionamento dos discursos políticos e sociais a outras audiências, deslocando o lugar de voz engajada, antes associada à MPB e ao rock brasileiro, para outros estilos musicais. O rock nacional dos anos 2000 trataria de questões mais relacionadas aos comportamentos jovens contemporâneos. Neste sentido é que o rock do novo século soa despolitizado em relação ao modelo de engajamento veiculado pelo rock nacional dos anos 80, passando a enfatizar questões como tecnologia e relacionamentos pessoais. Os conteúdos líricos das bandas CPM 22 e Detonautas expressam a fragmentação do sujeito e a crise de identidade, próprias da juventude do século XXI, em versos que denotam a superficialidade, a introspecção e a insegurança relatada por uma nova geração de jovens. Isso não significa que essas características não se observam no rock dos anos 1980, mas sim que os conteúdos do rock dos anos 2000 são indicadores de que, no Brasil do início do século XXI, há uma ruptura no lirismo politizado das canções, refletindo anseios jovens, redirecionando o discurso não só ao sistema político, mas à toda sociedade, enquanto a fala da crítica sociopolítica é ressaltada por outros gêneros, como o rap o reggae (Mendonça e Kociuba, 2019; pp. 17-18)

Em quaisquer pesquisas, faz-se necessário perscrutar um panorama que é multideterminado e complexo o que, na análise de músicas, tem-se ao se examinar as manifestações subjetivadas-objetivadas das emoções dos artistas, as

repercussões nos/dos ouvintes, as inter-relações com o os panoramas históricos, sociopolíticos, culturais e também observações quanto ao mercado fonográfico. Esse foi tema da pesquisa “Música e disco no Brasil: trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90” (Vicente, 2002), que explicita que, no contexto industrial, quaisquer mercadorias devem produzir “lucro e significado”, mas, apesar disso, o pesquisador afirma:

Não estou negando que o sucesso comercial ofereça legitimidade ou, dentro do discurso populista da indústria, concordando com a afirmação de seus executivos de que algo toca muito no rádio porque “o povo gosta”. Por outro lado, também não posso concordar que artistas e demandas sejam, como regra geral, artificialmente criados pela indústria. Aliás, trabalhei até aqui justamente com a perspectiva oposta, de que a indústria realiza atualmente uma atividade que é muito mais extrativa do que propriamente formadora de artistas (Vicente, 2002; pp. 279-280 - Nota de rodapé nº 585).

O pesquisador conclui pela existência do que denomina como “brechas”, ou seja, “ espaços ainda presentes para o desenvolvimento de obras mais pessoais e autônomas” (Vicente, 2002; p. 277) porque tanto a concentração da indústria musical em poucos artistas como o barateamento dos meios de produção nessa área possibilitaram, nos últimos anos, acesso facilitado aos artistas para uma carreira autônoma. Além disso, ele aponta para uma perda, por parte das grandes gravadoras, das vias de divulgação musical, bem como de suas importâncias, nesse cenário (Vicente, 2002).

Apesar disso, paralelamente, tem-se que considerar a perspectiva na qual “o consumo alienado torna-se, para as massas, um dever suplementar à produção alienada” (Debord, 2003; p. 24), sendo os ouvintes, a despeito disso, consumidores na organização produtiva em que vivemos e, com isso, expostos a um contexto de acesso mais capilarizado ao que é produzido industrialmente.

Nesse contexto, ponderamos que embora seja possível conhecer a existência de produções questionadoras e que explicitam a realidade e algumas pseudoconcretidades na contemporaneidade (p. ex. o advento dos slams, músicos como Emicida, Criollo, Doralyce Gonzaga), algumas que até ganham certa notoriedade (como *Até quando?* que tratamos anteriormente), foi possível notar que elas não repercutem com a mesma amplitude ou frequência que as produções que tratam de amor romântico e/ou sofrimento, por exemplo. Pode-se conceber que as pessoas dificilmente reconhecem o *movimento* e, dessa forma, não se reconhecem no *movimento*.

4.2.1 As músicas do *movimento*

Os atos artísticos podem reverberar - seja nas pessoas que o produzem, nas que têm contato com a obra e no coletivo societário - em mobilizações político-culturais que podem estar associadas a diversas temáticas. Sendo assim, as músicas podem abarcar resistência, alienação, escapismo e, inclusive, abordar mesmo que indiretamente a necessidade de se debater com maior radicalidade questões que implicam em *movimento*.

Para além de se considerar a expressão artística, suas concepções e seus efeitos, necessário também ponderar o contexto em que ela se dá, mediado pela conjuntura específica do capitalismo, reificada e apropriada como mercadoria inserida no mercado musical. Apesar de Vicente (2002) apontar possíveis brechas para a expressão musical autônoma nos últimos anos, não há como desconsiderar que artistas, ouvintes e a arte, em si, foram forjadas e existem em meio a essa conjuntura, que permeia nossos desenvolvimentos e direciona nossas escolhas, como apontou Vigotski (2021) em seus estudos sobre autodomínio, os quais apresentamos no capítulo 3.

No que se refere às músicas abordadas neste capítulo 4, pode-se depreender que as mudanças são contempladas, de forma mais frequente, com conotação individualizante ao indicarem sofrimento (por exemplo pela perda do amor romântico) e como variáveis indesejadas que levam a circunstâncias indesejadas. Em *Foi um rio que passou em minha vida*, entretanto, os desenganos amorosos foram superados por uma vivência de amor impactante, como um rio que carregou consigo o eu lírico.

Por vezes, o tema envolvendo mudança foi abordado de forma mais explícita, às vezes como fruto de variáveis incontrolláveis, mas consistindo em circunstância inerente à vida e que resulta em situações sobre as quais não se tem nenhum tipo de controle e, na aleatoriedade da vida, existiria uma condução sobrenatural que guia esses movimentos, como em *Tempo Rei*, *Oração ao Tempo* ou *Como uma Onda*.

De 1979, a música *O bêbado e a equilibrista* favoreceu uma concepção mais reflexiva, indireta e poética quanto à mudança, que ganha contornos políticos em referência à ditadura brasileira. Mas a poética refinada, o discurso metafórico e o

estilo musical da MPB, além de favorecerem o acesso e entendimento de parcelas da população passíveis de serem identificadas como classe média, contavam com o momento histórico de defesa pelo retorno da democracia burguesa, o que não implicaria em mudanças transformadoras, e uma indústria fonográfica que vinha tendo retornos com as denominadas “músicas de protesto”.

Mas recuperamos a brasileira *Até quando?*, do ano de 2001, que teve repercussão na antiga rede de televisão MTV, e que provocava as pessoas a agirem em prol de movimento, com participação sociopolítica. A ocasião de seu lançamento esteve permeada por descontentamentos por parte da população - que, longe de serem enfrentados radicalmente, mediante o encaminhamento de transformações estruturais, expressou-se na eleição, no ano seguinte, do primeiro presidente do denominado “partido dos trabalhadores” no Brasil. Com linguagem direta e explícita, a música tem influências do estilo musical RAP, mas foi composta e interpretada por um vocalista branco e de classe média.

Em que se pese essas e outras contradições inerentes às canções abarcadas (Quadro 9) e seus processos de criação, comercialização, popularização, elas transmitem mensagens sobre mudança ou transitoriedade que não necessariamente implicam na concepção de *movimento* tal como abordada neste trabalho, como um processo de deslocamento qualitativo possibilitado por relações contraditórias dialéticas e que resultam na concretização de uma potência de transformação, consistindo portanto em um momento de um processo materialista histórico e dialético de transformação de ser humano e sociedade.

Observemos o Quadro 10, a seguir, no qual as letras equivalem aos significados conforme segue: S - Sim; N - Não; I - Individual; C - Coletivo; A - Ativa; P- Passiva.

Quadro 10: Músicas e correlações com o tema da pesquisa.

Ano	Música	Mudança			Movimento			Ação
		Reação estética	Letra	Contexto (histórico, social, técnico)	Reação estética	Letra	Contexto (histórico, social, técnico)	
1970	Foi um Rio que passou em Minha Vida	S	S	S	N	N	N	P/I
1972	Ilú Ayê	S	S	S	S	S	S	A/C

1979	O Bêbado e a Equilibrista	S	S	S	S	N	N	P/C
------	---------------------------	---	---	---	---	---	---	-----

Fonte: elaboração própria.

No Quadro 10 é possível observar a relação das três músicas selecionadas do levantamento exposto no Quadro 7, juntamente com o ano em que foram mais tocadas nas rádios. As colunas concernentes à Mudança abordam critérios utilizados para classificação em sim ou não, portanto no caso de a música em questão abordar mudança, ou seja, algum grau de transitoriedade, classificou-se quanto à possibilidade de compreensão dessa mudança referente à reação estética, à letra e ao contexto da música, este podendo ser considerado em termos de historicidade - por exemplo, *O bêbado e a equilibrista* que conota mudança e movimento histórico-social pelos contextos em que foi composta e inserida. O mesmo foi realizado em relação a *movimento*, sendo que, nesse quesito, foi considerada a definição abarcada nesta tese.

Para a classificação de reação estética, foi considerada a pesquisa do contexto de uso das músicas especialmente em trabalhos acadêmicos, conforme apresentado no decorrer do capítulo, à exceção de *Até Quando?*, que não consta na tabela por não ter sido parte do levantamento das mais tocadas em rádio, que foi pesquisada também no *Brainly*, um site de compartilhamento de respostas a questões escolares.

A classificação relacionada à letra da música foi realizada conforme interpretação mediada por trabalhos acadêmicos e/ou pesquisas sobre explicações dos compositores e a história da música. Já o Contexto, que foi considerado em suas nuances histórica, social e técnica, visou ponderar aspectos imbricados à conjuntura da canção que estivessem além do diretamente observável nas letras, tais como o cenário social em que a música foi composta, em que o estilo musical é determinante e suas relações com mudança e movimento.

Quanto à coluna “Agência”, foram consideradas as identificações “individual” ou “coletiva” e também “passiva” ou “ativa”, como forma de designar se o enredo musical proporciona a compreensão individualista ou coletiva e também se a postura pode ser considerada predominantemente passiva ou ativa do eu lírico.

Todas as músicas têm as letras relacionadas à mudança, já que esse foi o critério adotado para seleção. O caso da música *Foi um rio que passou em minha*

vida, que consta na terceira linha do Quadro 10 e foi apresentada na seção 4.1.1, foi considerada também com reação estética relacionada a movimento, já que é mencionada em trabalhos acadêmicos com essa conotação. A letra e o contexto foram considerados favoráveis à concepção de mudança, mas não de movimento na acepção desta pesquisa. Além disso, apresenta um eu lírico com postura passiva, de acordo com os verbos utilizados e a conotação da letra, bem como possui abordagem individualista, já que sua questão central é amorosa, mesmo que seu alvo amoroso seja coletivo - a escola de samba.

O caso da música *Ilu Ayé*, apresentada na seção 4.1.2, pôde ser compreendida como representativa de mudança e movimento quanto à reação estética, ou seja, os enredos no qual foi citada, a letra que aborda transformações sócio relacionais e históricas, o contexto que permeou sua composição abordando a resistência dos povos subjugados, mesmo em meio a restrições da ditadura, a capilarização da música transformando-a em samba enredo e com regravações, as abordagens temáticas com contextualizações históricas de superação da subjugação. O povo negro, abordado pela música, é ativo e busca voz mesmo quando sob jugo, sendo portanto uma agência coletiva e ativa.

Quanto à canção *O bêbado e a equilibrista*, apresentada na seção 4.1.4, pode-se compreender que foi expressa mudança e movimento no que se refere à reação estética, considerando o seu uso em circunstâncias que podem manifestar transformações sociais mais radicais. Apesar disso, em relação ao contexto, por ter sido lançada e ter feito sucesso com críticas à ditadura e ter se tornado o “hino da anistia”, que representou mudanças concretas e simbólicas expressivas no contexto histórico da época no que se refere ao regime de governo, isso não caracteriza transformações sociopolíticas mais radicais. Também no que se refere à letra, foi considerada apenas como representativa de mudança e não de *movimento*, já que o escrito, em si, não conota nem denota transformações, a não ser esperança e continuidade a despeito das circunstâncias de violência denunciadas pela música. Também por isso a agência é tida como passiva, apesar da interlocução e problemática coletiva.

Essas canções, assim como as demais apresentadas no Quadro 7, caracterizam as mensagens musicais mais tocadas e, por consequência, mais facilmente ouvidas por quem escutava rádio nos respectivos anos. Essas mensagens repercutiram um conjunto de ideias, tanto no sentido de serem

compostas e ouvidas por representar e alcançar emoções das pessoas, como no sentido de, ao serem ouvidas, produzirem mobilizações e emoções nas pessoas.

Nas últimas duas décadas observou-se a predominância de músicas do estilo sertanejo universitário, cuja descrição perpassamos na seção textual 4.1. Foi possível notar como característico do gênero a abordagem de temas de consumo e relacionamentos amorosos, indicando que vivemos um momento histórico no qual o acesso a bens e a preocupação romântica norteiam mais os humanos do que as reflexões sobre suas próprias condições e realidade, bem como sobre possibilidades de *movimento*.

Consideramos relevante explicitar a compreensão de que nenhuma mensagem alçada à notoriedade seria totalmente comprometida com a superação das relações capitalistas e com a transformação radical das relações de produção. Existem as contradições que essas músicas contribuem para explicitar - ou não - e existem também contradições que são escamoteadas, pseudoconcretidades que são reafirmadas. Mas garantir destaque a mensagens que contemplam algum grau de questionamento da realidade tal como se interpõe, trazendo elementos à formação histórica e política, além de fomento ao *movimento*, pode representar momentos de um processo que viabilize a construção da superação dessa mesma realidade.

A investigação musical que apresentamos possibilitou delinear os ao menos cinco abordagens de mudança, que denominaremos dessa forma porque nem todas se aproximam do conceito de *movimento* definido nesta pesquisa:

(1) Mudança equivalente a situações indesejadas, como em músicas de sofrimento, término de relacionamento, sendo individualista, acrítico⁷²;

(2) Mudanças generalizadas que independem de atividade, situações nas quais a mudança é concebida como uma entidade divina a qual todos estão submetidos e com ação inexistente ou limitada⁷³;

⁷² Situações de músicas não selecionadas nesta pesquisa, mas indicadas como mais ouvidas nos últimos anos.

⁷³ Podem ser consideradas nesse contexto: Foi um rio que passou em minha vida, Oração ao Tempo, Tempo Rei, Como uma onda e, em certa medida, Ilu Ayê.

(3) Mudanças limitadas individualistas, concepção na qual o indivíduo é agente, ou seja, tem a mudança em suas mãos, mas ela não implica em nenhum grau de *movimento*⁷⁴;

(4) Mudanças subjetivas-individuais pautadas em atividade, nas quais o indivíduo, mediante experiências de vida, promove e experiencia *movimentos* individualmente circunstanciados⁷⁵;

(5) Mudanças coletivas-individuais-materiais-subjetivas pautadas em atividade, ou seja, que são pautadas na atividade realizada em circunstâncias histórico-culturais específicas e que determina e é determinado por sujeitos, grupos, sociedade⁷⁶.

Podem ser considerados como o *movimento* na acepção proposta por esta pesquisa os tipos definidos em (5) e, por vezes, também em (4), considerando a possibilidade de movimento individualmente circunstanciada desde que coletivamente orientada - ou seja, que se contemple o movimento subjetivo (desenvolvimento) não individualista, caso em que seria contemplado nos tipos (1) ou (3).

Os levantamentos de dados e as reflexões do capítulo 4 podem indicar aspectos de relevância analítica e contribuições com a crítica e, com isso, a pertinência da categoria *movimento* para a psicologia histórico-cultural. Os dados demonstram a viabilidade da aplicação do conceito em análises da realidade e para a realidade.

⁷⁴ Foi um rio que passou em minha vida: poderia ser assim considerada, entretanto ponderamos que houve algum grau de movimento do humano, de desenvolvimento pautado em vivência.

⁷⁵ Pode ser considerada nesse contexto, em algum grau: Foi um rio que passou em minha vida e também Ilu Ayê e Até Quando? nos enfoques individuais.

⁷⁶ Podem ser atribuídas nesse contexto, levando-se em conta as contradições: Ilu Ayê, Caminhando e Até Quando?

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podem ser consideradas como contribuições ou ideias desenvolvidas por meio desta pesquisa: (1) a retomada do debate quanto à relevância social de se perscrutar *movimento* para a psicologia histórico-cultural enquanto possibilidade de favorecer a superação de conjunturas individual ou coletivamente orientadas; (2) a definição de *movimento* e a delineação de sua importância para a psicologia histórico-cultural, bem como a sua relação com o conceito de potência; (3) a possível expressão ontológica de *movimento* como desenvolvimento na phc; (4) desenvolvimento, por sua vez, como tendo correlações com processos designados por conceitos como vivência, liberdade, imaginação, zona de desenvolvimento iminente, autodomínio; (5) o caráter intrinsecamente dialético e contraditório de *movimento* e desenvolvimento; (6) a sistematização de uma possibilidade de pesquisa empírica em que se investiga as manifestações e nuances de *movimento* e mudanças socioculturalmente; (7) a ocorrência de 5 abordagens de mudança em músicas popularizadas nas últimas décadas.

Para apresentarmos as derradeiras considerações desta pesquisa, será promovido, inicialmente, um resgate sucinto das principais ideias mobilizadas nos capítulos pregressos e que conduziram, tendo sido base, às reflexões conclusivas. No capítulo 2 deste trabalho, realizamos um levantamento de teses e dissertações que abordaram o *movimento*. A análise desses dados levou a um resgate histórico e filosófico a respeito da dialética. Apesar de o termo dialética ser utilizado desde os pré-socráticos, ele o era como sinônimo de dialógico e foi apenas com Hegel que passou a ser caracterizado como momento da lógica e a considerar unidades de contrários.

Com Marx, a compreensão da dialética como processo que permeia a concretude se consolida, e com entendimento que coloca caráter central à realidade, sendo que, para esse pensador, é por meio da dialética que é possível compreender tudo que é existente bem como sua negação e seu necessário perecimento, conferindo transitoriedade e *movimento* à realidade na medida de sua transformação. Nesse mesmo capítulo também abordamos as categorias desenvolvimento e vivência de Vigotski, que são apontadas como vinculadas ao *movimento* (Kravstov, 2014), já que o desenvolvimento humano representa, em nível

de organismo individual, perecimento e transitoriedade transformadora e a vivência se constitui em momento importante para o processo de desenvolvimento.

Com esse aparato teórico delineamos uma definição possível: *movimento* é um processo de deslocamento qualitativo, possibilitado por relações dialéticas contraditórias, que tem como base a realidade e que resulta na concretização de uma potência; uma transição ou mudança, que, por sua vez, está permeada por potência de transformação. *Movimento* é um momento de um processo materialista histórico e dialético de transformação do ser humano enquanto classe - social, econômica, culturais - e enquanto espécime - indivíduo, desde que coletivamente orientado. *Movimento* abarca (enquanto processo) e possibilita a evidenciação das contradições da realidade.

Desta feita, *movimento* pode ser compreendido como um conceito peculiar, mas, não somente, também como categoria analítica para a psicologia histórico cultural, vinculada a suas bases teórico-filosóficas, já que representa uma definição científica que permite representar um fenômeno da realidade que traz determinações, contribuições relevantes ao aparato teórico.

A ideia de potência foi o conceito filosófico que retomamos, no capítulo 3, que, no contexto desta pesquisa, pode ser melhor compreendida como a propriedade da realidade se movimentar quando em relação, ou seja, quando em contraditório. A correlação com a psicologia histórico-cultural foi debatida tendo em consideração os conceitos de liberdade, drama e autodomínio de Vigotski. Esse segmento textual ainda possibilitou algumas reflexões sobre a eventual atuação autodesignada transformadora na psicologia que, embora seja bastante preconizada ou exaltada, nem sempre - com frequência não - pode ser assim considerada. Segue o Quadro 11 que esquematiza alguns dos principais pontos dos conceitos dos capítulos 2 e 3.

Quadro 11: Esquematização dos conceitos da tese.

	Fatores Potenciadores	Movimento	Potência
<i>Definição</i>	Determinantes envolvidos no processo de movimento que podem favorecer	O processo.	O norte, direção, finalidade que constitui resultado do movimento, mas que também

	movimento, potenciando o processo.		mobiliza, fomenta o processo de movimento (descrito no capítulo 3).
<i>Aborda-se na Tese</i>	No decorrer dos capítulos 3 e 4	Toda a tese: definição específica no Capítulo 2	Definição específica no Capítulo 3
<i>Materialismo histórico e dialético</i>	- Formação das classes; - Luta de classes.	- Dialética;	- Apropriação dos meios de produção pelo proletariado (Revolução).
<i>Psicologia histórico-cultural</i>	- Vivência; - Imaginação; - Atos artísticos (p. ex. Músicas); - Zona de desenvolvimento iminente.	- Desenvolvimento	- Liberdade.

Fonte: elaboração própria.

Os apontamentos de Vigotski (1999a) sobre o ato artístico, consistindo em expressões e realizações que desvelam e produzem, concomitantemente, vivências humanas, nos conduziu, no quarto capítulo, à análise de músicas. Os dados levantados nortearam entendimentos quanto ao caráter negativo que as mudanças assumem no imaginário popular e algumas possibilidades de o ato artístico musical expressar, eventualmente, *movimento*.

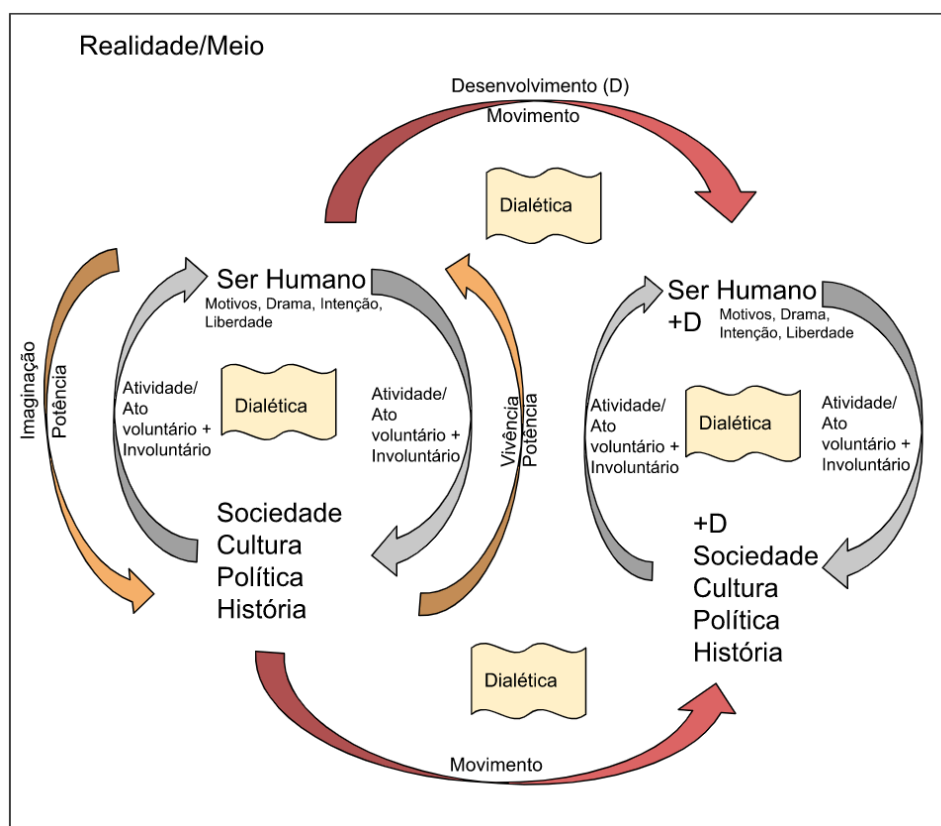
Ao buscar elencar alguns dos marcadores históricos, sociais, técnicos (referentes ao fazer musical: estilos, sonoridade, letra) das músicas mais ouvidas em rádios, pudemos identificar contraditórios que imbricam a realidade e a inclinação para movimento. No caso do estudo de ato artístico para a psicologia histórico-cultural de Vigotski, pesquisar as reações estéticas consiste em parte importante desse levantamento, já que possibilitam desvelar como se dão os efeitos e reações do ato artístico. Foi proposta a sistematização de uma metodologia possível de estudo do *movimento* na psicologia, do desvelamento do contraditório com potência de transformação, em atos artísticos musicais.

O estudo das músicas mais tocadas possibilitou a identificação de que o momento histórico que sucede a década de 1980 favorece a abordagem de temas com orientação individualistas, de consumo e relacionamentos amorosos, ou seja, o acesso a bens e a preocupação romântica parecem nortear mais os humanos do que reflexões sobre suas próprias condições de vida e realidade, que seriam potenciadores conjunturais de *movimento*, o que se coaduna à lógica capitalista e de permanência do *status quo*. Foi possível, também, explicitar que uma mensagem que ganha notoriedade muito dificilmente seria totalmente comprometida com a superação das relações capitalistas, com a transformação radical das relações de produção. Mas garantir destaque a mensagens que contemplam algum grau de questionamento da realidade tal como se interpõe, à formação histórica e política e/ou fomento ao *movimento* pode representar momentos de um processo que possibilite a construção da negação e superação desta realidade.

Foi possível elencar cinco nuances com as quais o *movimento* permeia as músicas, que por sua vez compõem a realidade: (1) Mudança equivalente a situações indesejadas, como em músicas de sofrimento, término de relacionamento, sendo individualista, acrítico; (2) Mudanças generalizadas que independem de atividade, situações nas quais a mudança é concebida como uma entidade divina a qual todos estão submetidos e com ação inexistente ou limitada; (3) Mudanças limitadas individualistas, concepção na qual o indivíduo é agente, ou seja, tem a mudança em suas mãos, mas ela não implica em nenhum grau de *movimento*; (4) Mudanças subjetivas-individuais pautadas em atividade, nas quais o indivíduo, mediante experiências de vida, promove e vivencia movimentos individualmente circunstanciados; (5) Mudanças coletivas-individuais-materiais-subjetivas pautadas em atividade, ou seja, que são pautadas na atividade realizada em circunstâncias histórico-culturais específicas e que determina e é determinado por sujeitos, grupos, sociedade. Sendo que podem ser considerados como o *movimento*, na acepção proposta por esta pesquisa, os tipos definidos em (5) e, por vezes, também em (4), considerando a possibilidade de movimento individualmente circunstanciado desde que coletivamente orientado - ou seja, que se contemple o movimento subjetivo (desenvolvimento) não individualista, caso em que seria contemplado nos tipos (1) ou (3).

Movimento se delineou, ao longo da pesquisa, como uma categoria interdependente da dialética, destacando-se a dialética materialista, mas também correlacionada ao conceito de potência. A aplicação (uso) da categoria na psicologia tem ocorrido, majoritariamente, na psicologia histórico-cultural, mas também em outras abordagens que consideram a dialética em seu bojo. No que se refere aos conteúdos mobilizados em psicologia, especificamente a histórico-cultural, mostrou-se tangível a possibilidade de categorização deste conceito. No enfoque desse corpus científico, o conceito de *movimento* viabiliza o entendimento de ser humano ativo objetiva e subjetivamente, o humano que, em relação e sendo parte da realidade, desvela contradições em si e na realidade, sendo potente em movimento tanto a si mesmo como à realidade. Como vimos apontando, contribuíram para esse entendimento, em especial os conceitos de desenvolvimento, liberdade, drama, imaginação, ato voluntário e vivência (Vigotski, 2000a, 2000b, 1999b, 2009, 2021, 2003).

Figura 5: Esquema conceitual com finalidade didática e relacional dos conceitos trabalhados.



Fonte: Elaboração própria.

Legenda: Quadrado em fundo branco, contendo esquema com setas que visam demonstrar graficamente a relação entre ser humano e seu contexto (social, cultural, histórico, político) em que tanto ser humano como contexto se movimentam, desenvolvem, por meio do processo dialético.

Na figura 5, apresentamos um esboço de esquema conceitual simplificado com vistas à facilitação do entendimento, ressaltando que o esquema é apenas representativo e que não é finito naquele recorte. Após a situação +D, que representa uma situação fictícia ilustrativa de pós-desenvolvimento, ser humano e suas manifestações coletivas convertem-se novamente à primeira situação, de atividade prévia à nova vivência que se converterá em potência. No esquema, ser humano e contextos (sociedade, cultura, política, história) se inter-constituem dialeticamente por meio de atividade, ato voluntário e involuntário (setas cinzas). Vivência e imaginação (setas laranjas), por sua vez, potenciam uma situação hipotético-representativa de desenvolvimento e *movimento* (setas vermelhas).

Delineado o processo de *movimento*, um percurso futuro possível e talvez até mesmo necessário seja identificar as variáveis intervenientes desse processo e que interferem nos seres humanos para que tenham maior ou menor tendência ao *movimento*. Um caminho pode estar no estudo de autodomínio de Vigotski (2021). É necessário compreender melhor os processos que, por exemplo, favorecem que trabalhadores se posicionem contrariamente às taxações de grandes fortunas até mudanças mais radicais que lhes favoreceriam, bem como entender quais determinantes interfeririam na direção oposta, de que estes trabalhadores saiam da lógica hegemônica de defesa da manutenção das relações de classe como se encontram.

Como os atos artísticos, a exemplo das músicas, manifestam conteúdos e constituem (formam, desenvolvem) expressões na realidade, pode-se aventar serem adotados como brechas para “movimentar pelo movimento”, ou seja, para produzir e disseminar concepções mais condizentes com o movimento, de desvelamento crítico da realidade, possibilitando fomentar que movimento seja concebível e até desejável nos contextos sociopolíticos e individuais, na realidade de forma geral.

É necessário, ainda, circunscrever os levantamentos e ponderações apresentadas nesta pesquisa à cultura ocidental. Foram observados indícios de possíveis diferenças de entendimento da transitoriedade em contextos socioculturais distintos, aventa-se, por exemplo, nas culturas de países africanos, por amostras de músicas e circunstâncias que envolvem esses contextos, como a música *Ilu Ayé* citada no capítulo quarto.

Sendo assim, o sujeito de uma psicologia do *movimento* é um sujeito formado por sua história e suas relações, mas não é refém de um psiquismo e de uma realidade que já lhe vieram definidas. Tampouco é uma folha em branco à mercê de quaisquer intervenções. São sujeitos concretos, permeados pela realidade que se lhes interpõem e também permeados pela potência que essa mesma realidade lhes produz, o que fomenta o entendimento de humano e de realidade que não somente são, todavia vêm-a-ser. E que não são somente determinados, outrossim determinam a realidade. Tendo conhecido e definido melhor essas dinâmicas, resta ainda, por exemplo, concebendo possíveis pesquisas futuras, investigar as formas mais efetivas de proporcionar confrontos qualitativos com a realidade, de forma a potenciar e favorecer *movimento* aos humanos.

Confirmou-se assim a hipótese inicial da necessidade de explicitação do conceito de *movimento* para melhor compreensão de sua importância e a sua definição enquanto categoria analítica para a psicologia histórico-cultural, expondo a relevância na compreensão da relação humano-realidade: humano-história - concebendo-se o processo de formação histórica e potência imbricadas no conceito, humano-sociedade - no entendimento de que as relações sociopolíticas foram constituídas e são potencialmente transitórias, humano-humano - na concepção de que não são necessárias nem admissíveis concepções que engessam seres humanos e desconsideram sua ação e mutabilidade, de acordo com suas bases determinadas e determinantes.

Portanto, *movimento* conforme definido por esta pesquisa, consiste em determinada mudança qualitativa complexa e orientada pela base material (realidade), sendo processo que se dá imbricado e em decorrência da contradição dialética e da potência por ela suscitada. Pode ser considerado um momento de um processo de transformação. O *movimento* é determinado e determina humanos, história, relações, sociedade, cultura. Os sujeitos considerados nesse processo são sujeitos circunscritos às contingências de sua realidade, mas ainda assim agentes, produtos e produtores da realidade.

Retomamos, mais sucinta e diretivamente, as cinco abordagens que puderam ser identificadas permeando a constituição subjetiva da população brasileira (considerando os dados voltados às músicas nacionais) frente às concepções subjacentes às mudanças (1) Mudança equivalente a situações indesejadas; (2) Mudanças generalizadas que independem de atividade; (3)

Mudanças limitadas individualistas; (4) Transformações subjetivas-individuais pautadas em atividade; (5) Transformações coletivas-individuais-materiais-subjetivas pautadas em atividade, sendo as duas últimas que mais se aproximam da concepção aqui exposta de *movimento*. *Movimento* se constitui-expressa na realidade com frequência baixa, em contextos que são exceções. A mudança pode ser pré-concebida como negativa. Assim, o ideário de movimento que se produz-reproduz em nosso contexto histórico-cultural é bastante limitado e mal-afamado.

De acordo com os levantamentos produzidos neste trabalho, é possível observar que, não por acaso, a concepção que permeia nossa cultura e sociedade a esse respeito favorece o imobilismo e, por conseguinte, a manutenção das relações de poder tal como se configuram. A concepção de *movimento* em confronto com uma realidade de exploração da maior parte da população, trabalhadora, pode ser potente de transformação.

REFERÊNCIAS

ABRÃO, P. A Lei de Anistia no Brasil: As alternativas para a verdade e a justiça. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/373>. Acesso em: 12 ago. 2024. Acervo, [S. l.], v. 24, n. 1, p. 119–138, 2012.

ABRAPSO. Associação Brasileira de Psicologia Social. Memória. Disponível em: <<https://site.abrapso.org.br/institucional/memoria/>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023. s/d.

ABRAPSO. Associação Brasileira de Psicologia Social. Da ideia de criação à realidade: 10 anos de ABRAPSO. Disponível em: <<http://abrapso.org.br/siteprincipal/images/Documentos/daid%25e9iadecria%25e7a%25f5daabrapso.pdf>>. Acesso em: 24 de fevereiro de 2023. Publicado em: 05 de agosto de 2009.

ALEXANDRE, R. Dias de luta: o rock e o Brasil dos anos 80. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2002.

ALLPORT, G. Desenvolvimento da Personalidade: considerações básicas. São Paulo: Editora Herder, 1962.

AMARAL, A. C. Deus e movimento no Livro XII da Metafísica de Aristóteles: a teologia na encruzilhada da filosofia primeira e da epistemologia. Disponível em: <<https://revistas.ucp.pt/index.php/didaskalia/article/view/1554/1481>>. Acesso em: 25 de setembro de 2022. Didaskalia, V. XXXI, 2001.

AMORIM, H. e FERRAZ, C. Dialética e luta de classes: contradição e mediação no método de Karl Marx. Disponível em: <<https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/13642>>. Acesso em: 6 abr. 2024. Tematicas, Campinas, SP, v. 15, n. 29, p. 47–63, 2007.

AMORIM DA SILVA, L.; BARBOSA SOARES, T.; ARAÚJO DOS SANTOS FERNANDES, E. Um Estudo Discursivo: Análise Da Canção “Pra Não Dizer Que Não Falei Das Flores”. Disponível em: <https://periodicos.ifg.edu.br/tecnia/article/view/253>. Acesso em: 22 maio. 2024. Revista Tecnia, [S. l.], v. 8, n. 2, 2024.

ANTUNES, M. A. A. A psicologia no Brasil: leitura histórica sobre sua constituição. São Paulo: EDUC, 2014.

ANTUNES, E. De caipira a universitário. São Paulo: Matrix, 2012.

AQUINO, T. Suma Teológica - Volume V. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

ARISTÓTELES. Metafísica. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____. Metafísica: Livro XII. Cad. Hist. Fil. Ci., Campinas, Série 3, v. 15, n. 1, p. 201-221, jan.-jun. 2005.

_____. De Anima. São Paulo: Ed. 34, 2006.

BARROCO, S. M. S. e SUPERTI, T. Vigotski e o estudo da psicologia da arte: contribuições para o desenvolvimento humano. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/vr5bbMpFznNZRsVTMJFxFxVqN/abstract/?lang=pt#>>. Acesso em: 29 de novembro de 2022. Psicol. Soc. 26 (1), Abr 2014.

BECHARA, E. Moderna gramática portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BEYEA, S. C., e NICOLL, L.H. Writing in integrative review *In AORN Journal*, 67, pp. 877-880, 1998.

BERGAN, R. ...ismos. Para entender o cinema. São Paulo: Editora Globo, 2010.

BERMAN, M. Tudo que é sólido desmancha no ar - a aventura da modernidade (1982). São Paulo: Cia das Letras, 1986.

BLUNDEN, A. Hegel, Marx and Vygotsky - Essays on Social Philosophy. Leiden: Brill, 2021.

BOCK, A. M. B. A Psicologia a caminho do novo século: identidade profissional e compromisso social. Estudos de Psicologia, 4(2), 315-329, 1999.

BOCK, A. M. B. *et al.*. Sílvia Lane e o projeto do "Compromisso Social da Psicologia". Psicologia e Sociedade, v. 19, n. Psicol. Soc., 2007 19(spe2), 2007.

BOITO JR., A. As bases políticas do neodesenvolvimentismo. Disponível em: <<https://repositorio.fgv.br/server/api/core/bitstreams/ad557a4b-9188-43d1-9eb7-73580a017d6d/content>>. Acesso em 21 de maio de 2024. Trabalho apresentado no Fórum Econômico da FGV. São Paulo: FGV, 2012.

BONACCINI, J. A. O argumento da estética e o problema da aprioridade: ensaio de um comentário preliminar. *In* KLEIN, Joel Thiago (Org.). Comentários às obras de Kant: Crítica da razão pura. Florianópolis: NEFIPO, 2012.

BOX OFFICE MOJO. Índices de bilheterias de filmes. Disponível em: <<http://www.boxofficemojo.com>>. Acesso em: 13 de março de 2023.

BRANDÃO, M. L. C. M.; BUENO, J. D. Território conquistado: música de protesto e conscientização. Disponível em:

<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/10113>. Acesso em: 4 maio. 2024. Revista Brasileira de Estudos da Homocultura. [S. l.], v. 2, n. 7, 2020.

BUENO, S. F. Em Torno da Diferença: Uma Confrontação entre Adorno e Deleuze. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/edur/a/jCcfCG6HTKVXmDXTqmnRTDq/>>. Acesso em: março de 2023. Educ. rev. nº 33, 2017.

CAMPANELLA, B. Celebridade, engajamento humanitário e a formação do capital solidário. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/index.php/revistafamecos/article/view/15908>. Acesso em: 21 maio. 2024. Revista FAMECOS, [S. l.], v. 21, n. 2, p. 721–741, 2014.

CANDIOTTO, C. *et al.* Editorial: Atualidade da Filosofia de Espinosa: Matéria e potência. Disponível em:

<<https://periodicos.pucpr.br/aurora/article/view/27263/24331>>. Acesso em: 15 de setembro de 2022. Rev. Filos. Aurora, Curitiba, v. 32, n. 56, p. 329-333, maio/ago. 2020

CARDOSO, R. L. e ROCHA, C. M. F. A relação do público jovem com o rádio na atualidade. Disponível em: <<https://lume.ufrgs.br/handle/10183/141724>>. Acesso em: 21 de maio de 2024. Comunicação, mídia e consumo. Vol. 8, n. 22, p. 167-186, 2011.

CARVALHO, B. P. A Escola de São Paulo de Psicologia Social: uma análise histórica do seu desenvolvimento desde o materialismo histórico-dialético. Tese. São Paulo: PUC-SP, 2014.

CASTELEIRO, J. M. (Coord.) Movimento *In* Dicionário da Língua Portuguesa

Disponível em: <<https://dicionario.acad-ciencias.pt/pesquisa/?word=movimento>>.

Acesso em: 28 de junho de 2023, Lisboa: Academia das Ciências de Lisboa, 2001.

CASTRO, R. C. G. A Grécia antiga: uma visão panorâmica. International Studies on Law and Education, nº 17, mai-ago. Disponível em:

<<http://www.hottopos.com/isle17/61-72Roberto.pdf>>. Acesso em: 27 de julho de 2022, 2014.

CHAIKLIN, S. A zona de desenvolvimento próximo na análise de Vigotski sobre aprendizagem e ensino. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pe/a/jCGfKbkrHPCr8KyZD4xjB3C/?lang=pt#>>. Acesso em: 13 de dezembro de 2022. Psicol. Estud. 16 (4) • Dez 2011.

CHASIN, J. Método dialético. Disponível em: <https://orientacaomarxista.blogspot.com/2010/10/metodo-dialetico-jose-chasin.html?m=1>. Acesso em março de 2024. Aulas ministradas durante o curso de Pós-Graduação em Filosofia Política, promovidas pelo Departamento de Filosofia e História da Universidade Federal de Alagoas, de 25/01 a 06/02/1988, 2010.

CHAUÍ, M. Introdução à história da filosofia - Dos pré-socráticos a Aristóteles. São Paulo: Cia das letras, 2002.

_____. Espinosa - uma filosofia da liberdade. São Paulo: Moderna, 1995.

_____. Paixão, ação e liberdade em Espinosa. Folha de São Paulo. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2008200006.htm>>. Acesso em: 05 de outubro de 2022. São Paulo, 20 de agosto de 2000.

_____. História no pensamento de Marx. In A teoria marxista hoje. Problemas e perspectivas. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/35158784.pdf>>. Acesso em 24 de abril de 2024. Buenos Aires: CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2007.

CIAMPA, A. C. Sílvia Lane: o homem em movimento. In CIAMPA, A. DA C.; BARRETO, M. A Mestra. Psicologia e Sociedade. Edição Especial 2: 7-16, 2007.

CLOT, Y. A função psicológica do trabalho. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____. Trabalho e poder de agir. Belo Horizonte: Fabrefactum, 2010.

CODATO, A. N. Uma história política da transição brasileira: da ditadura militar à democracia. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rsocp/a/yMwgJMTKNWTwGqYTZMZcPhM/?lang=pt&format=pdf>> Acesso em: 27 de fevereiro de 2023. Rev. Sociol. Polít., Curitiba, 25, p. 83-106, nov. 2005.

COMTE-SPONVILLE, A. A felicidade, desesperadamente. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

COSTA, A. C. R. Para uma leitura operatória da lógica de Hegel: experimentos iniciais. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019.

COSTA, T. L. Desigualdades educativas no acesso ao ensino superior: um estudo de caso sobre a democratização entre os campi da Unifesp. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

DA SILVA, F. A. Análise Histórico-Cultural da Música Sertaneja no Brasil: do Caipira ao Playboy. Revista de Literatura, História e Memória. Disponível em: <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/20403>. Acesso em: 25 abr. 2024. [S. l.], v. 14, n. 24, p. 218–234, 2018.

DEBORD, G. A Sociedade do espetáculo. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/7828390/mod_folder/content/0/livro%20integral%20A%20Sociedade%20do%20Espet%C3%A1culo.pdf?forcedownload=1. Acesso em: novembro de 2024. 2003.

DELARI JUNIOR, A.. Sentidos do “drama” na perspectiva de Vigotski: um diálogo no limiar entre arte e psicologia. Psicologia em Estudo, v. 16, n. 2, p. 181–197, abr. 2011.

DUARTE, N. Vigotski e o “aprender a aprender”: crítica às apropriações neoliberais e pós-modernas da teoria vigotskiana. Campinas, SP: Autores Associados, 2001.

DUSSEL, E. Europa, modernidade e Eurocentrismo. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sur-sur/20100624093038/5_Dussel.pdf. Acesso em: 28 de junho de 2023. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005.

ENGELS, F. Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/marx/1886/mes/fim.htm>. Acesso em fevereiro de 2024. Editorial Avante: Lisboa, 1982.

ESPINOSA, B. Ética. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

FAPESP. Fósseis humanos de 233 mil anos. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/fosseis-humanos-de-233-mil-anos/#:~:text=Os%20mais%20antigos%20f%C3%B3sseis%20j%C3%A1,na%20Eti%C3%B3pia%2C%20leste%20da%20%C3%81frica.> Acesso em: 03 de agosto de 2022. Edição 312; Fev., 2022.

FARIAS, I. R. Elementos de semiótica aplicados à canção RAP. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/casa/article/download/570/491/1574>. Acesso em: 09 jul. 2024. pp. 14-31. Cadernos de semiótica aplicada, jun. 2003.

FARR, R. M. Psicologia social moderna: um fenômeno caracteristicamente americano (1996). In As Raízes da Psicologia Social Moderna. (pp. 19-36). Petrópolis: Vozes, 2005.

FERRAZ JR. , T. S. O papel da dialética em Aristóteles, Kant e Hegel. Disponível em: <<https://periodicos.uniso.br/reu/article/view/4555>>. Acesso em: 19 de agosto de 2022. Revista de Estudos Universitários - REU, [S. l.], v. 3, n. 3, 1971.

FERREIRA, M. C. A Crítica de Hegel à Doutrina Dos Postulados de Kant. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40335416>>. Acesso em: 5 de abril de 2024. Revista Portuguesa de Filosofia, vol. 32, no. 1, pp. 47–62, 1976.

FERREIRA, C. D. Gabriel O Pensador: Análise Da Identidade Social De Um (Possível) Migrante. Monografia. Campinas - SP: Unicamp, 2009.

FLEER, M. *et al.* Perezhivanie, Emotions and Subjectivity: Setting the Stage. *In* Perezhivanie, Emotions and Subjectivity, Perspectives in Cultural-Historical. Springer Nature Singapore Pte Ltd, 2017.

FREIRE, V. L. B.; AUGUSTO, E. S.. Sobre flores e canhões: canções de protesto em festivais de música popular. Per Musi, n. 29, p. 220–230, jan. 2014.

FRIGOTTO, G. Método Materialista Histórico como Instrumento de Análise da Realidade *In* TULESKI, S. C., FRANCO, T. M., CALVE, T. M. (Org.) Materialismo histórico-dialético e psicologia histórico-cultural: expressões da luta de classes no interior do capitalismo. Paranaíba: EduFatecie, 2020.

FULDA, H. F. Tese para a dialética como método de exposição (no “Capital” de Marx). Crítica Marxista, n.45, p.109-116, 2017.

FURTADO, O. As dimensões subjetivas da realidade - uma discussão sobre a dicotomia entre a subjetividade e a objetividade no campo social. *In* FURTADO, O. e GONZÁLEZ REY, F. L. Por uma epistemologia da subjetividade: um debate entre a teoria sócio-histórica e a teoria das representações sociais. (pp. 91-105). São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

GPoPAI, Grupo de Políticas Públicas para o Acesso à Informação. Manifestação “em defesa do Estado democrático de direito” São Paulo, 25 de fevereiro 2024 e Manifestação “em defesa do Estado democrático de direito” São Paulo, 26 de novembro *In* Monitor do debate político no meio digital. Disponível em: <<https://www.monitordigital.org/>>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2024. s/d.

GONZALEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984.

GONZÁLEZ REY, F. L. Sujeito e subjetividade. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

_____. Reflexões sobre o desenvolvimento da psicologia soviética: focando algumas omissões da interpretação ocidental. In Psicologia e Sociedade; 24 (2), 263-271, 2012.

_____. Human Motivation in Question: Discussing Emotions, Motives, and Subjectivity from a Cultural-Historical Standpoint. Disponível em: <https://www.fernandogonzalezrey.com/images/PDFs/producao_biblio/fernando/artigos/teoria_da_subjetividade/Gonzlez-Rey-Human-Motivation-in-Question.pdf>. Acesso em: 14 de dezembro de 2022. Journal for the Theory of Social Behaviour, 2014.

GRESPLAN, J. Apresentação de “Tese para a dialética como método de exposição (no ‘Capital’ de Marx)”. Crítica Marxista, n.45, p.107-108, 2017.

_____. Marx: uma introdução [recurso eletrônico]. São Paulo: Boitempo, 2021.

GROPPO, L. A. O Rock e a Formação do Mercado de Consumo Cultural Juvenil: a participação da música pop-rock na transformação da juventude em mercado consumidor de produtos culturais, destacando o caso do Brasil os anos 80. . Campinas: IFCH, Unicamp. Dissertação (Mestrado), 1996.

HEGEL, G. W. F. Enciclopédia das ciências filosóficas em compêndio. Vol. I. A Ciência da Lógica (1812-1816). São Paulo: Loyola, 1995.

_____. Fenomenologia do Espírito (1807). Petrópolis: Editora Vozes, 2014.

HIRATA, C. A Crítica do Jovem Leibniz ao Materialismo Hobbesiano a partir do conceito de Conatus. In Cadernos Espinosanos: estudos sobre o século XVII. n. 34. número especial sobre Leibniz. p. 65 - 87. jan-jun, 2016.

HOBSBAWN, E. Sobre a história. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

_____. Era dos Extremos - o breve século XX. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

_____. História Social do Jazz. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

IBGE. São Paulo: Trabalho e rendimento. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sao-paulo/panorama>>. Acesso em 29 de fevereiro de 2024. s/d.

IGGERS, G. Desafios do século XXI à historiografia. História da Historiografia: International Journal of Theory and History of Historiography, pp. 105–124.

Disponível em: <https://revistahh.emnuvens.com.br/revista/article/view/139>. Acesso em: 4 jun. 2024. Ouro Preto, v. 3, n. 4, 2010.

IKEDA, A. T. Música, política e ideologia: algumas considerações. @rquivo@ (Unesp), v. 1, p. nn-zz, 2007.

Instituto Vladimir Herzog. Memórias da Ditadura. Períodos da ditadura - Anos de Chumbo. Disponível em: <<https://memoriasdaditadura.org.br/anos-de-terror-de-1969-a-1978/>>. Acesso em 20 de maio de 2024. s/d.

IPHAN-MINC. Dossiê das matrizes do samba no Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Dossi-%20Matrizes%20do%20Samba.pdf>>. Acesso em: 20 de abril de 2024.

KANT, I. Crítica da razão pura (1781). Disponível em: <<https://joaocamillopenna.files.wordpress.com/2013/09/kant-critica-da-razao-pura.pdf>> Acesso em 15 de agosto de 2022. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.

_____. Resposta à pergunta: o que é o iluminismo? in A paz perpétua e outros opúsculos, Lisboa, Edições 70, 2008.

KLEIN, J. T. (org.), Comentários às obras de Kant: Crítica da Razão Pura. Disponível em: <<http://www.nefipo.ufsc.br/files/2012/11/comentarios1.pdf>>. Acesso em: 25 de agosto de 2022. Florianópolis: Nefiponline, 2012.

KLEINA, N. A história do Spotify e a revolução do streaming na música. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/mercado/131633-historia-spotify-revolucao-do-streaming-musica-video.htm>>. Acesso em: 25 de abril de 2023. Tecmundo, 2018.

KOJÈVE, A. Introdução à leitura de Hegel. Rio de Janeiro: Contraponto EDUERJ, 2002.

KONDER, L. O que é dialética. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. Introdução ao fascismo. Rio de Janeiro: Edições do Graal, 1977.

KOPNIN, P. V. A Dialética como Lógica e Teoria do Conhecimento. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

KOSELLECK, R. História dos conceitos: estudos sobre a semântica e a pragmática da linguagem política e social. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

KOSIK, K. Dialética do concreto. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1969.

KRAVSTOV, G. As bases filosóficas da psicologia histórico-cultural. In Veresk. Estudos sobre a perspectiva histórico-cultural de Vigotski – Brasília: UniCEUB, 2014.

KUSSLER, L. M. Filosofia ocidental e não ocidental: O reconhecimento do outro filosófico. In BORTOLINI, Bruna de Oliveira; PONTEL, Evandro (Orgs.). XV Semana Acadêmica do Programa de Pós-Graduação em Filosofia da PUCRS: volume 4 [recurso eletrônico] / Bruna de Oliveira Bortolini, Evandro Pontel (Orgs.) -- pp. 289-304 Disponível em: <https://www.editorafi.org/_files/ugd/48d206_8e566763b54a49fdb9cd7d7438af2797.pdf#page=291>. Acesso em: 04 de agosto de 2022. Porto Alegre: Editora Fi, 2015.

LANE, S. O que é Psicologia Social? (1981) São Paulo : Brasiliense, 2006.

_____. Uma Psicologia Social baseada no Materialismo Histórico e Dialético. Disponível em: <https://www.anpepp.org.br/acervo/Simpos/An02T18.pdf>. Acesso em 24/02/2023. ANPEPP, 1988.

_____. Revendo a prática da Psicologia Social. Psicologia: Ciência e Profissão, 5(1), pp. 20–21, 1985.

LANE, S. e CODO, W. (Orgs.) Psicologia Social - O homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984.

LEFEBVRE, H. A produção do espaço. Disponível em: <https://gpect.wordpress.com/wp-content/uploads/2014/06/henri_lefevre-a-producao-do-espaço.pdf>. Acesso em: 06 de junho de 2024. Trad. Doralice Barros Pereira e Sérgio Martins (do original: La production de l'espace. Paris: Éditions Anthropos, 2000), 2006.

LEIBNIZ, G. W. Novos ensaios sobre o entendimento humano. São Paulo: Abril Cultural, 1984.

_____. Monadologia ou Princípios de filosofia. In ÉVORA, F.R.R. e MARQUES, T.H.R. (Orgs.) A filosofia moderna e suas bases. Campinas-SP: Unicamp, 2020.

_____. Sobre a Contingência. Disponível em: <<https://leibnizbrasil.pro.br/sobre-a-contingencia-1686/>>. Acesso em: 10 de outubro de 2022. In LEIBNIZ *et al.* Recherches générales sur l'analyse des notions et des vérités - 24 Thèses métaphysiques et autres textes logiques et métaphysiques. ÉPIMETHÉ, Paris, 1998.

LENIN, V. I. Cadernos sobre a dialética de Hegel. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2011.

_____. O Estado e a Revolução. Campinas: FE/Unicamp, 2011.

LEONTIEV, A. N. Atividade; Consciência; Personalidade. Bauru: Mireveja Editora, 2021.

_____. The Problem of Activity in the History of Soviet Psychology, Soviet Psychology, 27:1, 22-39, 1989.

LISBOA, F. S.; BARBOSA, A. J. G.. Formação em Psicologia no Brasil: um perfil dos cursos de graduação. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 29, n. 4, p. 718–737, 2009.

LÖWY, M. As Aventuras de Karl Marx Contra o Barão de Münchhausen: marxismo e positivismo na sociologia do conhecimento. (pp. 07-49) São Paulo: Cortez, 2000.

LUCAS, A. S. Mais Tocadas (site). Disponível em: <maistocadas.mus.br>. Acesso em: 13 de março de 2023.

LUKÁCS, G. História e consciência de classe: estudos sobre a dialética marxista. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

LURIA, A. R. The making of mind. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/luria/works/1979/mind/ch01.htm>>. Acesso em 22 de novembro de 2022. Cambridge: Harvard University Press, 1979.

MASCARO, A. L. Filosofia do Direito. São Paulo: Editora Atlas, 2018.

MARTINS, J. B. Apontamentos sobre a relação Vigotski e Leontiev: A “troika”, ela existiu? Disponível em: <psyanima.su/journal/2013/1/2013n1a4/2013n1a4.1.pdf>. Acesso em: 22 de novembro de 2022. Dubna Psychological Journal, 1, pp. 71-83. 2013.

MARTINS, D. M. Panorama geral sobre a música de protesto nas ruas do Rio de Janeiro: atuação dos blocos artistas (2013-2016). In Revista da Academia Nacional de Música. Vol. XXII, 2021.

MARX, K. O Capital: crítica da Economia Política. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. Posfácio da segunda edição de O Capital. In O Capital: Crítica da Economia Política. Livro 1. São Paulo: Boitempo, 2013.

_____. Grundrisse. São Paulo: Boitempo, 2011.

_____. Manuscritos Econômico-Filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. Crítica da Filosofia do Direito de Hegel. São Paulo: Boitempo, 2010.

_____. Miséria da Filosofia. Disponível em:

<<https://www.marxists.org/portugues/marx/1847/miseria/index.htm>>. Acesso em: 05 de abril de 2024. São Paulo: Editora Flama, 1946.

MARX, K. e ENGELS, F. A ideologia alemã : crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas. São Paulo: Boitempo, 2007.

_____. Manifesto Comunista. São Paulo: Boitempo, 2005.

MATTAR, J. Introdução à Filosofia. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. DE C. P.; GALVÃO, C. M.. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. Texto e Contexto - Enfermagem, v. 17, n. 4, p. 758–764, out. 2008.

MENDONÇA, J. de S.; KOCIUBA, Y. T. Politização e despolitização no rock nacional: um comparativo das letras de bandas de rock no Brasil dos anos 1980 e 2000.

Disponível em:

<<https://periodicos.unespar.edu.br/index.php/vortex/article/view/2878>>. Acesso em: 27 maio. 2024. Revista Vórtex, v. 7, n. 2, 2019.

MESHCHERYAKOV, B. G. Ideias de L. S. Vigotski sobre a ciência do desenvolvimento infantil. Disponível em:

<<https://www.scielo.br/j/pusp/a/MbVQbxmQwWb7ZQNMzTtD3Zf/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 13 de dez de 2022. Psicologia Usp, 21(4), 703-726, São Paulo, 2010.

MONDOLFO, R. O pensamento antigo: história da filosofia greco-romana. Vol. I. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1971.

_____. O pensamento antigo: história da filosofia greco-romana - desde Aristóteles até os Neoplatônicos. Vol. II. São Paulo: Editora Mestre Jou, 1965.

MUGNAINI JR, A. Breve história do rock. São Paulo: Editora Claridade, 2007.

NAPOLITANO, M. História & Música. Belo Horizonte: Autêntica, 2002(a).

_____. A música popular brasileira (MPB) dos anos 70: resistência política e consumo cultural. Disponível em:

<http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/fevereiro2012/historia_artigos/2napolitano70_artigo.pdf>. Acesso em: 24 de abril de 2024. IV Congresso de la Rama latinoamericana del IASPM. Cidade do México, abril de 2002(b).

_____. A Invenção da Música Popular Brasileira: Um Campo de Reflexão para a História Social. Revista de Música Latinoamericana, v. 19, n. 1, p. 92-105, 1998.

NETTO, L. Uma história do samba: As origens. Cia das Letras,

NICOLAU, M. F. A. Sobre o começo triádico da lógica hegeliana: o ser, o nada, o devir. *In* Contradictio. V.3, n.1, 2011.

OCA. Observatório Brasileiro do Cinema e do Audiovisual. Disponível em: <<https://www.gov.br/ancine/pt-br/oca/cinema->>. Acesso em 12 de março de 2023.

OLIVEIRA, H. A. Curso Hegel e Marx: Introdução à dialética dos modernos. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Bxmd8qkTSHo>> Acesso em 31 de agosto de 2022. Transmitido ao vivo em 26 de março de 2020.

OLIVEIRA, R. C. Do punk ao hardcore: elementos para uma história da música popular no Brasil. Disponível em: <<https://periodicos.ufmg.br/index.php/temporalidades/article/view/5423>>. Acesso em: 27 de maio de 2024. Belo Horizonte: Temporalidades, Vol. 3, n.1, 2011.

ORSINI, F. O problema da substância na Doutrina da Essência (1813) de Hegel. *In* Cadernos de Filosofia Alemã. jul.-dez.2018.

PAES, P. D. Vigotski e os fundamentos de uma psicologia marxista. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/cemarx/article/view/10876>. Acesso em: 21 nov. 2023. Campinas - SP: Cadernos Cemarx, n. 3, p. 173–182, 2006.

PAULO NETTO, J. Marx: dialética para principiantes. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ywZQnMnGejk>>. Acesso em: 15 de setembro de 2022. TV Boitempo. Transmitido ao vivo em 03 de maio de 2022.

_____. Introdução aos estudos do método de Marx. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

_____. Marx, nosso contemporâneo. Disponível em:
<https://youtu.be/mn-3_NTbbvI?si=n1APpG-L2QnfzEV8>. Acesso em: 14 de março de 2024. TV Boitempo, 2021.

PAVIANI, J. Dialética e linguagem em Platão. Disponível em:
<<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/download/36022/18927/>> Acesso em: 09 de agosto de 2022. In Veritas. pp. 729-739. Porto Alegre, V. 40, Nº 160, Dez 1995.

PEREIRA, D. Das classes à luta de classes. Disponível em:
<<https://www.academia.edu/download/54306369/DP-Classes-e-luta-de-classes-2.pdf>>. Acesso em: 05 de abril de 2024. In Marxismo e ciências humanas, pp. 227-238. 2003.

PEREIRA, O. P. Ciência e Dialética em Aristóteles. São Paulo: Editora Unesp, 2001.

PEREIRA, N. A. *et al.* Análise do Discurso na Letra da Música “Até Quando?” De Gabriel O Pensador. Disponível em:
<<https://viaparole.wordpress.com/2009/10/06/analise-do-discurso-na-letra-da-musica-ate-quando-de-gabriel-o-pensador/>>. Acesso em: 21 de maio de 2024. Universidade do Estado da Bahia, 2009.

PEREIRA JR., L. C. O Mar que me Navega – Sintonias filosóficas em Paulinho da Viola. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2011.

PEREIRA, C. E. S. “Pra não dizer que não falei das flores” e “Tropicália”: um estudo comparativo da canção de protesto e da canção de vanguarda. Revista Discente Ofícios de Clio, v. 7, n. 13, p. 187-197, 9 mar. 2023.

PETO, L. C.; VERISSIMO, D. S. Objetividade e atividade sensível: a crítica marxiana à questão da subjetividade nas filosofias de Hegel e Feuerbach. Disponível em:
<http://www.scielo.edu.uy/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1688-70262020000100232&lng=es&nrm=iso>. Acesso em: 06 jun. 2024. Montevideo: Psicol. Conoc. Soc., v. 10, n. 1, p. 232-251, 2020.

PICCOLO, G. M. Historicizando a teoria da atividade: do embate ao debate. Psicologia e Sociedade, 24(2), pp. 283-292, 2012.

PINTO, C. O. Os Slams Poéticos e suas Capacidades de Desenvolverem as Consciências Individuais. Dissertação de mestrado: UFMS, 2021.

PLATÃO. A República. Disponível em:
<https://eniopadilha-com-br.usrfiles.com/ugd/5ca0e9_25f5954b7b7a4a76892d3650ec0cd36c.pdf>. Acesso em: 08 de agosto de 2022. s/d

_____. Teeteto. Disponível em <<https://livros01.livrosgratis.com.br/cv000068.pdf>>. Acesso em: 08 de agosto de 2022. s/d.

PORTELA, L. Y. Da ideia de ciência especial como crítica da razão pura e da ideia de um sistema da razão pura como ciência. Disponível em: <<https://www.cle.unicamp.br/eprints/index.php/kant-e-prints/article/download/352/255/665#:~:text=Nesta%20passagem%2C%20Kant%20inicialmente%20afirma,detalhada%20de%20um%20tal%20organon%E2%80%9D.>>> Acesso em 10 de agosto de 2022. Campinas, Série 2, v. 2, n. 2, p. 181-194, jul.-dez., 2007.

PRESTES, Z. R. Quando Não é Quase a Mesma Coisa - Análise de traduções de Lev Semionovitch Vigotski no Brasil Repercussões no campo educacional. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB. Brasília: UnB, 2010.

PRESTES, Z.; TUNES, E. Lev Semionovitch Vigotski: a Atualidade de seu Pensamento Impõe a Recuperação de sua Obra. Revista de Educação Pública, Disponível em: <<https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/educacaopublica/article/view/1269>>. Acesso em: 23 nov. 2022. [S. l.], v. 31, n. jan/dez, pp. 1-14, 2022.

PRESTES, Z.; TUNES, E.; NASCIMENTO, R. Lev Semionovitch Vigotski: um estudo da vida e da obra do criador da psicologia histórico-cultural. In Ensino desenvolvimental: vida, pensamento e obra dos principais representantes russos, pp. 57-77, 2012.

RAYMUNDO, J. . Da censura e do ufanismo à liberdade criativa: o samba-enredo nos Anos de Chumbo e no antológico 1985. In: Seminário literatura e ditadura: os cinquenta anos do golpe civil-militar e suas implicações na literatura. Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2014.

RANIERI, J. J. A Câmara Escura: alienação e estranhamento em Marx. São Paulo: Boitempo, 2001.

_____. Alienação e estranhamento: a atualidade de Marx na crítica contemporânea do capital. Disponível em: <https://www.nodo50.org/cubasigloXXI/congreso06/conf3_ranieri.pdf>. Acesso em: 21 de janeiro de 2024. III Conferencia Internacional La Obra de Carlos Marx y los desafíos del Siglo XX, 2006.

RODRIGUES, A. Ciência e tecnologia a serviço do homem. Ciência e tecnologia a serviço do homem. Psicologia: Ciência e Profissão, 5(1), pp. 18–20. 1985

RUBINSTEIN, S. L. El Desarrollo de la Psicología - Principios y Metodos. Montevideo: Ediciones Pueblos Unidos, 1974.

_____. Princípios de psicologia general. (1889-1960) México: Editora Grijalbo, 1978.

_____. Problemas de Psicologia nas obras de Karl Marx. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/rubinstein/1934/mes/90.htm>>. Acesso em: 15 de dezembro de 2022. Publicação: 1981.

RUSS, J. Dicionário de filosofia. São Paulo: Editora Scipione, 1994.

SABADIN, C. A história do cinema para quem tem pressa. Rio de Janeiro: Valentina, 2018.

SAFATLE, V. A dialética hegeliana. Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=XxrqO8RwM4Y>>. Acesso em 31 de agosto de 2022. 10 de maio de 2019.

SAID, E. W. Orientalismo: o oriente como invenção do ocidente. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

PEREZ, D.; ERCOLANO, R. S.; ROCHA, L. C. Notas acerca da dialética como método e seu uso contemporâneo na mediação da transmutação social. In SANTOS, D. P. B.; SILVA, E. P.; SIMÕES, M. C. D. (Orgs.) Práxis em Psicologia Social: o enfrentamento a pautas autoritárias e à lógica privatista. Porto Alegre: Abrapso Editora, 2017.

PEREZ, D.; ERCOLANO, R. S.; COSTA, T. S. Machismo e racismo como estratégias do capitalismo para a conservação e reprodução sociais. In Processos psicológicos e desenvolvimento humano em diferentes contextos: teoria e pesquisa. Curitiba : CRV, 2024.

SANTOS, M. Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.

SANTOS, M. E. B. C. A relação entre ato e potência na metafísica de Aristóteles. Revista Húmus. Nº 7. Jan/Fev/Mar/Abr. 2013.

SAVIANI, D. O conceito dialético de mediação na pedagogia histórico-crítica em intermediação com a psicologia histórico-cultural. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/view/12463/9500>>. Acesso em: 15 fevereiro de 2023. Germinal: Marxismo e Educação em Debate, Salvador, v. 7, n. 1, p. 26-43, jun. 2015.

_____. Perspectiva Marxiana do problema subjetividade - intersubjetividade. In DUARTE, N. (Org) Crítica ao fetichismo da individualidade. Campinas, SP: Autores Associados, 2012.

SAWAIA, B. B. Transformação social: um objeto pertinente à psicologia social? Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/psoc/a/Wx4KxGgWWrK57tqYxQS4Zhx/?lang=pt#>> Acesso em: 03 de junho de 2021. *Psicol. Soc.* 26 (spe2), 2014.

SCHOPENHAUER, A. Fragments para a história da filosofia. São Paulo: Editora Iluminuras, 2003.

SHUARE, M. A psicologia soviética: meu olhar. São Paulo: Terracota editora, 2017.

SILVA, A. C. As Categorias como Fundamentos do Conhecimento Geográfico. In: SANTOS, M.; SOUZA, M. A. (Orgs.). Espaço Interdisciplinar. São Paulo: Nobel, 1999.

SILVA, F. L. O poético e o factual na letra da canção “O bêbado e a equilibrista”. Disponível em: <<https://revistas.unipam.edu.br/index.php/revistaalpha/article/download/4835/2559>>. Acesso em: dezembro de 2024. *Revista Alpha*, Patos de Minas, 17(1):115-127, jan./jun. 2016.

SILVA, R. D. G.. Um olhar feminino na música sertaneja: aspectos do discurso e dos valores do Femininejo. Disponível em: <<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/25138>>. Acesso em abril de 2024. *Brazilian Journal of Development*, 7(2), 18616–18628., 2021.

SILVEIRA, F. L. Potência de tração de um veículo automotor que se movimenta com velocidade constante. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbef/a/SVrNztqYDF7p7jfjChD5DPq/?lang=pt>>. Acesso em 18 de maio de 2023. *Rev. Bras. Ensino Fís.* 33 (1); Mar 2011.

SIMIONI, A. P. C. Modernismo brasileiro: entre a consagração e a contestação. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/perspective/5539>>. Acesso em: 24 de maio de 2024. *Perspective*, 2013.

SKINNER, B. F. O Comportamento Verbal. São Paulo: Cultrix / Editora da Universidade de São Paulo, 1978.

SMOLKA, A. L. B. A teoria histórico-cultural do psiquismo humano em perspectiva: condições e implicações de uma psicologia concreta. *Revista Brasileira da Pesquisa Sócio-Histórico-Cultural e da Atividade*. Vol. 3; Nº 2; Ano 2021.

STETSENKO, A. e ARIEVITCH, I. Vygotskian collaborative project of social transformation: History, politics, and practice in knowledge construction. *The International Journal of Critical Psychology*, 12(4), 58-80. 2004.

SOARES, T. Percursos para estudos sobre música pop. In: SÁ, Simone Pereira de; CARREIRO, R.; FERRARAZ, R. (Orgs.) Cultura pop. Salvador: EDUFBA/Brasília: Compós, 2015.

_____. Abordagens Teóricas para Estudos Sobre Cultura Pop. *In Logos*, 2(24), 2014.

SOLER, A. M. A prudência em Tomás de Aquino: Uma breve análise dos primeiros nove artigos da questão 47, II seção, II parte, da Suma de Teologia.. Tabulae - Revista de Filosofia, v. 01, p. 106-113, 2013.

SOUSA, E. A. Silvia Lane: uma contribuição aos estudos sobre a Psicologia Social no Brasil. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2009000100018&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 27 fev. 2023. Temas psicol., Ribeirão Preto, v. 17, n. 1, p. 225-245, 2009.

SOUZA, J. C. Marx em busca do corpo e da substância absoluta (a peleja de Marx contra Marx Stiner em torno da individualidade soberana e das peias do espírito). Disponível em: <https://hdl.handle.net/20.500.12733/1576708>. Acesso em: 17 abr. 2024. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciencias Humanas, Campinas-SP, 1990.

SOUZA, V. L. T. e ANDRADA, P. C. Contribuições de Vigotski para a compreensão do psiquismo. Estudos de Psicologia. Campinas. 30(3). pp. 355-365. julho - setembro, 2013.

SOUZA, V. I. T. O rap da Felicidade e o rap do Silva: Música de protesto? Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revistadatulha/article/view/159982>.. Acesso em: 4 maio. 2024. Revista da Tulha, [S. l.], v. 6, n. 1, p. 167–193, 2020.

SUMAN, K. O jabá no rádio FM: Atlântida, Jovem Pan e Pop Rock. Dissertação de mestrado. Disponível em: <<http://repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2613>>. Acesso em: 20 de maio de 2024. São Leopoldo - RS: Unisinos, 2006.

TEPERMAN, R. Se liga no som: as transformações do rap no Brasil. São Paulo: Claro Enigma, 2015

TINHORÃO, J. R. História social da música popular brasileira. São Paulo: Ed. 34, 1998.

TOASSA, G. “Atrás da consciência, está a vida”: o afastamento teórico Leontiev-Vigotski na dinâmica dos Círculos Vigotskianos. Educ. Soc., Campinas, v. 37, nº. 135, p.445-462, abr.-jun., 2016.

_____. Conceito de liberdade em Vigotski. Psicologia: Ciência e Profissão, v. 24, n. 3, p. 2–11, set. 2004.

VELASCO, T. Pop: em busca de um conceito. Disponível em:

<<https://periodicos.ufsm.br/animus/article/view/2376/2466>>. Acesso em: 26 de abril de 2024. Animus: Revista Interamericana de Comunicação Midiática, Santa Maria, v. 9, n. 17, jan./jun. 2010.

VIANNA, H. O mistério do samba. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

VICENTE, E. Música e Disco no Brasil: A trajetória da indústria nas décadas de 80 e 90. Tese de doutorado. São Paulo: USP, 2002.

VIGOTSKI, L. S. Psicologia da Arte. São Paulo: Martins Fontes, 1999(a).

_____. Obras Escogidas III: problemas del desarrollo de la psique. Madrid: Visor, 2000(a).

_____. A crise dos sete anos. Traduzido por Delari Jr. de: VIGOTSKI, L. S. La crisis de los siete años. Obras escogidas IV: Psicología Infantil. pp. 377-386. Madrid: Visor, 2006.

_____. O significado histórico da crise da psicologia. Uma investigação metodológica. In Teoria e Método em psicologia. São Paulo: Martins Fontes, 1999(b).

_____. Manuscrito de 1929 [Psicologia concreta do homem]. In Educação e Sociedade. N. 71. Campinas: Cedes. p. 21-44, 2000(b).

_____. A construção do pensamento e da linguagem. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

_____. História do desenvolvimento das funções mentais superiores. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2021.

_____. Sete aulas de L.S. Vigotski sobre os fundamentos da pedologia. Rio de Janeiro: EPapers, 2018.

_____. A imaginação e seu desenvolvimento na infância e O problema da vontade e seu desenvolvimento na infância In O desenvolvimento psicológico na infância. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. A formação social da mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo, Martins Fontes, 2007.

_____. A brincadeira e o seu papel no desenvolvimento psíquico da criança In Revista Virtual de Gestão de Iniciativas Sociais. Nº 11; pp. 23-36; junho de 2008.

VILELA, I. Caipira: cultura, resistência e enraizamento. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ea/v31n90/0103-4014-ea-31-90-0267.pdf>. Acesso em: 25 de abril de 2024. Estudos Avançados, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 267-282, 2017.

WOLPIN, S. Temas sobre filosofia oriental. Disponível em: https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=2E6Jvx3PYaAC&oi=fnd&pg=PA9&dq=filosofia+oriental&ots=eVnSChAmO2&sig=eHh_mYWCfCTbmXu4g-C5sfN7CNs#v=onepage&q=filosofia%20oriental&f=false . Acesso em: 01 de agosto de 2022. Buenos Aires: Editora Kier, 1989.

YAMAMOTO, O. H. Políticas sociais, ‘terceiro setor’ e ‘compromisso social’: perspectivas e limites do trabalho do Psicólogo. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/46LtrL9mrmqbpGFFgHKBHLv/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 27 de fevereiro de 2023. *Psicologia e Sociedade*; 19 (1): 30-37; jan/abr. 2007.

YASNITSKY, A. Vygotsky Circle as a Personal Network of Scholars: Restoring Connections Between People and Ideas. Integr Psych Behav. 45. pp. 422–457, 2011.

YASNITSKY, A. e VAN DER VEER, R. (Orgs.) Revisionist revolution in Vygotsky studies. Londres: Routledge, 2016.

YASNITSKY, A.; VAN DER VEER, R.; FERRARI, M. (Orgs.) The Cambridge Handbook of Cultural-Historical Psychology. Londres: Cambridge University Press, 2014.

ZAN, J. R. Jovem guarda: música popular e cultura de consumo no Brasil dos anos 60. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/muspop/article/view/12970>. Acesso em: 26 abr. 2024. Música Popular em Revista, Campinas, SP, v. 2, n. 1, p. 99–124, 2013.

ZAVERSHNEVA, E. The way to Freedom: Vygotsky in 1932 (in Revisionist revolution in Vygotsky studies). *Journal of Russian and East European Psychology*, 48(1), 61–90. 2010.

ZAVERSHNEVA, E e VAN DER VEER, R. (Orgs.) Vygotsky's notebooks. A selection. Singapore: Springer Nature, 2018.

ZEN, E. T. e SGARBI, A. D. O método dialético na história do pensamento filosófico ocidental. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Kinesis/7.elieserantonio.pdf> >. Acesso em: 08 de agosto de 2022. *Kinesis*, Vol. X, n° 22, p.79-96; Julho 2018.

APÊNDICE A - OS ESTILOS MUSICAIS

Esta seção abordará algumas características dos gêneros musicais que foram levantados, favorecendo a contextualização das músicas e tendências.

Samba

Sobre o gênero musical samba, que se fez presente em nosso levantamento predominantemente na década de 1970, pode ser definido como uma canção popular “acompanhada por instrumentos de percussão e cordas dedilhadas aos quais pode ser acrescida uma infinidade de instrumentos solistas ou acompanhadores” (Iphan, s/d; pp. 24-25) e tem sua origem atribuída a ritmos de países africanos, especialmente Angola. Existem relatos de viajantes europeus narrando as festas da elite de Salvador e de cidades de Pernambuco, ainda no Brasil colônia (Séc. XVIII), durante as quais se mantinha a tradição européia até determinado momento da festa, quando então as modinhas e lundus, que são músicas e danças que fundiam tradições africanas e ibéricas, iniciavam (Vianna, 2007).

O termo “samba” - que pode remeter ao termo angolano “sámbo”, equivalente a “divertir-se, brincar”, ou ainda ao termo “sàmbo”, que designa uma dança na qual os participantes batem o peito uns nos outros - foi registrado para designar o gênero de uma música pela primeira vez num disco brasileiro no ano de 1917, composta por Donga com parceria de Mauro de Almeida, intitulada “Pelo Telefone”, a música era uma “articulação de lundu-maxixe-samba” (Iphan, s/d; p. 19).

A origem desse gênero musical é relacionada à abolição dos negros escravizados no Brasil, especialmente em Salvador e no Rio de Janeiro - para onde migraram muitos ex-escravizados baianos depois das revoltas de 1831 -, onde surgiram casas de santo (praticantes do Candomblé) e redutos de moradias localizadas em morros para essa população, o que contemporaneamente se conhece como favelas.

A falta de signos potencialmente utilizáveis na construção de uma identidade nacional própria pelas elites nacionais internacionalizadas e, mais tarde, o próprio nacionalismo exacerbado utilizado por Vargas como instrumento de governo favoreceriam as primeiras organizações de sambistas que se reúnem por volta de 1928 no Estácio, em Oswaldo Cruz e nos morros da Favela e da Mangueira (Iphan, s/d; p. 19).

Assim, as organizações sambistas se tornaram comunidades que propiciaram “nexo de coletividade comum” (Iphan, s/d; p.19) e o carnaval, com seus desfiles e bailes, começou a ter o apoio de imprensa e comerciantes. Um grupo de sambistas intitulado “Deixa Falar”, composto exclusivamente por negros, foi quem deu início ao samba que se consolidou como a música de carnaval e que repercutiu nas demais comunidades negras do Rio de Janeiro (Iphan, s/d).

O Iphan (s/d) elenca três grandes tipos que demarcam os demais subtipos de samba: o *partido-alto*, que seria mais demarcado pelas raízes africanas e é interpretado como um desafio entre dois ou mais músicos que podem contar com um coral e que tem uma especificidade rítmica na qual o pandeiro produz uma espécie de interrupção, quebra, “partida” que possibilita que muitas rodas conduzam o ritmo por meio de palmas e com alternâncias entre solo e coro⁷⁷; o *samba de terreiro*, que se define pelo tema e espaço, pois ocorre nos terreiros, sendo que esse termo designa tanto as casas de religiões de matriz africana como também os quintais das casas e a área comum das escolas de samba e assim considera uma diversidade estilística, contando com improvisos, podendo ser assim classificados pelos próprios sambistas⁷⁸; e os *samba-enredo*, que possuem letras com narrativas e “sonoridade pujante da bateria”⁷⁹ (p. 36).

... a transformação do samba em música nacional não foi um acontecimento repentino, indo da repressão à louvação em menos de uma década, mas sim o coroamento de uma tradição secular de contatos (...) entre vários grupos sociais na tentativa de inventar a identidade e a cultura popular brasileiras (Vianna, 2007; p. 34).

Se voltarmos os olhos aos grandes compositores de música popular dos anos 1930 veremos que grande parte deles provinha de estratos sociais de baixa renda. No samba carioca (Cartola, Geraldo Pereira, Wilson Batista, Nelson Cavaquinho, Ataulfo Alves) e na música caipira, em São Paulo (Cornélio Pires, Zico Dias, Ferrinho, Raul Torres, Mineiro e Manduzinho, João Pacífico, e nos anos 1940 Tonico e Tinoco, Zé Carreiro e Carreirinho, Sulino e Marrueiro). A música produzida por esses artistas atuou como cronista de todos esses povos que não tiveram uma outra maneira de contar a sua história (Vilela, 2017; pp. 268-269).

Dessa forma, o samba se constituiu por pessoas historicamente subalternizadas e em um momento subsequente ao qual precisaram se adequar ao mercado na venda de sua força de trabalho, antes escravizada, bem como

⁷⁷ Um exemplo de partido-alto seria a música “Não vem”, de Candeia (p. 26).

⁷⁸ Um exemplo possível é o samba “Velho Estácio”, de Cartola (p. 33).

⁷⁹ Um exemplo possível é o samba “Chega de demanda”, de Cartola (p. 37).

reorganizar suas moradias, suas religiosidades, suas relações comunitárias. E se popularizou graças a, entre outros fatores, um clima de descoberta e valorização de expressões tipicamente nacionais características da fase modernista.

Foi ao longo da década de 1920, quando muitos artistas brasileiros usufruíram de longas estadias em Paris com vistas a aprimorar seus estudos, que, curiosamente, as particularidades da cultura brasileira passaram a lhes interessar. (...) Alçado à condição de primeiro movimento genuinamente brasileiro e compreendido como um grito da consciência nacional, o modernismo garantiu a certos grupos e a seus protagonistas um lugar de grande proeminência; eles tornaram-se, assim, símbolos culturais – e políticos – dos poderes de transformação oriundos das nações “periféricas”. (...) Se os anos 1920 foram o momento de efervescência do modernismo em formação, a década de 1930 pode ser considerada a época de maturação e oficialização do movimento. O governo de Getúlio Vargas (1937-1945), visando a se contrapor ao liberalismo e ao regionalismo que caracterizaram a Primeira República, levou a cabo uma política centralizadora que objetivava produzir um “novo homem brasileiro”. Para tanto, a cultura e a educação tornaram-se dimensões prioritárias, responsáveis por moldar a “alma da nação” (Schwarzman, 1984). Uma série de políticas culturais foram implementadas no sentido de se promover a integração nacional por meio de símbolos que até hoje identificam os sinais de “brasilidade”, tais como a feijoada, a capoeira e o samba: práticas anteriormente combatidas, posto que associadas ao passado escravista, foram então consideradas sinais da convivência pacífica entre raças e culturas, permitindo celebrar a “mestiçagem” como elemento nacional integrador (Schwarcz, 1995) (Simioni, 2013).

Para além das perseguições que o samba sofreu e para além de uma forma de manifestação cultural de trabalhadores que ganhou repercussão, e talvez até mesmo por isto, o samba possibilitou algum grau de pacificação, apaziguamento das desigualdades de classes, unindo todos, enquanto grupo comum (brasileiros) em torno de um aparente mesmo interesse: carnaval, samba, Brasil e seu estereótipo. E a identificação, anteriormente vinculada à classe proletária, se reduz e é incorporada ao nacionalismo.

Sertanejo

Quanto ao estilo musical sertanejo, Da Silva (2018) menciona que o termo remete à forma como os interioranos campestres eram designados nos grandes centros e que o gênero musical teve origem nas regiões Sul, Sudeste e Centro-oeste do Brasil de misturas de ritmos e danças portuguesas e indígenas, como forma de narrar o cotidiano de quem vivia no campo, sendo também denominado caipira. Aos indígenas pode ser atribuída a “nacionalização da viola”, já que nações indígenas

teriam criado as primeiras cópias com base no instrumento português e incorporado em seu cotidiano por meio da convivência com os jesuítas (Antunes, 2012).

Vilela (2017) coloca ainda sobre a forma peculiar de tocar a viola no sertanejo, o que atribui aos dedos enrijecidos pelo trabalho do campo, o que dificultaria o dedilhar e a abordagem erudita da viola, bem como às cordas muito próximas às escalas:

A maneira como um catireiro ou um pagodeiro conduz ritmicamente o acompanhamento de uma música é singular e sua execução com o balanço e sotaque esperados seria muito difícil de ser conseguida para uma autoridade no instrumento não iniciada nos meneios caipiras. A maneira “não limpa” [com ruídos] de se tocar acaba por definir um novo padrão sonoro como ocorre na música flamenca, em que os violões são ajustados para terem as cordas rentes à escala para facilitar a execução de solos rápidos resultando disso o trastejar, que é o zumbir da corda no traste quando o instrumento é tocado com alguma força. Assim, o trastejado que é banido com todas as forças de uma execução erudita é um elemento de diversidade sonora na música flamenca e também na caipira (Vilela, 2017; p. 273. Comentários nossos).

A primeira dupla caipira a ganhar notoriedade no Brasil teria sido Mandi e Sorocabinha, no início da década de 1920. Mas foi Cornélio Pires quem teria promovido as primeiras manifestações culturais caipiras em São Paulo, no Colégio Mackenzie, em 1910:

Vieram cantadores de cururu e dançadores de cateretê, apresentou ao público urbano o romance cantado, chamado por ele de moda de viola. O sucesso de Cornélio foi notório, o que o fez começar a se apresentar, a partir de 1914 como contador de causos e a lotar teatros e cinemas reunindo pessoas de todos os estratos sociais (Vilela, 2017; p. 272).
... em 1929, bancou de seu próprio bolso a gravação de seis discos de música caipira, os quais tinham uma numeração própria, diferente dos discos da Columbia, gravadora instalada em São Paulo. Tinham também uma cor diferente no selo e só poderiam ser vendidos pelo próprio Cornélio. O que foi previsto como um fracasso tornou-se um sucesso de vendas. Cornélio partiu de São Paulo rumo ao interior em fins de maio de 1929 com dois carros abarrotados de discos. (...) Dois meses depois, (...) distante pouco mais de 200 km da capital, Cornélio enviou um telegrama à fábrica pedindo nova prensagem, pois já havia vendido tudo (Ferrete, 1985). Notamos aqui uma forte identidade cultural dos paulistas com essa música caipira que, embora nesse início produzida em grande parte por pessoas do meio rural, que se encontrava depreciado nas cidades, obteve uma forte aceitação no meio urbano (Vilela, 2017; p. 272).

Até os anos 1960, houve boa aceitação da música caipira, especialmente em São Paulo e região (Vilela, 2017). A partir dessa década, houve a capilarização do rock, gênero musical norte-americano que se manifestou no Brasil predominantemente, nessa ocasião, de forma menos contestadora e mais romântica, por meio da jovem guarda. Roberto Carlos, que tem três músicas

presentes em nosso levantamento na década de 1970, consolidou sua carreira como integrante do estilo da jovem guarda (assim como Erasmo Carlos, que tem parceria com ele em uma das músicas). Adiante abordaremos mais atidamente sobre o rock.

Como resposta a uma nova forma de capitalismo e modo de vida que se instaurou no pós-guerra pelo American Way of Life, movimentos como o existencialismo sartriano e a contracultura dos beats e depois dos hippies mexeram com as estruturas do mundo ocidental pela ação dos jovens e o mercado fonográfico respondeu a isso. O rock'n roll conquistava jovens em todos os espaços.

Uma vertente mais comportada e comercial desse rock chegou ao Brasil com amplo apoio da mídia e aqui recebeu o nome de jovem guarda. Um misto de música romântica jovem italiana com forte influência de The Beatles, essa música foi de encontro à música caipira. Os filhos dos migrantes nascidos na cidade viviam uma idiossincrasia forte em suas vidas: recebiam uma educação tradicional, caipira, em casa, e uma educação “moderna” na rua, no trabalho e na escola. O mercado fonográfico, percebendo essa brecha, investiu numa nova tendência que seria marcada pelos caubóis da cidade. Agora com temática urbana e mistura de ritmos tradicionais da música caipira com ritmos vindos dos Estados Unidos, como o country, a balada romântica e o próprio rock, as novas duplas sulcavam um novo caminho de sucesso totalmente diferente das searas de seus antecessores ainda presos no universo rural das boiadas e empreitas agrícolas (Vilela, 2017; p. 275).

A partir da década de 1970, com a dupla Chitãozinho e Xororó, insere-se o argumento romântico nas letras, dando origem ao sertanejo romântico, que substituiu o caipira no sucesso musical. Teria contado com influência estadunidense e incluído “boleros, orquestras, guitarras, teclado e bateria” em suas músicas (Da Silva, 2018; p. 223)

A partir da análise das canções é possível notar elementos dicotômicos e complementares entre si no que diz respeito ao imaginário social, como a solidão, o amor (em sua multiplicidade de sentidos e conotações), o beijo, o sexo, o álcool e o consumo, os três últimos presentes com maior frequência nas composições da versão mais recente do estilo, intitulada sertanejo universitário. Outro aspecto que merece ser ressaltado é a figura e participação da mulher nas canções a partir da perspectiva do homem, fato recorrente em praticamente toda trajetória histórica do estilo sertanejo (Da Silva, 2018; p. 223).

Na década de 1980, as novelas televisivas contribuíram com a disseminação do universo rural e da música sertaneja. Já na década de 1990, ganharam novo destaque músicas vinculadas à matriz caipira, passando a ser intitulada de modão ou música de raiz, em contraponto ao sertanejo, que passou a designar o estilo vinculado ao romântico e surgido na década de 1970.

Duplas como Pena Branca e Xavantinho, amparadas por artistas como Renato Teixeira, Milton Nascimento e Tavinho Moura, abriram um novo espaço de consumo musical com o resgate de canções brasileiras ligadas ao universo rural, mas não necessariamente caipiras. Emplacaram sucessos como Vaca Estrela e Boi Fubá, de Patativa do Assaré, Viola quebrada, de Mário de Andrade, e Peixinhos do mar, folclore norte-mineiro recolhido e adaptado por Tavinho Moura, além de canções como Cio da Terra, de Milton Nascimento e Chico Buarque. O público jovem que via com resistência e parcimônia as vertentes românticas da música sertaneja se abriu a essa nova sonoridade (Vilela, 2017; p. 276).

A partir do início dos anos 2000, atribuindo-se o período ao início do sucesso da dupla César Menotti e Fabiano, ganhou repercussão o gênero intitulado sertanejo universitário, que mescla o estilo com axé, pop, rock, abordando temáticas relacionadas a amor não correspondido, relações amorosas descompromissadas, sexo, festas, consumo de bens e álcool, sendo que nos anos iniciais isso se deu apenas com o enfoque da visão (e do eu lírico) masculino (Da Silva, 2018). Como nosso levantamento apontou (Quadro 7), a partir da década de 2000 este foi o estilo musical mais ouvido no Brasil.

Em 2013, em uma pesquisa chamada "Tribos Musicais" realizada pelo Ibope e publicada pelo Portal G1, o estilo sertanejo já era o mais ouvido do Brasil. Em 2019, o Portal G1 também ressalta a manchete: "Gusttavo Lima é o autor e intérprete da música mais tocada nas rádios do Brasil no primeiro semestre de 2019". Como faz todos os anos, o site Canaltech Divulga ranking das músicas mais ouvidas no aplicativo Spotify: em 2020 o primeiro lugar deste ranking ficou para a femineja Marília Mendonça, a "rainha da sofrência" – superando as funkeiras Anitta e Ludmilla (Silva, 2021; p. 18617).

Ao ano de 2011, entretanto, atribui-se o início do que seria uma resposta feminina no sertanejo universitário, que vem sendo denominada de "feminejo", cuja precursora seria a cantora Naiara Azevedo com a música intitulada "Coitado", que consistiria em uma resposta à música "Sou Foda" da dupla Carlos e Jader (Silva, 2021).

Enquanto eles diziam que "na cama te esculacho", "melhor que seu marido", "mas não se esqueça que eu sou vagabundo", ela dizia: "Coitado! Se acha muito macho. Sou eu quem te esculacho. Te faço de capacho. Se acha o bicho. Nem era tudo aquilo que contava pros amigos. Eu sempre te defino. Desanimador, prepotente e arrogante. Não serve pra amante, talvez nem pra ficante. Não se esqueça que no final de tudo quem vive de baixaria leva a fama de chifrudo" (Silva, 2021; p. 18617)

No estilo feminejo, mulheres incorporam e reproduzem as falas que eram atribuídas a comportamentos masculinos, típicas do sertanejo universitário, tais

como o consumo de bebidas alcoólicas, sexo descompromissado, amor não correspondido, mas agora no papel de protagonistas. Podem ser consideradas suas representantes Simone e Simaria, Marília Mendonça, Maiara e Maraísa (Silva, 2021). A capilarização desse gênero pode ser observado no levantamento do Quadro, na década de 2010.

Endossamos os apontamentos de Silva (2021) de que embora o feminejo traga a tona questões que perpassam as vivências das mulheres, muitas vezes com um viés crítico à subjugação masculina, as possibilidades de crítica desse estilo musical refletem mulheres com acesso a bens de consumo e não abordam críticas socioeconômicas, “deixam de lado importantes questões como classe, raça e renda, funcionando apenas como mero recorte que não contribui para a compreensão da complexa condição feminina” (Silva, 2021; p. 18623).

Rock’n Roll (rock) ao Punk

Sobre o Rock’n roll (rock), é um estilo musical e também pode ser considerado um movimento cultural que surgiu no Estados Unidos, derivado do blues, do jazz e com outras influências:

... escala pentatônica do blues, improvisação do jazz, marcação insistente das marchas militares, sutilezas rítmicas da rumba e do baião, melodiosidade da canção italiana, sequências harmônicas de compositores eruditos (...), efeitos sonoros acústicos ou eletrônicos da música de vanguarda, percussão africana, instrumentos típicos de países como a Índia e Japão (Mugnaini Jr., 2007; s/p).

Atribui-se o início formal do rock com a divulgação da música “Rock around the clock”, de Bill Halley, em 1955, no filme “Blackboard Jungle”, tendo ficado por oito semanas no primeiro lugar das paradas de sucesso da revista estadunidense Billboard. Hobsbawn (2003) coloca que a incorporação de elementos culturais de trabalhadores negros às classes média e alta e aos jovens brancos foi um fenômeno que ocorreu a partir da década de 1950, o que aconteceu com o rock que, a partir de influências negras se tornou um “idioma universal dos jovens” (Hobsbawn, 2003; p. 258).

O blue jeans e o rock se tornaram marcas da juventude “moderna”, das minorias destinadas a tornar-se majorias, em todo país onde eram oficialmente tolerados e em alguns onde não eram, como na URSS a partir da década de 1960 (Starr, 1990, capítulos 12 e 13). Letras de rock em inglês muitas vezes nem eram traduzidas. Isso refletia a esmagadora hegemonia cultural dos EUA na cultura popular e nos estilos de vida, [...] Seus estilos juvenis se difundiam diretamente, ou através da amplificação de seus sinais via a intermediária cultural Grã Bretanha, por uma espécie de osmose informal. Difundiam-se através dos discos e depois fitas, cujo grande veículo de promoção, então como antes e depois, era o velho rádio. Difundiam-se através da distribuição mundial de imagens; através dos contatos internacionais do turismo juvenil, que distribuía pequenos mas crescentes e influentes fluxos de rapazes e moças de jeans por todo o globo; através da rede mundial de universidades, cuja capacidade de rápida comunicação internacional se tornou óbvia na década de 1960. Difundiam-se ainda pela força da moda na sociedade de consumo que agora chegava às massas, ampliada pela pressão dos grupos de seus pares. Passou a existir uma cultura jovem global. (...) Foi a descoberta desse mercado jovem em meados da década de 1950 que revolucionou o comércio da música popular e, na Europa, o mercado de massa das indústrias da moda (Hobsbawm, 2003; pp.255-256).

O período de guerra fria, o aumento do poder aquisitivo da população jovem, a decadência da arte moderna - que defendia o não utilitarismo da arte -, a difusão de um modo de vida e consumo jovem, o advento da televisão divulgando modelos de vida, o aumento da quantidade de universitários, diversos fatores influenciaram para a existência de um “internacionalismo da cultura jovem nas sociedades urbanas”:

A ocorrência desses fenômenos [rock e seu estilo de vida] está intimamente relacionada com novos perfis adquiridos pela sociedade norte-americana em meados do século XX. A formação de um padrão de acumulação de capital baseado na adoção de novas tecnologias e novos modelos organizacionais do trabalho por Ford, o que resultou, dentre outras coisas, no estabelecendo do limite de oito horas diárias para a jornada de trabalho e na elevação dos salários, permitiu minar as resistências de setores radicais do sindicalismo e criar novos hábitos de consumo entre os trabalhadores. Essas medidas, combinadas com novos métodos de racionalização da produção propostos por Taylor que intensificaram a produtividade do trabalho; com a tese keynesiana sobre o papel da demanda como variável que impulsiona a produção; e com a ação reguladora do estado, culminaram num modelo de acumulação de capital que impulsionou a expansão da economia dos Estados Unidos especialmente a partir do final da Segunda Guerra (HARVEY, 1992). Tal modelo consiste num dos componentes de um processo mais amplo que Wright Mills definiu como a formação da “sociedade de massa”. Uma sociedade na qual a antiga classe média composta por empresários e profissionais liberais foi gradativamente substituída por um novo segmento de assalariados denominado white-collar; em que o “público” burguês clássico constituído por pessoas capazes de expressar opinião com certa independência, se converte em “massa”, ou seja, comunidades abstratas de indivíduos predispostas muito mais a assimilar ideias veiculadas pelos meios de comunicação do que formar opinião própria (MILLS, 1985). Essa nova configuração social combinada com a emergência de um pujante sistema de produção de bens simbólicos – a indústria cultural – compõe as bases da cultura de massa. A elevação da nação norte-americana à condição de potência econômica e militar do mundo ocidental no pós-guerra intensificou a expansão dessa cultura em escala mundial acompanhada pelo culto ao american way of life (Zan, 2013; pp. 101-102. Comentários nossos).

Zan (2013) expõe que o surgimento do rock fez emergir o “adolescente” e seu estereótipo de rebeldia, agressividade. Dessa forma, o rock se constituiu em uma manifestação cultural complexa, que extrapolou as fronteiras e se internacionalizou não somente na música, mas também nos hábitos de consumo e concepções vinculadas ao jovem. No Brasil, além de haver o consumo do rock estadunidense, houveram também, especialmente a partir da década de 1980, o surgimento de bandas brasileiras de rock. Mas, mesmo antes disso, a jovem guarda fazia uma leitura romântica do rock e a tropicália incorporou a guitarra elétrica em músicas com temáticas brasileiras.

A cultura comum de qualquer país urbanizado de fins do século XX se baseava na indústria da diversão de massa — cinema, rádio, televisão, música popular —, da qual participava a elite, certamente desde o triunfo do rock, e à qual os intelectuais sem dúvida deram um toque cerebral para torná-la adequada ao gosto da elite (Hobsbawn, 2003 ; p. 391).

Em 1957 teriam surgido as primeiras composições brasileiras de rock, intituladas “Rock and Roll em Copacabana”, de composição de Miguel Gustavo,

“Enrolando o rock”, de Betinho com Heitor Carrilho. Já Carlos Imperial teria sido o primeiro a estar à frente de um programa televisivo de rock no Brasil, em 1958, com o programa “Clube do Rock”.

Roberto Carlos teria iniciado sua carreira no início dos anos 1960 como compositor e intérprete. Nascido no estado do Espírito Santo em uma família de trabalhadores, mudou-se para Niterói-RJ e, junto com “Erasmo Carlos, Tim Maia, Jorge Ben (Benjor) e participou dos conjuntos The Sputniks e The Snakes” (Zan, 2013; p. 104); em 1963 teve seu primeiro sucesso, uma versão com Erasmo Carlos de uma música de sucesso internacional de Bobby Darin chamada “Splish Splash”. Em seguida, Roberto e Erasmo emplacaram outro sucesso intitulado “Parei na Contramão”.

Assim foi se consolidando a carreira dos apresentadores do programa da Jovem Guarda da TV Record, que estreou em 1965. Zan (2013) destaca que a concepção da jovem guarda foi idealizada e produzida por uma equipe de especialistas em propaganda e marketing, veiculada no referido programa junto à TV Record um ano após o golpe civil-militar e promovia não apenas um tipo de música popular e seus ídolos, mas também diversos produtos que eram associados a um estilo de vida jovem, fomentando novos hábitos de consumo no Brasil.

No que se refere às bandas de rock nacional nos anos 1980, inclusive, atualmente conhecido como “rock dos anos 80”, Groppo (1996) coloca que o fortalecimento se deveu a um impulsionamento do mercado de produtos fonográficos que era um negócio bastante rentável no Brasil até os anos 1970, com “70% dos trabalhadores entre 14 e 24 anos empregados no perímetro urbano” (Alexandre, 2002; p. 63) no país. Mas estava passando por uma fase de baixa nos lucros, tendo então utilizado da estratégia de mobilizar a juventude nesse momento histórico em que o punk rock estava ganhando notoriedade, já que na década de 1980 a “inflação ultrapassou 100% e o desemprego atingiu quase seis milhões de pessoas em 1982” (Alexandre, 2002; p. 63).

O perfil do jovem brasileiro era o de garotos que, de uma hora para a outra, perderam o acesso à diversão e ao consumo. Jovens que buscavam informação e que se sentiam excluídos, marginalizados e muito, muito raivosos. Eram punks, em outras palavras (Alexandre, 2002; p. 63).

Atribui-se o surgimento do punk a uma modificação do rock por volta dos anos 1970, há controvérsias se na Inglaterra ou nos Estados Unidos, por pessoas,

provavelmente trabalhadores, na convivência em ambiente de rua. As temáticas abordadas refletiam esse contexto e expressavam descontentamentos e necessidade de mudanças (Oliveira, 2011).

... o surgimento do punk está mais relacionado a experiências sociais vivenciadas no cotidiano das pessoas com ele identificadas do que a fenômenos massivos de divulgação ou de uma indústria da cultura e do entretenimento (embora esse aspecto tenha contribuído para –ou pelo menos antecipado –o conhecimento do punk em certos lugares) (Oliveira, 2011; p. 130).

O punk era mais do que um estilo musical, era uma reformulação de valores. Os fanzines, como o Sniffin' Glue, eram seu meio de divulgação. Nada da imprensa oficial: as notícias agora eram transmitidas de fã para fã, através de informativos de tiragem baixíssima, distribuição direcionada, impressos em máquinas Xerox, tratando, naturalmente, de grupos absolutamente obscuros. Se ninguém fala de sua banda predileta, fale você. Os “artistas” se multiplicavam como ratos no lixo. Ora eram formações que revitalizavam o ska (ritmo jamaicano pré-reggae) como o Specials ou o Police, ora eram máquinas politizadas como o Clash. Se nenhum artista faz a música que você quer ouvir, faça você. Os selos independentes surgiam em toda parte, os programas de rádio se alastravam, as bibocas que atendiam por “casas noturnas” se tornavam mais comuns. Era o “do it yourself”, faça você mesmo, o principal mote punk (Alexandre, 2002; p. 62).

Redson, integrante de uma das primeiras bandas punk rock do Brasil, denominada *Cólera*, definiu o estilo como: “música simples, objetiva, sem muito enfeite, mas com mensagens fortes” (Alexandre, 2002; p. 67). O final dos anos 1970 agregou pessoas que moravam nas periferias, especialmente jovens em São Paulo, interessados em músicas críticas, mas sem recursos e produzindo da forma como conseguiam. Em novembro de 1979, Kid Vinil, ou Antônio Senefonte, foi aprovado para apresentar um programa de rádio, em 1980 o movimento punk rock lançou um mini festival divulgado com a frase “torne este carnaval sem efeito ouvindo punk rock”, tendo ocorrido o primeiro carnaval punk que aglutinou bandas de toda a cidade. Desde então, shows eram divulgados na rádio, houve o surgimento de mais bandas punk, uma loja de discos explicitamente do estilo musical foi aberta e o punk também ficou pop (Alexandre, 2002).

MPB

Já o estilo musical MPB vem sendo colocado como genérico, porque, pela designação *música popular brasileira*, seria possível abarcar em concepção literal,

segundo músicos⁸⁰ e estudiosos, todas as músicas compostas e cantadas em português do Brasil e que se tornaram populares.

Segundo veiculado em jornal⁸¹, Gilberto Gil, cantor e compositor que fez parte da tropicália, teria dito:

Sempre tivemos um viés ideológico com essa questão na tropicália, que, na época, foi considerada um acinte e uma traição à MPB. Depois foi incorporada à MPB. Mas o segmento MPB continuou a ser específico, com algumas discriminações. Ficou sendo o samba, a canção popular sofisticada.

O termo MPB, que já era utilizado anteriormente, teve sua concepção modificada após a década de 1960, com o surgimento da bossa nova, os festivais universitários de canções e, posteriormente ao golpe civil-militar de 1964, a adesão e divulgação de posturas críticas (Napolitano, 1998). Segundo Tinhorão (1998) se constituiu eminentemente de releitura da classe média carioca de estilos musicais nacionais como o samba, com influências de jazz e posteriormente, aliados ao circuito universitário também de São Paulo. Ambos os autores identificam como ouvinte padrão desse gênero musical a classe média com grau de instrução razoavelmente elevado (ensino médio, antigo ginasial, em diante).

As canções de MPB seguiram sendo objetos híbridos, portadores de elementos estéticos de natureza diversa, em sua estrutura poética e musical. A "instituição" incorporou uma pluralidade de escutas e gêneros musicais que, ora na forma de tendências musicais, ora como estilos pessoais, passaram a ser classificados como MPB, processo para o qual a crítica especializada e as preferências do público foram fundamentais. No pós-Tropicalismo elementos musicais diversos, até concorrentes num primeiro momento com a MPB, passaram a ser incorporados sem maiores traumas. Neste sentido concordamos com Charles Perrone quando ele define a MPB mais como um "complexo cultural" do que como um gênero musical específico. Acrescentamos que este "complexo" cultural sofreu um processo de institucionalização na cena musical, tornando-se o seu centro dinâmico (Napolitano, 2002b; p. 2).

O que nos parece é que devido à diversidade sonora da música produzida no Brasil, tudo aquilo que não pode ser classificado como samba (e seus tipos), sertanejo (e seus tipos), rock, pop (considerando o pop, em seu conceito e origem, como manifestação internacional) ou outra classificação específica e que tem composição, interpretação e sonoridade brasileira, comumente o é e foi aqui denominado como MPB. O que implica, inclusive, que estilos musicais que se

⁸⁰ Folha de São Paulo (FSP), 06/01/96, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/08/ilustrada/10.html>>. Acesso em: 26 de abril de 2024.

⁸¹ Folha de São Paulo (FSP), 06/01/96, disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/1/08/ilustrada/10.html>>. Acesso em: 26 de abril de 2024.

colocaram, à época, contrários ao que fora denominado a MMPB (Moderna Música Popular Brasileira) das décadas de 1950-1960 e derivada da bossa nova, por exemplo o tropicalismo, aqui estão classificados como MPB, porque o são classificados assim contemporaneamente.

Portanto, o termo MPB aqui considerado se aproxima mais das definições de Napolitano (1998, 2002a, 2002b) quando propõe, em sentido mais estrito, o estilo musical que, tendo sido composto e interpretado por brasileiros, guarda elementos de estilos musicais brasileiros e é herdeiro de três movimentos históricos (Napolitano, 1998) constitutivos: (1) as influências da música popular urbana das décadas de 20 e 30 (com Ataulfo Alves, Pixinguinha, Noel Rosa, Lamartine Babo), do samba, da valsa, do choro, do baião e do bolero; (2) a influência da bossa nova e suas variantes (representantes como Tom Jobim, Vinícius de Moraes, Nara Leão), a partir da década de 1960, com o deslocamento de classe da canção popular brasileira para a classe média, o circuito universitário e as críticas à internacionalização da música brasileira; (3) o abarcamento de críticas culturais como as feitas pelo tropicalismo e o engajamento político crítico no período de censura do governo civil-militar, após a década de 1970.

A definição e o próprio estilo não prescindem de críticas, muitas foram explicitadas por Tinhorão (1998), que expõe que o que se considerou como MPB a partir da década de 1960 não era nem popular e nem defendia as músicas de raízes brasileiras e que teria se constituído, na verdade, da impossibilidade de jovens de classe média vivenciarem e reproduzirem a riqueza musical e cultural de ritmos como o do samba e as realidades factualmente populares. Entretanto, o próprio crítico delimita dificuldades socioeconômicas para o desenvolvimento cultural em um país subalternizado como o Brasil:

Assim como nos países capitalistas, entre as quais o Brasil se enquadra, o modo de produção determina a hierarquização da sociedade em diferentes classes, a cultura constitui, em última análise, uma cultura de classes. (...) Em resultado, a cultura das camadas pobres acaba sendo submetida a uma dupla dominação: em primeiro lugar, porque se situa em posição de desvantagem em relação a cultura das elites dirigentes do país; e, em segundo lugar, porque esta cultura dominante não é sequer nacional, mas importada e, por isso mesmo, dominada (Tinhorão, 1998; pp. 09-10).

Inserido no que pode ser denominado como MPB, é possível incluir um grupo de músicas denominadas como canções de protesto, canções críticas ou canções de resistência, que referem-se a músicas brasileiras com engajamento

político surgidas a partir de meados do século XX e que, nesse início, foram associadas aos festivais de música popular brasileira que ocorreram no decorrer da ditadura civil-militar brasileira (Freire e Augusto, 2014), entretanto não está circunscrita a esse período e estilo musical, havendo estudos como o de Martins (2021) sobre as músicas utilizadas nos protestos ocorridos entre os anos de 2013-2016, Souza (2020) sobre o Rap, ou ainda Brandão e Bueno (2020) que abordam músicas de protesto do feminismo negro.

Pop

Similarmente à MPB no Brasil, o conceito de cultura e música “pop” é bastante abrangente. Como uma sigla ou diminutivo de “popular”, o termo é amplamente utilizado para designar “literatura, produções cinematográficas, fotografia, moda, jornalismo etc.” (Velasco, 2010; p. 116).

De acordo com Soares (2015), o pop se refere àquilo que é largamente disseminado por diversos meios e consumido abrangentemente, ou seja, trataria-se de uma popularização graças à acessibilidade rentável. Entretanto, o mesmo autor aponta que isso não invalida que este segmento cultural promova inovação e criatividade. De qualquer forma, nominalmente pop ou não, citando a música brasileira: “o pop não poupa ninguém” e, havendo penetração mercadológica, existem interesses hegemônicos envolvidos. De toda forma, isso não pode ser concebido sem as contradições que permeiam, já que o que é popular o é porque de alguma forma representa o modo de pensar e se organizar dos trabalhadores.

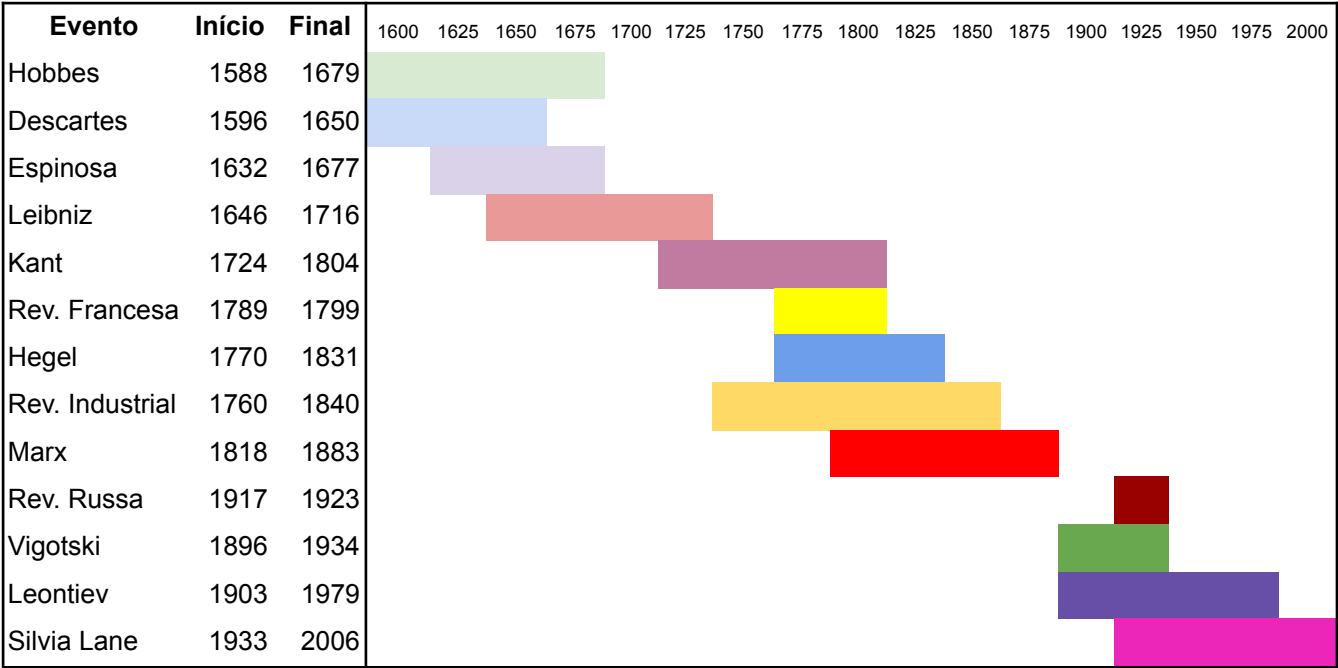
Martin-Barbero (2008) recorre a explicação de A. Cirese sobre a concepção gramsciana de popular para defender que o valor da cultura popular está “na capacidade de representar o modo de viver e pensar das classes subalternas, as formas como sobrevivem e as estratégias através das quais filtram, reorganizam o que vem da cultura hegemônica, e o integram e fundem com o que vem de sua memória”. Mas quando olhamos de forma mais cuidadosa os usos de pop como sinônimo de popular, percebemos que, de fato, está sendo utilizado como sinônimo de cultura de massa – algo produzido em série e industrialmente para o consumo de uma grande quantidade de pessoas (Velasco, 2010; p. 117).

Velasco (2010) explicita que a concepção de pop relacionada ao que é destinado ao consumo de uma grande quantidade de pessoas e também com o ideário jovem se impõe desde os anos 1950-60. Mas foi a partir dos anos 1970 que o mercado pop deixou de ser destinado às pessoas com idade jovem e passou a ser associado a pessoas com espírito jovem, promovendo discursos de valorização da

juventude a despeito da faixa etária. O marco coincide com o período em que foi identificada a primeira música pop no Quadro, na década de 1980, tendo alcançado sua máxima expressão, de acordo com o mesmo levantamento, nas rádios do Brasil, na década de 1990.

Assim sendo, o pop será aqui considerado, no âmbito do estilo musical, com a finalidade de análise das músicas levantadas no Quadro, como englobando as músicas internacionais de “grande circulação e profundamente marcadas pelas imposições do capital” (Soares, 2014; p. 41) e que não possam ser classificadas nos demais gêneros específicos.

APÊNDICE B - Eventos históricos



APÊNDICE C - Análise teses e dissertações CAPES

A n o	Univer sidade	M s/ D r	Orient ador	Autor	Título	Excerto	Link
19 91	Pontifi cia Univer sidade Católic a de São Paulo	M s	Silvia Tatiana Maurer Lane	Paulo Roberto de Carvalho	A CANDIDATUR A DE CATERINE KOLTAI: UMA ABORDAGEM PSICOSOCIAL DE UM EVENTO HISTORICO E POLITICO PARTIDARIO		Trabalho anterior à Plataforma Sucupira - DADOS NÃO ENCONTRAD OS
19 92	Pontifi cia Univer sidade Católic a de São Paulo	D r	Salvad or Antonio Meirell es Sandov al	Lucilia Augusta Reboredo	DA SERIALIDADE A INSTITUCION ALIZACAO UM ESTUDO DO MOVIMENTO DE UM GRUPO QUE SE AFIRMA E SE NEGA NA (DES)CONST RUCAO DO SER FAVELADO		Trabalho anterior à Plataforma Sucupira - DADOS NÃO ENCONTRAD OS
19 98	UNIVE RSIDA DE DE SÃO PAUL O	M s	Schmid t, Maria Luisa Sandov al	Ribeiro, Marcelo Afonso	ENEP (Encontro Nacional dos Estudantes de Psicologia): história e memória de um movimento (1998)	Conclui que o movimento estudantil na Psicologia carece de uma maior organização, continuidade e legado histórico, muitas vezes se tornando um fim em si mesmo, mas que o ENEP constitui importante espaço de influência na formação de futuros psicólogos. Essa é a trilha: caminhos da história e da memória - sempre em eterno movimento..	https://repositorio.usp.br/item/000988568
19 98	PONTI FÍCIA UNIVE RSIDA DE	M s	Silvia Tatiana Maurer Lane	José Carlos Duarte	Movimento da consciência de um trabalhador com L.E.R.: um estudo de	Neste trabalho, buscamos analisar o movimento da consciência de um trabalhador com lesões por esforços repetitivos (L.E.R),	https://sapientia.pucsp.br/handle/17285

	CATÓLICA DE SÃO PAULO				caso	considerando o contexto histórico e social em que este trabalhador está inserido. Para isso, revimos algumas idéias sobre consciência, emoções e processo saúde/doença, assumindo a teoria sócio-histórica de Vigotski e a concepção de Laurel sobre as relações saúde e trabalho como nossos pressupostos.	
2002	PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO	Dr	Safra, Gilberto	Kahtuni, Haydée Christine	Uma analista em movimento: momentos transformadores e formativos	Esta é uma investigação em psicanálise e tem como objetivo apontar alguns momentos transformadores e constitutivos da identidade e do posicionamento da autora como analista.	https://buscain.tegrada.pucsp.br/vufind/Record/150610/Description#tabnav
2003	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	Ms	Andréa Vieira Zanella	Daiani Barboza	O movimento de potência e/ou impotência de ação dos catadores de material reciclável de Criciúma/SC no que se refere à construção da sua cidadania	Deriva dessa condição um sentimento de impotência de ação, de impossibilidade de transcendência da situação atual que paralisa e aprisiona as pessoas em um eterno movimento de reiteração. Um ciclo permanentemente marcado pela luta cotidiana, que garante aplacar as necessidades básicas de sobrevivência, mas que permite pouco espaço para as lutas necessárias à superação dessa mesma condição.	https://www.fe.unicamp.br/pf-fe/publicacao/2430/53-artigos-barbosadetal.pdf
2003	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Dr	Ferreira, Maria Clotilde Therezinha Rossetti	Ana Paula Soares da Silva	Continuidade e descontinuidade de si na narrativa de homens que tiveram envolvimento com o crime	A partir da utilização de conceitos advindos das perspectivas da identidade narrativa, Dialogical Self e Rede de Significações, defende-se que continuidades e descontinuidades acontecem num movimento de figura e fundo de posicionamentos mediados por relações sociais e culturais, permitindo a	https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-09062009-154727/es.php

					existência de "novas" e "velhas" posições, oriundas do tempo histórico, do tempo vivido e do aqui e agora. Partindo desses pressupostos, o objetivo do trabalho é investigar como a relação entre continuidade e descontinuidade de si se articula na narrativa dos participantes e como, numa situação de entrevista autobiográfica	
2005	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Marcos	Antonio da Costa Ciampa	Pacheco, Katia Monteiro de Benedetto	O processo de metamorfose da identidade do paciente amputado	objetivo foi compreender o processo de metamorfose da identidade da pessoa com amputação. Nesse sentido, ser-para-si é sair da mesmice, é a expressão da autonomia em direção a mesmidade e à emancipação. Esta autodeterminação nos possibilita sair do movimento de reposição e buscar o outro "outro" que também somos, ou seja, o "outro" que queremos ser pela superação da identidade pressuposta https://www.revistas.usp.br/artefisiologica/view/102746
2008	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo	Dor	Silvia Tatiana Maurer Lane	Fabri, Adjuto de Eudes	Categorias que constituem a compreensão do humano e os enlaces entre consciência, subjetividade e significação na abordagem vigotskiana	A gênese é este movimento dialético poético em que o mesmo se faz outro e o idêntico se contradiz. A tese da materialidade do signo permite tratar de um outro patamar as relações entre as tramas sociais e a constituição da subjetividade. O signo enquanto fragmento material da realidade coloca-se como uma dimensão concreta das lutas sociais e da constituição do humano. Esta tese não será suficiente para materializar uma densa psicologia concreta do homem. Mas pode falar em nome de um projeto que vá em sua direção. https://ariel.pucsp.br/handle/handle/17250

2010	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	D	Mara Coelho de Souza Lago	Resende, Mário Ferreira	Itinerários de si: entre a permanência e a mudança	O processo pelo qual se converte uma forma de subjetividade em outra constitui um intervalo, um hiato entre dois vir a ser subjetivos, distância entre o que deixei de ser e o que sou agora. O trânsito de uma identidade a outra expõe a sua radicalidade histórica: a constituição contingencial diante das forças positivas de seu tempo que delimita, recorta e hierarquiza as formas válidas de ser sujeito. O trabalho também buscou mostrar que esse lugar de enunciação da mudança produz movimentos outros e dá abrigo a vozes que não foram capturadas e reconduzidas a posições identitárias. Nesse caso, o gesto que nos lança ao movimento de mudança articula-se potente quando o que resta coincide com o que é suficiente para continuar.	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/94324
2010	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/RIBEIRÃO PRETO	M	Romão, Lucília Maria Sousa	Ludmila Ferrarezi	A biblioteca escolar nas teias do discurso eletrônico	Objetiva, assim, analisar discursivamente os movimentos do sujeito e dos sentidos nas páginas eletrônicas sobre biblioteca escolar, observando se a rede eletrônica configura-se como o lugar da tão aclamada possibilidade de emergência do sujeito e de dizeres polissêmicos, que façam surgir sentidos além do dominante.	https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-12112013-163230/pt-br.php
2011	UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA	M	Maria Lucia Castilho Romera	Aline Miranda Schwartz de Araújo	Oficinas Itinerantes: Uma Idéia, Um Obstáculo, Um Movimento Constituinte De Subjetividades	na Geografia de Milton Santos, que diz: «Tudo está sujeito a lei do movimento e da renovação, inclusive as ciências. O novo não se inventa, descobre-se. Nosso questionamento é: depois de delimitado o espaço da loucura nos conceitos científicos, sociais e culturais, como pode ser reconstruído	http://www.pgpsi.ufu.br/nod/e/125

						seu espaço particular e subjetivo na sociedade contemporânea?	
2011	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO/RIBEIRÃO PRETO	Maria Sousa	Romão, Lucília	Daniela Giorgenon	Sentidos de inclusão e exclusão na voz de sujeitos escolares: o deslocamento do déficit pela via da falta	O nosso corpus de análise é constituído por recortes dessas entrevistas transcritas, agrupados em quatro entradas discursivas que abordam a formação discursiva da "falta" tomada na vertente da "falha", ora como provocadora de estagnação ora como provocadora de movimentos para seu tamponamento. Assim, escutamos como se dá o embate com o (im)possível de dizer e de fazer sobre/com a inclusão escolar e sobre/com a criança e o adolescente categorizados pelo discurso científico positivista sob o traço da "deficiência mental".	https://teses.usp.br/teses/disponiveis/59/59137/tde-21102013-164115/pt-br.php
2014	UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE	Maria Bouças Coimbra	Cecília Maria Bouças Coimbra	VALLE, LIVIA FORTUNADO	UMA CIDADE EM MOVIMENTO, OU: INCONCLUSOS ROSTOS ROMPEM CÁRCERES	Entre fragmentos e movimentos: dos encontros, compor tentativa – de escutar, narrar. No atual contexto da cidade em lutas, episódios são evocados por uma escrita que performa um lugar poético em meio aos acontecimentos. O próprio desconhecimento do nome deste lugar lança uma aposta ética e política: o inominável como estratégia diante do intolerável. Produzindo uma multiplicidade, as resistências do presente restituem os conflitos e a 'crueldade', convidando as interpelações de Artaud como possibilidade de análise e produção de novos corpos e mundos. Enquanto uma concepção de sujeito é posta em suspensão, do teatro inventamos ferramentas para o momento, feito da possibilidade de ser algo que ainda não sabemos.	http://slab.uff.br/wp-content/uploads/sites/10/1/2021/06/2014_d_LiviaFortuna.pdf

2014	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (RIBEIRÃO PRETO)	Dr	LUCILIA MARIA ABRAHÃO E SOUSA	LUDMILA FERRAREZ	Nos (ciber)espaços de leitura: sentidos e sujeitos em trânsito	buscamos refletir sobre a leitura, a rede, o sujeito e a produção de sentidos, de uma maneira mais crítica e fecunda, que não leve em conta apenas as questões técnicas, ligadas à materialidade do arquivo, mas a sua dimensão político-ideológica. Procuramos analisar a produção e circulação de sentidos nos arquivos discursivos sobre a leitura, materializados em blogs, redes sociais e outras páginas eletrônicas voltadas para a questão das práticas de leitura, especialmente em ambientes comunitários, dentro e fora da Rede. Pretendemos analisar, também, como a língua significa em sua materialidade digital, observando os embates entre diferentes posições-sujeito e vozes discursivas imbricadas no corpus apresentado. Objetivamos ainda refletir sobre a ideologia como mecanismo de naturalização dos sentidos e produção de evidências sobre alguns discursos acerca da leitura, e não outros, marcando o que pode ou não ser dito	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=1024021
2017	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Ms	ADRIANA MARCONDES MACHADO	ANDRE RICARDO NADER	Entre a negação do manicômio e a afirmação de um modelo comunitário: Fabricando formas de luta	intenção é recuperar as noções de movimento e abertura implicadas na proposição central da reforma psiquiátrica brasileira – por uma sociedade sem manicômios –, aliando-a à ideia de comunidade que vem	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5262025
2017	UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO	Ms	GUSTAVO MARTINELLI	ALAN RIZERIO DA SILVA OLIVEIRA	Estudantes em movimento: Caminho e perspectivas	A análise teórica dos relatos centra-se em acompanhar o percurso contado pelos militantes dentro de duas	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/col

	PAULO		MASSOLA		de dois militantes estudantis do Instituto de Psicologia da USP em busca de transformação individual e social	grandes perspectivas. A da memória e o do devir. A partir delas tentaremos mostrar as transformações de identidade dos entrevistados ao longo do caminho e as transformações conquistadas no espaço coletivo. Este estudo pretende contribuir para a reflexão da militância estudantil.	eta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5045299
2018	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA	Ms	ANDREA VIEIRA ZANELLA	ALINE AMARAL SICARI	A cidade, a rua, as pessoas em situação de rua: (in)visibilidades e a luta por direitos	objetivo geral da pesquisa investigar os sentidos produzidos por pessoas em situação de rua a respeito dos processos de visibilidade e invisibilidade que a elas se dirigem na cidade. Os objetivos específicos foram: investigar os modos como as pessoas em situação de rua experienciam a cidade; analisar os discursos produzidos pelas pessoas em situação de rua sobre si, sobre os outros e sobre a cidade; e investigar a luta por direitos de pessoas que vivem em situação de rua	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5972210
2021	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SERGIPE	Ms	MICHELE DE FREITAS FARIAS DE VASCONCELOS	JOEMILLY NUNES DO NASCIMENTO	CONFLITUALIDADE DA SUBJETIVIDADE MARISQUEIRA: UM TERRITÓRIO DE CONTRADIÇÕES	Buscamos aqui contar desta caminhada e seus acontecimentos junto a mulheres que lutam por seus territórios, por direitos e, sobretudo, por existir e realizar sua potência. Trouxemos histórias, relatos transcritos, memórias, diálogos e questionamentos para pensarmos esse processo de fazer pesquisa acompanhando um movimento de mulheres e o movimento dessas e com essas mulheres	https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=11456554

APÊNDICE D - Levantamento músicas

	1970	1971	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979	Anos 70
1	Foi um Rio que passou em Minha Vida – Paulinho da Viola	Detalhes – Roberto Carlos	Alone Again – Gilbert O'Sullivan	O vira – Secos e Molhados	Feelings – Morris Albert	Moça – Wando	Juventude Transviada – Luiz Melodia	Amigo – Roberto Carlos	Night Fever – Bee Gees	O Bêbado e a Equilibrista – Elis Regina	Detalhes – Roberto Carlos – 1971
2	Pra frente Brasil – Coral de Joab	Tarde em Itapoã – Toquinho, Vinícius de Moraes e Marília Medalha	Ilu Ayê – Clara Nunes	Retalhos de Cetim – Benito Di Paula	Excuse me – Junior	Além do horizonte – Roberto Carlos	Meu Mundo e Nada Mais – Guilherme Arantes	Sonhos – Peninha	Outra vez – Roberto Carlos	Pai – Fábio Jr.	Juventude Transviada – Luiz Melodia – 1976
3	Jesus Cristo – Roberto Carlos	It's Too Late – Carole King	Fio maravilha – Maria Alcina	Sangue Latino – Secos & Molhados	Goodbye Yellow Brick Road – Elton John	I'm Not in Love – 10CC	If You Leave Me Now – Chicago	You light up my life – Debby Boone	Força Estranha – Roberto Carlos	Too Much Heaven – Bee Gees	Amigo – Roberto Carlos e Erasmo Carlos – 1977
4	Madalena – Elis Regina	Você abusou – Antonio Carlos e Jocafr	First Time Ever I Saw Your Face – Roberta Flack	Skyline Pigeon – Elton John	No silêncio da madrugada – Luiz Ayrao	Moro Onde Não Mora Ninguém – Agepê	À Flor da Terra (O que Será?) – Chico Buarque	Flor de Lis – Djavan	Sampa – Caetano Veloso	Le Freak – Chic	O Bêbado e a Equilibrista – Elis Regina – 1979
5	Yellow River – Christie	How Can You Mend A Broken Heart – Bee Gees	Rock And Roll Lullaby – B.J.Thomas	Eu Só Quero Um Xodó – Gilberto Gil	You make me feel brand new – The Stylistics	Paralelas – Vanusa	Chico Buarque de Hollanda – Meu Caro Amigo	I Just Want to Be Your Everything – Andy Gibb	How Deep Is Your Love – Bee Gees	Super Homem – Gilberto Gil	No silêncio da madrugada – Luiz Ayrao – 1974
6	Bridge Over Troubled Water – Simon and Garfunkel	Have You Ever Seen The Rain? – Creedence Clearwater Revival	Como vai você – Roberto Carlos	Killing Me Softly With His Song – Roberta Flack	O portão – Roberto Carlos	O mestre sala dos Mares – Elis Regina	Don't Go Breaking My Heart – Elton John & Kiki Dee	Best Of My Love – Emotions	Don't Let Me Be Misunderstood – Santa Esmeralda	I Will Survive – Gloria Gaynor	Retalhos de Cetim – Benito Di Paula – 1973
7	Azul da Cor do Mar – Tim Maia	Debaixo dos caracóis dos seus cabelos – Roberto Carlos	Summer Holiday – Terry Winter	Gostava tanto de você – Tim Maia	Don't Let The Sun Go Down On Me – Elton John	Like a locomotion – Left Side	Fly, Robin, Fly – Silver Convention	When I Need You – Leo Sayer	Dancing Days – As Frenéticas	YMCA – Village People	Ilu Ayê – Clara Nunes – 1972
8	Raindrops Keep Fallin' On My Head – B.J.Thomas	Ê Baiana – Clara Nunes	Casa No Campo – Elis Regina	Ouro de tolo – Raul Seixas	Love's Theme – Love Unlimited Orchestra	Flying (Turning Round) – Chris de Burgh	Nuvem passageira – Hermes Aquino	Menina de Cabelos Longos – Agepê	MacArthur Park – Donna Summer	Tragedy – Bee Gees	Foi um Rio que passou em Minha Vida – Paulinho da Viola – 1970
9	Let It Be – Beatles	Maggie May – Rod Stewart	Without You – Harry Nilsson	Uma vida só (Pare de tomar a pilula) – Odair José	Na Rua Na Chuva Na Fazenda – Hyldon	One day in your life – Michael Jackson	Sobradinho – Sá E Guarabyra	Arrombou a festa – Rita Lee	Não existe pecado ao sul do Equador – Ney Matogrosso	Explode Coração – Maria Bethânia	Moro Onde Não Mora Ninguém – Agepê – 1975
10	BR 3 – Tony Tornado e Trio Ternura	Candida – Dawn	Ben – Michael Jackson	Your Song – Billy Paul	Me And You – Dave Maclean	Charlie Brown – Benito Di Paula	Pavão Misterioso – Ednardo	Romaria – Elis Regina	Cálice – Chico Buarque e Milton Nascimento	Começar de novo – Simone	Outra vez – Roberto Carlos – 1978

	1980	1981	1982	1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	Anos 1980
1	Balancê – Gal Costa	Bette Davis Eyes – Kim Carnes	Muito estranho – Dalto	Menina veneno – Ritchie	Sonifera Ilha – Titãs	We Are The World – USA For Africa	Greatest Love Of All – Whitney Houston	Living on a Prayer – Bon Jovi	Faz Parte do Meu Show – Cazuza	Bem Que Se Quis – Marisa Monte	Menina Veneno – Ritchie – 1983 – Álbum Vôo de Coração (Epic Records)
2	Another Brick In The Wall – Pink Floyd	Baila Comigo – Rita Lee	Physical – Olivia Newton John	Billie Jean – Michael Jackson	Como eu quero – Kid Abelha	Dona – Roupas Nova	Take My Breath Away – Berlin	Que país é esse? – Legião Urbana	One More Try – George Michael	Deus Te Proteja De Mim – Wando	We Are The World – Usa For Africa – 1985 – Álbum We are the World (Columbia Records)
3	Crazy Little Thing Called Love – Queen	Nos bailes da vida – Milton Nascimento	Banho de Espuma – Rita Lee	Coração de estudante – Milton Nascimento	I Just Called To Say I Love You – Stevie Wonder	Um dia de domingo – Gal Costa e Tim Maia	Demais – Veronica Sabino	LADY IN RED – Chris De Burgh	(I've Had) The Time Of My Life – Bill Medley, Jennifer Warnes	Entre Tapas E Beijos – Leandro & Leonardo	Greatest Love Of All – Whitney Houston – 1986 – Álbum Whitney Houston (Arista Records)
4	Momentos – Joanna	Emoções – Roberto Carlos	Leão Ferido – Biafra	Como uma onda – Lulu Santos	Óculos – Os Paralamas do Sucesso	Careless Whisper – George Michael	Eduardo e Mônica – Legião Urbana	Um certo alguém – Lulu Santos	Piano In The Dark – Brenda Russell	Don't Wanna Lose You – Gloria Estefan	Balancê – Gal Costa – 1980 – Álbum Gal Tropical (Philips)
5	Menino do Rio – Baby Consuelo	<u>Endless love – Lionel Ritchie e Diana Ross</u>	Saúde – Rita Lee & Roberto de Carvalho	Brincar de Viver – Maria Bethânia	Vai Passar – Chico Buarque	Louras Geladas – RPM	Quando Gira o Mundo – Fábio Jr.	With Or Without You – U2	Ideologia – Cazuza	Straight Up – Paula Abdul	Sonifera Ilha – Titãs – 1984 – Álbum Titãs (Warner Music)
6	Toada (Na Direção do Dia) – Boca Livre	<u>(Just Like) Starting Over – John Lennon</u>	Festa do Interior – Gal Costa	Guerreiro Menino (Um Homem Também Chora) – Fagner	Esquinas – Djavan	Vitoriosa – Ivan Lins	The Captain Of Her Heart – Double	O Amor e o Poder – Rosana Fiengo	Sweet Child O' Mine – Guns N' Roses	Adelaide – Inimigos do Rei	Living On A Prayer – Bon Jovi – 1987 – Álbum Slippery When Wet (Mercury Records)
7	Lady – Kenny Rogers	<u>Clarear – Roupas Nova</u>	Morena Tropicana – Alceu Valença	Every Breath You Take – The Police	Deixa Eu Te Amar – Agepê	Like A Virgin – Madonna	Alagados – Paralamas do Sucesso	Codinome Beija-Flor – Cazuza	She's Like The Wind – Patrick Swayze ft. Wendy Fraser	Nuvem de lágrimas – Chitãozinho & Xororó	Faz Parte do Meu Show – Cazuza – 1988 – Álbum Ideologia (Universal)
8	Lost In Love – Air Supply	<u>Palco – Gilberto Gil</u>	Let's Groove – Earth, Wind & Fire	Beat It – Michael Jackson	You And I – Kenny Rogers	Exagerado – Cazuza	Sina – Djavan	Always – Atlantic Starr	Mordida De Amor (Love Bites) – Yahoo	When I See You Smile – Bad English	Bem Que Se Quis – Marisa Monte – 1989 – Álbum Memórias, Crônicas e Declarações de Amor (EMI)
9	Meu Bem Querer – Djavan	<u>Lança Perfume – Rita Lee</u>	Bate Coração – Elba Ramalho	Anjo – Roupas Nova	Fullgás – Marina Lima	Leva – Tim Maia	Nikita – Elton John	Didn't we almost have it all – Whitney Houston	Aquarela do Brasil – Gal Costa	Adocica – Beto Barbosa	Bette Davis Eyes – Kim Carnes – 1981 – Álbum Mistaken Identity (EMI)
10	Alô, Alô, Marciano – Elis Regina	<u>Arthur's Theme – Christopher Cross</u>	O que é, O que é? – Gonzaguinha	Nosso louco amor – Gang 90 & Absurdettes	Inútil – Ultraje a Rigor	SINTONIA – Tunai	That's What Friends Are For – Dionne Warwick	I Still Haven't Found What I'm Looking For – U2	Baby Can I hold you – Tracy Chapman	Eternal Flame – The Bangles	Muito estranho – Dalto – 1982 – Álbum Muito Estranho (EMI-Odeon)

	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	1997	1998	1999	Anos 1990
1	Vision Of Love – Mariah Carey	(Everything I Do) I Do It For You – Bryan Adams	The one – Elton John	I Will Always Love You – Whitney Houston	Breathe Again – Toni Braxton	Take A Bow – Madonna	Garota Nacional – Skank	UnBreak My Heart – Toni Braxton	Immortality – Céline Dion ft. Bee Gees	Sozinho – Caetano Veloso	I will always love you – Whitney Houston – 1993
2	Evidências – Chitãozinho & Xororó	More Than Words – Extreme	End Of The Road – Boys 2 Men	Que se chama amor – Só Pra Contrariar	I'll Make Love To You – Boyz II Men	Vira-vira – Mamonas Assassinas	Change The World – Eric Clapton	Palpite – Vanessa Rangel	Cada Volta é Um Recomeço – Zezé Di Camargo & Luciano	Mina de Fé – Os Morenos	Caetano Veloso – Sozinho – 1999
3	Another Day In Paradise – Phil Collins	É O Amor – Zezé Di Camargo & Luciano	O Canto da cidade – Daniela Mercury	Dreamlover – Mariah Carey	The Sign – Ace of Base	Pelados em Santos – Mamonas Assassinas	Estou Apaixonado – João Paulo e Daniel	Lovefool – The Cardigans	Liberar Geral – Terra Samba	Pra Falar A Verdade – Daniel	Immortality – Céline Dion ft. Bee Gees – 1998
4	Prefixo de Verão – Banda Mel	Noite Preta – Vange Leonel	Save The Best For Last – Vanessa Williams	Tô legal – Grupo Rapa	Linger – The Cranberries	Have You Ever Really Loved A Woman? – Bryan Adams	Macarena – Los Del Rio	Depois do Prazer – Só Pra Contrariar	Torn – Natalie Imbruglia	Me apaixonei pela pessoa errada – Exaltasamba	Un-Break My Heart – Toni Braxton – 1997
5	Nothing Compares 2U – Sinéad O'Connor	Rush, rush – Paula Abdul	Don't Let The Sun Go Down On Me – George Michael, Elton John	Whats up – 4 Non Blondes	Willie Nelson	Kiss From A Rose – Seal	One Sweet Day – Mariah Carey, Boyz II Men	2 Become 1 – Spice Girls	Adia – Sarah McLachlan	Pela vida inteira – Grupo Kiloucura	Garota Nacional – Skank – 1996
6	Pense em mim – Leandro e Leonardo	Gonna Make You Sweat (Everybody Dance Now) – C+C Music Factory	Cigana – Raça Negra	Lôrabúrra – Gabriel o Pensador	Hero – Mariah Carey	Eu me amarrei – João Paulo e Daniel	Sem Medo de Ser Feliz – Zezé Di Camargo e Luciano	Ralando o Tchan – É o Tchan	Truly Madly Deeply – Savage Garden	She's All I Ever Had – Ricky Martin	(Everything I Do) I Do It For You – Bryan Adams – 1991
7	The Power – Snap!	Emotions – Mariah Carey	Just Another Day – Jon Secada	All That She Wants – Ace of Base	Cartão postal – Olodum	La vem o negão – Cravo e Canella	recado a minha Amada – Katinguelê	Men In Black – Will Smith	You're Still the One – Shania Twain	Corazon Partio – Alejandro Sanz	Take A Bow – Madonna – 1995
8	Lambada – Kaoma	Swing da cor – Daniela Mercury	Cabecinha no Ombro – Fagner & Roberta Miranda	Rhythm is a Dancer – Snap!	Essa tal liberdade – Só Pra Contrariar	Catedral – Zelia Duncan	You Learn – Alanis Morissette	Toma Juízo – Zezé Di Camargo & Luciano	Cachimbo da Paz – Gabriel O Pensador	Nunca Vou Deixar Você – Karametade	Vision Of Love – Mariah Carey – 1990
9	Pump Up The Jam – Technotronic feat. Felly	Beija Eu – Marisa Monte	I'm Too Sexy – Right Said Fred	Words (Palavras) – Bee Gees / Chitãozinho & Xororó	I Swear – All 4 One	Na Boquinha Da Garrafa – Cia Do Pagode	À Primeira Vista – Daniela Mercury	Vem Nha Nhã – Grupo Boquinha Da Garrafa	Mineirinho – Só Pra Contrariar	So Love – Claudinho e Bocacheira	The one – Elton John – 1992
10	Vogue – Madonna	I've Been Thinking About You – Londonbeat	Olha amor – Gian e Giovani	O Mais Belo Dos Belos – Daniela Mercury	Without You – Mariah Carey	Fantasy – Mariah Carey	Eu Juro – Leandro & Leonardo	Eu busco uma estrela – Gian e Giovani	My Heart Will Go On – Céline Dion	I Want It That Way – Backstreet Boys	Breathe Again – Toni Braxton – 1994

	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	Anos 2000
1	Se eu não te amasse tanto assim – Ivete Sangalo	Quem De Nós Dois – Ana Carolina	Toque de Mágica – Pedro & Thiago	Velha Infância – Tribalistas	Nosso Amor É Ouro – Zezé Di Camargo & Luciano	Fui Eu – Zezé Di Camargo & Luciano	Because Of You – Kelly Clarkson	Big girls don't cry – Fergie	Boa Sorte / Good Luck – Vanessa Da Mata – Tocou 19.647 vezes	Halo – Beyoncé	Halo – Beyoncé – 2009
2	Amor I Love You – Marisa Monte	Thank You – Dido	Love never fails – Sandy e Junior	To Nem Ai – Luka	You Deixar – Skank	My Boo – Usher, Alicia Keys	Don't Cha – Pussycat Dolls	Don't matter – Akon	Don't Stop The Music – Rihanna – Tocou 18.219 vezes	Mad – Ne Yo	Big girls don't cry – Fergie – 2007
3	Smooth – Santana ft. Rob Thomas	Malandragem – Cassia Eller	Festa – Ivete Sangalo	Mais Uma Vez – Renato Russo	Hey Yá! – OutKast	Eu amo – Zezé Di Camargo & Luciano	O Sol – Jota Quest	Razões e emoções – NX Zero	No One – Alicia Keys – Tocou 17.892 vezes	If I Were A Boy – Beyoncé	Boa Sorte / Good Luck – Vanessa Da Mata – 2008
4	Anna Júlia – Los Hermanos	Lady Marmalade – Christina Aguilera, Pink, Lil' Kim, Mya & Patti LaBelle	In The End – Linkin Park	Dilemma – Nelly feat Kelly Rowland	Equalize – Pitty	Quer Casar Comigo – Bruno & Marrone	É Isso Aí – Ana Carolina, Seu Jorge	Natiruts Reggae Power – Natiruts	Same Mistake – James Blunt – Tocou 17.208 vezes	Chora Me Liga – João Bosco e Vinícius	Se eu não te amasse tanto assim – Ivete Sangalo – 2000
5	Xibom bombom – As Meninas	Love by Grace – Lara Fabian	Wherever You Will Go – The Calling	Dois Rios – Skank	Shut Up – The Black Eyed Peas	Boulevard Of Broken Dreams – Green Day	Me Namora – Natiruts ft. Edu Ribeiro	Umbrella – Rihanna	With You – Chris Brown – Tocou 16.843 vezes	Versos simples – Chimarruts	Quem De Nós Dois – Ana Carolina – 2001
6	To te Filmando (Sorria) – Os Travessos	Acima do sol – Skank	Anjo – Kelly Key	Amor Maior – Jota Quest	Flor Do Reggae – Ivete Sangalo	Vamos fugir – Skank	Ai, Ai, Ai – Vanessa Da Mata	Too Little Too Late – Jojo	Mina Do Condomínio – Seu Jorge – Tocou 15.831 vezes	I'm Yours – Jason Mraz	Tribalistas – Velha Infância – 2003
7	What A Girl Wants – Christina Aguilera	It Wasn't Me – Shaggy feat RikRok	Can't Get You Out Of My Head – Kylie Minogue	Ligação Urbana – Bruno & Marrone	Amanhã não se sabe – LS Jack	Bruno e Marrone – Choram as rosas	Hips Don't Lie – Shakira ft. Wyclef Jean	Beautiful Liar – Beyoncé, Shakira	Kiss Kiss – Pain – Tocou 15.580 vezes	Hush Hush – The Pussycat Dolls	Fui Eu – Zezé Di Camargo e Luciano – 2005
8	Music – Madonna	Por te amar assim – Marlon e Maicon	Epitáfio – Titãs	Sexed up – Robbie Williams	Pra sempre – Zezé Di Camargo e Luciano	Você sempre será – Marjorie Estiano	Se Ela Dança Eu Danço – MC Leozinho	Irreplaceable – Beyoncé	Tem Que Ser Você – Victor & Leo – Tocou 15.252 vezes	Borboletas – Vitor & Leo	Nosso Amor é Ouro / Pão de Mel – Zezé Di Camargo e Luciano – 2004
9	El Arbi – Khaled	I'm Like a Bird – Nelly Furtado	Carla – LS Jack	I Want You – Thalia ft Fat Joe	Faz Tempo – Ivete Sangalo	Como Vai Você – Antonio Marcos, Zezé Di Camargo & Luciano	Não Resisto a Nós Dois – Vanessa Camargo	Eu Sei – Papas da Língua	Um minuto – D'Black – Tocou 15.201 vezes	I Hate This Part – The Pussycat Dolls	Toque de Mágica – Pedro e Thiago – 2002
10	Minha Razão de Viver – Araketu	Vou Te Procurar – Os Travessos	Complicated – Avril Lavigne	Pra Mudar Minha Vida – Zezé Di Camargo & Luciano	Sorte Grande – Ivete Sangalo	Um Minuto Para o Fim do Mundo – CPM 22	Quando A Chuva Passar – Ivete Sangalo	Deixo – Ivete Sangalo	Extravasa – Claudia Leite – Tocou 15.099 vezes	Boom Boom Pow – The Black Eyed Peas	Because Of You – Kelly Clarkson – 2006

	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	Anos 2010
1	I Want Know What Love Is - Mariah Carey	Pra você - Paula Fernandes	Humilde Residência - Michel Teló	Video Fumê - Bruno & Marrone	Domingo de manhã - Marcos & Belutti	Escreve aí - Luan Santana - Tocou 68.267 vezes	Seu Policia - Zé Neto e Cristiano - Tocou 70.615 vezes	Acordando o Prédio - Luan Santana - Tocou 73.369 vezes	Apelido Carinhoso - Gusttavo Lima - Tocou 101.045 vezes	Cem Mil - Gusttavo Lima - Tocou 86.138 vezes	Domingo de manhã - Marcos & Belutti - 2014
2	Stereo Love - Edward Maya & Vika Jigulina	Amar não é Pecado - Luan Santana	Assim Você Mata o Papai - Sorriso Maroto	Te esperando - Luan Santana Part. Giovanna Lancellotti	Cê Topa - Luan Santana	Suete 14 - Henrique & Diego ft. Mc Guilherme - Tocou 54.955 vezes	Infidel - Marília Mendonça - Tocou 67.924 vezes	Vidinha de balada - Henrique e Juliano - Tocou 72.079 vezes	Largado às traças - Zé Neto e Cristiano - Tocou 80.507 vezes	Quando a bad bater - Luan Santana - Tocou 79.222 vezes	Humilde Residência - Michel Teló - 2012
3	Empire State Of Mind - Jay Z ft Alicia Keys	Talking To The Moon - Bruno Mars	Set Fire To The Rain - Adele	Vagalumes - Pollo (part. Ivo Mozart)	Os 10 Mandamentos do Amor - Eduardo Costa	Mudando de Assunto - Henrique e Juliano - Tocou 54.872 vezes	Pronto Falei - Eduardo Costa - Tocou 65.509 vezes	Cadeira de aço - Zé Neto e Cristiano - Tocou 66.254 vezes	Transplante - Marília Mendonça part. Bruno e Marrone - Tocou 60.072 vezes	Estado decadente - Zé Neto e Cristiano - Tocou 70.931 vezes	Video Fumê - Bruno & Marrone - 2013
4	TIK Tok - Ke\$ha	Mentes tão bem - Zé Di Camargo & Luciano	Camaro amarelo - Munhoz e Mariano	Show das Poderosas - Anitta	O tempo não apaga - Victor e Leo	10 minutos longe de você - Victor & Leo part. Henrique & Juliano - Tocou 52.004 vezes	Romântico Anônimo - Marcos & Belutti part. Fernando Zor - Tocou 65.241 vezes	Sorte Que Cê Beija Bem - Maíara e Maraisa - Tocou 64.285 vezes	Ausência - Marília Mendonça - Tocou 58.477 vezes	Milu - Gustavo Lima - Tocou 69.818 vezes	Acordando o Prédio - Luan Santana - 2017
5	Fugidinha - Michel Teló	Ai Se Eu Te Pego (Assim você me mata) - Michel Teló	Someone Like You - Adele	Don't You Worry Child - Swedish House Mafia	Mozão - Lucas Lucco	Agora (Agora) - Bruno & Marrone - Tocou 48.660 vezes	Medo Bobo - Maíara & Maraisa - Tocou 63.379 vezes	Abre o Portão Que Eu Cheguei - Gustavo Lima - Tocou 62.303 vezes	Mais amor e menos drama - Henrique e Juliano - Tocou 58.414 vezes	Vingança - Luan Santana ft. Mc Kekel - Tocou 69.089 vezes	Seu Policia - Zé Neto e Cristiano - 2016
6	Alejandro - Lady Gaga	Paula Fernandes ft Victor e Leo - Não precisa	Já Nao Sei Mais Nada (Yo No Se Mañana) - Bruno & Marrone	Amor de Chocolate - Naldo Benny	Vou Te Amar na Minha Cama - Bruno & Marrone	Sapequinha - Eduardo Costa - Tocou 46.627 vezes	Vai me perdoando - Victor & Leo part. Victor Freitas & Felipe - Tocou 62.633 vezes	Amante Não Tem Lar - Marília Mendonça - Tocou 61.336 vezes	Olha Ela Ai - Eduardo Costa - Tocou 58.162 vezes	Cidade vizinha - Henrique e Juliano - Tocou 68.246 vezes	I Want Know What Love Is Live - Mariah Carey - 2010
7	Amo Noite e Dia - Jorge & Mateus	Água de Oceano - Victor & Leo	Paradise - Coldplay	Na Linha do Tempo - Victor & Leo	Flores em vida - Zé Di Camargo e Luciano	Aquele 1% - Marcos & Belutti part. Wesley Safadão - Tocou 45.761 vezes	Sosseguei - Jorge & Mateus - Tocou 56.683 vezes	Simone & Simaria - Loka - Tocou 61.336 vezes	Rapariga Não - João Neto e Frederico part. Simone e Simaria - Tocou 56.916 vezes	Surto De Amor - Bruno e Marrone - Tocou 64.458 vezes	Escreve aí - Luan Santana - 2015
8	Baby - Justin Bieber ft. Ludacris	Balada (Tchê Tchê Rare) - Gusttavo Lima	Te Vivo - Luan Santana	When I Was Your Man - Bruno Mars	Tudo Com Você - Victor & Leo	Isso Cê Num Conta - Bruno e Marrone - Tocou 41.733 vezes	50 Reais - Maíara Azevedo ft. Maíara e Maraisa - Tocou 55.922 vezes	Regime Fechado - Simone & Simaria - Tocou 56.339 vezes	Propaganda - Jorge & Mateus - Tocou 56.406 vezes	Todo mundo vai sofrendo - Marília Mendonça - Tocou 61.859 vezes	Apelido Carinhoso - Gusttavo Lima - 2018
9	Need You Now - Lady Antebellum	Um beijo - Luan Santana	Titanium - David Guetta ft. Sia	Girl On Fire - Alicia Keys ft Nicki Minaj	Guerria Fria - Sorriso Maroto	Farra, Pinga e Foguete - Bruno e Barretto - Tocou 40.446 vezes	Esqueci Você - Henrique & Diego - Tocou 55.436 vezes	Ar Condicionado no 15 - Wesley Safadão - Tocou 56.111 vezes	Beijo de varanda - Bruno e Marrone - Tocou 56.035 vezes	Não abro mão - Maíara e Maraisa - Tocou 60.489 vezes	Cem Mil - Gusttavo Lima - 2019
10	I Gotta Feeling - Black Eyed Peas	As lembranças vão na mala - Luan Santana	Lê Lê Lê - João Neto e Frederico	Jeito Carinhoso - Jads & Jadson	Happy - Pharrell Williams	Vai Vendo - Lucas Lucco - Tocou 39.004 vezes	Que Pena Que Acabou - Gusttavo Lima - Tocou 55.350 vezes	Eu Era - Marcos e Belutti - Tocou 55.257 vezes	Quem Ensinou Fui Eu - Maíara e Maraisa - Tocou 55.943 vezes	Igual Ela Só Uma - Wesley Safadão - Tocou 59.892 vezes	Pra você - Paula Fernandes - 2011

	2020
1	Com ou sem mim - Gustavo Mioto - Tocou 111.229 vezes (Independent)
2	A gente fez amor - Gustavo Lima - Tocou 110.818 vezes (Sony Music)
3	Liberdade provisória - Henrique e Juliano - Tocou 90.228 vezes (Independent)
4	Graveto - Marília Mendonça - Tocou 87.227 vezes (Som Livre)
5	Litrão - Matheus e Kauan - Tocou 78.141 vezes (Universal Music)
6	Água com açúcar - Luan Santana - Tocou 72.337 vezes (Som Livre)
7	Amoreco - Simone e Simaria - Tocou 71.477 vezes (Universal Music)
8	Ai eu bebo - Maíara e Maraisa - Tocou 70.265 vezes (Som Livre)
9	Barzinho aleatório - Zé Neto e Cristiano - Tocou 69.539 vezes (Som Livre)
10	Declaração pro bar - Guilherme e Benuto - Tocou 69.401 vezes (Som Livre)